

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

ESPORTE DO OPRIMIDO

Utopia e Desencanto na Formação do Atleta de Futebol

HERGOS RITOR FROES DE COUTO

**São Paulo
2012**

Couto, Hergos Ritor Froes de

Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol.
/Hergos Ritor Froes de Couto. 2012
244 f.

Tese (doutorado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São
Paulo, 2012

Orientador (a): Prof. Dr. José Estácio Romão

1. Futebol. 2. Jogador de Futebol. 3. Conscientização. 4. Relações de
Opressão. I. Romão, José Eustáquio. II. Título.

CDU 37:796

COUTO, Hergos Ritor Froes de. *Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol*. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor, no programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), São Paulo, 2012.

Banca Examinadora

1. Titulares

1.1. Orientador – José Eustáquio Romão (UNINOVE)

1.2. Examinador I – José Luís Vieira de Almeida (UNESP)

1.3. Examinador II – José Eduardo de Oliveira Santos (UNINOVE)

1.4. Examinador III – Wagner Wey Moreira (UFTM)

1.5. Examinador IV – Jason Ferreira Mafra (UNINOVE)

2. Suplente:

2.1. Carlos Bauer de Souza (UNINOVE)

2.2. Maria Leila Alves (UMESP)

Conceito: Nota _____ **Conceito** _____

José Eustáquio Romão

Hergos Ritor Fróes de Couto

DEDICATÓRIA

A **Deus**, pela vida, por tudo.

Ao meu pai querido, **Agostinho Coleta de Couto**, o homem da minha vida, o espelho que espelha o que busca o meu “sendo”.

A **Ângela Hypollito Peres**, minha eterna gratidão, admiração e carinho.

Aos meus irmãos e irmãs **Ariel, Audio, Heinaldo, Andrea, Estefany, Nádia e Angelos**, meus sobrinhos **João Vitor, Brenda, Beatriz, Arthur**, minha “tia” **Maria do Socorro** e minhas cunhadas **Silvania, Lilian e Erika**. Por todo amor e respeito que sentimos uns pelos outros.

Aos tios **Dércio e Diva**, às minhas primas do coração **Ligia, Luciana e Andréa** e às minhas “sobrinhas” **Gabriela, Isabela, Mariana e Pedro**, por estarem comigo na alegria e na tristeza, sempre com afeto e preocupação singulares de quem ama.

A MINHA MÃE MARISA FRÓES DE COUTO (*in memorian*)

Por sua dedicação em educar a mim e aos meus irmãos na infância, com a esperança de que nossas vidas fossem melhores por meio da educação.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Nove de Julho que, por meio do compromisso com a pesquisa e desenvolvimento do Brasil, permitiu a realização desta conquista acadêmica, concedendo a mim uma bolsa integral de estudos.

A todos os **professores e professoras, funcionários e funcionárias** do Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE), assim como, do curso de Educação Física da Uninove, pela colaboração direta e indireta na realização desse estudo.

A todos os **alunos, atletas e ex-atletas**, sujeitos que colaboraram para a realização desta pesquisa.

Aos amigos Cezar Augusto de Souza Casarin, Ritsue Fátima Nakahara, Gustavo Mendes Shiroma e Wagner Jesus de Souza, pela solidariedade e gentileza em todo o período desta jornada.

Aos colegas e companheiros do curso de doutorado e, em especial, a amiga **Tânia Ferreira Moraes** pelo companheirismo incondicional.

Aos amigos e professores docentes do curso de graduação em Educação Física, pelo incentivo e, em especial a professora, **Niulza Antonnietti Matthes** pelo apoio, carinho e cumplicidade.

Aos componentes da banca: Professor Drs. José Luis Vieira de Almeida, Jason Ferreira Mafra, José Eduardo de Oliveira Santos, Wagner Wey Moreira, Carlos Bauer de Souza e Professora Dra. Maria Leila Alves pelas contribuições e saberes que enriqueceram este estudo. A vocês meus agradecimentos e minha admiração pela seriedade com que fizeram as considerações a essa pesquisa.

Ao Professor e Orientador Dr. **José Eustáquio Romão** pelo acolhimento, amizade e cumplicidade singular no mergulho profundo do conhecimento acadêmico que resultou na realização deste trabalho, meu respeito sincero e minha eterna gratidão pelo meu desenvolvimento pessoal.

E a todos e todas que participaram, mais ou menos, diretamente ou indiretamente, de maneira alegre ou triste, de minha trajetória no futebol, mas que tiveram participação em minha vida pessoal e/ou profissional. Lembrei-me de cada um de vocês nesse momento.

MUITO OBRIGADO.

EPIGRAFE

My Way

Yes, there were times, I'm sure you knew,
When I bit off more than I could chew,
But through it all, when there was doubt,
I ate it up and spit it out.
I faced it all and I stood tall
And did it my way.

I've loved, I've laughed and cried,
I've had my fill - my share of losing.
But now, as tears subside,
I find it all so amusing.

To think I did all that,
And may I say, not in a shy way -
Oh no. Oh no, not me.
I did it my way.

For what is a man? What has he got?
If not himself - Then he has naught.
To say the things he truly feels
And not the words of one who kneels.
The record shows I took the blows
And did it my way.

Paul Anka

RESUMO

Esta tese desenvolve um estudo a respeito da formação do jogador de futebol. A ideia de alcançar a riqueza, o glamour e o *status* de um grande jogador permeia os sonhos de muitas crianças e jovens, mobilizando uma cadeia de esforços familiares e de renúncias pessoais para a realização desse anseio. Entretanto, percebe-se que o processo de seleção dos atletas no futebol tem sofrido interferências e manipulações espúrias ao esporte, provocando o desencanto de boa parte da juventude para com a carreira futebolística. Esta tese buscou demonstrar, por meio da explicitação de seu objeto: uma investigação sobre as relações que se estabelecem no processo de seleção e que se estendem pela formação e profissionalização dos atletas de futebol, verificando as problemáticas que aí emergem e que, na maioria das vezes, provocam a interrupção do projeto dos candidatos e da carreira de atletas já profissionalizados. Neste estudo, o eixo estruturante da pesquisa foi o confronto entre a utopia do jovem aspirante a jogador de futebol e o desencanto pela carreira por causa de sua transformação em bem de troca, em um mercado nem sempre oficial. Para a orientação do estudo buscou-se algumas categorias de Paulo Freire, especialmente a de “relações de opressão” e a de “conscientização”. Além da pesquisa bibliográfica, a tese resulta de uma série de dados empíricos, coletados junto a aspirantes a atleta, pais, donos de “escolinhas” de futebol, clubes e jogadores profissionais. Esta tese comprovou que, por mais intensa que seja a opressão na formação do atleta profissional de futebol e que ele seja o oprimido nas relações que aí se institui, ela não consegue aliená-lo totalmente, nem mesmo amordaçá-lo, silenciá-lo. Em vez disso, quanto mais oprimido, mais denunciante ele se torna, conforme ratifica essa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Futebol, Jogador de Futebol, Conscientização, Relações de Opressão, Jogo de Futebol

ABSTRACT

This thesis addresses the development of a football player. The image of the wealth, glamour and status associated with top football player drive the dreams of many children and youth, mobilizing families and requiring personal sacrifices in order to make these dreams come true. However, it is perceived that the selection process of athletes for this football has suffered interference and spurious manipulations, causing much of the disenchantment of youth towards a football career. This thesis sought to investigate the relationships established in the selection, and extended to the training and professionalization of football players, analysing the problems that emerge and that, most of the times, cause the interruption of the candidates project and the career of already professionalized athletes. In this study, the structural axis of the research was the confrontation between the utopia of aspiring young football player and the career disenchantment due of his transformation into an exchange good in an informal market. Two categories developed by Paulo Freire were used to guide this study, especially the "relations of oppression" and "conscientization". Beyond the literature review, this thesis is also the result of a series of empirical data, collected from aspirants, parents, professional players, football training schools' owners and soccer clubs staff. This thesis confirms that, however intense is the oppression involved in the formation of pro football player, and that he is the underdog in the established relationship, he can not be fully alienated by it, nor can it gag or even silence him. Instead, this research ratifies that the more oppressed he is, the more he exposes what happens.

KEY-WORDS

Football, Football Player, Relations of Oppression, Conscientization, Football Game

LISTA DE QUADROS

QUADROS	PÁGINA
Quadro I – Assertivas da Pesquisa de Opinião (Alunos).....	94
Quadro II – Respostas à Assertiva II da Pesquisa de Opinião (Alunos).....	95
Quadro III – Respostas à Assertiva III da Pesquisa de Opinião (Alunos).....	96
Quadro IV – Respostas à Assertiva VI da Pesquisa de Opinião (Alunos).....	97
Quadro V – Respostas à Assertiva VII da Pesquisa de Opinião (Alunos).....	98
Quadro VI – Respostas à Assertiva VIII da Pesquisa de Opinião (Alunos).....	99
Quadro VII – Respostas à Assertiva XI da Pesquisa de Opinião (Alunos).....	100
Quadro VIII – Assertivas da Pesquisa de Opinião (Pais).....	101
Quadro IX – Respostas à Assertiva II da Pesquisa de Opinião (Pais).....	102
Quadro X – Respostas à Assertiva III da Pesquisa de Opinião (Pais).....	103
Quadro XI – Assertivas da Pesquisa de Opinião (Proprietários).....	105
Quadro XII – Respostas à Assertiva III da Pesquisa de Opinião (Proprietários).....	105
Quadro XIII – Respostas à Assertiva IX da Pesquisa de Opinião (Proprietários).....	106

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Athleticos
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
FBF	Federação Brasileira de Futebol
GEFUT	Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas
GPL	Grupo de Pesquisas em Lazer
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UGF	Universidade Gama Filho
UNICID	Universidade Cidade de São Paulo
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
UNINOVE	Universidade Nove de Julho

SUMÁRIO

A Peneira, o Treino, a Convocação - Apresentação	11
A Concentração - Introdução	33
Preleção - Pensando Sobre o que Pensaram do Futebol	67
Aquecimento - Do Futebol Amador ao Profissional	77
Primeiro Tempo - O Sonho de Ser Craque	91
Segundo Tempo - O Craque Desencantado	108
Coletiva e Conscientização - Considerações Finais	137
Bibliografia	145
Anexos	155

A PENEIRA – O TREINO – A CONVOCAÇÃO

APRESENTAÇÃO

“Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
Mas eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho...”
(D. Ivone Lara).

Sou natural de uma cidade chamada Santarém que se situa no Estado do Pará. Dentre as muitas comunas paraenses, sem dúvida Santarém é um dos municípios que apresenta uma beleza natural das mais admiradas, tanto por sua variedade de rios, igarapés e praias, como também por suas verdes matas que caracterizam a bela Amazônia – fatores que atraem grande quantidade de turistas durante o ano inteiro.

Meu pai, nascido no interior do Ceará, migrou para o Pará, especificamente para Santarém, e ali construiu sua história. Apaixonado por futebol, tinha comércio e na variedade de artigos que vendia, comercializava também materiais esportivos. Constantemente me presenteava com uma nova bola e um calçado específico para brincar com a pelota.

Dessa forma, desde criança desenvolvi uma predileção pelo jogo de bola e para ajudar tinha meu pai como incentivador e companheiro. Já nessa época, ele me orientava sobre alguns fundamentos do futebol como a condução, o drible, o cabeceio e o chute – estimulava-me a treinar ambos os pés.

As brincadeiras geralmente aconteciam no quintal de casa ou na garagem. Quando meu pai chegava do trabalho, mesmo cansado, bastava eu lhe mostrar a bola e pedir-lhe que fosse o goleiro de meus chutes para seu rosto se iluminar e o cansaço desaparecer.

Com o passar do tempo, meu irmão mais velho passou a ser o principal companheiro de minhas brincadeiras futebolísticas: as plantas de minha mãe, as lâmpadas quebradas na garagem, as paredes marcadas pela sujeira da bola e o portão entortado eram, às vezes, motivos de pequenas rusgas familiares, mas continuavam

sofrendo sequelas por causa de nossas brincadeiras. Meu irmão e eu tínhamos, por causa disso, que ouvir os gritos e administrar os aborrecimentos que causávamos a minha mãe, lavando as paredes sujas da garagem, recolhendo os vidros, vasos, galhos das plantas e lâmpadas quebradas, sofrendo pequenos castigos pelas traquinagens típicas da infância e adolescência.

Quando não tinha a companhia desse meu irmão, eu usava as cadeiras, as mesas, os sofás e as colunas da parede como meus adversários e, em corrida frenética, ultrapassava-os, repetida e exaustivamente, com um repertório de fintas e dribles que apenas minha imaginação poderia acompanhar. A qualquer hora do dia ou da noite, eu buscava a bola embaixo da cama e começava o jogo contra os móveis da casa. Apesar de ferir-me às vezes nesse jogo, no final eu sempre vencía e meus adversários imóveis nada podiam fazer. Mas o que importava mesmo era continuar jogando, deixando fluir meu sonho de ser jogador de futebol, alimentado por minha imaginação juvenil.

Com o passar dos anos, a brincadeira de bola inicialmente compartilhada apenas com meu irmão passou a ser socializada também com os amigos da rua, pois este espaço se mostrava mais convidativo que o universo doméstico, além de propiciar outros parceiros vivos para serem alvo dos meus dribles.

A rua de casa era de terra, não havia preocupações com qualquer tipo de trânsito: de vez em quando passava um automóvel; mais “intenso”, apenas o tráfego de bicicletas e de pessoas que interrompiam, por instantes, as partidas. Ali, tudo era festa: as brincadeiras eram diversificadas, assim como os desafios mutuamente propostos – éramos amigos da alegria, amigos da diversão.

Havia tempo, criatividade e disponibilidade para tudo. Os jogos infantis iam desde o esconde-esconde, passando pelo pique bandeira, pelo jogo de peteca; empinar pipa e curica¹ também fazia parte do elenco lúdico, mas a predileção de todos se voltava para o futebol.

Quando passamos a nos encontrar constantemente, desenvolveu-se entre nós certa competição. Todos queriam ser reconhecidamente “o melhor da rua”; comigo não era diferente: esforçava-me no jogo para fazer jogadas bonitas e marcar muitos gols, de modo a ser apontado como o craque das “peladas” da rua.

Constantemente, no final do dia, esperava meu pai chegar do trabalho e enquanto ele tomava seu banho, eu aproveitava para contar-lhe sobre minhas conquistas

¹ Ave muito colorida do Amazonas. Por analogia, papagaio pequeno e sem talas.

do dia (dribles e gols) e falar-lhe dos meus sonhos de ser jogador de futebol, substituindo meu grande ídolo Zico, “o camisa dez” da Seleção Brasileira e do Flamengo. Imaginava em voz alta as multidões gritando meu nome, as pessoas reconhecendo-me nas ruas como um grande jogador do Brasil, como o “novo camisa dez”.

Com 10 anos de idade fui para um colégio em que havia aulas de Educação Física. Lá conheci outros garotos de minha idade que tinham em comum o gosto pela prática do futebol. Entre nós, colegas de colégio, era quase consenso elegermos as aulas de Educação Física como as preferidas, pois na quadra o futebol de salão era o esporte mais praticado. Éramos muito felizes, todos nós, e certamente não o sabíamos. Assim, fomos nos reconhecendo, fora e dentro da quadra, nossa linguagem foi, aos poucos, se transformando no mesmo jargão. Jogávamos futebol no calor escaldante do clima de Santarém, sem nos importarmos com fome ou sede; nossa vontade maior era jogar, jogar, jogar... A diversão nos entusiasmava mais do que qualquer outra necessidade fisiológica: esquecíamos-nos até da hora certa das refeições; já não queríamos ser somente os melhores de nossas respectivas ruas, queríamos ser os melhores daquelas turmas, daquele ciclo, do colégio!

Daí em diante, tomamos conhecimento dos campeonatos realizados na cidade, alguns incentivados por ligas, outros por clubes de associados, para crianças e adolescentes na categoria infantil e juvenil. Tendo amizade com outros meninos da mesma idade que pertenciam à escola e ao bairro, organizamo-nos e formamos uma equipe para disputar aqueles campeonatos amadores organizados na cidade. Não demorou muito para que nos víssemos em campo, disputando partidas com os garotos de outras localidades do município e conquistando, seguidamente, alguns troféus de campeão. Daí para o envolvimento e relacionamento com o meio futebolístico foi um passo, travando relações com mais pessoas do meio que exerciam alguma influência no futebol praticado em Santarém.

Já com 14 anos, integrei uma equipe que disputava o campeonato da categoria principal da cidade. Mesmo ainda muito jovem, já era titular do time e jogava junto e contra alguns dos jogadores que admirara no passado como torcedor. Disputava partidas duras contra jogadores adultos, experientes e que, algumas vezes, tentavam intimidar-me pela pouca idade que tinha, mas eu procurava me manter sereno e aproveitava o tempo disponível entre os treinos e jogos para fazer minhas leituras particulares sobre o desenvolvimento e articulações próprias do jogo.

Com 15 anos de idade, tive de me mudar para a capital do Estado do Pará, a cidade de Belém, para onde era habitual os pais enviarem os filhos que estavam prestes a terminar o ensino médio, para que dessem continuidade aos estudos em um centro em que houvesse instituições de ensino superior, de modo a formá-los para o mercado de trabalho numa profissão definida.

Nesta mesma época, meu pai comentou sobre mim para um comerciante conhecido que morava em Porto Alegre e ele se interessou por minha trajetória, conseguindo que eu fizesse um teste no Sport Club Internacional. Fiquei nesse clube, aproximadamente, um mês, participando de “peneiras”² disputadas por muitos candidatos (aproximadamente 200). O processo se desenvolvia nas manhãs do mês de março de 1988 e o critério de seleção para as fases subsequentes parecia ser sempre o mesmo: apesar do pouco tempo disponibilizado para cada participante jogar, eles teriam que chamar a atenção do treinador com jogadas de efeito, gols, “assistências”³ ou qualquer outra jogada considerada de qualidade no futebol. Dentre as várias etapas que se seguiram, fui evoluindo, sentindo-me mais a vontade para jogar e, assim, minhas principais características iam fluindo naturalmente. Depois de quase um mês de avaliações, foram selecionados 11 (onze) jogadores, eu era um deles. Fizemos um jogotreinino contra os jogadores federados do clube, que terminou empatado. Nesse certame eu tive um bom desempenho, o que me rendeu elogios dos pais de outros candidatos, que apostavam como certa a minha aprovação. Após alguns minutos depois da partida, esperávamos na lateral do campo, enquanto se desenvolvia uma reunião da comissão técnica no centro do gramado. Para minha surpresa, meu nome foi chamado pelo técnico; fui em direção a ele, que começou a elogiar a minha condição técnica, minha visão de jogo. Contudo, justificou que não ficaria comigo no elenco, pois os jogadores do sul eram mais fortes fisicamente, enquanto eu era demasiadamente franzino, além de ser de outro estado, o que daria custos de alojamento ao clube. Terminou dizendo que eu me encontrava em uma mesma condição técnica e tática dos jogadores já federados ao clube e me dispensou. Ali senti, pela primeira vez, a decepção causada pela exclusão diretamente determinada pelo meu biotipo físico e pela regionalidade. Senti-me um perdedor, impotente diante de um sistema que não compreendia. Entristecido, pensei em nunca mais jogar futebol.

² Gíria futebolística para designar os obstáculos, os filtros, os processos seletivos a que são submetidos os aspirantes a atletas de futebol.

³ Outra expressão do jargão próprio do futebol que quer dizer o passe para o companheiro de equipe.

Voltei para Belém e retomei meus estudos; não queria mais jogar, sentia-me desestimulado a fazer o que mais gostava e meu sonho parecia não mais ter sentido. Por algum tempo, não mais pensei em futebol e, atordoado, frequentava as aulas pensando, quem sabe, em seguir outro caminho.

Um dia, o professor de Educação Física do colégio em que estudava foi até a sala de aula e me pediu para que integrasse a equipe da escola na disputa de uma competição estudantil. Animei-me, aceitei o convite prontamente e recuperei minha vontade de jogar. O campeonato começou e logo fui fazendo gols, somando vitórias e ajudando nossa equipe a se sagrar campeã invicta. Nessa oportunidade conquistei a artilharia da equipe. Houve uma repercussão muito grande no colégio e a mídia fez uma matéria televisiva evidenciando meu desempenho. Em seguida, fui convidado a integrar a seleção estudantil paraense que iria disputar os jogos estudantis brasileiros. O treinador dessa seleção também me pediu que eu escolhesse, dentre os clubes de maior expressão do futebol paraense, em qual deles eu gostaria de jogar. Ele mesmo me levaria direto ao clube escolhido, sem ter que realizar testes nas categorias amadoras, enfim, sem passar pela “peneira”. Senti, de novo, o sonho do reencantamento do aspirante a jogador profissional de futebol.

O ano letivo de 1988 findara e fui passar as férias em minha cidade natal. contei a meu pai sobre o que havia acontecido e ele se sentiu empolgado com tudo. Alguns dias depois, disse-me que havia comentado sobre mim com um fornecedor seu de artigos esportivos, cujo filho era diretor de basquete do Sport Club Corinthians Paulista, da cidade de São Paulo. Ele estabelecera um contato com o departamento do futebol amador do referido clube e havia conseguido um teste para mim na categoria juvenil. Fiquei extasiado com a notícia: novamente havia, concretamente, uma nova chance em um grande clube, localizado em um grande centro do país.

No ano de 1989, especificamente no dia 18 de fevereiro, meu pai me levou até o aeroporto de Belém e, no trajeto, deu-me alguns conselhos sobre boa conduta e comportamento e, de maneira incisiva, sobre como aproveitar a oportunidade surgida, pois esta seria a minha última chance para a realização de meu desejo. Tranquilei-o, informando-lhe que levava meu histórico escolar e todas as minhas roupas, pois não voltaria para casa. Viajei para São Paulo apenas com o endereço do amigo de meu pai que havia conseguido o teste no clube mencionado. Ele me recebeu muito bem e logo me informou sobre o dia em que deveria me apresentar ao clube. Os dias se passaram e com eles aumentava a ansiedade em treinar. O grande dia chegou, e, para minha

surpresa, havia somente eu e outro garoto para treinar. Melhor ainda, não treinaríamos com outros jovens aspirantes que fariam testes, mas com o próprio elenco da categoria juvenil, já federados ao clube.

Naquele dia, enquanto outro garoto e eu aguardávamos ser chamados, eu estava muito confiante e certo de que me sairia bem, mesmo tendo notado que, no treinamento, os jogadores do clube demonstravam muita habilidade com a bola. Isso não me intimidava e, de fato, quando fomos recrutados pelo treinador, que nos colocou em nossas respectivas posições, vesti-me de ousadia e monopolizei o jogo, construindo diversas jogadas, fazendo-me presente o tempo inteiro, com aquela coragem, habilidade e disposição que tivera nos campos de terra. Minha autoavaliação não estava equivocada: o treinador dispensou o garoto que fazia o teste juntamente comigo e me pediu para voltar no dia seguinte. Saí feliz da vida, sabendo que tinha deixado uma ótima impressão. Nos dias posteriores, mantive a regularidade e, ao final de duas semanas, o treinador me chamou em sua sala e me informou que eu havia passado nos testes e que deveria manter a qualidade de jogar demonstrada no treino para ficar no elenco. Pensei comigo mesmo: havia dado o primeiro passo; era, oficialmente, jogador de um grande clube brasileiro.

Vale ressaltar que o amigo de meu pai que me levava ao clube não permanecia no local de treinamento; ele me deixava na portaria e ia embora, pois tinha compromissos de trabalho durante o dia. Ao final do treinamento, buscava-me na saída do clube e me levava para sua fábrica ou para sua casa. Portanto, não havia ninguém que exercesse qualquer tipo de “pressão”, de vigília na avaliação do treinador em relação ao meu desempenho, ou outro fator que caracterizasse apadrinhamento, favorecimento ou tráfico de influência para facilitar meu possível ingresso nas categorias de base do clube. Dependia de mim somente a demonstração de minha capacidade e competia somente a mim despertar o interesse da comissão técnica por meio das minhas qualidades como jogador, para que tivesse uma chance de fazer parte do elenco dos juvenis do clube.

Depois que fui aprovado, procurei um colégio e me matriculei no último ano do, então, ginásio e mudei para o alojamento do clube, que ficava nos fundos do seu maior ginásio poliesportivo. Nele havia seis quartos e em cada um deles ficavam de seis a oito jogadores amadores do clube; cada um tinha um pequeno armário e uma cama articulada de beliche. Os banheiros e o local em que comíamos eram coletivos; o

ambiente coletivo se caracterizava pela amizade e companheirismo, objetivado na ajuda mútua, principalmente nos momentos de doenças, tristezas e saudades da família.

O processo de formação prosseguia, com diferentes tipos de treinos durante a semana que desenvolviam as capacidades físicas, técnicas e táticas. Esses treinos nos preparavam para as categorias subsequentes e exigiam dos candidatos um desempenho sempre avançado, que desse condições de, um dia, ascenderem à categoria profissional.

Havia mudanças que afetavam nosso rendimento e faziam com que nos adaptássemos às situações novas. Em minha formação futebolística, encontrei alguns obstáculos que não se resolviam no campo, mas fora dele: problemas de relacionamento, de apadrinhamentos, de favorecimentos que poderiam mudar o curso de minha carreira. Quando não era pelo fato de ter nascido em outro Estado, era por minha formação ter sido iniciada por outro treinador – do que aquele que se encontrava à frente do elenco – e, portanto, não seria dele a glória da revelação do possível talento; ou por vaidades múltiplas geradas por imposições, por mera relação de poder, para mostrar quem é que “mandava no pedaço”, ou até mesmo por puro preconceito com a constituição corporal do atleta.

De fato, não só para mim, como também para outros companheiros, principalmente para os que moravam no alojamento, criavam-se entraves que dificultavam nosso processo de formação no futebol, principalmente quando se estabeleciam determinados tipos de acordos dos treinadores e “cartolas” com terceiros, favorecendo a ambos os lados, mas manipulando os objetivos dos atletas, quase sempre prejudicando-os em suas carreiras.

Outra ocorrência que merece destaque na formação dos atletas de futebol eram as contusões. Dependendo da gravidade, havia dúvida sobre o possível retorno do atleta em questão. Devido ao esforço nos treinamentos exaustivos e nos jogos extremamente competitivos, as lesões surgiam e com elas, gradativamente, o ostracismo, o esquecimento, o silêncio frio da solidão nos quartos e nas salas do departamento médico, muitas vezes assistida apenas pelos cronômetros dos despertadores que avisavam da troca dos aparelhos da fisioterapia. Vivi esta experiência na categoria de juniores, quando fracturei a fíbula e fiquei engessado por quase dois meses, que resultou em sequelas que se estenderam por mais outros dois meses. Sentia os olhares de desconfiança sobre meu retorno e o descaso quanto à minha produção, que se encontrava parada. Ainda recuperava-me desta lesão, no ano de 1991, quando o clube contratou um grande revelador de talentos do futebol brasileiro. Fui observado em um

dos campos de terra do clube, onde apenas os “renegados” estavam treinando. Cabe ressaltar que, antes da lesão, eu era titular da equipe de juniores; porém, depois, quando machucado e em recuperação, fui colocado para treinar com aqueles que não estavam servindo ao projeto de revelação de jovens talentos. Nesta observação fui indagado sobre o porquê de estar mancando. Ao explicar que era por consequência de uma lesão sofrida e das sequelas que me incomodavam, fui levado ao departamento profissional, onde me apresentaram ao treinador da equipe principal que logo demonstrou carinho e respeito, dizendo-me que tinha ouvido coisas maravilhosas a meu respeito e que gostaria de me ver recuperado para começar um trabalho. Fiquei muito contente e, após um mês de tratamento, envolvendo, sobretudo, algumas infiltrações e recursos médicos avançados, recuperei-me e passei a treinar com o grupo dos profissionais, despertando o interesse daquele treinador que era reconhecidamente um grande formador de talentos.

Após uma boa partida amistosa, de que participei, entre os profissionais contra uma equipe da cidade de Atibaia, fui, pela primeira vez, ainda com 17 anos de idade, convocado para a equipe profissional para participar de um jogo do Campeonato Paulista daquele ano.

A mídia já me abordava com perguntas comparativas e estas se reportavam diretamente ao ídolo da equipe daquele momento; apontavam-me como um possível sucessor dele e relatavam que o próprio treinador apostava muito em meu talento. Isto se fazia concreto, pois durante os treinamentos havia, por parte do treinador, uma cobrança diferenciada em relação ao meu desempenho. Devido a questões políticas, que envolviam medições de força entre o treinador e alguns jogadores que realizaram conquistas para o clube no passado, o presidente optou pelos ídolos do clube e rompeu-se o projeto de revelação de talentos daquele período no Parque São Jorge. Neste projeto, sucumbiu uma iminente possibilidade de realização do meu desejo.

Paralelamente a estes fatos, minha formação acadêmica continuava sendo desenvolvida: ingressei em uma Universidade, na Faculdade de Engenharia Elétrica, mas como era uma instituição privada e eu não dispunha de recursos para custeá-la, desisti do curso. Logo em seguida recebi o convite de uma Faculdade de Administração de Empresas, com proposta de bolsa de estudos, devendo, em contrapartida, jogar na equipe da instituição quando houvesse jogos universitários. Infelizmente, eram poucos os jovens que demonstravam interesse pelos estudos, preferindo ocupar seu tempo livre dos treinamentos com jogos de salão, disponíveis no próprio alojamento; com novelas

televisivas e com programas esportivos veiculados na televisão, ou até mesmo com “paqueras” com as associadas e frequentadoras do clube.

No ano de 1993, que marcou minha transição da categoria de juniores para a categoria profissional, disputei a Taça São Paulo de Juniores – o último torneio desta categoria –, conquistando o vice-campeonato. Neste evento pude, em uma das fases classificatórias, disputar uma partida contra o Grêmio Futebol Clube. Foi aí que, coincidentemente, encontrei-me com o treinador que havia me dispensado anos antes, quando fazia testes no Sport Club Internacional. Nessa partida ganhamos pelo placar de 5 a 1 e causamos a desclassificação do adversário. Ao final da partida, fui em direção ao referido treinador, cumprimentei-o, lembrando-o de nosso encontro no passado, o fiz ciente de que já integrava a categoria profissional e que ali, naquele clube, estava fechando um ciclo de formação de talentos, com êxito e satisfação do desejo realizado. Em meus íntimos pensamentos queria lhe falar sobre as exclusões que ele mesmo deve ter feito com outros jovens, por aspectos relacionados à constituição corporal e à regionalidade.

Depois dessa competição, vários jogadores da equipe da categoria de juniores foram integrados ao elenco do futebol profissional do clube, inclusive eu. Tínhamos a aprovação da grande torcida corinthiana e éramos apontados como as grandes revelações, promessas de futuros ídolos da equipe principal. Lembro-me, ao fazer um balanço, de que havia aproximadamente uns 25 (vinte e cinco) candidatos nascidos em 1972 com os quais convivi durante o período em que participei da categoria amadora. De todos eles, somente três, eu e mais dois, chegamos a integrar a categoria profissional. Em outras palavras, de 25 (cinte e cinco), apenas 3 (três) assinaram contrato profissional no Sport Club Corinthians Paulista. Muitos dos que não conseguiram o intento, ficaram no meio do processo, por questões técnicas, econômicas, políticas (não apadrinhamento), ou até mesmo por desencantamento com a profissão.

O relacionamento entre os jogadores e parte da equipe técnica se diferenciava: com alguns havia maiores ou menores afinidades, mais ou menos diálogo. Logo percebi que, para minha sobrevivência naquele meio, dependeria, em cada contexto, de meu posicionamento, que deveria ser ora de maneira mais branda e educada, ora de modo rude, áspero e até ignorante.

Ressalto que neste período estava no terceiro ano de minha graduação em Administração de Empresas e que as aulas aconteciam à noite, enquanto os treinamentos ocorriam durante o dia. Muitas vezes, tinha que chegar mais cedo ao

vestiário e me esconder no banheiro para estudar antes de o treino começar, pois o tempo era escasso. Se alguns jogadores, os mais brincalhões, me vissem chegar com os cadernos, não me deixavam estudar e ficavam zombando daquela situação. Em contrapartida, havia outros que estimulavam meu esforço e até me ofereciam carona para a faculdade.

O relacionamento entre os jogadores era, muitas vezes, de imposição de um ao outro, antes que o inverso acontecesse e cada um virasse marionete dos mais influentes. A vaidade, em alguns casos, era nítida, explicitando o poder pelo que se tem e não pelo que se é. Contudo, havia solidariedade, apoio e bem-querer também, ainda que em menor escala do que as atitudes de hierarquização e dominação.

Já o relacionamento dos dirigentes com os jogadores se diferenciava de acordo com o *status* do atleta: com os mais prestigiados havia respeito, alegria estudada e cuidado com as palavras; com os que tinham menos fama, notava-se uma relativa invisibilidade, descaso e arrogância. Porém, flutuava-se do *status* de “mais” para o de “menos” de maneira muito sutil. Em relação ao jogador, bastava “produzir” ou “não produzir” para se migrar de um *status* para outro e, portanto, receber dos dirigentes um tratamento mutante.

Na disputa do Campeonato Paulista de 1993, fui convocado seguidas vezes para a concentração nos hotéis em que nos hospedávamos, até os jogos finais, quando, então, perdemos o campeonato para a equipe rival.

Em seguida, disputamos um torneio entre as equipes de maior tradição dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Neste certame, pude estreiar, atuando poucos minutos na equipe profissional contra a Portuguesa de Desportos, mas vencendo a partida. Continuei acompanhando a equipe nas convocações subsequentes até o término da competição.

Ainda neste período, fui procurado por dois agentes de futebol, a pedido de um importante treinador que marcou a história do futebol brasileiro, tendo comandado a Seleção Brasileira em duas Copas do Mundo, para que me transferisse para um grande clube da cidade de São Paulo que ele treinava. Estava claro que esse treinador gostava de minhas qualidades futebolísticas. Porém, a proposta era para eu abandonar o clube que defendia sem sequer dar satisfações. Mesmo tentado, não concordei com a proposta e fiquei no clube sem fazer alarde sobre o caso.

Como perdemos o título novamente para o mesmo rival do campeonato anterior, houve a mudança da comissão técnica e uma reestruturação do elenco profissional da

equipe. Alguns deixaram o clube, outros nele ingressaram. Com o novo técnico todos se encheram de esperança, pois o comando transparecia um modelo de liderança que prezava dar oportunidades aos que estivessem demonstrando desempenho satisfatório. Essa liderança também nos dava liberdade de diálogo com a comissão técnica e o ambiente se tornou agradável para se trabalhar. Foi nesse período que assinei meu primeiro contrato como profissional de futebol. Essa comissão técnica assumiu a equipe no Campeonato Brasileiro de 1993 e a equipe manteve-se invicta durante boa parte da competição.

Um fato marcante aconteceu em minha carreira, quando oito titulares da equipe estavam suspensos e não poderiam jogar a próxima partida, que seria contra o Flamengo, no Rio de Janeiro – justamente contra a equipe pela qual eu torcia quando criança e na qual jogava meu ídolo no futebol, Zico (jogador que me inspirou a atuar no setor de meio campo, exercendo forte influência no meu estilo de articular as movimentações corporais). Em nossa equipe, o mistério era grande, pois não havia uma definição clara dos oito jogadores que iriam substituir os titulares, forçosamente ausentes. Um dia antes da partida, Rivaldo – atleta brilhante, que viria a ser, anos depois, um dos principais jogadores da Seleção Brasileira e um dos destacados responsáveis pela conquista do Penta Campeonato Mundial de Futebol no Japão – avisou-me, secretamente, que eu iria jogar como titular, pois o treinador da equipe havia lhe confidenciado minha convocação. Nesse momento, contagiei-me de um misto de alegria e de ansiedade, que me acompanhou pelas horas que se seguiram. Confesso que meu sono se processou em várias pausas, com constantes orações para que me mantivesse calmo e confiante. Tudo parecia um sonho: o Maracanã lotado; o Flamengo, meu time de coração da infância e minha estreia como titular da equipe profissional do Corinthians. A realidade estava ali, aos meus olhos, aos meus pés. O jogo começou, eu jogava numa posição em que nunca havia atuado; havia treinado umas duas vezes no máximo naquele mês; parecia que o treinador já antevia esta situação. Minha incumbência era marcar um jogador específico. Logo no início, ele, o jogador que eu deveria marcar, desferiu-me uma cotovelada que me fez sangrar o nariz; enquanto saía do campo para ser atendido e não podendo retornar enquanto não estancasse o sangramento, o jogador que havia me agredido fez o gol para a equipe adversária e comemorou com sua torcida. Quando retornei ao jogo, encontrei meus companheiros procurando o responsável direto pela marcação individual do autor do gol. Os mesmos se mostravam indignados com a situação e pediram-me uma atitude agressiva contra

meu algoz. Sem me deixar influenciar, continuei jogando, agora preocupado com a responsabilidade que caía sobre meus ombros, mas com um discurso intimidador contra o agressor. No final do primeiro tempo, comecei uma jogada no meio de campo e arrisquei-me ao setor ofensivo; houve um cruzamento e, em seguida, um chute sem direção, do jogador Rivaldo. A bola veio ao meu encontro, posicionei meu pé no sentido em que vinha a mesma e chutei-a ao gol do adversário, empatando a partida e contentando a torcida corinthiana que lotava o estádio dos donos da casa. Foi uma alegria sem tamanho: a realização de um sonho de menino, transformada em realidade no maior estádio do mundo, contra a equipe de maior torcida do Brasil, contra o time para que torcia em minha infância, no qual se sagrara meu ídolo do futebol. No dia seguinte, os jornais e as emissoras de TV mostravam o gol, a notícia corria por todos os cantos do país, inclusive na cidade em que nasci.

Depois deste feito, a promessa do treinador da equipe era a de que outras oportunidades surgiriam no próximo campeonato. Porém, antes mesmo de findar as férias e voltarmos aos treinamentos no ano seguinte, recebi uma ligação da diretoria de futebol do Corinthians, informando-me de que eu deveria me apresentar a um novo clube, pois eu tinha sido envolvido em uma transação de empréstimo e troca de jogadores, não integrando o elenco do Corinthians naquele campeonato. Para minha surpresa, haviam demitido o treinador do ano anterior e, por isso, tornei-me “moeda de troca”, sem ter o poder de decidir sobre meu destino, a não ser acatar a decisão tomada, pois as ameaças, caso não aceitasse, já tinham sido feitas.

Fui emprestado para uma equipe da cidade de Ribeirão Preto que se chamava Comercial. Lá fui recebido por um treinador que, no primeiro contato, mediu-me com os olhos sem esconder sua insatisfação com minha compleição física. Como de costume, não me importei, superei esta avaliação inicial negativa com boas atuações.

Encerrado meu empréstimo, retornei ao Corinthians e me mantive no elenco.

No ano de 1995, fui emprestado novamente para um clube da cidade de Sorocaba. Nesta experiência, verifiquei algumas artimanhas e acordos de empresários com treinadores, empresários com dirigentes do clube, empresários com jogadores, manipulando interesses financeiros que, certamente, prejudicam carreiras. Cada vez mais percebia as falcaturas que permeavam os bastidores do futebol, de um futebol mercadoria, invisível aos olhos dos torcedores e amantes do esporte das multidões.

Antes que findasse meu período de permanência nesse clube, fui repassado a outro de Belém, no Estado em que nasci, para disputar o Campeonato Brasileiro da primeira divisão.

Os acontecimentos relatados continuavam a ocorrer. Mais uma vez percebi uma desvalorização de jogadores formados no clube, ao lado de uma supervalorização dos jogadores contratados, vindos de outros Estados e de outras equipes. A razão desta contradição se explica pelos acordos firmados entre empresários, dirigentes, treinadores e jogadores, em que os protagonistas desse tipo de acordo se beneficiam em detrimento dos que não participam desse tipo de negócio e dos desapadrinhados.

Outro acontecimento marcante nesta trajetória de experiências esportivas foi a falta de pagamentos em toda a vigência do meu contrato, assim como das premiações conquistadas nos jogos, o que levou não só eu, mas a grande parte dos jogadores, a rescindir seus contratos e a buscar seus direitos trabalhistas. Saliento que, mesmo com dificuldade em conciliar meus estudos com a profissão de atleta, terminei minha formação em Administração de Empresas, no Centro Universitário Sant'Anna, no ano de 1995.

No ano seguinte, voltei ao clube com esperança de ter oportunidade no elenco. Mais uma vez, os emprestados eram recebidos como mercadorias de troca: éramos colocados à margem dos que pertenciam ao elenco e tratados com indiferença pelos dirigentes.

Nessa época, fui procurado por um empresário de futebol, pois havia interesse de um clube coreano em adquirir meu passe. Busquei a diretoria do clube para facilitar a negociação, mas ela não se deu. Pediram muito dinheiro para que se efetivasse a venda, mas os coreanos não fecharam o negócio, deixando-me muito entristecido. Busquei soluções para adquirir meu passe, pois havia uma diferença em dinheiro para receber de patrocínio; negocieei esta diferença com o clube que detinha meu passe e, depois de quase dois meses, consegui me desvincular do clube. Procurei o empresário que representava os interesses do clube coreano para tentar conversar pessoalmente, mas não havia mais tempo; o referido clube havia contratado 11 (onze) jogadores no interior do Estado de São Paulo. Eu estava livre, porém sem um clube para jogar.

Na situação de ter o passe livre, ou seja, de estar sem vínculo com algum clube, o jogador pode viver dois momentos distintos. Geralmente, se é um jogador famoso, a procura por parte dos grandes clubes é grande; mas, se o jogador é pouco conhecido nacionalmente, vê-se na condição de dependência de empresários, que trabalham com

interesses definidos. Em outras palavras, se o produto tem maior visibilidade, maior a possibilidade de realizar negócios, maior o empenho em negociar; porém, para aqueles que estão na outra ponta do mercado, o inverso é a dura realidade e, nesta, eu passei a me encontrar.

No ano de 1998, depois de um período sem propostas para jogar, surgiu um convite de um empresário de futebol que, ao mandar um vídeo que explicitava minhas características de jogador de futebol, informou-me do interesse de um clube boliviano. Viajei com o empresário para a Bolívia e ele acertou financeiramente meu possível contrato com o clube interessado; acertou também comigo a proporção da quantia do contrato que lhe caberia e, assim, ficou somente a pendência de eu fazer alguns treinamentos no clube para fechar o negócio. Nos primeiros dias, após alguns minutos de treino, eu ficava exausto, com dificuldade de respirar, devido à altitude – problema presente em muitas cidades daquele país. Na medida do possível, nesse clima adverso, consegui manter meu desempenho futebolístico.

Em minha estreia na equipe, jogamos contra um dos clubes de maior expressão do país, na cidade de La Paz. Comecei a partida no banco de reservas, sabendo que não me encontrava em condições normais para jogar. Mas, como havia assinado o contrato e muitos acreditavam em minha contratação, inclusive o treinador e boa parte da torcida, sentia-me na obrigação de corresponder às expectativas deles. No segundo tempo da partida, um jogador de minha equipe se machucou e eu fui chamado para jogar. Tive uma atuação primorosa e ainda fiz um gol a, aproximadamente, 40 metros da meta, com um chute que encobriu o goleiro, que se encontrava adiantado. Ganhamos a partida e tornei-me manchete nos principais jornais e televisões do país naquele fim de semana, sendo recebido como um herói na cidade.

Mesmo acostumado a dar autógrafos, bater fotos e a receber cartas quando jogava no Brasil, especificamente no Corinthians, experimentei uma sensação muito agradável ao ser admirado pelos torcedores daquela cidade boliviana. Andava pelas ruas e quase sempre era reconhecido; o carinho das pessoas era maravilhoso, sentia uma recepção diferente, principalmente das crianças que acompanhavam os jogos. Após alguns resultados ruins da equipe no decorrer do campeonato, houve uma mudança no comando do time e o treinador que pedira minha contratação e que me tratava bem desde o início do contrato foi substituído por um treinador brasileiro. Vale lembrar que quando a equipe não alcançava as vitórias, a cobrança, por parte da diretoria do time, sempre era maior sobre os estrangeiros, com a alegação de que nosso salário era

diferente dos demais jogadores nacionais e, portanto, deveríamos ter um rendimento superior. Cheguei a ser abordado no apartamento em que morava para assinar carta de redução de salário, caso a equipe não obtivesse vitórias. Quando perdemos uma partida do campeonato, realizada em nosso campo, a torcida, ao final do jogo, revoltada com a atuação da equipe, fez um corredor na saída do estádio para esperar os jogadores. Apreensivo com o episódio, eu olhava pela janela do vestiário e temia pelo que viria acontecer. Observei, inicialmente, a saída de alguns jogadores que foram recebidos com agressões verbais e até mesmo com empurrões, sem a intervenção de policiais. A torcida continuava furiosa e não saía do estádio. Enchi-me de coragem e resolvi enfrentar aquela situação. Caminhei desconfiado em direção ao corredor de torcedores e, para minha surpresa, trataram-me com respeito e admiração, saudando-me como o único que honrava a camisa da equipe. Senti um misto de reconhecimento por meu trabalho e dedicação, mas, ao mesmo tempo, triste com mais uma manifestação de desumanização.

Com o treinador brasileiro na equipe, esperava-se que houvesse um bom relacionamento entre nós, já que tínhamos a mesma nacionalidade. Não foi o que aconteceu: ele passou a me cobrar coisas, por meio de outro jogador, também brasileiro, alegando que eu devia a ele uma quantia por estar jogando naquele país, uma vez que tinha sido por meio dele que o contato chegara até à empresa que me levava à Bolívia. Neguei-me a dar-lhe qualquer quantia, pois já havia cumprido minhas obrigações contratuais com o percentual acertado com o empresário. Então, ele me colocou na reserva da equipe, justificando para a imprensa e para a diretoria do clube que eu não me adaptara ao sistema tático adotado por ele. Outras vezes, alegava que me encontrava enfermo e, por isso, não me convocava. Para resolver a situação, conversei com o presidente do clube, explicando-lhe o ocorrido e propondo que conversássemos os três, o presidente, o treinador e eu. Minha proposta não foi aceita. Pedi rescisão de contrato e mesmo contra vontade da torcida deixei o clube.

Estando ainda na Bolívia, recebi um convite de um agente de futebol do Peru. Conversamos por telefone e deixamos acertado salário e condições de moradia, alimentação e transporte. Chegando lá, percebi que o combinado não se fazia verdade, não havia material do clube para treinamento; cada um treinava com o seu; as condições do local para a prática eram inadequadas e o valor do salário e as despesas mencionadas não seguiam o acordado.

Com todo este equívoco, retornei ao Brasil e procurei novos contatos. Logo me surgiu a oportunidade em um clube chileno da primeira divisão. Viajei e fui recebido por um dirigente que me apresentou ao treinador da equipe. No dia seguinte, fui treinar. Já não me assustei com a experiência de ser estrangeiro novamente, mas senti, de novo, a exclusão dos jogadores nacionais, que me suprimiam do jogo, não passando a bola para mim, mesmo que me posicionasse adequadamente e pedisse para que me deixassem participar do jogo. Com o ambiente hostil, o presidente do clube parou o treinamento e pediu que o treinador ordenasse aos jogadores que me passassem a bola. O pedido não surtiu muito efeito e, após uma semana, eu estava de volta ao Brasil.

Continuei mantendo contato com os empresários que negociavam com os clubes, a fim de conseguir um novo contrato. Como já era dono do meu próprio passe, cabia a mim manter a condição técnica, tática e física, próximo do padrão desenvolvido nos clubes durante a temporada. Para isso, frequentava academia, parques e participava de jogos entre colegas, para a manutenção de minhas capacidades futebolísticas.

Nesses ambientes era perceptível a ansiedade, a preocupação, que em alguns casos beirava o desespero, de alguns colegas que se encontravam em situação de dificuldade. Eles comentavam que tinham família e que a falta de emprego, no caso um contrato, tirava-lhes a capacidade de manterem a sobrevivência e conforto necessário aos familiares. Eram perceptíveis, também, a ilusão e a crença de que iriam ser contratados por um grande clube do Brasil ou de outro país, alimentadas pelas eternas promessas dos agentes de futebol. Essa realidade me fazia pensar sobre o meu futuro no futebol; sentia-me apreensivo com a incerteza de estar constantemente, a cada início e fim de campeonato, tendo de repetir o processo de busca por novas propostas e viver na expectativa desgastante de um “não” ou de um “sim” cujos ajustes contratuais não correspondessem à realidade objetiva dos contextos específicos.

No ano de 1999, depois de alguns meses sem uma proposta, surgiu-me a de um clube do interior do Estado de São Paulo, onde permaneci durante os poucos jogos que faltavam para o término do campeonato. Logo transféri-me para outro clube que ficava em outro Estado brasileiro. Neste clube, fui contratado como sendo um dos jogadores a quem caberia exercer uma função de liderança. Assinei contrato com a duração de um ano e o presidente do clube ainda acordou comigo que, ao término do contrato, compraria meu passe e o repassaria para um clube estrangeiro. Senti-me valorizado e prestigiado com a proposta estabelecida. O treinador, por sua vez, escolheu-me como o capitão da equipe para exercer liderança no grupo de atletas. A diretoria do clube, para a

formação do elenco titular, renegou uma grande parcela dos jogadores locais que haviam disputado a competição anterior, alegando que eles não eram confiáveis e que, por isso, novos jogadores seriam contratados, desde que fossem atletas de outros estados. Essa iniciativa não foi bem recebida pela torcida nem pela imprensa local. Passaram a nos olhar como “estrangeiros”, que não tinham identidade nem filiação com a cidade e com o Estado. No decorrer do campeonato, a equipe não atingiu os resultados esperados e logo as cobranças começaram a surgir. Como capitão da equipe era um dos jogadores mais visados, pois respondia diretamente para a imprensa e, conseqüentemente, para a torcida que, em vez de nos incentivar durante os jogos, tratava-nos com indiferença e, em alguns momentos, com hostilidade, piorando cada vez mais nosso desempenho e tornando o ambiente de trabalho desagradável e desmotivador.

Daí em diante, surgiram discórdias entre diretoria e comissão técnica, como também entre a diretoria com os jogadores. Logo, inevitavelmente, algumas pessoas foram responsabilizadas pelos problemas. Compuseram-se as listas de rescisão de contrato e numa delas constava meu nome. Ainda me restavam nove meses de contrato. Porém, quando fui chamado para assinar a rescisão, fui informado que apenas receberia pelo mês trabalhado. Contestei, justificando que, naquela divisão em que o clube disputava o campeonato, eu estaria impossibilitado de jogar e que ficaria com dificuldades de ser contratado por outro clube naquele momento, pois estávamos no fim do mês de setembro e as competições se encontravam em um período de definições. O acordo que propus era o de que me pagassem até o mês de dezembro e que não haveria queixas sobre os seis meses restantes do contrato. Recebi como resposta de um diretor do clube que eu representava a parte mais fraca da contenda e que deveria me calar e me contentar com a proposta feita. Mantive a calma e de forma serena avisei que iria procurar meus direitos trabalhistas. Busquei a associação de atletas daquele Estado e fui assistido por um advogado que ouviu como o contrato havia sido elaborado. Informei-lhe que havia assinado dois contratos: um, que seria registrado na Confederação Brasileira de Futebol, em que constaria um valor que se referia à metade do montante total; e outro, particular, que previa o pagamento da outra metade. Porém, para nenhum jogador fora dada uma cópia deste último. Para montar o processo trabalhista, peguei os depósitos feitos em minha conta dos meses trabalhados – neles constava o valor total dos dois contratos. Anexei os jornais que noticiavam as rescisões feitas no clube nos quais meu nome estava incluído. Na primeira audiência o advogado do clube afirmava

que eu havia abandonado os treinamentos do clube sem dar satisfações e assegurava que não havia um segundo contrato feito com os outros jogadores. Como as audiências eram marcadas com prazos espaçados, retornei a São Paulo e continuei mantendo contato com agentes de futebol para que pudessem conseguir um novo clube para eu jogar. Um desses agentes me comunicou que algumas equipes manifestaram interesse, porém, ao telefonarem para a diretoria do último clube em que eu havia jogado, ela informava que eu era um jogador problemático, que se envolvia em festas noturnas, que não demonstrava responsabilidade enquanto atleta e que estava movendo um processo trabalhista contra aquele clube. Na audiência subsequente relatei ao juiz o que o clube vinha fazendo e que, por este motivo, eu não estava conseguindo assinar contrato com outro clube, sendo impossibilitado de trabalhar. O juiz me pediu para que eu providenciasse que fossem gravados os telefonemas e que estes deveriam ser apresentados na próxima sessão. Além disso, o advogado do clube, ao ouvir meu relato sobre as informações falsas a meu respeito, ainda ameaçou-me perante o juiz, falando em mover um processo contra mim, alegando calúnia e difamação.

Nos meses que se seguiram, refleti muito sobre esse contexto e, cada vez mais, amadurecia a vontade de partir para outra área, pensando em poder trabalhar sem ter que conviver com as dificuldades que permeiam os bastidores do futebol e que são desconhecidas pela grande maioria das pessoas.

No ano de 2000, recebi uma proposta de um agente de futebol que cogitou minha ida para um clube da região Nordeste. Viajei até a cidade em que se localizava o clube. Ele apresentava uma estrutura precária para desenvolver um bom trabalho futebolístico, sem falar no descaso com que tratavam funcionários e atletas. Treinei alguns dias e, quando fomos acertar os valores do contrato, o agente de futebol não concordou com a proposta. O clube não renegociava e eu, mesmo com as dificuldades percebidas, acompanhei a discussão, que teve seu desfecho sem um acordo entre o agente de futebol e a diretoria do clube, causando-me a impossibilidade de jogar.

Após este acontecimento, decidi-me a não mais jogar futebol profissionalmente. Amadureci a ideia de que não teria sido a capacidade tática, técnica ou física que havia determinado minha decisão, mas o desencanto, vivenciado em diversas ocasiões, com os bastidores do futebol, em que os personagens manipuladores dos interesses políticos, econômicos, financeiros, (sociais e culturais) determinam o futuro dos atletas deste esporte sem que ele, na maioria das vezes, possa ser sujeito de sua própria história profissional.

Passei a recusar as ofertas que surgiram, justificando que tinha abandonado a carreira de atleta de futebol e que me prepararia para exercer outra profissão. E foi o que aconteceu. Decidi ficar na cidade de São Paulo. Voltei a estudar e, no ano de 2001, ingressei no curso de Educação Física, no Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE) e, a partir daí, dediquei-me a iniciar um novo projeto de vida. Parei de frequentar estádios temporariamente e pouco acompanhava o futebol nas mídias em geral; jogava raramente com amigos, mas, mesmo assim, ainda encontrava ocasionalmente outros colegas, jogadores com o passe livre, que ainda continuavam a buscar novos contratos, alguns iludidos por falsas promessas de oportunistas do mercado de futebol.

Nos primeiros meses do curso, ainda alimentava a ideia de voltar a trabalhar em clubes de futebol, na condição de treinador, preparador físico ou administrador. Com o decorrer do curso, percebi a variedade de oportunidades que a área acadêmica poderia me proporcionar.

No ano de 2002, quando não esperava mais nenhum contato com o futebol, recebi uma proposta de uma empresa brasileira que negociava com um empresário chinês a oportunidade para jogar futebol em um clube da China. No começo hesitei, pois não queria interromper o curso de Educação Física. Entretanto, a proposta era sedutora financeiramente. Conversei com os representantes da empresa e eles me informaram que eu passaria por uma etapa de testes físicos, clínicos e técnicos para concretizar a negociação. Antes da viagem, foi editado um vídeo em uma produtora com as imagens de jogos da minha carreira futebolística e a apresentação de minhas principais características como jogador. Voltei a treinar individualmente; preparei-me para os testes e viajei com destino a Pequim. Fui recebido por um membro da empresa brasileira que negociava com o empresário chinês. Achei estranho que minhas perguntas sobre meu destino em relação à apresentação ao clube e dia de treinamento ficavam com respostas vagas. Após alguns dias, fui para Shanghai, com a informação que seria nesta cidade que aconteceriam os testes. Logo depois fui informado que as equipes chinesas de futebol se encontravam de férias e que apenas a seleção do país estava em treinamento para disputar a Copa do Mundo de Futebol, que se realizaria dali a duas semanas. Voltei ao Brasil sem ter feito qualquer treinamento em clubes chineses. Esta foi a última vez que me envolvi, como jogador, com o futebol profissional.

Dei continuidade ao meu projeto acadêmico no curso de Educação Física. No ano de 2003, estando no quinto semestre da faculdade, ingressei no curso de pós-

graduação de Administração e Marketing Esportivo, na Universidade Gama Filho (UGF). Como já era bacharel em Administração de Empresas, estava amparado legal e academicamente para cursá-lo.

No ano de 2004, antes de terminar o curso de Educação Física, matriculei-me como aluno especial no curso de mestrado na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e terminei a pós-graduação em Administração e Marketing Esportivo na Universidade Gama Filho. Quando finalizei o curso de Educação Física no Centro Universitário Nove de Julho, fui convidado para lecionar nessa instituição, no curso em que havia me formado.

No ano de 2005, comecei a lecionar, na Faculdade de Educação Física, as disciplinas de Futebol, Gestão de Eventos Esportivos e Organização, Administração e Marketing Esportivo. Logo em seguida, concluí outra especialização em Metodologia do Treinamento e Aprendizagem do Futebol e Futsal, na Universidade Gama Filho. Ainda neste ano, prestei concurso para a Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo e fui aprovado.

No ano de 2006, fui convidado a integrar o corpo docente da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), para trabalhar no curso de Educação Física. Na mesma época, ingressei como aluno regular no programa de mestrado da UNIMEP. Assumi também o cargo na Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo, na qual fui contemplado pelo programa “Bolsa Mestrado”, podendo desenvolver, na linha de pesquisa em Corporeidade e Lazer, minha dissertação intitulada “A criança e as manifestações lúdicas de rua e suas relações com a educação física escolar”. Nesse período, participei de congressos, seminários e encontros, publicando artigos, resumos, pôsteres, desenvolvendo estudos e projetos como pesquisador no Grupo de Pesquisas em Lazer (GPL). Aliado a essas atividades ministrei algumas palestras, cursos de extensão e aulas como professor convidado em curso de pós-graduação, trabalhando com temas que discutem a prática de jogos e brincadeiras da cultura popular relacionadas ao futebol no ambiente escolar, na rua e nos clubes. Nessas atividades educacionais sempre enfatizava (e enfatizo) a aprendizagem em seus diferentes níveis, assim como a formação de atletas, considerando a fase da iniciação até o profissionalismo e as relações de gênero que permeiam essas relações.

No curso de graduação em Educação Física, oriento trabalhos de conclusão de curso com temas focados nas manifestações lúdicas, futsal, futebol e educação física escolar.

Após o término do mestrado e tendo participado de pesquisas, comecei a investigar *sites* que promovessem programas de doutorado na cidade de São Paulo. A partir disso, procurei uma linha para desenvolver um pré-projeto que vinculasse alguns temas estudados no mestrado e que pudessem ser desenvolvidos no nível de doutorado.

Fui aprovado para ingressar no programa de doutorado da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), na linha de pesquisa em Culturas e Educação, pensando em desenvolver um estudo que investigasse a perspectiva de uma educação que se relacionasse a teoria da corporeidade. Ao participar da recepção dos classificados em processo seletivo para ingresso no PPGE em Educação da UNINOVE, fui conduzido para a reunião da linha de pesquisa que escolhera.

Nesse encontro, fiquei sabendo que seria orientado pelo Professor José Eustáquio Romão, que explicou sobre as tarefas que deveriam ser cumpridas em relação ao Programa. Deixou-nos, a mim e a meus colegas, cientes dos nossos encontros e procurou saber sobre o que cada um pretendia pesquisar. Falei-lhe sobre meu pré-projeto, minha formação acadêmica, minha trajetória no futebol e do meu desejo contido em estudar este tema. Ele tudo ouvia atentamente. No dia seguinte, após o término de uma aula ministrada pelo próprio Professor Romão, ele me convidou para almoçar e durante o almoço disse que era possível relacionar o contexto do futebol com o programa de Doutorado em Educação. Falou-me que, ao ouvir meus relatos, pensou na relevância de se pesquisar a opressão que permeia o futebol. Fiquei muito entusiasmado com a ideia de desenvolver este estudo. Voltamos do almoço e logo nos pusemos ao computador para elaborar alguns pontos centrais que poderiam estabelecer um nexos mais profundo entre o esporte mais popular do mundo e a área da Educação em seu sentido mais amplo, sob a ótica do referencial de Paulo Freire.

O trabalho foi duro, porque eu tinha de compensar todas as lacunas de uma formação em Educação Física a respeito dos pré-requisitos necessários ao desenvolvimento de uma tese na área da educação. No entanto, parece que venci mais este desafio, tão grande quanto uma partida de futebol, em que eu tinha de marcar um craque e, ainda por cima, fazer gols.

Esta tese, escrita por um ex-jogador de futebol, dá-lhe a tentação da dupla personalidade. Mas não é isso. É o resultado da força epistemológica freiriana que lhe serve de referencial teórico. Além disso, o atleta no interior da mesma pessoa não morre quando aí tenta nascer o pesquisador. Contudo, o princípio fundante dessa “dupla personalidade” é este trabalho ser, ao mesmo tempo, o resultado do conhecimento de

uma vivência (de atleta) – que Paulo Freire chamava de “conhecimento de experiência feito” – e também o produto de uma pesquisa de um ex-jogador que sonha em ser um “craque” da ciência. Assim, o que estes dois seres dentro da mesma pessoa enxergam são dois jogos: o que lhe vem à mente dos tempos passados nas canchas brasileiras e aquele que resultou do foco em uma realidade não tão arrebatadora quanto a das jogadas que empolgavam multidões. Lamentavelmente, o segundo “jogo” pareceu-me muito mais perigoso do que o primeiro, mas é ele que se fará presente nas páginas subsequentes.

Neste momento, o jogador pede licença para entrar no mundo do pesquisador:

“Compre seu ingresso; evite os cambistas; escolha um bom lugar. O jogo? Só amanhã. Os jogadores ainda irão para a concentração.”

A CONCENTRAÇÃO

INTRODUÇÃO

“Quem não sonhou em ser um jogador de futebol...”
(Samuel Rosa, do Skank).

Futebol, esporte de amor, paixão, desejo, delírio e, às vezes, até de loucura. Desta pode emergir o perverso, o impulso de ódio, o descrédito, a decepção, o desengano, a amargura. Os que criaram este esporte não podiam imaginar que ele seria, no futuro, o futebol da esperança, do sonho, da paz, da política, da boa ventura, do fanatismo, da guerra, da opressão, do trabalho, da economia, da verdade nua e crua; o futebol que canta e encanta, a beleza cálida, a beleza fria, com seus gestos de arte, (criação divina), de esplendor brilhante, da empolgante alegria; mas também o do desencanto, da pobreza, da dor, do escândalo, da corrupção, da mentira. Futebol do mundo... futebol do Brasil!

O futebol tem suas diversas facetas, nos múltiplos e diferentes lugares, povoados, cidades, estados do Brasil, países do Globo. Sempre há um espaço em que se pode disputar um jogo caracterizado como futebol: aquele da rua, da praia, da praça, da garagem, da quadra, do campinho, do estádio. Chama-se disputa, seja ela pequena, média ou grande, adequada ou não, está lá, esperando para receber os ingredientes, os elementos que fazem a criança jogar como criança, o jovem, o adulto e o idoso brincarem como e com a criança, sentirem-se como tais, driblarem o adversário e o tempo, marcando o gol com o descompromisso da alegria.

O futebol, ou melhor, os esportes em geral demonstram uma grande capacidade de despertar, em seus entusiastas torcedores e nos praticantes, sentimentos coletivos de identidade de pertença expressos facilmente por meio da confissão de emoções que, em determinados momentos, se manifestam em sorrisos largos e em satisfação intensa; em outras, se traduzem em choro e lamentações profundas. Não importa a hora nem o dia da semana, se há futebol, há sentimentos. “Num domingo normal, qualquer um pode morrer de emoção enquanto se celebra a missa da bola. Num domingo sem futebol, qualquer um morre de aborrecimento” (GALEANO, 2009, p. 135).

Essas emoções parecem demonstrar sentimentos de pertencimento, de identidade, de solidariedade coletiva a um grupo; também podem gerar, ao contrário, situações de conflito, de desordem com outros que não pertençam ao mesmo grupo, que não tenha participado da mesma aliança implícita, em outras palavras, do mesmo laço simbólico não pactuado explicitamente. Assim, grandes grupos se formam, com faixas etárias distintas, ainda que muitos deles não se reconheçam pelo tipo genético, ou pela classe social. Porém, vestidos pelas mesmas cores, trajados com o mesmo uniforme, com bandeira e objetos congêneres na mão, reconhecem-se por manifestações semelhantes. E se não são, necessariamente, circunscritos pelo mesmo parentesco, são filiados de uma mesma linhagem, comungam iguais sentimentos, são unidos pela mesma paixão.

O futebol materializou-se no cotidiano de muitas das famílias brasileiras; culturalmente, instituiu-se como prática física e entretenimento e, conseqüentemente, foi reconhecido como o esporte mais popular, portanto, fator de identificação nacional no Brasil. Para se ter uma ideia da dimensão dessa identificação, no início do ano de 2006 o IBGE anunciou, dados sobre o perfil dos municípios brasileiros em relação ao desenvolvimento dos esportes no ano de 2003. Nesse estudo verificou-se que o futebol está presente em 95,5% do total dos eventos, seguido pelo futsal (futebol de salão), com 66%, e pelo voleibol, com 60,3%. Diante desses dados, fica clara a importância cultural, social, política e econômica que a sociedade brasileira atribui a esse esporte. Além disso, observa-se que o futebol se consolidou também como uma destacada prática de lazer da população.

Sabe-se que o futebol brasileiro é muito admirado em todo o mundo. O Brasil é o país que mais vezes conquistou a Copa do Mundo de Futebol – principal competição desta modalidade –, totalizando cinco campeonatos. É o único concorrente que conseguiu esse feito. Destaca-se ainda por ser a única seleção que participou de todas as edições desse evento esportivo. A grande maioria da população brasileira acompanha a história e trajetória em que se desenvolveu o futebol no país. Nos fins de semana, os apaixonados por futebol vão aos estádios, levando seus aparatos eletrônicos para acompanharem os jogos de seus clubes, tornando o ambiente de participação mais próximo e real dos acontecimentos presenciados no jogo. Quando não seguem seus times nos locais das partidas, os torcedores assistem aos jogos em casa, ou em lugares públicos, por meio da televisão ou de outro aparato de comunicação. Na ausência física no local do jogo, essa forma de acompanhar os jogos difere-se da assistência *in*

praesentia, mas com pouca, ou nenhuma alteração em relação às manifestações das emoções, expressadas por meio de gritos, rostos apreensivos e tensionados que revelam sentimentos de felicidade, de ansiedade ou de tristeza. O jogo de futebol é sempre imprevisível e a perspectiva da vitória, do empate ou da derrota são resultados que se modificam repentinamente no decorrer de toda a partida, provocando, portanto, a variedade de sentimentos que se exprimem nas *personae* dos torcedores.

No futebol, como em tudo mais, são muito mais numerosos os consumidores que os criadores. O cimento cobriu os campos baldios onde qualquer um podia jogar uma pelada a qualquer momento, e o trabalho devorou o tempo do jogo. A maioria das pessoas não joga, mas vê outros jogarem, pela televisão ou da arquibancada cada vez mais longe do campo. O futebol se transformou, como o carnaval, em espetáculo para a massa. Mas assim como no carnaval há os que se põem a dançar na rua além de contemplar os artistas que cantam e dançam, também no futebol não faltam os espectadores que de vez em quando se fazem protagonistas, pela pura alegria, além de olhar e admirar os jogadores profissionais. E não só os meninos: de certa forma, e por mais longe que estejam os campos possíveis, os amigos do bairro e os companheiros da fábrica, do escritório da faculdade, continuam dando um jeito para se divertir com a bola até que caem esgotados, e então vencedores e vencidos bebem juntos, e fumam, e partilham uma boa comida, esses prazeres proibidos para esportista profissional (GALEANO, 2009, p. 87 - 88).

Futebol e lazer se integram e assumem importante relevância na vida dos brasileiros, tanto no que se refere ao entretenimento relativo à assistência aos jogos, quanto participando efetivamente do jogo nos locais especificamente destinados, ou não, para a prática desta modalidade esportiva.

É claro que o futebol tornou-se um fenômeno de sucesso dentre as principais atividades de lazer esportivo do século XX por causa, em grande parte, dos investimentos dos meios de comunicação de massa, transformando-o no eixo da informação esportiva e conquistando enorme clientela (REIS, 2006).

É importante destacar que os espaços destinados à prática do futebol vêm sofrendo mudanças estruturais e, devido ao crescimento desorganizado dos centros urbanos, vêm sendo reduzidos. A redução progressiva desses espaços “naturais” tem exigido a intervenção dos poderes públicos, para que seja garantida a preservação de áreas para a prática do futebol relacionada ao lazer. Por outro lado, incorporado na cultura contemporânea como um direito, o lazer vem se colocando entre as prioridades no universo das políticas sociais. No entanto, o capital também está atento à escassez desses espaços e, aí, também constrói campos e quadras com finalidades comerciais. No caso específico do futebol, os chamados “campos de várzea” vão desaparecendo diante

da especulação imobiliária e da necessidade de suprir o *déficit* habitacional. Os espaços públicos destinados ao lazer da população vão pouco a pouco cedendo lugar a outras “prioridades”. Mas, com o progressivo reconhecimento do lazer à condição de direito até das populações mais pobres, a pressão da demanda por campos de “futebol *society*” e por quadras faz com que os governos locais não desconheçam totalmente a necessidade dos espaços públicos destinados ao lazer. Embora este fato seja muito importante e possa ser constatado na maioria das grandes cidades brasileiras, ele não será tematizado nesta tese. Essa breve referência foi apenas para chamar a atenção para este aspecto, diga-se de passagem, peculiar do futebol: o de chamar a atenção das autoridades para a importância do lazer do proletariado, como também para demonstrar que, mesmo sob a capa do lazer da população em geral, ele sofre influências do processo de acumulação capitalista.

De todo modo, o futebol é uma modalidade esportiva que tem provocado um singular encantamento de muitos brasileiros, tonando-se, por isso, preocupação dos responsáveis pelas políticas públicas (*public policy makers*). Como este encantamento atinge brasileiros de todas as idades, o futebol acaba se insinuando nas políticas, planos, programas e projetos de todos os âmbitos e níveis de governo.

Na maioria das vezes, este encantamento é incentivado, desde a mais tenra idade, pelos pais, parentes e amigos frequentadores do mesmo ambiente familiar. Todos estimulam as crianças a jogarem bola com os pés. E quando não há bola de couro, joga-se com latas, tampinhas de refrigerante, laranjas, bolas de meia e outros objetos que são reinventados nessa nova função. Os infantes imitam os adultos, atraindo-lhes a atenção com gestos e trejeitos típicos do jogo de futebol. Não é demais afirmar que o maior divertimento das crianças brasileiras ainda é jogar bola. E não importa onde seja: no pequeno quintal de casa, na garagem, nos corredores do prédio, nas ruas asfaltadas ou de terra, na praia, nos becos, vielas, ou seja, em qualquer pedacinho de chão que possa travestir-se de cancha. Improvisada a bola e o campo, os jogadores logo emergem e, daí em diante, insinuam-se os “craques”, os que têm jeito para o futebol, e, ao mesmo tempo, a fantasia toma conta de todos os participantes e a alegria torna-se senhora da situação entre gestos, passes, chutes, defesas e gritos de gol, a emoção é uma só, indescritível, soberana (FREIRE, 2003).

Seja para os mais envolvidos e estudiosos do futebol, seja para simples torcedores e espectadores, é fácil perceber quais crianças e jovens brasileiros potencializam trajetórias que possam ser trilhadas na direção da fama, da realização

financeira e da elevação do *status* por meio do profissionalismo futebolístico. Nesse sentido, também é fácil perceber a tentativa de identificação de crianças e jovens com os jogadores de maior expressão, em outras palavras, os aspirantes ao profissionalismo no futebol imitam, em geral, a figura de algum ídolo esportivo, repetindo seus gestos, cacoetes, trajes, seu penteado. Ou seja, o prolongamento do atleta no fã ultrapassa os limites dos estádios e acompanha o próprio dia-a-dia de muitos candidatos a jogador. Segundo Chaves (1985), a criança quando inicia sua prática em um desporto logo se espelha em seu ídolo, sonhando em alcançar os mesmos feitos e sucesso, bem como desfrutar de todas as regalias de uma carreira bem sucedida.

E assim, o futebol no Brasil acaba por ser

Um fenômeno cultural que cativa e impressiona pela sua grandeza, e cuja prática tem crescido rapidamente, envolvendo um número significativo de participantes, desde a infância até a idade adulta. Especificamente, na iniciação esportiva ao futebol, em um país como o Brasil, em que um único esporte merece a esmagadora atenção da mídia, é complicado mostrar às crianças que, muitas vezes, a escolha por esta modalidade esportiva é muito mais uma questão cultural do que um gosto pessoal. Até mesmo os pais são influenciados por isso, já que muitos deles, fanáticos por futebol, têm dificuldades em permitir que seus filhos optem por outro caminho para a prática esportiva (FILGUEIRA; SCHWARTZ, 2007 p. 246-247).

O futebol, praticado há mais de um século, consolidou-se incontestavelmente como o esporte mais popular do mundo, cristalizando-se como uma modalidade de prática maciça e possibilitando que as relações comerciais em torno da indústria futebolística, com seus produtos e serviços, ganhassem dimensões expressivas. As oportunidades de geração de significativos lucros conjugaram interesses da mídia que, em contrapartida, tornou o futebol, certamente, o esporte mais divulgado, promovido, vendido e comprado. Esse esporte tornou-se uma verdadeira indústria de negócios em determinados nichos do mercado. Nessa seara de movimentações financeiras, assiste-se a criação de ídolos, de estereótipos de craque que promove determinado clube, marca ou produto, voltados para o “consumo” de uma quantidade considerável de torcedores/consumidores fiéis.

Desde que houve a preocupação da “indústria do futebol” em criar profissionais que se tornassem mitos, cresceram também as estratégias para transformá-los em modelos a serem seguidos pelos que mergulham na aventura e realização do desejo do eldorado futebolístico. Para a manutenção da rotatividade de verdadeiras lendas desse esporte, são utilizadas as mais diversas ferramentas e estratégias de *marketing* que

consolidam a imagem do vencedor – meio de enriquecimento nos diversos setores da comercialização de produtos e serviços relacionados ao futebol.

A mídia joga um papel fundamental na criação de ídolos. É interessante não só para os meios midiáticos, como para a indústria do esporte que a criação, a manutenção e a reprodução de ícones esportivos continuem sendo práticas renovadas, sendo aí realizados negócios de diversa natureza, alimentando a lógica de mercado, transformando torcedores em consumidores alienados e fortalecendo não o sistema desportivo, mas o capitalista. Desse modo, é interessante para a mídia promover a imagem de jogadores que estimulem a imaginação das crianças e dos adolescentes, desejosos de se tornarem atletas do futebol profissional com o mesmo sucesso de seus ídolos.

Essa relação atleta/fã se intensifica por época de novas conquistas da seleção nacional e dos clubes, em torneios promovidos pelas federações e confederações correspondentes, que mantêm o cenário futebolístico nacional e mundial em constante efervescência, fazendo com que o Brasil seja reconhecido como uma grande potência do futebol, que produz e exporta grandes talentos desse esporte. Desde cedo, o jovem candidato a atleta elabora sonhos, não apenas de sucesso financeiro e reconhecimento social no próprio país, mas de projeção mundial. A vida dos grandes jogadores é cercada de certo *glamour* que esconde a realidade de que apenas poucos chegam ao *status* de grande jogador ou jogadora. A imaginação do desfrute das benesses do prestígio que deriva do sofisticado ambiente esportivo, do mundo dos espetáculos esportivos e sociais, das fantasias desses verdadeiros garotos imaturos que ganham e gastam fortunas com futilidades permeia os pensamentos dos jovens, mobilizando uma cadeia de esforços, sacrifícios e renúncias para a realização da utopia futebolística. Toda a família é mobilizada quando se pensa que um dos filhos pode “chegar lá”. Configuram-se iniciativas obstinadas, sacrifícios financeiros imensos são praticados no altar do sonho de sucesso, principalmente por aqueles oriundos do proletariado. Aí, o futebol joga, com força desmedida, o papel de canal de ascensão social, principalmente para aqueles que têm a bola como único brinquedo: "a bola é a única varinha mágica em que [se] pode acreditar. Talvez ela lhe dê de comer, talvez ela o transforme num herói, talvez em deus" (GALEANO, 2009, p. 51).

Nesse caminho, outras pessoas acabam se envolvendo na aventura individual; entre elas, quase sempre estão os familiares ou pessoas próximas, que vislumbram usufruir das migalhas que cairão da mesa da fama. Todos que estão no entorno desses

jovens promissores atletas se predispõem a permanecer na área da sombra do herói que está emergindo. O desejo de sucesso de um membro da família passa a ser o desejo de todos os seus membros. Essa situação, gerada pela expectativa de mudança de vida, de ascensão econômica e de *status* também dos agregados, é um fato recorrente nas famílias que se envolvem nesse contexto. Toda essa concentração de esforços se transforma em projetos de vida, especialmente se o jovem candidato a atleta demonstra indícios de um talento promissor.

Porém, mesmo essa soma de talento e dedicação coletiva não garante que tudo correrá às mil maravilhas. Aqui se repete o velho mecanismo das sociedades hierarquizadas verticalmente, socialmente divididas em classes sociais, com tendência estrutural à desigualdade: a cada canal de ascensão social correspondem critérios de discriminação social, para que não ocorra a universalização do sucesso, mas que ele seja potencialmente acessível a poucos. O encantamento é potencializado pela possibilidade de sucesso acenado por esses canais de ascensão social; o desencanto e a frustração são revelados pela dura realidade das “peneiras”, dos “internatos”, dos “pistolões”, dos “cartolas”, dos “empresários”, das discriminações nas escalações, das negociatas na compra e venda de passes.

Quando o pretendente reconhece a possibilidade de realizar o desejo de construir uma carreira futebolística, a atividade de jogar futebol, antes voltada para o lazer, toma outra proporção e se transforma em projeto de vida, em dever, alterando o enfoque de diversão e entretenimento para assumir o caráter de obrigatoriedade, incluído na esfera do trabalho. O futebol passa a ser, para esses aspirantes a atleta, uma profissão, uma maneira de ganhar a vida. Começa, então, uma vida de prática permanente, com afincos, ainda que, inicialmente, de maneira informal, no universo ainda da ludicidade entre colegas, mas já com o objetivo de desenvolver as aptidões elementares da modalidade, aguçando cada vez mais o desejo do profissionalismo.

A prática do esporte com os amigos, informalmente, é considerada por Venúlio (2001) como “pelada” – expressão da cultura popular que revela a inocência própria da ludicidade, da democracia e da arte – é o vestíbulo dos sonhos profissionais. Essa prática esportiva que se dava nas ruas e nos “campos de várzea” foi migrando para as quadras comerciais, para as “escolinhas”, principalmente nas grandes cidades, devido ao crescimento urbano e à especulação imobiliária. Os dribles, as fintas, os gols, a comemoração pelas vitórias, ou a derrota em uma partida, moviam as fantasias desenvolvidas nas disputas inocentes, dos amores juvenis, das competições entre

amigos. Aí se desenvolvia a criatividade, a participação, a socialização e o aprendizado “natural” das técnicas. As peladas jogadas nas ruas e nos campos de várzea se notabilizaram por serem grandes celeiros da maioria dos nossos craques. São inúmeros os relatos que apontam essas verdadeiras “escolas” de formação de atletas de futebol.

É importante contextualizar a gênese e o desenvolvimento inicial desse processo de formação do jogador de futebol que encantava as mentes juvenis. Alguns desses sonhadores eram formalmente inseridos em um programa sistematizado de detecção de talentos dos clubes, que desenvolviam o processo de recrutamento e de formação das diferentes categorias. Muitos dos adolescentes então se inscreviam nas chamadas “peneiras”, ou seja, nos mecanismos de seleção utilizados pelos clubes e que constava de simples demonstração das habilidades pelos aspirantes a atleta em jogo organizado e assistido por “olheiros” – em geral veteranos ou ex-atletas – que, atentos, escolhiam, por critérios nem sempre revelados, os afortunados que ingressavam nas “categorias de base”. Esse procedimento seletivo é um dos mais antigos, porém, ainda bastante empregado pelos clubes. A função do “olheiro”, que também pode ser um treinador, é de “garimpar”, no meio da ganga bruta, os diamantes, os jovens talentosos. “Ganga bruta” porque a quantidade de candidatos quase sempre é muito numerosa, provocando um tempo demasiadamente reduzido para que cada aspirante consiga efetivamente demonstrar suas habilidades e atrair e sensibilizar a atenção dos avaliadores.

De acordo com Moraes e Medeiros Filho (2006), as “peneiras” abarcam uma quantidade significativa de pretendentes às categorias de base dos clubes de futebol. Ressaltam também que, mesmo aprovados neste processo, muitos continuam sendo submetidos a constantes avaliações dentro do elenco de cada categoria e a cada processo de promoção de uma categoria a outra. Ainda que sejam de caráter amador, são essas categorias que qualificam os jogadores para galgarem ao último estágio, a categoria profissional. Percebe-se que as chances de se chegar ao futebol profissional são diminutas, na medida em que ocorre um verdadeiro “afunilamento” a cada obstáculo, a cada limite de categoria, até a profissionalização. O processo de ascensão às diversas categorias pode ocasionar desajustamentos emocionais e psicológicos, uma vez que a competição é muito acirrada e as reprovações são muito mais numerosas do que as aprovações, esboroando-se projetos de carreira e até mesmo de vida. É que o fracasso, dada a natureza dos processos seletivos, em geral é debitado na conta do próprio “fracassado”.

Atualmente, o processo seletivo de atletas mais comum no mundo do futebol é a indicação de um diretor, de um empresário, ou até mesmo de pessoas que exercem algum poder no clube, facilitando o acesso dos pretendentes ao treinamento com o elenco dos jogadores já filiados a ele. Portanto, hoje, o tráfico de influência e as manipulações estão mais presentes na trajetória dos processos de recrutamento de atletas, causando, em muitos casos, o desencanto de boa parte da juventude com a carreira futebolística, na proporção da descoberta do engodo de que a formação profissional seja o único canal de ingresso e sucesso na carreira.

Nos bastidores do futebol onde as cenas são articuladas, muitas vezes invisíveis e inimagináveis à grande maioria da população de torcedores e sonhadores, os personagens, representados pelos empresários, dirigentes e oportunistas em geral, enredam as falcatriuas e artimanhas de acordo com seus interesses próprios, determinando consideravelmente o futuro de muitos dos candidatos.

Vale lembrar que outros fatores também podem definir o desinteresse do candidato em prosseguir na busca da realização de seu sonho de futuro atleta: dentre outros, a falta de estrutura mínima de muitos clubes, de recursos materiais, institucionais, financeiros e humanos; em outros casos, o desinteresse de familiares ou de pessoas próximas, isto é, a falta de incentivo – não apenas financeiro, mas também psicológico – também pode esvaziar o entusiasmo de aspirantes à carreira futebolística. Este outro lado, oposto ao universo do sucesso no segmento esportivo e que é pouco difundido, apresenta-se com bastante frequência nas histórias daqueles e daquelas que buscam o futebol.

A paixão dos brasileiros pelo futebol construiu-se historicamente ao longo de mais de um século e se fortaleceu com as conquistas brasileiras no setor, que acabaram por construir o prestígio internacional do futebol nacional, proporcionando a muitos que consideram o país como carente de heróis uma espécie de consolidação de pertencimento ao povo brasileiro. É verdade que infeliz é a sociedade que precisa de heróis; mas, também infeliz é aquela que não tem referências de comportamento e de sucesso.

A juventude brasileira que se familiariza com o ambiente do futebol, desde cedo considera que os jogadores de sucesso são verdadeiros heróis e referências de carreiras profissionais, alimentando, por isso, desejos e esperanças referenciados naqueles jogadores profissionais eleitos como seus inspiradores. Se antes, o simples gosto de jogar fora a principal motivação, atualmente os aspirantes são estimulados pela

possibilidade do sucesso, da projeção social e da realização financeira, para si próprio e para os familiares. Todavia, a realização deste projeto é condição de poucos eleitos (DRUBSCKY, 2003).

A primeira hipótese deste trabalho constrói-se na afirmação de que o processo de recrutamento dos aspirantes a jogador de futebol que se profissionalizam passa por caminhos que excluem as escolinhas comerciais e, dessa maneira, o desencanto provocado no universo dos alunos dessas organizações é muito forte e significativo. É nas escolinhas que moram os sonhos infantis e juvenis do futebol profissional; é nelas que se darão algumas das maiores decepções, um profundo desencantamento de aspirantes a atleta e de famílias inteiras, desgastadas até financeiramente pelo investimento feito em vão.

Já a segunda hipótese deste estudo partiu da premissa de que a formação dos jovens atletas de futebol acontece nos clubes, em situações que se caracterizam, em geral, pelas relações de opressão, isto é, ao contrário do sonho alimentado nas “escolinhas de futebol”, não é daí que sairão os futuros profissionais, porque o ingresso e a ascensão na carreira não dependem tampouco da formação profissional, na qual se leva em consideração apenas o talento e o esforço individuais. Mesmo participando de treinamentos sistematizados nos clubes, com o desenvolvimento das habilidades específicas do jogo, não há garantia da concretização do projeto almejado pelo aspirante, pois uma série de outros fatores espúrios ao esporte passou a interferir no processo de seleção, permanência e sucesso.

O objeto desta pesquisa foram as relações que se estabelecem no processo de seleção e formação dos jovens candidatos a atletas de futebol, verificando as problemáticas subjacentes às formas de interrupção do projeto de carreira futebolística e, por consequência, o desencanto de muitos excluídos com esse esporte.

É claro que não se pode desconsiderar que um dos principais critérios de seleção dos candidatos à carreira futebolística é a capacidade de “ler” e compreender o jogo de futebol, aliando-se a ela competências táticas, técnicas, físicas e emocionais. Nessa direção, por mais espúrios que sejam os critérios de seleção para ingresso, permanência e sucesso na carreira de atleta de futebol, é necessário o mínimo “jeito para a coisa”, o que quer dizer talento e dotes físicos e emocionais que serão desenvolvidos pelas

técnicas e táticas aplicadas a esse esporte. Em suma, nenhum “perna-de-pau” conseguiria firmar-se na carreira, salvo alguns casos extremos de “enganação”⁴.

Neste estudo, foram elaboradas algumas hipóteses secundárias que poderiam determinar a desistência e, conseqüentemente, o desencanto dos pretendentes à carreira de jogador de futebol profissional, são elas: apadrinhamento, oportunismo, poder e desencantamento

Por “apadrinhamento” devem ser entendidas todas as formas de ação de atores que intermediam, na verdade manipulam, trajetórias de aspirantes à carreira futebolística profissional, com vistas à consecução dos próprios interesses, na maioria das vezes financeiros, sem a menor sensibilidade para com carreiras interrompidas de candidatos mais promissores esportivamente falando, mas que não renderiam os dividendos esperados de seus protegidos.

Esta hipótese é uma variante da anterior e poderia até mesmo ser nela incluída, se não fosse a especificidade do que se vai demonstrar. De fato, ela diz respeito à manipulação da carreira de jovens atletas com vistas a ganhar dinheiro. Os agentes que atuam nos bastidores do futebol, mencionados na hipótese anterior, em geral trabalham, também, com o engodo das “boas oportunidades” de ingresso na carreira ou de permanência nela, acenando com negócios milionários com clubes que pagam bem, no Brasil e no exterior. No final, abocanham incríveis somas, a título de “luvas”, e abandonam o atleta à própria sorte em situações que, na maioria das vezes, constituem verdadeiros engodos.

Nos clubes de futebol há hierarquias muito rígidas, geralmente estabelecidas em função do poder financeiro. Como já afirmado, este poder se manifesta por meio de relações de opressão sobre o atleta, que é obrigado a se submeter, muitas vezes, a critérios não muito desportivos para ascender na carreira. E por mais que ele lute pela autenticidade, pela ética e pela honestidade, é obrigado a aceitar situações nas quais o sentimento de oprimido o leva frequentemente a sentir-se culpado e fatalisticamente submisso, na medida em que não enxerga mais saída para a redenção do futebol como esporte nacional.

A última hipótese do projeto de pesquisa desta tese se refere ao desencantamento em que cai a maioria dos jovens aspirantes à carreira de jogador profissional de futebol ,

⁴ Há pouco tempo, um programa de televisão mostrou como um jogador oportunista, de nome Carlos Henrique Raposo, apelidado de “Kaiser” conseguiu passar anos em grandes times, sem precisar jogar, apenas usando de expedientes que o faziam ser escalado e, na hora do jogo, ser substituído.

embalados pelo sonho do “esporte das multidões”. Cedo se desencantam, na proporção das descobertas da exploração de que são alvo por parte das articulações de bastidores realizadas pelos que detêm o poder e o controle das decisões no setor. Percebem as relações de opressão que se estabelecem na formação daqueles que se encontram nas categorias ainda amadoras dos clubes, de que também foram vítimas e que não as percebiam quando estavam nessas categorias. Esta hipótese poderia ser esquematizada na fórmula “encantamento x opressão = desencantamento”.

Como prática social, o futebol mobiliza milhões de pessoas e, por isso, deve ter suas finalidades fundantes (prática desportiva, lazer, instrumento de educação e confraternização etc.) recuperadas.

Ser atleta profissional de futebol pode constituir uma forma individual de ascensão social, mas também é, uma forma coletiva de construção de identidades. O futebol é um esporte coletivo e o sucesso nas partidas só pode ser alcançado pelo entrosamento dos jogadores. A genialidade dos craques, sozinha, não ganha jogos; brilha quando bem apoiada pelo espírito de equipe e somente desequilibra o certame quando conta com o concurso da equipe toda. O “estrelismo” não é bem sucedido na maioria das vezes, quando explicitamente assumido pelas estrelas do futebol.

O sonho de criança pode tornar-se realidade encantadora quando inserido nesse contexto coletivo, podendo converter-se, fora daí, em fantasia e, finalmente, tornar-se um pesadelo, uma desesperança precocemente juvenil.

O futebol é um fenômeno social que desperta expectativas de realização profissional e financeira, bem como de ascensão e prestígio social. Contudo, por sua força atrativa no seio da juventude, deve também ser examinado, na sua relação com a educação. Boa parte das famílias, especialmente as proletárias, quando percebem algum “talento em casa”, alguma vocação para o esporte inventado na Inglaterra, faz grandes esforços e investimentos no “craque”, matriculando-o nas famosas “escolinhas” que se multiplicaram por todo o país, transformando-se em excelente negócio, especialmente as que se tornaram *franchises* de organizações criadas por jogadores de sucesso, ou de grandes clubes de futebol.

O universo da pesquisa circunscreveu-se à cidade de São Paulo porque é neste município que se concentra, certamente, a maior densidade das chamadas “escolinhas de futebol” – carregando ou não a logomarca de algum clube famoso, bem como de “internatos” dos clubes de futebol profissional.

As “escolinhas de futebol” têm suas finalidades relacionadas ao lazer, à saúde etc. Porém, acenam-se como um possível caminho de acesso aos grandes clubes, isto é, atraem candidatos por meio de uma intencionalidade implícita, no mínimo dúbia, de potencialização para porta de entrada as equipes reconhecidamente de expressão nacional e à carreira profissional de sucesso. Assim, cresce a expectativa dos jovens matriculados nessas instituições e de suas respectivas famílias diante da possibilidade de terem a chance de, algum dia, serem profissionais e brilharem nas canchas do mundo, defendendo a camisa de um grande clube.

Os “internatos”, verdadeiras “escolas clubísticas”, forma os jogadores para depois vendê-los. Por isso, apresentam-se com uma natureza altamente competitiva e seletiva, buscando a formação de “atletas de elite”. Nelas, os menos habilidosos têm pouca ou nenhuma oportunidade.

Para a pesquisa nas escolas de futebol comerciais, tanto aquelas que têm franquias com os principais clubes de futebol da cidade de São Paulo, ou algum tipo de vínculo com o nome de um atleta ou ex-atleta de renome, foi feita uma investigação de campo, do tipo inquérito, na qual foram ouvidos os diversos protagonistas dessas instituições com vistas a verificar a existência de indícios, de esquemas ilusórios que alimentam a alienação de crianças, pais, responsáveis e terceiros. Os instrumentos de coleta de opinião aí aplicados verificaram ainda os olhares dos proprietários desse tipo de escola.

As “escolinhas de futebol” se constituíram como “entidades privadas que passam a ensinar jovens a prática do futebol, mediante contraprestação econômica, devidamente alinhada às pretensões mercadológicas do futebol-empresa lucro” (PIMENTA, 2000, p. 75). Essas organizações comercializam seus serviços, ou seja, cobram pelos serviços prestados; com a contribuição dos alunos, pagam a mão-de-obra que desenvolve as atividades com os atletas mirins, o material utilizado e as despesas de manutenção das instalações e equipamentos esportivos.

Esse tipo de escola não tem caráter elitista no sentido de fazer a distinção entre os mais e os menos habilidosos; desenvolve atividades recreativas, proporciona o desenvolvimento de capacidades físicas, além de atividades lúdicas. Em geral, têm como preocupação formar o indivíduo que ingressará na sociedade, isto é, desenvolvem o processo de socialização, além de ensinar os fundamentos básicos do futebol e suas regras. Atingem a todas as classes sociais: seus clientes são as crianças em geral; podem

ser implantadas em condomínios, em clubes, em campos de futebol e em instituições particulares; visam à lucratividade (VENLIOLES, 2001).

Outras organizações que desenvolvem atividades de formação futebolística e que não integram o objeto deste trabalho são as que se inserem em projetos sociais, atendendo ao proletariado e buscando tirar as crianças das ruas, educando-as por meio do esporte. Preocupam-se com a formação e educação da pessoa, desenvolvem atividades recreativas, iniciação esportiva e processos de socialização e não têm fins lucrativos (*id. ib.*). Na cidade de São Paulo, esse tipo de “escolinha de futebol” é administrado pelos poderes públicos (municipal e estadual), por organizações não-governamentais (ONGs) e por entidades filantrópicas.

Em suma, os principais objetivos das “escolinhas de futebol”, sejam elas comerciais, sejam sociais, são formativos, isto é, diferem-se dos das instituições que se propõem a formar sistematicamente o atleta profissional que, em geral, não passa pelas primeiras, mas por outros caminhos da seletividade. No entanto, todas elas apresentam como agenda implícita a possibilidade de acesso aos clubes de futebol profissional.

Nas escolas comerciais, como se viu, há o pagamento de mensalidades por parte dos responsáveis pelos alunos. Muitas delas estabelecem vínculos com clubes de renome, por meio de franquias, ou vinculam-se à imagem de jogadores e ex-jogadores de futebol que tem ou que tiveram suas carreiras com significativa expressão, provocando, sutilmente assim, expectativas profissionalizantes nos matriculados. Nas escolas de cunho social, a preocupação é com a inserção das crianças e dos jovens em práticas esportivas, como alternativa a um tipo de vida que conduz à marginalização, pelo uso de drogas, por exemplo, e que é muito frequente, ao lado de outros problemas sociais.

Ambos os tipos de escola promovem a prática futebolística. Nelas, as atividades são desenvolvidas por meio de aulas ministradas por profissionais, em geral de educação física, em que se respeitam ou se toleram as diferentes aptidões exigidas de um atleta que queira participar do esporte de alto rendimento. Nesses estabelecimentos o compromisso principal não é com a formação de jogadores que municiem os clubes profissionais de futebol. Talvez por isso, ao invés de treinos sistemáticos, sejam ministradas “aulas” de futebol. Em outras palavras, as atividades aí desenvolvidas têm um caráter mais relacionado com o lazer do que com a formação voltada para a carreira de um candidato a atleta de futebol profissional. No entanto, não se pode esquecer da “agenda implícita” mencionada.

É prática de algumas escolas comerciais de futebol, principalmente daquelas que mantêm contrato de franquia com os principais clubes de futebol, a promessa aos pais, responsáveis e alunos de que daí serão recrutados alguns deles que estejam na faixa etária de 10 a 15 anos e que demonstrarem um bom desempenho nas aulas; que eles serão submetidos a um período de avaliações com outros candidatos da mesma franquia, porém, de outras localidades, em um centro de treinamento alternativo. Aqueles que alcançarem destaque nesse processo formarão uma equipe que ficará treinando nesse local por um período indeterminado, até que se façam jogos com o elenco das equipes das categorias de base do clube cedente da franquia.

Em razão de essas situações vivenciadas pelos alunos dessas escolas comerciais apontarem para uma realidade pouco animadora, no sentido de aproximá-los verdadeiramente do plantel de jogadores federados a clubes, é que se entendeu como necessário investigar uma escola comercial que tem franquia de um dos mais importantes clubes de futebol de São Paulo. Era preciso verificar se se trata de um engodo ou de uma ilusão de todos os envolvidos. Nesta investigação, buscaram-se as relações que se fecundam no imaginário daqueles que sonham com a realização da carreira de atleta profissional no futebol. Desenvolveu-se, por isso, uma pesquisa de tendências de opinião, ou seja, aplicou-se um instrumento de coleta de opinião, melhor dito, de coleta de representações dos diversos sujeitos que atuam na “escolinha de futebol” escolhida. O foco foi identificar, levantar e interpretar tendências de opinião sobre as expectativas do aluno em ter uma oportunidade de ingresso em um grande clube, graças ao vínculo (franquia) de sua “escolinha” com ele. Buscou-se verificar, ainda, tanto a perspectiva dos pais ou responsáveis, como também os interesses dos proprietários da referida escola.

A coleta de opinião dos alunos da escola, dos pais ou responsáveis e dos proprietários foi feita com base na Escala de Likert. Cada quesito dos instrumentos preparados buscava verificar uma das dimensões que se tinha como hipótese sobre a opinião desses protagonistas. Os instrumentos também continham, evidentemente, quesitos de controle, necessários nesse tipo de levantamento. Após a coleta das opiniões, verificou-se o grau de consistência de cada quesito, de acordo com metodologia de cálculo proposta por Likert.

Uma das principais preocupações da análise foi verificar se as expectativas dos alunos e dos pais coincidem com as pretensões dos proprietários das “escolinhas de futebol” (v. Capítulo III desta tese).

Um instrumento de coleta de opinião contém 10 quesitos, cada um dos quais composto de afirmações bem definidas e objetivas que buscavam exprimir o que se procurava nas hipóteses previstas no projeto de tese ou que controlavam quesitos ameaçados de respostas apressadas. Buscou-se construir afirmações fechadas, escritas em linguagem acessível, de acordo com o nível de entendimento dos sujeitos. A opinião de cada entrevistado foi classificada em uma escala de cinco alternativas do tipo Likert, seguindo a seguinte ordem de respostas e pontos: 1. concordo totalmente; 2. concordo parcialmente ; 3. não tenho opinião formada; 4. discordo parcialmente; e 5. discordo totalmente. Esta numeração corresponde aos pesos de cada quesito, para efeito de tabulação e cálculo do grau de consistência (v. modelos no Anexo I).

O objetivo do teste é medir o grau de consistência de cada item do instrumento. Em outras palavras, um quesito consistente revela uma proposição ou ponto de vista tão controverso que comporta uma alta possibilidade de variação de respostas. Em contrapartida, um item de baixa consistência revela uma proposição pouco controversa, podendo expressar praticamente o óbvio.

A fórmula para o cálculo do grau de consistência é:

$$c = d/n$$

Onde:

$$d = ma - me$$

ma = somatório maior;

me = somatório menor;

d = diferença entre os dois somatórios;

n = n.º de casos de cada subgrupo;

c: grau de consistência.

Do universo global da “escolinha” escolhida para a pesquisa (150 alunos) foi retirada a amostra de (50) com idades na faixa etária de 10 a 12 anos; (20) pais destes mesmos alunos e (4) proprietários de “escolinhas de futebol” – (2) da escola alvo e (2) de escolas vizinhas – participaram do inquérito.

Além do inquérito, também foram feitas entrevistas com alguns atletas pertencentes, ou que pertenceram, aos clubes profissionais de futebol de maior expressão no cenário desta modalidade no Estado de São Paulo.

Nas entrevistas foram investigados, analisados e interpretados os processos instituídos para a seleção de candidatos ao futebol profissional; foram examinados eventuais acordos que porventura facilitaram ou não o ingresso dos pretendentes às categorias de base dos clubes selecionados para a pesquisa; foi estudado o processo de formação e as relações que se constituem nesse contexto, assim como as ocorrências que, de maneira direta, acabam impactando o projeto de vida dos principais sujeitos da pesquisa.

Esta análise foi feita nos eixos das categorias freirianas “opressão” e “conscientização”, que se conectam profundamente na visão de Paulo Freire. Segundo Pedro Demo é na relação opressor/oprimido que se encontra o “horizonte incomensurável de oportunidades para os oprimidos, já que, se o oprimido não se confronta com o opressor, acaba solidário com a opressão” (2004, p. 120).

Vale ressaltar que:

A construção de categorias não é tarefa fácil. Elas brotam, num primeiro momento, do arcabouço teórico em que se apoia a pesquisa. Esse conjunto inicial de categorias, no entanto, vai se modificando ao longo do estudo, num processo dinâmico de confronto constante entre teoria e empiria, o que origina novas concepções e, conseqüentemente, novos focos de interesse. (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 42).

Foi o que aconteceu nesta tese. À medida que os dados eram coletados, tabulados, analisados e interpretados, iam surgindo subcategorias que não poderiam ser desconsideradas, mas que cabiam no arcabouço teórico inicial.

Esta tese está dividida em quatro capítulos.

O primeiro foi construído a partir de pesquisa bibliográfica a respeito do futebol. Nela se evidenciaram os diversos ângulos sobre os quais o futebol é tratado, dentre os eles se destacam: o das ciências sociais, o da saúde, o do puramente técnico e os aspectos táticos, que visam a melhoria da performance dos atletas.

O segundo capítulo trata da história do profissionalismo do futebol no Brasil. A reconstituição histórica da trajetória deste esporte no Brasil, mesmo que passe a impressão de uma repetição desnecessária, ela foi importante como cenário mais amplo do estudo sobre as expectativas da juventude em relação à possibilidade de profissionalização nessa modalidade esportiva.

No terceiro capítulo estão os dados da pesquisa empírica mais quantitativa, na qual se mediram, principalmente por meio da Escala de Likert, as tendências de opinião

que se referem às expectativas em torno do projeto, ainda em um estágio prematuro de encaminhamento dos infantes a um clube.

O quarto capítulo examinou as relações que se estabelecem no processo de seleção e formação do atleta de futebol nos clubes, procurando identificar as situações que assinalam as relações (de opressão) entre os agentes detentores dos processos de decisão e aqueles que se encontram no outro polo, ou seja, os sujeitos que acatam as decisões dadas. Nele se pode constatar ainda as situações que alimentam o desejo dos jovens candidatos e as que os alienam de tal forma que as manipulações e artimanhas desenvolvidas se lhes tornam de difícil percepção, tornando-os presas fáceis de engodos, que os deixam prisioneiros de uma ilusão. Para esse propósito investigou-se a trajetória de alguns atletas pertencentes, ou que pertenceram à categoria de juniores, de profissionais, bem como ex-atletas profissionais que têm e que tiveram em suas carreiras a experiência de formação nas categorias de base de clubes profissionais de futebol. Tal condição foi averiguada por meio de entrevista individual com os sujeitos selecionados para a pesquisa, a saber: atletas e ex-atletas profissionais de futebol que atuaram, da década de 90 do século passado até os dias atuais, nos clubes da cidade de São Paulo, nas seguintes categorias:

- a) juniores;
- b) profissionais e ex-profissionais de sucesso;
- c) profissionais e ex-profissionais desencantados.

Nas considerações finais, discutiram-se os canais de ascensão e os critérios de discriminação na carreira futebolística. O futebol tem funcionado como um instrumento da ascensão social, mas também como mecanismo excludente nas sociedades capitalistas, e, por isso, para ser compreendido como fenômeno social total, precisa ser enfocado sob este duplo ângulo. Aliás, nas sociedades hierarquizadas e que tendem estruturalmente à desigualdade, como é o caso das sociedades capitalistas, todo canal de ascensão social acaba tendo critérios de discriminação social que atuam no sentido de eliminar as possibilidades de universalização de seus resultados. Em outras palavras, se uma sociedade é estruturalmente composta por classes, econômica e socialmente falando, que para serem aceitas pelo proletariado, precisam abrir canais de ascensão social, iludindo-se com a possibilidade de ascensão de qualquer um. No entanto, como não há lugar para todos no topo da sociedade, ela cria, automaticamente, critérios de discriminação social que impedem a ascensão de todos. Além disso, debitam o fracasso na conta do próprio fracassado. Em suma, não há como compreender qualquer

fenômeno dentro do universo futebolístico, sem perceber suas relações mais amplas nos processos sociais e nos contextos específicos.

Com esses acenos, a sociedade capitalista transformou a formação do atleta, devido à generalizada utopia infanto-juvenil e sua ilusória perspectiva de sucesso universalmente socializado, em um negócio altamente lucrativo. Vinculado ao “mercado esportivo”, o futebol passou a ser dominado pelo capital e, conseqüentemente, à mídia a ele também vinculada e encarregada de alimentar os mitos que, embora evidenciem sucessos individuais e isolados, acabam por nutrir as ilusões da grande massa excluída. Ilusões porque os interesses das classes dominantes lançam mão de poderosos meios midiáticos que mascaram uma realidade obscura e excludente desse esporte, apresentando-o como o Eldorado para os filhos do proletariado da população.

Para o autor desta tese, a abordagem metodológica crítico-dialética foi aquela que se apresentou como a mais adequada para as questões a serem investigadas. Segundo Pedro Demo, no que tange às ciências sociais, esta abordagem é a mais correta, pois, "sem deixar de ser lógica, demonstra sensibilidade pela face social dos problemas" (1981, p. 21-22).

Gamboa complementa:

A produção científica é uma construção que serve de mediação entre o homem e a natureza, uma forma desenvolvida da relação ativa entre o sujeito e objeto, no qual o homem que, como sujeito, veicula a teoria e a prática, o pensar e agir, no processo cognitivo-transformador da natureza. (...) nas pesquisas dialéticas, o homem é tido como ser social e histórico; embora determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, é o criador da realidade social e transformador desses contextos (2002, p. 101-103).

Optou-se pela abordagem crítico-dialética uma vez que ela privilegia vivências, processos históricos e análises contextualizadas. Entendeu-se que ela se ajustava mais ao objeto de estudo, já que as categorias específicas de análise, escolhidas no interior da obra de Paulo Freire, também tinham como escopo a criticidade das interações sócio-educacionais. Mais especificamente ainda, o objeto se concretiza nas relações e interações que se dão nos meandros do futebol e que são reveladoras de intensos conflitos de interesses, que por sua vez desvelam manipulações por parte daqueles que detêm o poder nesse universo.

Como vimos, a proposta central deste estudo foi a de investigar as relações de opressão que ocorrem na seleção e na formação de atletas de futebol, com base no enfoque de duas categorias desenvolvidas por Paulo Freire e consideradas fundamentais

em sua concepção das mediações pedagógicas: opressão e conscientização. Portanto, seu foco principal foi demonstrar como, apesar da dominação concreta e da alienação ideológica levadas a efeito pelos opressores sobre os oprimidos, estes últimos ainda conseguem desenvolver uma consciência crítica sobre o universo no qual, em geral, são protagonistas vítimas.

A utilização de uma determinada perspectiva teórica sobre um objeto de estudo estabelece-se como uma lâmina para olhar, analisar, explicar e intervir neste objeto, ou seja, procura interpretar, de modo singular e com rigor científico, os dados obtidos na pesquisa, qualificando o sujeito para intervenções mais adequadas e oportunas no futuro. Por isso, nenhuma pesquisa é uma análise neutra, despolitizada.

Ora, como para Paulo Freire a dimensão política precede e fundamenta qualquer outra dimensão presente nas relações humanas, as questões sócio-políticas perpassarão toda a análise.

Esta tese se concentra nos processos, não em estruturas; foca o "fazendo", não o feito e, portanto, enquadra-se na Razão Dialética ou Temporal como matriz metodológica mais viável, que "é a racionalidade que se desenvolve no tempo; a ciência [...] encarada como processo" (ROMÃO, 2005, p. 28-29).

Ao mesmo tempo, a abordagem crítico-dialética apoia-se em uma concepção dinâmica da realidade e nas relações dialéticas entre sujeito e objeto. Outra característica dessa racionalidade é a dimensão materialista, no sentido de que as pessoas não vivem conforme aquilo que pensam, mas pensam conforme aquilo que tem, ou seja, pensam de acordo com as condições materiais e concretas de sua existência. É claro que, retomando a primeira dimensão (dialética) e a ela adicionando o caráter dialógico freiriano, as relações entre fenômeno e pensamento não são determinações mecânicas, mas interações ativas, nas quais cada polo tem seu protagonismo específico.

Assim, o sujeito não determina o objeto nem o objeto determina o sujeito (velho dilema do pensamento ocidental que, ora elimina um, ora outro), mas ambos interagem, influenciando-se mutuamente. Nem as condições materiais de existência determinam o pensamento, mas com ele age dialeticamente, sendo por ele também condicionadas e vice-versa.

Quando o homem toma noção de seu existir pleno no mundo, assumindo a condição de ser o autor de sua própria história e de participar da construção da história dos outros que vivem uma mesma existência, o mundo deixa de ser apenas um mundo qualquer, limitado, circundado, territorialmente cercado, e passa a ser um mundo

intencionalmente compreendido, regado de percepções, de sentidos, possível de ser pensado. Portanto, este pensamento não mais simplório, ou ingênuo, como dizia Paulo Freire, descontextualizado, mas um pensamento tramado, conectado, articulado em uma rede consubstancialmente alimentada de experiências que se juntam para a compreensão de um viver vivendo, transformando um comportamento antes objeto, passivo e reprodutor em comportamento humano, em sujeito ativo, diretor de sua própria existência, senhor de suas ações, em outras palavras, conscientizado sobre sua história no mundo.

Para Paulo Freire:

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isso o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo (1983, p.30).

Conscientizar-se é um convite a ir além dos horizontes apresentados, é um ato de provocação ao *status quo*, da superação de um estado determinado em busca do que constitui a consciência de estar no mundo, consciência configurada como totalizadora, sendo humana, portanto contrária ao aprisionamento, ao confinamento, às algemas da alienação, à atrofia de ser um ser inerte no mundo. Entender, repensar, refletir e se redescobrir no mundo é tomar consciência de sua real existência, por meio não só de sua conscientização, mas também pela conscientização dos outros, ou melhor, da comunicação com a consciência dos outros, com as consciências daqueles que se apresentam corajosos para declarar suas leituras de mundo, leituras de libertação.

Paulo Freire lembra que:

Muitos têm sido os pensares em torno deste ou daquele desafio que me instiga, desta ou daquela dúvida que me inquieta, mas também me devolve à incerteza, único lugar de onde é possível trabalhar de novo necessárias certezas provisórias. Não é que nos seja impossível estar certos de alguma coisa: impossível é estar absolutamente certos, como se a certeza de hoje fosse necessariamente a de ontem e continue a ser a de amanhã. Sendo metódica, a certeza da incerteza não nega a solidez da possibilidade cognitiva. A certeza fundamental: a de que posso saber. Sei que sei. Assim como sei que não sei o que me faz saber: primeiro, que posso saber melhor o que já sei; segundo, que posso saber o que ainda não sei; terceiro, que posso produzir conhecimento ainda não existente (1995, p.18).

Esta tese não se refere a um estudo sobre o jogador de futebol pensado individualmente, mas sobre o conjunto de jogadores de futebol que, no processo de seleção, formação e, posteriormente, inseridos nas categorias do clube, vivenciam relações de poder que, na maioria das vezes, são relações de opressão.

Por se tratar de um estudo sobre relações de opressão, acabou por se tornar – o que não é comum em trabalhos desta natureza – um instrumento de intervenção, como acontece com qualquer trabalho revelador de injustiças, pois acabam por se tornar denúncias de situações pouco conhecidas do grande público. Neste sentido, sua dimensão política se torna mais evidente, reforçando seu caráter freiriano. Para Freire (*apud* ROMÃO, 2000, *passim*), a legitimidade gnosiológica só pode ser obtida quando resulta de leituras do mundo, de reflexões sobre práticas concretas; a legitimidade política só é alcançada quando se torna instrumento de qualificação de novas intervenções na realidade. Por isso, ressalte-se que não basta apenas a tomada de consciência de classe; é preciso um engajamento, um esforço, uma luta organizada para uma construção de um futuro diferente, novo. Logo, é fundamental entender que:

A tomada de consciência não é ainda conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1979, p. 15).

Esta luta organizada deve colidir com o processo de alienação, que quer convencer as pessoas de que o “futuro, que ainda não está dado, [é] como se fosse destino, como se devesse ser recebido pelos homens e não criado por eles” (FREIRE, 1987, p. 27). É como se os homens não pudessem ser os atores da sua própria existência, que não tivessem como intervir em sua história, mas que fossem domesticados e levados a aceitar tudo o que lhes é imposto como se fosse normal, estabelecido, e que cumprissem as ordens sem questionamentos, pois o sistema funciona sempre no mesmo ciclo, no mesmo círculo vicioso, na mesma “re-evolução”, no sentido platônico da palavra.

“Domesticado” significa dizer aquele que pensa com a cabeça do opressor, aceitando tudo que lhe é destinado, cedendo ao furto de sua capacidade crítica. “Conscientizar-se” significa, portanto, recuperar a capacidade de auto-humanização processual, que busca incessantemente *ser mais*, que almeja desenvolver-se no sentido

de se superar, de transcender-se, mesmo sabendo de sua situação permanente de incompletude, inconclusão e inacabamento.

Segundo Romão (2003), inconclusão, incompletude e inacabamento são características de todos os seres que conhecemos. E estes termos, para ele, não são sinônimos, mas cada um deles refere-se a uma particularidade do ser. Ainda que extensivas a todos os seres do Universo, estas características adquirem nos seres humanos uma particularidade: de “aparato” se transformam em tensão, pois ao desenvolver a consciência sobre esses “limites”, busca superá-los, deixando de ser uma estrutura e passando a ser uma permanente tensão (processo) entre ser e ser mais.

A incompletude, ainda segundo Romão (*ib.*) leva o ser humano a buscar, para se realizar completamente, o outro ou a outra, não como um objeto para seu domínio, para sua posse, mas como sujeito ativo com o qual fará interações no sentido de realizar sua completude. Logo, a completude só será possível na dimensão coletiva, na qual o individualismo é superado, sendo respeitadas as identidades dos outros para que a interação seja entre sujeitos e, não, entre sujeito e objeto, entre opressor e oprimido.

A inconclusão, por sua vez, reflete a ideia de processo, isto é, remete à noção de algo que ainda não está concluído, que está em desenvolvimento, em transformação.

Por último, o inacabamento significaria imperfeição, ou seja, algo mal acabado, que ainda não está totalmente pronto, que não foi terminado.

Como todos os demais seres do universo, o ser humano é incompleto, inconcluso e inacabado. Todavia, ao mesmo tempo, difere deles pela possível consciência que pode ter dessas características, o que lhe gera uma insatisfação e, conseqüentemente, uma tensão permanente entre o que ele é e o que deseja ser. Em conclusão, o ser humano deixa de ser um ente e passa a ser um processo, deixa de ser um “ser” e passa a ser um “sendo”.

Já a desumanização se afirma no contrário, no processo de inconsciência sobre a incompletude, a inconclusão e o inacabamento; ela se afirma na instalação do ser humano em seu aparato, como ocorre com os demais seres (FREIRE, *passim*). Assim, “humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes [ou inconscientes] de sua inconclusão” (FREIRE, 1987, p. 30). [E Freire completa:]

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la,

não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos (*ib.*, p. 30 - 31).

Portanto, apenas os oprimidos podem reverter a situação instalada historicamente; somente os oprimidos, libertando-se, poderão libertar os opressores. Uma aparente contradição, especialmente porque, em geral, o oprimido instala o opressor dentro de si mesmo e, alienado, afasta-se da busca de conscientização e liberdade, afastando-se também do processo de humanização. Ao longo da história da humanidade, a maioria dos oprimidos quer mudar de posição com seus opressores, convencidos que estão pelos valores e pelas aspirações destes últimos. Assim que pode, passa a ser opressor, pois a sua maneira de pensar se condicionou a entender como normal o que lhe foi imposto e, assim, fará as mesmas imposições a seus semelhantes, àqueles de seu próprio grupo. Enquanto não reconhecer que esta instalação do opressor ocorreu em si mesmo, não será possível libertar-se, pois sua consciência crítica estará encoberta, impossibilitada de perceber que está fazendo valer os interesses de quem o oprime. O oprimido, investido de poder na situação de alienado, reproduz as estruturas opressoras. Por conta desta dualidade e dessa inautenticidade, torna-se muito difícil – às vezes impossível – a transformação social, a superação do processo desumanizador.

Mas, a liberdade envolve busca, luta organizada e comprometimento. Muitos temem esta libertação, talvez porque lhes possa parecer ser mais confortável aderir ao opressor e reproduzir as relações de opressão, negligenciando o esforço da tomada de consciência crítica, permanecendo no *status quo*. Ocorre o processo denominado por Paulo Freire (inspirado em Eric Fromm) de “medo à liberdade”. Este processo é uma grande ameaça à possibilidade da revolução porque o conformismo dos oprimidos acaba legitimando o discurso opressor no sentido de que as relações sociais e de poder devem ser perpetuadas, porque o destino está estabelecido e é natural, imutável.

Então, quando se torna possível o processo de conscientização, de superação da dominação e da opressão? Somente quando o oprimido não deseja mudar de posição com o opressor, mas mudar a situação de opressão. E isso ocorre somente quando o sistema entre em crise, pois é nas crises que as contradições do opressor se tornam mais explícitas.

Vale lembrar, aqui, as palavras do próprio Freire:

Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí, o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência “hospedeira” da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores (1987, p. 34).

No instante em que se inicia a luta pela mudança, uma parcela dos oprimidos ainda se assusta com as ações libertadoras e teme repressões e retaliações por parte dos que detêm o poder, pois não se sentem capazes de assegurar, por essa peleja, o novo mundo. Temerosos em assumir a insegurança da busca da liberdade, recolhem-se no casulo em que se encontram adaptados e conformam-se com o seu percurso de vida.

A liberdade envolve busca, luta organizada e comprometimento. Por outro lado, esperar a libertação do opressor é esquecer-se de que o opressor somente será liberto desta condição por meio da libertação do oprimido; o opressor não liberta e nem se liberta.

A falsa benevolência expressa em ações individualizadas, em doações e caridades se traduz em pura camuflagem; mantêm-se a opressão e o conformismo, perpetuam-se as relações de injustiça. Uma atitude verdadeira de solidariedade baseia-se na assunção da situação de quem foi alvo da solidariedade; de nada vale a atitude assistencialista, em geral esporádica e criadora de reconhecimento subserviente, de dependência e servidão. O assistencialismo prejudica o processo de conscientização e de transformação radical da realidade objetiva desumanizadora. Já dizia o cancionista popular: “Mas senhor, uma esmola a um homem que é são, ou lhe mata de vergonha, ou vicia o cidadão” (Luiz Gonzaga).

Paulo Freire alertou recorrentemente sobre esse processo de camuflagem da dominação:

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existência, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objetive, é uma farsa. [...] Dai, esta exigência radical, tanto para o opressor que se descobre opressor; quanto para os oprimidos que, reconhecendo-se contradição daquele, desvelam o mundo da opressão e percebem os mitos que o alimentam – a radical exigência da transformação da situação concreta que gera a opressão (1987, p. 36 - 37).

Na direção da transformação, da mudança radical do quadro da relação opressor-oprimido é fundamental a práxis autêntica, movida pela ação e reflexão sobre/do mundo. Na busca por sua redenção, os oprimidos, essencialmente, devem empenhar-se no exercício desta práxis, mas esta dinâmica necessita ser de classe, de ordem coletiva, atingindo a massa por meio da conscientização crítica e do anseio, busca e luta organizada dos que se encontram à margem do poder.

Este poder, posicionado na classe dos opressores, proíbe o homem de se libertar, de se “originalizar”, no sentido de ser o autor de sua própria história, de sonhar livremente, sem amarras que lhe possam limitar seu verdadeiro e autêntico potencial.

A liberdade almejada não se confunde com a conquista de uma classe sobrepujando a outra, pois senão haveria apenas a troca de lugar daquele que oprimia tornar-se oprimido e o oprimido tornar-se opressor. Em nada seria produtivo e humanizador este tipo de luta para superar os alicerces da opressão, pois continuaria a perpetuação da violência desumanizadora dos homens contra si próprios, no regime que proíbe sua libertação e alimenta a penosa condição do *ser menos*.

Nesta altura do trabalho, não é demais retornar diretamente ao próprio Paulo Freire:

Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal.

Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem.

Não podem perceber, na situação opressora em que estão, como usufrutuários, que, se ter é condição para ser, esta é uma condição necessária a todos os homens. Não podem perceber que, na busca egoísta do ter como classe que tem, se afogam na posse e já não são. Já não podem ser.

Por isto tudo é que a sua generosidade, como salientamos, é falsa.

Por isto tudo é que a humanização é uma “coisa” que possuem como direito exclusivo, como atributo herdado. A humanização é apenas sua. A dos outros, dos seus contrários, se apresenta como subversão. Humanizar é, naturalmente, segundo seu ponto de vista, subverter, e não ser mais. [...] Não poderia deixar de ser assim. Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E, quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado (1987, p. 46).

Ninguém melhor que os oprimidos “para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” (*id. ib.*, p. 30 - 31).

Para considerar o objeto deste estudo, ou seja, investigar as relações de opressão que se apresentam no contexto da seleção e formação dos atletas de futebol, esta

pesquisa foi caracterizada como do tipo qualitativa, uma vez que se preocupa em verificar situações particulares e complexas, com elementos da realidade que simplesmente não podem ser apenas quantificados (MINAYO, 1994; RICHARDSON, 1999).

Vale destacar que os dados quantitativos não devem ser descartados, já que não existem campos unicamente quantificáveis ou qualificáveis, tendo a possibilidade de haver entre ambos alguma complementaridade (CHIZZOTTI, 1995; MINAYO, 1994, RICHARDSON, 1999). As distinções entre as metodologias quantitativa e qualitativa devem ser aplicadas pelo pesquisador em benefício da pesquisa. Logo, combinar metodologias diferentes pode enriquecer e contribuir para a coleta e a análise dos dados levantados. Neste estudo, portanto, lançou-se mão de métodos quantitativos e qualitativos.

Diante do objeto de estudo, o pesquisador pode lançar mão de diferentes estratégias de pesquisa; porém, isso não significa que este ou aquele tipo de pesquisa tenha uma importância maior do que contexto sócio-cultural do estudo (GÜNTHER, 2006). A pesquisa quantitativa opera em níveis de realidade e tenta trazer à luz, indicativos, dados e tendências observáveis. Entretanto, a pesquisa qualitativa pode responder de maneira mais apropriada às questões que são propostas, assim como para interpretar as respostas dos entrevistados, pois esse tipo de pesquisa lida particularmente "com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações" (MINAYO, 1994, p. 21-22.).

Assim, nas pesquisas qualitativas, frequentemente o pesquisador procura entender os fenômenos de acordo com a expectativa dos sujeitos da situação pesquisada e, a partir daí, estabelece sua interpretação sobre os fenômenos estudados.

Este mesmo autor destaca ainda a descrição substantiva dos dados, considerando-os todos relevantes. Assim, por mais simples que sejam, todas as fontes podem apresentar dados fundamentais para uma melhor compreensão do problema. Segundo Chizzotti (1995, p. 82), a descrição esmiuçada e cautelosa é essencial "uma vez que deve captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes em seu contexto".

Conforme Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa abrange algumas características fundamentais, pois reconhece o ambiente natural como fonte de dados, o que, no caso deste estudo, produziu o contato direto com alunos das escolinhas, com

atletas e ex-atletas, de modo a relacionar os pressupostos teóricos da pesquisa com as descrições, críticas, defesas, aspirações e projeções reveladas nas entrevistas.

O pesquisador não é um simples relator passivo dos dados obtidos, tampouco os dados são elementos isolados: eles devem ser constantemente examinados pelo pesquisador, que deve buscar uma compreensão plena dos fenômenos e prosseguir no processo de construção do conhecimento.

É preciso ainda estar atento ao equilíbrio entre o processo e o produto, pois a tendência de se preocupar mais com o processo do que com o produto pode levar a um certo “metodologismo” que afasta o pesquisador da realidade; ou, do contrário, a exagerada preocupação com o produto pode conduzir o pesquisador a uma espécie de mera descrição “objetivista” do objeto.

Esta tese foi desenvolvida sob uma abordagem indutiva em relação à análise dos dados, sendo que a formação ou concretização das abstrações acontecem no decorrer do estudo, mediante um estreitamento gradual, a partir do qual as questões amplas vão se tornando mais diretas e específicas.

Segundo Thomas e Nelson (2002), a pesquisa qualitativa é composta por uma amostra pequena, com base no tratamento indutivo da hipótese, e a análise dos dados é realizada a partir da interpretação do pesquisador.

A fim de coletar informações necessárias para a pesquisa, foram realizadas entrevistas em profundidade com atletas da categoria de juniores, profissionais e ex-atletas de futebol profissional, de modo a traçar um panorama mais amplo sobre a trajetória de cada um deles, investigando, analisando e interpretando suas perspectivas iniciais a respeito de ingresso em um clube, sua visão primária sobre o cenário futebolístico, sobre o processo efetivo de seleção de candidatos, conquista de filiação a um clube, impressões sobre o ambiente do futebol enquanto jogador filiado, expectativas e planos de futuro. Mas o centro das questões foi focado no processo efetivo de formação de atleta, considerando as exigências, renúncias e lesões, bem como o relacionamento entre jogadores, com a comissão técnica, com a diretoria, com torcedores e com os demais personagens que povoam o cenário e os bastidores do futebol.

Para a realização concreta da pesquisa foram construídas amostras, seja para o inquérito, seja para as entrevistas em profundidade. Neste último caso, o universo da pesquisa foi composto por seis jogadores. Para cada sujeito da amostra experimental foi entrevistado um sujeito de controle. Assim, aplicaram-se entrevistas em profundidade

na amostragem configurada da seguinte forma: dois atletas que atuam ou atuaram nas categorias de base de clubes, mas que ainda não estão inseridos, ou não conseguiram ascender à categoria profissional; dois atletas profissionais em atividade e dois ex-atletas profissionais.

Os atletas que compõem a amostra foram retirados de outra amostra de clubes: do Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube e da Sociedade Esportiva Palmeiras. A opção por estes clubes se deu pela acessibilidade, pelo fato de representarem, não apenas no Estado de São Paulo, como no Brasil, uma expressão do futebol talvez mais profissionalizado do país, com significativas torcidas e, finalmente, por suas conquistas tanto no presente quanto no passado, sem falar na constante presença de ídolos em suas equipes. Não é demais acrescentar que, entre outras, algumas mais razões poderiam ser aditadas, como seu poder econômico e financeiro, seu *status* no universo do futebol brasileiro e mundial.

A esses informantes “privilegiados” foi aplicada a entrevista em profundidade, que acabou conduzindo-os a verdadeiras histórias orais de vida, que a análise de conteúdo permitiu abordar. A análise de conteúdo pode se caracterizar como quantitativa ou qualitativa. O que difere significativamente estas abordagens é que, na quantitativa, se delinea uma constância das características que ecoam no conteúdo do texto, ou seja, há sinais repetitivos que indicam expressamente a substância que se quer exprimir. Na abordagem qualitativa se pondera a apresentação ou a falta de uma determinada particularidade de conteúdo, ou uma gama de características num dado pedaço da mensagem (PUGLISE; FRANCO, 2005). A análise de conteúdo pretende superar o plano do subjetivismo e do senso comum da explicação e lograr uma análise crítica em relação ao entendimento de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação (MINAYO, 2000).

Essas considerações podem ser corroboradas pela afirmação de que a análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (LAURENCE, 1979, p. 44).

A maior parte dos autores estudados faz alusão à análise de conteúdo como sendo uma técnica de pesquisa que se relaciona com a palavra, admitindo, de maneira

objetiva e prática, a dedução do conteúdo da comunicação de um texto. Na análise de conteúdo o texto é um elemento de declaração do sujeito em que o analista procura a categorização das unidades de texto (palavras ou frases) que ecoam, que se repetem, inferindo uma expressão que as represente. Cabe ao pesquisador fazer o jogo entre hipóteses, técnicas e interpretação (BARDIN, 1979). Assim, a análise de conteúdo pode ser realizada por meio do método de dedução frequencial, ou análise por categorias temáticas. A análise feita por intermédio de categorias temáticas, usada neste estudo, busca encontrar:

uma série de significações que o codificador detecta por meio de indicadores que lhe estão ligados; [...] codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas, a partir das significações, [...] em função do julgamento do codificador [...] o que exige qualidades psicológicas complementares como a fineza, a sensibilidade, a flexibilidade, por parte do codificador para apreender o que importa (PÊCHEUX, 1993, p. 65).

O tipo de análise mais antiga e, na prática, a mais utilizada é a análise categorial. Ela se move por operações nas quais se desmembra o texto em unidades e/ou em categorias, de acordo com uma reorganização analógica. A análise categorial poderá ser temática, estabelecendo as categorias segundo os temas que surgem no texto. Para classificar os elementos em categorias é necessário perceber o que há de comum entre eles, para fazer seu agrupamento.

A entrevista em profundidade, segundo Duarte (2008), é um instrumento metodológico que procura, baseado em teorias e pressupostos determinados pelo pesquisador, obter respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, nomeada por captar informações que se espera avaliar. Busca explorar um tema, considerando percepções e vivências dos sujeitos, procurando analisar e apresentar os dados de maneira estruturada. Dentre as principais propriedades desse instrumento está a flexibilidade em admitir, ao entrevistado, determinar os termos da resposta e, ao entrevistador, acordar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista busca amplitude nas respostas, não quantificação ou representação estatística (DUARTE, 2008). Assim,

A entrevista não estruturada, também chamada entrevista em profundidade, em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo. Por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa. A entrevista não estruturada procura saber que, como e porque algo ocorre, em lugar de

determinar a frequência de certas ocorrências, nas quais o pesquisador acredita (RICHARDSON, 1999, p. 208).

Não é suficiente que o entrevistador tenha domínio da técnica de entrevista; é fundamental que ele domine muito bem o tema sobre o qual versa a pesquisa e consiga definir claramente os seus objetivos. Por esse motivo, é aconselhável que tais entrevistas sejam dirigidas pelo próprio autor do estudo.

Fica evidente a importância das entrevistas para esta tese, pois os sujeitos designados no universo desta pesquisa são atores que mantêm relação direta com o objeto deste estudo. A história deles foi fundamental para as discussões aqui registradas. Segundo um experimentado pesquisador, "tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja a história real, seja ela mítica" (QUEIROZ, 1991, p. 5).

Para a coleta de dados foram utilizados os pressupostos da História Oral, moderno recurso metodológico empregado nas entrevistas. Nesta pesquisa, a tal técnica revelou aspectos contidos nas experiências vividas pelos participantes que auxiliaram na percepção (do pesquisador) das percepções dos sujeitos em questão. A História Oral possibilita a produção do conhecimento (FREITAS, 2003). Logo, "a necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social e nesse sentido está ligada à consciência da cidadania" (MEIHY, 2005, p. 24). Porém, este autor destaca que, apesar do comprometimento democrático da história real, as pesquisas feitas a respeito dos grupos ou setores entendidos como minoritários não receberam a atenção merecida.

Aqui, objetivou-se abordar a expectativa daqueles que são os atores principais, procurando um contraponto ao processo de análise de praxe que, em geral, é uma apreciação em que não se leva em consideração a própria análise dos sujeitos informantes, uma vez que, segundo Meihy (2005), quando a cultura oficial menciona os grupos abandonados, alocando-os como assunto de suas investigações, o faz indiretamente, por meio de documentos escritos. Esses diagnósticos, em geral, vale repetir, não são exatamente dos sujeitos pesquisados, mas sobre eles. Para entender as possibilidades da História Oral em uma pesquisa é fundamental considerar que esta seja apreciada, principalmente, como uma escolha política, no sentido de se fazer opções ao procurar o discurso de alguns grupos e não de outros.

Cabe ainda ressaltar que:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. O trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte. É evidente que a construção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, é sempre tributária da intermediação do documento. Na medida em que essa intermediação é inescapável, todo o trabalho do historiador já se apoia numa primeira reconstrução (POLLACK, 1992, p. 8).

O intento da História Oral está em compreender o passado como algo que tem prosseguimento no presente, cujo processo histórico não está encerrado. Concede significado à vida social daqueles que depõem, assim como dos que leem, no sentido de entenderem a continuidade histórica de um segmento e se perceberem como parte dele (MEIHY, 1996).

A história desvenda e utiliza a análise da experiência para também ensinar e organizar a sociedade para eventos futuros semelhantes. Fazer História Oral resulta na produção de conhecimentos históricos, científicos e, não simplesmente, uma prática descritiva, um relato metódico da vida e de vivências das pessoas (LOZANO, 1996). A História Oral tem como base as fontes orais coletadas por meio de entrevistas, que podem se caracterizar como histórias de vida, relatos de vida ou depoimentos orais. Vale destacar que as duas primeiras se fundamentam na vida e nas experiências do narrador, enquanto a última se refere aos casos que o autor da tese acompanhou, ou de quem dispõe de informações (LANG, 1996). Ressalta-se que o depoimento oral é citado como uma modalidade muito variada "quando se busca obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações, ou a participação em determinadas instituições que se quer estudar" (*id. ib.*, p. 35).

A utilização sistemática do depoimento oral permite explicar trajetórias individuais, processos ou eventos que, em muitos casos, não têm como ser compreendidos ou esclarecidos de outra maneira. Os depoimentos possibilitam uma significativa interpretação entre a trajetória de vida do entrevistado e aquilo que se pode configurar como um relato sobre um fato, um tema ou um aspecto, na medida em que, ao discorrer sobre ele, consegue expressar a maneira como viveu uma situação específica e os significados conferidos às experiências. Ao narrar, recordar ou meditar sobre algum aspecto, o depoente também noticia de si, porque atribui significados aos

acontecimentos, levando em consideração o lugar que ocupa, seus valores e sua maneira de pensar e perceber o mundo.

Como implica, ininterruptamente, uma conversa entre o pesquisador e o narrador, a entrevista está presente em todas as configurações de coleta de relatos orais (QUEIROZ, 1991). Há, todavia, desacordos em relação às modalidades a serem utilizadas, desde a entrevista totalmente livre, sem interferência do pesquisador, até as semi-estruturadas ou estruturadas.

Ressalte-se que o pesquisador deverá evidenciar que o depoimento do entrevistado é de muita valia para o estudo e que haverá muita satisfação em ouvi-lo; deve descrever claramente o que se pretende com o estudo e com a condução das entrevistas. O pesquisador deverá demonstrar respeito pelo entrevistado enquanto sujeito produtor de significados.

Segundo Queiroz (*ib.*), o depoimento oral pode ser orientado pelo pesquisador, que deve dirigir a entrevista. Nesse sentido, foi preparado um roteiro para as entrevistas, como uma espécie de mapa, no qual foi essencial, como sugere Thompson:

Saber como as ideias públicas e as pressões econômicas e coletivas interagem em nível individual - como no aproveitamento de oportunidades econômicas, ou não moderação de atitude pela família, pelos amigos e pelos meios de comunicação de massa, ele mediante experiência pessoal na infância e na idade adulta - para constituir aqueles milhares de decisões que, como ativamente, não só do forma cada história de vida mais constituem, também, o rumo e a dimensão da mudança social mais ampla (1992, p. 330).

Considerou-se, portanto, o depoimento oral muito adequado para este estudo, já que ele permitiu verificar com precisão o que se buscava investigar e que foi configurado nas hipóteses. Houve a preocupação de ouvir os entrevistados com bastante atenção a fim de captar as informações e os significados que eles atribuíam as suas experiências vividas e percebidas no ambiente do futebol, especialmente nas categorias de base. É que um pesquisador ouvindo um sujeito informante sempre faz uma espécie de tradução cultural de acordo com sua própria experiência de vida.

Cada entrevistado assinou um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, ficando cientes de que as informações por eles prestadas seriam utilizadas unicamente para a pesquisa em questão e que os seus nomes seriam mantidos em sigilo. O texto do Termo está, na íntegra, no Anexo 1 desta tese.

É presumível que muitos dos garotos no Brasil vislumbrem a possibilidade de se tornarem jogadores de futebol profissional, pois a sociedade é bombardeada pelos meios midiáticos e pela exposição recorrente dos casos de fama, ascensão financeira e prestígio de uns poucos jogadores.

No decorrer do texto pretendeu-se investigar, analisar e interpretar compreendendo os dados coletados; não somente descrevendo-os. Com base em Demo (2004), esta pesquisa caracterizou-se, dentre outros aspectos, como do tipo participante, pois se situou basicamente entre os conflitos das “desigualdades sociais, a situação de classe no capitalismo, a dominação, estruturas cruciais da dinâmica histórica” (DEMO, 2004, p. 20). Acrescenta o mesmo pensador:

Grande pretensão da Pesquisa Participante é contribuir para que as comunidades se tornem sujeitos capazes de sua história própria, individual e coletiva, para saberem pensar sua condição e intervenção alternativa. Embora os seres humanos sejam bem mais inconscientes do que conscientes, é possível alimentar o espírito crítico, de tal sorte que possam “ler” a realidade no sentido desconstrutivo e reconstrutivo de Paulo Freire (*id. ib.*, p. 20-21).

Esperou-se, nesta introdução, ter conseguido detalhar o objeto, o universo e os referenciais teóricos, incluindo nestes últimos os fundamentos teóricos, a metodologia e os procedimentos adotados na pesquisa para a coleta, tabulação, análise e interpretação dos dados.

De novo, o atleta pede licença:

“Tudo preparado, menos os jogadores que ainda ouvirão a preleção para entenderem bem as ‘manhas’ do adversário.”

PRELEÇÃO

PENSANDO SOBRE O QUE PENSARAM DO FUTEBOL

“E novamente ele chegou com inspiração...”

(Jorge Benjor).

Geralmente as temáticas que envolvem o futebol são consideradas por muitas pessoas como matéria de fácil interpretação, gerando opiniões com base no senso comum, alicerçadas, em sua maioria, nas produções veiculadas pelas mídias. Em alguns casos acontecem distorções de informação levando o entendimento do público a juízos induzidos que defendem interesses de determinados grupos. Entretanto, para os estudiosos do futebol, o mais importante é fazer o papel de mergulhador, de escafandrista, indo aos temas que brotam mais diretamente de investigações que são verdadeiras lições de abismo, mais rigorosas e mais detalhadas, sobre este esporte e que, portanto, revelam os nexos mais profundos dos fatos, nem sempre evidentes na superfície flutuante de seu tratamento jornalístico.

As diferentes esferas do futebol podem explorar largamente os mais variados objetos de estudo, em diversas áreas, tratando de aspectos educacionais, populacionais, sociológicos, biológicos, fisiológicos, históricos, psicológicos, antropológicos, administrativos, técnicos, dos treinamentos e de suas metodologias e de marketing, entre outros.

Em um levantamento das publicações sobre a temática do futebol no âmbito internacional, constata-se que alguns autores, como Jens Bangsbo, Thomas Reilly, James W. Lennox, Javier López López, Faustino Velasco Municio e Miguel Ángel López Rodríguez se destacam, seja pela abrangência, seja pela profundidade de suas análises. No entanto, percebe-se que o universo das discussões acerca do futebol e de suas relações com outras temáticas ainda carece de estudos que deem suporte para uma melhor compreensão do fenômeno.

Estudos que envolvem a técnica e a tática desse esporte foram os mais encontrados no levantamento bibliográfico realizado, representando cerca de 36% (trinta e seis por cento) do total levantado.

Diante do grande número de estratégias e sistemas envolvidos no futebol, Javier López López (2001) discute o tema da técnica e da tática de maneira abrangente e atrativa para o público leitor, mesmo que não profissionalizado como treinador, já que de “técnico todo mundo tem um pouco”, como diz o jargão popular. Além disso, muitos torcedores se mostram interessados em aprender os meandros da arte de envolver estrategicamente o adversário nessa modalidade esportiva. Em suas pesquisas, apresenta obras que discutem os sistemas defensivos, ofensivos, esquemas táticos e exercícios físicos, representando importante contribuição para o desenvolvimento dos treinamentos dos atletas.

Sustentando essa temática, Jens Bangsbo (2004) e Birger Peitersen (2000) apresentam, respectivamente, em *Offensive soccer tactics* e *Soccer systems and strategies*, mostrando que os aspectos técnicos e táticos devem ser constantemente investigados, acompanhando a dinâmica evolução desse esporte em seus aspectos tático-técnicos.

Para o futebol profissional, os aspectos que discutem a tática, a técnica e os sistemas e estratégias de jogo constituem fatores de importância inquestionável para o conhecimento da inteligência do jogo, aplicada, principalmente, nos níveis de formação de atletas nas categorias de base. Ressalte-se que os tópicos de natureza técnico-tática, por mais divulgados e discutidos que sejam ainda geram uma série de confusões entre torcedores, cronistas e treinadores de futebol, especialmente no que diz respeito às suas definições. Saber as características dos jogadores de seu plantel, qualidades e deficiências do adversário, dimensão do campo de jogo, dentre outros, são fatores determinantes para uma equipe que se prepara para determinado jogo ou competição. Aqueles que integram a equipe técnica dos times de futebol devem saber muito claramente os significados e funções de cada um destes tópicos para o bom desempenho da equipe. A obra *Sistema, estratégia e tática de jogo: análise dos profissionais que atuam no futebol*, publicada em 2006 por Caroline Colucio Vendite e Antonio Carlos de Moraes, demonstra as diferentes visões e conceitos que jornalistas e treinadores de futebol, mais especificamente, têm desses elementos desta modalidade esportiva.

Entre as produções internacionais, muitas obras desenvolvem temática a respeito das principais competições futebolísticas, como pode ser constatado em *Los mundiales del fútbol*; *Fútbol: competiciones internacionales de los clubs*; e *Fútbol: competiciones continentales de selecciones y olimpiadas*. Essas três produções foram organizadas por Faustino Velasco Municio no ano de 2003.

Assim como as competições no futebol, as proposições da ciência relacionadas à preparação física têm seus textos expostos principalmente por Thomas Rielly e Mark Williams, em *Science and soccer*, também no ano de 2003. A preparação física passa a fazer parte, cada vez mais, do mundo futebolístico. O futebol moderno exige que o atleta esteja preparado para um grande número de jogos durante a temporada, para que ele não sofra com lesões e queda de rendimento. Uma periodização dos treinamentos e seus controles são essenciais para o sucesso de uma equipe, para que se possa traçar uma constante de resultados otimizados. Relacionado ao controle do treinamento, Borin, Gomes e Leite, em 2007, propuseram, na obra *Preparação desportiva: aspectos do controle da carga de treinamento nos jogos coletivos*, uma forma de detectar fatores que possam ser determinantes para o sucesso ou insucesso no rendimento dos atletas durante a temporada. Para citar um exemplo, quando se estabeleceu a relação entre alongamento e diminuição de velocidade em futebolistas, detectou-se que sessões de alongamento que preveem exercícios de velocidade causam uma diminuição do rendimento nesta capacidade física (SILVA, FERNANDES; GOMES, 2009), mostrando que o futebol é um esporte multifatorial no que diz respeito às atividades relacionadas aos aspectos físicos.

A ciência está cada vez mais presente nos estudos acerca do desempenho físico dos atletas, por meio de suas pesquisas experimentais, que têm tido a finalidade de aprimorar o conhecimento sobre novas descobertas relativas a métodos que melhoram a elaboração das periodizações dos treinamentos das equipes, de modo a gerar resultados que aperfeiçoam as valências físicas dos atletas. Em *Youth soccer: from science to performance*, publicado no ano de 2004 por Stratton, Reilly, Williams e Richardson, fica explícita a proximidade que deve haver entre o futebol e a ciência, apontando que as orientações baseadas no mero senso comum ou no empirismo devem diminuir, para um sustentável crescimento da modalidade. A preparação física no futebol tem apresentado um crescente número de artigos científicos, teses e dissertações de cursos de pós-graduação, publicadas ou não, mas que se ressentem ainda de mais investigações e publicações.

O Brasil, que ostenta, mundialmente, a fama de ser o único país com maior número de títulos em Copas do Mundo e com uma inegável popularidade futebolística, carrega consigo uma característica ímpar, no sentido de instigar e de alimentar, significativamente, os sonhos de grande parte de crianças e de jovens de ambos os sexos no sentido de seguirem a carreira como atletas profissionais. Não apenas por esse

motivo: de maneira geral, o povo brasileiro nutre por esse esporte um sentimento especial, uma verdadeira paixão nacional, o que alimenta ainda mais a aspiração de crianças e jovens.

A pesquisa realizada por Settani e Spaggiari (2010) informa que a Educação Física é a área de conhecimento que desenvolve o maior número de estudos sobre o universo futebolístico, com 83 trabalhos, no período de 1994 a 2008, o que equivale a 23,3% das pesquisas envolvendo o tema do futebol. Mesmo com a alta popularidade que a modalidade alcançou nos dias atuais, ainda se encontram déficits bibliográficos a respeito de temas não relacionados diretamente à Educação Física. No entanto, no decorrer dos últimos anos, tem havido uma produção crescente, especialmente com as dissertações de mestrado e teses de doutorado. O ano de 2008 ficou marcado como o de maior número de publicações, atingindo 38 defesas públicas de trabalhos de pós-graduação *stricto sensu* (SETTANI; SPAGGIARI, 2010), podendo esta cifra ser superada nos anos subseqüentes se mantida a tendência atual.

Cabe destacar o trabalho realizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT, 2009), no qual se fez um levantamento de produções acadêmicas sobre o futebol nas ciências sociais no período de 1980 a 2007. Observou-se que o maior número de publicações foi de trabalhos acadêmicos, alcançando 41,21%, do total produzido no período, totalizando 258 teses e dissertações. A composição do restante dessas pesquisas baseava-se em livros (37,54%) e artigos científicos (21,25%). Dentre as teses e dissertações, o campo de estudo que mais se explorou foi aquele relacionado ao espetáculo esportivo, com 54 obras realizadas, equivalentes a 20,93% do total levantado.

Percebe-se que há margem ainda para a exploração de inúmeros desdobramentos desse tema nas ciências sociais, além daquelas que exploram apenas os temas relacionados aos aspectos físicos ou motores.

O tema do espetáculo esportivo trouxe consigo subtemas referentes à administração, como pode ser visto nos trabalhos *A construção de competências coletivas em equipes esportivas: o caso do futebol*, de Côrrea, em 2004, que teve como propósito avaliar estratégias relevantes para a gerência e gestão do futebol, no uso de entrevistas com dirigentes, atletas, ex-atletas, membros da imprensa e comissões técnicas. Visava encontrar um método eficaz para a realização de trabalhos nesse eixo administrativo específico, com resultados satisfatórios.

A visibilidade do produto futebol vem crescendo significativamente e em âmbito mundial, abarcando tudo que envolve os clubes, seus bens, assim como todos os aspectos relacionados às receitas e despesas, exigindo competências gestoras que consolidem, cada vez mais, o processo de desenvolvimento da indústria do esporte. Diferentemente das gestões passadas, o futebol moderno determina que os clubes se tornem empresas. Caso contrário, esses estudos afirmam, não conseguirão sobreviver em um ambiente cada vez mais competitivo, não só do ponto de vista esportivo, mas do ponto de vista econômico e financeiro. Alimentando essa ideia cabe destaque para a obra *A gestão dos clubes de futebol como clube empresa: estratégia de negócios*, publicada no ano de 2000. Esta obra, de Fernandes, veio compensar a escassez de estudos relacionados ao tema, apontando soluções para os aspectos administrativos, sugerindo diretrizes aos clubes, demonstrando que, por meio de suporte científico, podem ter uma melhor condição empresarial.

Em 2003, tendo também como objeto de estudo a gestão do futebol, Garbelotti embasou sua dissertação em fatores que influenciam os segmentos organizacionais, estruturais e de serviços dos clubes, chegando à conclusão de que os modelos utilizados por eles devem ter orientações específicas e qualificadas para que ocorra uma adequada e competente gestão.

Ainda tendo como objeto de estudo o futebol profissional e suas categorias de base, merecem destaque as pesquisas embasadas nas trajetórias profissionais desse esporte. A carreira de um jogador de futebol percorre uma série de situações, tanto positivas quanto negativas, que podem conduzir ao sucesso ou à infelicidade. Quando o assunto é trajetória de futebolistas profissionais, a mídia aberta está constantemente apresentando relatos de atletas em situação de dificuldade, ou outros que, apesar de dificuldades encontradas no caminho de sua formação, acabaram por se profissionalizar e ter sucesso. Todavia, há muitas utopias não realizadas, tornando-se, portanto, verdadeiras ilusões, gerando muito sofrimento. Jogadores que se consagram e que alcançam alto *status* são minoria dentro da categoria de atletas.

Na dissertação elaborada por Gama (1990), que teve como título *Características sociais do jogador de futebol profissional da primeira divisão do Estado de São Paulo*, pesquisaram-se fatores como etnia, grau de escolaridade e renda salarial. Foram analisados atletas de diferentes equipes do estado de São Paulo e chegou-se à conclusão de que o valor recebido pelos atletas profissionais é baixo, sem levar em consideração premiações que são dadas após vitórias e conquistas de títulos.

O sonho de se tornar jogador de futebol presente em grande parte da população brasileira pode se transformar em decepção e frustração, como pode ser visto na obra *O processo de formação do jogador de futebol no Brasil: sonhos, ilusões, frustrações e violências*, de autoria de Pimenta (2001). Nela, o autor tentou detectar determinadas situações que agredem o indivíduo durante sua formação nas categorias de base dos clubes, até que se torne um atleta profissional.

Com o passar do tempo, mudanças ocorreram para tentar beneficiar o futebolista em sua trajetória profissional. Uma dessas mudanças foi a extinção do passe no futebol brasileiro, trazida pela instituição da “Lei Pelé”. A discussão foi abordada por Castro, no ano de 2005, com a publicação de *Liberdade de trabalho e a questão do fim do passe do atleta profissional de futebol*. Nesta obra, foram abordadas e descritas as vantagens da lei, o porquê de ela ter sido criada, a posição dos clubes em relação a essa nova norma, o entendimento do contrato de trabalho dos atletas e da liberdade adquirida com essa lei cujo objetivo é o de ser benéfica à categoria dos jogadores. Na mesma temática de trajetória profissional do futebolista, a dissertação *O contrato de trabalho do atleta de futebol profissional*, organizada por Godoy, em 2004, apresenta uma descrição detalhada da elaboração e do conteúdo do contrato de trabalho do atleta de futebol, mostrando a evolução da legislação pertinente ao tema, as características e particularidades de um contrato de trabalho de tal gênero, os direitos dos jogadores, incluindo salário, jornada de trabalho, concentrações, trabalho noturno, intervalos para repouso e alimentação e assim por diante.

Paralelamente ao sucesso e à ascensão, a carreira futebolística também chega ao seu final, em geral de modo precoce. Agresta, no ano de 2006, apresentou *Causas e consequências do término de carreira esportiva em jogadores brasileiros de basquetebol e futebol profissional*, identificando os motivos pelos quais normalmente o atleta profissional deixa de atuar em seu ramo de trabalho, no pós-término da carreira como atleta, e suas consequências. Os resultados mostraram que o principal motivo para o afastamento da carreira é a “idade avançada” para o esporte de alto nível e que mesmo ocorrendo uma mudança radical no momento de transição da situação de atleta profissional e de “aposentado” (término de carreira), quase todos (94,9%) estão satisfeitos com sua nova jornada, e quase 90% (89,9%) já alcançaram sucesso em sua nova profissão. É evidente que, após o término da carreira, o atleta profissional de futebol procura algo semelhante ou congênere ao que vivera durante os anos de

profissionalismo. A maneira como conduz a carreira profissional é, em geral, determinante para o seu futuro fora das competições esportivas.

Na tese de doutorado *Mais do que pendurar as chuteiras: projetos sociais de ex-jogadores de futebol famosos*, Ribeiro (2004) investigou as variáveis envolvidas nos projetos que são dirigidos por ex-atletas famosos, o impacto causado na sociedade, a aproximação de parceiros e patrocinadores, a identidade e as representações desses promotores dos projetos.

É fato que, no universo do futebol, a presença da mídia é uma constante. Ela é recorrente e poderosa tanto na articulação de todos os segmentos profissionais envolvidos, quanto, sobretudo, na projeção que esse esporte exerce sobre a sociedade. Ela pode projetar ou destruir vários dos sujeitos e atores que vivem no meio futebolístico. A influência da mídia como formadora de opinião é significativa no meio esportivo, porque aí a emoção está em evidência em todos os momentos e, na maioria das vezes, os meios de comunicação de massa, para venderem mais, trabalham mais com a emoção do que com a inteligência do público receptor. Ora, sabemos da paixão do torcedor brasileiro pelo futebol, retroalimentada pelos programas esportivos e pelas veiculações em mídia impressa, eletrônica e virtual. Apesar da relevância, pouco material foi encontrado na literatura específica sobre o tema do futebol enquanto fenômeno social de massas. Os trabalhos mais relevantes dizem respeito às torcidas futebolísticas e à violência, manifestada principalmente nos estádios. Em grande parte dos clubes de expressiva visibilidade na mídia, apresenta-se uma legião de torcedores apaixonados, que acompanham os respectivos clubes em diversos rincões do país e do mundo.

Espera-se que haja apropriadas condições de segurança para assistir aos jogos com comodidade, fácil acesso aos estádios e traslados adequados, dentre outras expectativas dos torcedores. Sobre este tema e temas correlatos foram encontrados trabalhos com foco nas torcidas e em tudo o que as circunda, abordando aspectos como: estatuto do torcedor, estruturas dos estádios, torcidas organizadas e suas manifestações, média de torcedores por estádio, fanatismo etc. Um subtema recorrente, como já destacado, é o da ocorrência de violência nos estádios. Cabe lembrar que, após um período de ondas agressivas aterrorizantes proporcionadas por torcidas organizadas a sociedade se afastou ligeiramente dos estádios, arguindo sempre a falta de segurança nos jogos, que acaba por extrair o brilho e a emoção das partidas de futebol. Neste sentido, Andrade, em 2004, dissertou sobre *O jogo duro das torcidas: identidade e*

dramaturgia masculina na violência dos torcedores de futebol de Salvador. Neste trabalho, procurou identificar os motivos que levam à violência nos estádios. Uma série de razões foi encontrada, destacando-se as agressões verbais sem limites, as agressões físicas por causa de um exagerado julgamento sobre a importância do jogo, as torcidas organizadas cultuando membros com habilidades para briga etc. O estudo, específico sobre uma região do país, concluiu que o público baiano não difere do público situado na região sudeste, que apresenta as mesmas características.

Outro assunto que merece destaque no universo do futebol e suas diversidades é a questão da identidade. O estudo ganha evidência em trabalhos como *Uma leitura do 'racismo à brasileira' a partir do futebol*, defendido por Abrahão, no ano de 2006. Nele, o pesquisador faz uma retrospectiva relacionada com o aspecto histórico-social do racismo, suas inclusões e exclusões. O racismo é uma problemática encontrada em todo mundo e não é diferente dentro do futebol. Racismo, ofensas entre torcidas, rivalidade entre países e maus tratos pela classe ou origem social podem ser manifestações de racismo que se fazem presentes no mundo futebolístico. A tese de Silva (2002) *Futebol, linguagem e mídia: entrada, ascensão e consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro* discutiu temáticas ligadas não somente ao racismo, mas também àqueles preconceitos veiculados pela mídia, quando aplicam, após os jogos de futebol, adjetivos negativos aos atletas, desclassificando-os não apenas como profissionais, mas, também, como seres humanos.

No cenário atual, em que as diversidades caminham juntas, integrando-se em um espaço multicultural, as modalidades esportivas exercem papel de grande influência, o que dá ao futebol uma missão relevante, sobretudo na área educacional. A modalidade esportiva como meio de educar é componente curricular dos cursos de Educação Física escolar, embora esta formação profissional ainda sofra grande preconceito de outros profissionais e até mesmo dos próprios alunos, quando confundem a aula de Educação Física com mero momento de lazer. É importante que todos os profissionais da área estejam cientes da importância de se desenvolver um trabalho interdisciplinar; ou, ainda, executar projetos variados envolvendo temas geradores como gênero, preconceito e meio ambiente. Não se trata de levar o esporte para dentro da escola, mas, sim, de praticar o chamado “esporte escolar” com um caráter educacional.

Um estudo feito por Cardoso, em 2003, com o título *O futebol da escola: uma proposta coeducativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória*, procurou identificar as problemáticas que emergem no ministério de aulas nas quais se misturam

alunos dos dois gêneros; como trabalhar de forma educativa o conteúdo “esporte” como proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e como, por meio do futebol escolar para turmas mistas, pode-se contribuir para o avanço crítico nas intervenções pedagógicas em um projeto de Educação Física escolar. Concluindo, o autor ressalta que a obtenção de resultados satisfatórios está na dependência direta do professor de Educação Física, seu perfil e sua gama de conhecimentos teórico-práticos, ou seja, sua formação profissional.

A obra *A disciplina futebol e seu papel na formação do professor de educação física ou a visão do seu Ariovaldo x a visão da Academia: é possível fazer do futebol uma prática educativa?* (2002), que teve como autor Kruse, permite observar uma certa distância entre a teoria e a prática, entre o conceito de esporte e, de forma especial, o futebol como prática social.

O futebol deve ser apresentado aos alunos de uma forma educativa e não competitiva, como na maioria das vezes é desenvolvido e praticado nas escolas. Para isso, o professor deve saber conduzir o conteúdo de uma forma pedagógica correta, expor aos alunos a importância do esporte dentro do ambiente escolar, além de incentivar a participação deles. Esse tema fica bem claro na obra *Futebol: entre o jogo e o esporte na educação física escolar* (2003), na qual Pinto afirma que o jogo de futebol na escola deve ser um instrumento que contribua para o desenvolvimento global da criança e do adolescente, considerando este aspecto como processo, em outras palavras, como um meio educacional e não como um fim em si mesmo.

Esta é, em síntese, a proposta da escola, independentemente da disciplina que está sendo abordada: desenvolver o educando de uma forma global. A Educação Física na escola tem como dever a realização da inclusão, facilitando a mistura dos gêneros em suas atividades. Quando o conteúdo é o futebol, a participação feminina vem crescendo com o passar dos tempos, embora ainda haja muitos preconceitos e muitas barreiras à prática futebolística pelo sexo feminino no futebol. Na obra *Futebol feminino: análise dos discursos dos sujeitos envolvidos em uma competição infantil entre escolas públicas em João Pessoa-PB*, publicada por Freitas em 2003, acompanhou-se um campeonato de futebol entre escolas públicas da cidade de João Pessoa. O estudo revelou que a prática dessa modalidade esportiva não constituiu barreira para meninas e professoras. No entanto, em geral, o caminho para a conquista desse espaço social pelas mulheres é repleto de obstáculos, preconceitos, estereótipos, por exemplo, no fato de que, por ser

uma atividade extremamente intensa e de contato, exige características físicas que “não condizem com o sexo feminino”.

Corroborando essa ideia, o trabalho *Corpo de mulher no esporte: a questão da prática do futebol*, de Giarola, também publicada 2003, teve como principal propósito estudar o corpo feminino e as relações dele com o futebol. Para as entrevistadas, o preconceito ainda existe nos dias atuais, porém é de menor proporção do que no passado recente. Dúvidas da sexualidade feminina ainda são manifestas em relação às praticantes do esporte; elas têm mais dificuldade em conseguir patrocínios, bem como têm de dispendar muito mais esforço e talento para terem visibilidade na mídia. Entre as jogadoras de futebol há muito mais dificuldade de profissionalização e de reconhecimento público. O estudo de Neves (2005), com o título *Mulheres jogadoras de futebol: descortinando as relações de gênero*, procurou desmistificar preconceitos relativos à procura das mulheres pela prática do futebol, mesmo cientes das barreiras que podem ser aí encontradas. O estudo permite desvendar as relações de gênero no universo desse esporte, os preconceitos e estereótipos que interferem na escolha da mulher pela prática futebolística e como a sociedade brasileira, com suas crenças, mitos e valores, ainda discrimina as jogadoras de futebol, numa espécie de “sexismo esportivo”.

Fica evidente que o futebol tem um apelo muito significativo, causando forte impacto e influência na sociedade brasileira. Felizmente, têm surgido diversos estudos sobre o futebol, levando a uma melhor compreensão do fenômeno, permitindo a ampliação de sua discussão em outras áreas do conhecimento e em outras esferas da ciência.

Como se pode verificar, mesmo nesta breve retrospectiva da literatura sobre o tema, várias obras foram destacadas, embora, certamente, muitas outras publicadas em outros idiomas poderiam ser verificadas. Limitamo-nos às editadas em português, já que nosso estudo é sobre a formação do atleta de futebol no Brasil. Além disso, buscamos destacar as dissertações e teses para demonstrar como o tema vem ganhando prestígio acadêmico, o que é muito recente entre nós. Sobressai uma grande variedade de olhares. Contudo, por ser um assunto de grande interesse da população em geral, as publicações científicas poderiam ser mais variadas e em maior volume.

Mais uma vez o atleta se apresenta:

“Já escutaram demais na preleção; estão todos frios. Vamos pro aquecimento, pessoal!”

AQUECIMENTO

DO FUTEBOL AMADOR AO PROFISSIONAL

“Para estufar esse filó como eu sonhei só se eu fosse o rei...”
(Chico Buarque).

O futebol tornou-se atividade profissional na Inglaterra a partir do ano de 1885. No Brasil, esse fato ocorreu somente no século seguinte, a partir de 1933. O profissionalismo do futebol fez, de um lado, com que aumentasse o interesse do público pelo espetáculo desse esporte, e, de outro, forçou os jogadores a se dedicarem mais integralmente aos treinamentos, de modo a desenvolver as habilidades requeridas pelo jogo-espetáculo, tornando as equipes cada vez mais competitivas. É importante lembrar que o proletariado inglês foi o principal responsável, diretamente, pela profissionalização do futebol. O tempo disponível para essa prática esportiva era grande e esse esporte se desenvolvia de maneira qualitativa, exigindo de seus praticantes cada vez mais disponibilidade de tempo para o desenvolvimento das habilidades exigidas. Na contramão dessa trajetória de sucesso, postavam-se as classes elitizadas, cuja resistência manifestava-se por meio da ausência às partidas, ao mesmo tempo em que não aceitavam que equipes profissionalizadas se sobrepusessem às formadas por estudantes, contrariando a prática amadora. É evidente que se instalara por conta dessa resistência à mudança da categoria amadora para a profissional, uma disputa de classes de forma dissimulada.

A popularização do futebol teve início nas primeiras décadas do século XX e esse fenômeno de democratização do esporte, por sua disseminação em todas as camadas sociais, consolidou o futebol como componente importante da cultura brasileira (MOURA, 1998).

Essa transição do amadorismo ao profissionalismo, marcada por grandes dificuldades, ocorreu por causa da entrada de jogadores proletários nos clubes de grande porte. O ingresso desses jogadores, em sua maioria negros e mestiços, marcou, então, uma característica singular que ficou conhecida como “estilo brasileiro de jogar futebol” (FREYRE, 1957, 1964, 1971a; RODRIGUES FILHO, 1964). Este “jeito brasileiro” de

jogo foi uma resposta aos países vizinhos, mais precisamente ao Uruguai e à Argentina, que diziam ter um estilo próprio: o *fútbol criollo* que, segundo eles, era praticado com gestos improvisados e espontâneos, originados do tango e de seus dramáticos movimentos lentos e rápidos. Já o modo brasileiro de jogar futebol exprimia a malandragem; os improvisos remetiam à mentalidade de tirar vantagem em tudo; a habilidade para contornar situações difíceis, com o “jogo de cintura” também era uma singularidade quase natural também derivada da dança e da luta, com seus típicos elementos da ginga dos membros inferiores presentes na capoeira (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Para Mário Filho, considerado um autor clássico da história do futebol, poder-se-ia considerar como um marco evidente nesse processo de profissionalização o início de uma espécie de conciliação racial, pois a maioria dos atores que emergiam nas canchas era constituída de negros e, neste caso, quem sabe, o preconceito poderia ser eliminado aos poucos. As habilidades peculiares e os especiais talentos desses jogadores os tornariam atletas reconhecidos como os inventores do “futebol arte”, atributo que identifica o futebol brasileiro em todo o mundo (LOPES, 1998). Essa marca da singularidade brasileira se dá pela forma livre e autêntica de jogar, recheada de improvisos, *finesse* e criatividade, acabando por se consolidar como um componente significativo da cultura nacional.

No livro *Uma história do futebol* (2000), o autor Bill Murray comenta que esse modelo de jogo diferenciado, que se deve muito à contribuição da cultura negra, teve o apoio do jornalista Mário Filho, posteriormente homenageado com a denominação do estádio do Maracanã, palco de grandes espetáculos futebolísticos. Esse jornalista criou um informativo esportivo, por meio do qual incentivava o profissionalismo, criando um novo núcleo de trabalho e, portanto, maiores oportunidades para os membros do proletariado. O jornal encerrou suas edições no ano de 1931, partindo Mário Filho para as favelas, onde patrocinava escolas de samba. Assim, participou da história de duas grandes alegrias que estão presentes na população brasileira, o futebol e o samba.

É fundamental compreender que o processo de popularização do futebol, se visto de maneira prática, não necessariamente ocorreu nos períodos mencionados. A massificação do desporto também provoca anseios que se refletem na pressão exercida pelas torcidas por vitórias, fato este que ocorre até os dias atuais com a participação de jogadores não pertencentes à elite. O Vasco da Gama, por exemplo, que foi campeão do campeonato do Rio de Janeiro de 1923, era formado quase integralmente por negros,

entendendo-se então que a entrada de mestiços e negros no esporte já ocorria anteriormente. Vale ressaltar que, naquele momento, o clube cruzmaltino não apenas conquistava o seu primeiro título carioca, mas também causava um conflito de ideologias, já que o time era formado de negros e analfabetos, contrariando o até então padrão dos clubes do Rio de Janeiro que eram basicamente formados por jovens estudantes e profissionais de alto nível da elite carioca (CALDAS, 1990). Esse fato causa um período crítico no futebol carioca e foi tão marcante que um vereador da cidade, de nome Antônio Pitanga, militante no movimento negro, pretendia aprovar um projeto de lei em que a história do Vasco da Gama fosse inserida no ensino das escolas municipais do Rio de Janeiro. Para ele, o título fora um marco na história da luta dos negros por igualdade em nossa sociedade (SOARES; HELAL; LOVISOLO, 2001). Porém, os mesmos autores alertam para uma melhor análise desse contexto histórico, uma vez que, após o título vascaíno de 1923, sobre todo o universo relacionado ao preconceito racial e suas possíveis consequências, existe um outro ponto de vista. Quando criou-se a AMEA (ASSOCIAÇÃO METROPOLITANA DE ESPORTES ATHLETICOS), que segundo grande parte da literatura tinha um caráter racista, já que, procurava afastar os negros e o proletariado da prática do futebol, o afastamento do Vasco da Gama dessa entidade foi associado a esse caráter racista, mas muitos dos jornais da época publicaram notícias que evidenciavam outros motivos, não raciais, pelos quais o clube cruzmaltino entrou em atrito com a associação.

A popularização do futebol brasileiro descaracterizou-o como esporte elitizado, tornando-o um esporte de massa e promovendo, conseqüentemente, o início dos mitos futebolísticos brasileiros como Friedenreich, filho de um alemão e de uma negra, e que, segundo Galeano (2009), ainda é o jogador com mais gols assinalados no futebol profissional mundial: foram 1329 gols, uma diferença de 50 gols acima da marca de Pelé, que fez 1279. Ainda sobre Friedenreich, comenta-se que, a partir dele, o futebol brasileiro ganhou ares de fantasia, de alegria no momento do jogo, em outras palavras, ele foi o fundador do estilo brasileiro de jogar, rompendo com os traços de seriedade britânica do jogo futebolístico. Para Mário Filho (1964), Friedenreich deu o chute inicial para o futebol brasileiro tornar-se democratizado, referindo-se ao gol da vitória brasileira no Sul- Americano de 1919. Esse processo foi lento, embora ininterrupto, e teve sequência com o também negro Leônidas da Silva, inventor da bicicleta e maior ídolo do futebol nacional dos anos 30 aos anos 40.

Depois de tantos anos, comprova-se facilmente que os melhores jogadores brasileiros da história foram negros, mulatos e mestiços, desde Friedenreich, passando por Domingos da Guia, Leônidas, Zizinho, Garrincha, Didi, Pelé e Romário, todos mulatos que, de certa forma, tornaram-se imagem viva de uma prática futebolística isenta de preferências ou exclusões de jogadores por questões raciais.

Esses atletas proletários tinham como traço futebolístico a criatividade, despretensiosa, mas diferenciada na maneira de conceber e jogar futebol, e, para a participação no profissionalismo, esses critérios eram utilizados na seleção. Todavia, embora os jogadores negros, mulatos e mestiços fossem aceitos para o campo de jogo, não havia uma interação deles com a vida social do clube, criando-se “uma nítida divisão entre o campo de futebol e o clube” (ROSENFELD, 1993, p. 87). Nesse contexto, observam-se dois processos ocorrendo simultaneamente no período: o profissionalismo e a democratização. Essa mudança converteu o futebol em trabalho profissional e abriu uma janela social para esses atletas negros, mulatos e brancos proletários. Dentre esses atletas na história do futebol, nenhum obteve maior destaque que Pelé.

Cem canções falam seu nome. Aos dezessete anos foi campeão do mundo e rei do futebol. Não tinha vinte anos quando o governo do Brasil o declarou tesouro nacional e proibiu sua exportação. Ganhou três campeonatos mundiais com a seleção brasileira e dois com Santos. Depois de seu gol número mil, continuou somando. Jogou mais de mil e trezentas partidas, em oitenta países, uma partida atrás da outra em ritmo de pancadaria, e fez quase mil e trezentos gols. Uma vez, deteve uma guerra: a Nigéria e a Biafra fizeram uma trégua para vê-lo jogar.

Vê-lo jogar, bem valia uma trégua e muito mais. Quando Pelé ia correndo, passava através dos adversários como um punhal. Quando parava, os adversários se perdiam dos labirintos que suas pernas desenhavam. Quando saltava, subia no ar como se o ar fosse uma escada. Quando cobrava uma falta, os adversários que formavam a barreira queriam ficar de costas, de cara para a meta, para não perder o golaço.

Tinha nascido em casa pobre, num povoado remoto, e chegou ao cume do poder da fortuna, onde os negros têm a entrada proibida. Fora das canchas, nunca doou um minuto de seu tempo e jamais uma moeda caiu de seu bolso. Nós que tivemos a sorte de vê-lo jogar, recebemos dele oferendas de rara beleza: momentos esses tão dignos de imortalidade que a gente pode acreditar que a imortalidade existe (GALEANO, 2009, p. 132).

A percepção do potencial diferenciado desses jogadores obrigou os grandes clubes a inserirem no seu meio, até então elitizado, os jogadores negros e os proletários, para que o futebol adquirisse um novo patamar de nível técnico. Graças a seu talento, a

suposta inserção desses atletas se realizou, devido ao fato de que futuramente não seriam apenas heróis nacionais, mas também uma quantidade expressiva dos atletas profissionais, tornando os clubes dependentes desse talento para alcançar o máximo possível de êxito em suas competições.

É categoricamente evidente como os interesses das classes sociais dominantes, independentemente do período histórico, manipulam arditamente os caminhos que tornam implícito esse desejo de priorizar o que lhes é atraente, fazendo transparecer virtudes que não são necessariamente reais.

No processo de popularização do futebol brasileiro, destacam-se algumas conclusões, entre elas; a democratização marcada inicialmente por questões geográficas. Bangu, no Rio de Janeiro, era um bairro isolado, onde havia muitas fábricas têxteis de proprietários ingleses, mas não jogadores suficientes para formar times de futebol totalmente elitizados, obrigando os ingleses a convidarem operários, que eram do proletariado, para compor as equipes, daí a necessidade da profissionalização do futebol, já que esses atletas necessitavam de remuneração para continuarem exercendo a prática. A busca dos grandes clubes por esses atletas de potencial rompe barreiras, atraindo jogadores das classes que mais sofriam preconceito racial e que estavam à margem do mundo futebolístico; o mito que existe a respeito das declarações de atletas sobre o “amor à camisa” mostra-se uma visão romântica, já que, com a profissionalização desde os anos 20 e 30, sempre houve o interesse do jogador em ser remunerado pela sua prática esportiva.

Sobre tais conclusões, ressalta-se também que, desde os anos 20 e 30, o futebol brasileiro mostra seus interesses políticos e sua desorganização na área administrativa. A partir de 1930, o futebol está entronizado na cultura brasileira e Getúlio Vargas utiliza-se dele como estratégia política, já que é motivador de união nacional. Hilário Franco Junior (2007) comenta que o futebol foi um dos principais motivadores, pelos jogos e vitórias da seleção canarinho, da unificação e da luta para que se construísse um espírito de patriotismo na população brasileira. Ainda em 1930, principalmente após a revolução de outubro, o atleta também sofre mudanças, passando a reivindicar seus direitos, inclusive a profissionalização; já se observava que os estados do Rio de Janeiro e São Paulo consolidavam-se como os centros líderes/hegemônicos do futebol até 1935, tendo em seu domínio as grandes influências administrativas e políticas; e por último, o futebol brasileiro não teve escolha, a não ser profissionalizar-se a partir de 1929, quando os atletas começaram a migrar para países como Itália, Espanha, Argentina, Portugal e

Uruguai, que já haviam profissionalizado o esporte. Porém, as causas das saídas dos jogadores, até os dias de hoje, são diversas, crise econômica, desorganização do futebol, grande número de jogos, falência de clubes nacionais, além dos altos salários pagos em outros países (CALDAS, 1990).

Assim, o profissionalismo do futebol teve seu início datado de 1933 a 1950, ocorrendo durante o governo de Vargas (1930-1945) por meio da legislação social e trabalhista:

foram legalizados os pagamentos que antes eram feitos por baixo do pano, e o jogador tornou-se um trabalhador. O contrato o prendia ao time em tempo integral e para toda a vida, e não podia mudar de lugar de trabalho a não ser que o seu time o vendesse. O jogador entregava sua energia em troca de um salário, como um operário industrial e ficava prisioneiro como servo da gleba. No entanto, naqueles primeiros tempos, o futebol profissional exigia muito menos. Só havia duas horas semanais de treino obrigatório (GALEANO, 2009, p. 66).

Definitivamente, na atualidade é muito natural a saída de jogadores profissionais antes mesmo de completar a maioridade. Por ser uma profissão, existe sempre o interesse do profissional de poder estabilizar sua vida financeira em alguns anos de dedicação da carreira futebolística em clubes do exterior. O êxodo de jogadores ocorreu por uma necessidade de serem mais bem remunerados por um serviço prestado, mas atualmente apesar de todos os problemas que temos no cenário do futebol nacional, a carreira de jogador, para uma minoria, possibilita salários extraordinários, em níveis exorbitantes, desproporcionais a outras profissões do mercado de trabalho. O fato de jogadores brasileiros serem exportados não é novidade no Brasil. Em nossa história, quando o futebol era considerado ainda semiprofissional e os atletas eram vistos como produto secundário pelos dirigentes, sem condições de trabalho e segurança financeira durante sua prática, já era perceptível que, com a profissionalização nos países da América do Sul e nos europeus, estava ali uma via para o ganho de altos salários e melhores condições de vida. Dessa forma, como acontece nos dias de hoje, nossos melhores jogadores estavam presentes no futebol do exterior fazendo com que ocorresse uma queda no nível futebolístico nacional (CALDAS, 1990).

Ser jogador de futebol profissional vai muito além de qualquer brincadeira ou diversão: trata-se de trabalho sério, duro, que exige treinamentos diários e preparação dos atletas para os jogos oficiais. Esses treinamentos são realizados, quando nos clubes de maior expressão, em modernos centros de análise científica que exigem trabalho e

sacrifício, proporcionando cada vez mais a eliminação do caráter lúdico e desencadeando a crescente busca pela competitividade e comercialização, características do esporte moderno.

Os atletas profissionais de futebol se ocupam principalmente do esporte e são financiados por milhares de consumidores, além da mídia. Esses consumidores do espetáculo futebol são torcedores que sentem prazer em ver o espetáculo e os profissionais são trabalhadores da bola.

A profissionalização do futebol passou por um cenário de luta, já que nas primeiras décadas do século XX havia o interesse da burguesia em preservar o futebol amador e do interesse do proletariado em profissionalizá-lo. Essa nítida oposição marcou o quadro do futebol brasileiro em 1933, quando a profissionalização é instituída. Essa oposição marcou uma disputa social e também cultural. De um lado, uma elite defensora do amadorismo, do futebol como esporte-lazer; de outro, um proletariado defensor da profissionalização, o que desencadeou, automaticamente, o fim do semiprofissionalismo, ou profissionalismo marrom, entre 1923 e 1933 (CALDAS, 1990).

Vale ressaltar que o “bicho” instituído pelo Vasco da Gama, em 1923, colaborou para a inevitável profissionalização do futebol (CALDAS, 1990) e, da mesma forma, a “Lei Pelé” foi uma grande precursora das mudanças no cenário atual do futebol ao trazer as leis para os padrões europeus e acarretar o início das relações de trabalho com o fim do “passe” (PRONI, 2000). Os lutadores da profissionalização obtiveram resultados, nos conflitos com posições e imposições sobre a permanência do futebol amador - “a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer” (CALDAS, 1990, p. 59); e os jogadores operários, a favor do profissionalismo, buscaram institucionalizá-lo.

Toda a trajetória de profissionalização do futebol foi um processo racional, de diferenciação social, solidificado na década de 30, gerador de um novo campo de trabalho, o futebol, o qual trouxe consigo um mercado consumidor e produtor organizado. De todo esse processo conflitante, originou-se, então, um contexto profissional de autonomia, racionalização e especialização do futebol.

Da visão elitista, uma das personagens principais da história da profissionalização do futebol, originou-se e manteve-se até hoje a concepção de esporte-lazer. Ora, o futebol praticado até então era considerado “puro” e não era atrelado a fatores de classe e econômicos. Essa questão marca até hoje um conflito da Sociologia

do Esporte que é o “esporte de alto rendimento” e “esporte lazer”, ou seja, entre jogo e esporte. Os ingleses desfrutavam do futebol lúdico, divertido e não profissionalizado tendo-o como parte exclusiva de sua cultura, mas ao notarem o talento operário brasileiro começaram a pensar em critérios de seleção, optando por priorizar a técnica, a capacidade de melhor execução. Essa ressalva é importante para a reflexão sobre os acontecimentos históricos desencadeados: até hoje, o esporte de alto rendimento é seletivo, caracterizado pela exclusão, que é vista de forma ruim quando aplicada de modo geral à sociedade, permitindo, assim, uma constante marginalização daqueles que não são aptos, pelo menos aos padrões sociais.

Da visão defendida pelo proletariado, outra personagem tão importante no conflito que marcou a história do futebol, originou-se o interesse na defesa da profissionalização, movido pela necessidade de remuneração. Isso significa que, do outro lado da visão elitista e seletiva, havia uma necessidade maior que lutava pelo subsídio financeiro que aquela prática poderia proporcionar, mesmo que custasse a diminuição das características lúdicas, tornando o futebol um esporte sacrificante para seus atletas. Hoje, na sociedade, é importante ressaltar a coexistência de ambas as visões: o jogo e o esporte; se bem aplicados, de forma coerente, não há de se perder o prazer da ludicidade.

A partir da conquista da profissionalização, em 1933, constitui-se, então, um novo e promissor mercado no Brasil. Nesse momento, os dirigentes de futebol têm autonomia para decidir questões e leis do futebol. Essa oposição entre dirigentes e atletas é caracterizada como um conflito de classes sociais. O processo de profissionalização solidifica a autonomia de um novo momento do futebol, trazendo uma separação na economia, pois os até então operários tornam-se profissionais da bola. Eles podem ser comparados com os artistas que produzem um bem cultural e são muito bem remunerados financeiramente. Os jogadores de futebol são remunerados como qualquer outro trabalhador e dependem dos empresários, dirigentes e clubes de futebol para exercerem sua profissão.

Os salários de alguns jogadores são altíssimos, o que atrai grande atenção de jovens para tal prática. Os clubes, em geral, pagam um alto valor pelos grandes futebolistas - vale ressaltar que são uma minoria da categoria dos atletas -, mas que são qualificados com belas, inteligentes e criativas jogadas que envolvem e despertam a atenção da massa (SOARES; HELAL; LOVISOLO, 2001).

O jogador recebe diversas orientações que permitem seu desenvolvimento como atleta de futebol, compreende um conjunto de treinamentos físicos, técnicos e táticos que desenvolve seu potencial, tornando-o profissional. A profissão de jogador de futebol possui um grande status e tem um peso significativo no psicológico dos atletas. Os clubes que proporcionavam essa profissionalização aos jogadores adquiriam direitos sobre eles, transformando-os praticamente em patrimônio do clube, conhecido como “passe”; “O passe nada mais é do que um contrato de vinculação exclusiva de um atleta profissional a um clube. Porém, essa vinculação, no caso do futebol, atrelava o jogador ao clube mesmo após o término de seu contrato, impedindo-o de trabalhar em outra entidade esportiva” (HELAL, 1997, p. 112). A lei nº 9.615/98, a “Lei do Passe”, proporcionou a queda dessa prática dos clubes sobre os atletas, tornando as negociações flexíveis e “modernas” entre os jogadores e clubes. A nova legislação permite ao clube formador, prioridade no primeiro contrato do atleta. Uma maneira atual de conseguir manter o jogador mais tempo no clube é por meio de contratos mais longos.

Os recursos financeiros constituem fator mediador na relação entre clubes e atletas, profissionalizando definitivamente o futebol. A data oficial dessa institucionalização do futebol no Brasil ocorreu em 23 de Janeiro de 1933. A participação do capital provocou a separação do futebol amador para o profissional, que representava diferentes segmentos sociais. Os conflitos sociais e as lutas pelos ideais marcaram a profissionalização do futebol tanto no Brasil, em 1933 (CALDAS, 1990), quanto na Inglaterra, em 1889 (HOBSBAWM, 1984). Anteriormente à profissionalização, a literatura oficial mostra verdadeiros conflitos de classes que Caldas ressalta (1990, p. 59):

De um lado, a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer; do outro, a classe proletária que, por determinação histórica da própria origem do futebol, começa a absorver um valor cultural, até então alheio ao seu universo lúdico.

Nessa visão transparecem dois ideais distintos: de um lado, a elite, que via no futebol amador um esporte de lazer, lúdico, predominantemente da classe burguesa; de outro lado, a classe operária, que buscava a profissionalização do futebol já que necessitavam dele como profissão para obter remuneração. A profissionalização do futebol caminha paralelamente à proletarização e popularização, pois a maioria dos jogadores que se profissionalizaram pertenciam a essa classe proletária e isso propiciou

a desvalorização social do futebol, já que, tomado predominantemente pela direção das classes elitizadas, torna-se agora uma modalidade acessível ao proletariado, ou seja, deixa de ser um bem restrito e passa a ser um bem acessível à massa (BOURDIEU, 1996). Essa nova condição alavanca a saída da elite desse esporte, que passa a buscar outras modalidades, principalmente as individuais como o tênis e o golfe (DAMO, 2002). Porém, essa saída da elite do futebol não é absoluta, pois eles deixam de praticá-lo como esporte, mas permanecem nas gerências, já que constatamos que a maioria dos gerentes e dirigentes provêm das classes de elite.

Os conflitos de classe proporcionaram uma divisão tão concreta a ponto de, na época, a elite sair dos campos de futebol buscando outras modalidades que marcassem sua superioridade financeira. Claro que o tempo, a globalização e a maior acessibilidade proporcionam a oportunidade ao proletariado de praticarem esportes ainda hoje elitizados como o tênis, mas há uma nítida divisão, pois muitos esportes elitizados são de alto custo financeiro e ainda totalmente restrito às elites. E além dessa lamentável divisão da possibilidade das práticas esportivas, ainda há um ponto muito pior que é a falta de incentivo aos estudos quando falamos de jogadores de futebol. Ser jogador é um sonho que não se restringe aos meninos pobres, mas sim a meninos de todas as classes, mas apesar disso é visível que ainda hoje a maioria dos talentos do futebol surjam dos bairros mais pobres, do famoso “terrão”.

Essa conquista leva muitos desses meninos a receberem salários altíssimos ainda na adolescência, e, apesar da evolução financeira, sabemos que intelectualmente essa evolução não ocorre na maioria dos casos. Desde o período de profissionalização, os dirigentes já eram provenientes da elite, e essa melhor condição poderia levá-los a influenciar os garotos a se dedicarem não somente ao futebol profissional, mas também aos estudos, e até hoje não vemos nenhuma apologia de incentivo aos estudos. Esses garotos sacrificam sua juventude nos treinamentos rígidos em busca da profissionalização, porém, para isso, geralmente é necessário em muitos casos largar os estudos ainda fundamentais. É extremamente importante a valorização dos estudos no meio futebolístico, pois além de proporcionar o crescimento individual dos atletas, o esporte tornar-se- mais inteligente e transmite uma cultura diferenciada aos que estão fora das quatro linhas, além de incentivar o estudo ao jovem que sonha em ser jogador e que, independentemente de concretizar ou não seu sonho, não retardaria seu futuro por causa do futebol.

A concreta expansão do futebol profissional ocorre quando clubes europeus buscam atletas de países que ainda não haviam profissionalizado o futebol, como Argentina, Uruguai e Brasil. Apenas na década de 30 é que a institucionalização do futebol profissional passa ser dominante no futebol mundial. É nesse processo que destacamos a combinação positiva entre radiodifusão e profissionalismo na América do Sul.

A transição do futebol amador para o profissional tem como marca principal a entrada de jogadores de classe proletária nos grandes clubes, em sua maioria negros, mulatos e mestiços e foram eles que trouxeram uma nova marca para o futebol nacional veiculada como o “estilo brasileiro de jogar futebol” (FREYRE, 1964, 1971a; RODRIGUES FILHO, 1964). Levine (1982) registra a profissionalização do futebol brasileiro como o terceiro período da história do futebol no Brasil: é o início de sua profissionalização (1933-1950) e regulamentação pelas leis sociais e trabalhistas do governo Vargas. Agora o futebol é marcado como espetáculo acessível a todos. Consequentemente, com o futebol profissional ocorre o fim do amadorismo, pois os atletas passam a ser funcionários dos grandes clubes, mesmo havendo ainda aquela divisão de classes, que os mantinha ativos apenas no campo, e não no social do clube.

“Foi criada uma nítida divisão entre o campo de futebol e o clube, que, ao mesmo tempo, precisava provocar uma regeneração do esporte amador. Além disso, a equipe profissional tornara-se inevitável para impedir a saída de jogadores brasileiros para países que já haviam introduzido o esporte profissional” (ROSENFELD, 1993, p. 87).

Anteriormente à profissionalização, no período de 1910 a 1930, os jogadores de bola já recebiam dinheiro para jogar futebol, mas não eram profissionais, portanto isso ocorria de forma ilegal e era conhecido como falso amadorismo ou “profissionalismo marrom”. Esses pagamentos eram espécies de gratificações que ficaram conhecidas como “bicho”. Mas apesar desse “bicho”, os jogadores buscavam a profissionalização. Reivindicando a exploração sofrida, saíam para o exterior em busca da profissionalização nos clubes que ofereciam essa oportunidade.

O Vasco da Gama foi o primeiro clube a profissionalizar seus jogadores e como disputava o campeonato da primeira divisão em 1923, acabou induzindo a profissionalização dos demais clubes. Seu time era constituído basicamente de jogadores negros, o que refletia uma grande diferença do campo para o social e para a direção do clube. Para os jogadores o futebol era um trabalho, uma profissão

(PEREIRA, 2000, p. 309). A conquista do título estadual pelo Vasco da Gama marcou ainda mais expressivamente essa transição do futebol amador para o profissional (RODRIGUES FILHO, 1964).

O profissionalismo do futebol necessitava resolver o problema da tensão racial entre os jogadores do campo e social do clube, mas essa divisão tornou-se mais clara ao utilizar-se apenas de critérios técnicos para a escolha desses jogadores. Rodrigo Filho, jornalista de O Globo, em 1930 buscava o fim da discriminação racial defendendo o profissionalismo, para que não houvesse mais preconceito contra jogadores de cor como Leônidas, Gradin e Preguinho. No Brasil, essa profissionalização criou o estilo brasileiro de jogar futebol livrando os jogadores da elitização e do paternalismo (LOPES, 1998).

Resumindo, ocorreram três fatos que foram predominantemente importantes para a profissionalização do futebol no Brasil: (1) A conquista do título sul-americano em 1919 passou a atrair um grande número de espectadores aos estádios do Rio de Janeiro e de São Paulo, o que obrigou os clubes a melhorarem as condições do espetáculo, já que as pessoas pagavam para assistir. Isso proporcionou a entrada, que era feita apenas em análise técnica, de jogadores operários, negros e mulatos nos grandes clubes. Essa nova condição marca o fim da elitização do futebol, levando o espetáculo à popularização. Nesse período, os pagamentos aos atletas ainda eram feitos de forma ilegal, no quadro de “profissionalismo marrom”. (2) A conquista do Vasco da Gama do estadual de 1923 traz uma revolução, considerando que o time era constituído basicamente de atletas pobres e de negros que necessitavam de remuneração para continuar exercendo seu futebol. Isso propiciou, inicialmente, o pagamento dos “bichos” e, logo depois, de salários, explicitando a necessidade da profissionalização do futebol. (3) As leis trabalhistas e sociais de Vargas, em 1931, que fizeram do futebol uma nova profissão (PRONI, 2000, p. 107). O profissionalismo do atleta de futebol foi implantado pela lei 6.354/76, proporcionando uma mudança definitiva, já que a profissão estava agora fundamentada.

Podemos considerar que, nos dias atuais, ser profissional de futebol é uma das carreiras que mais despertam a atenção dos jovens e da mídia. A imprensa salienta que essa expectativa ocorre principalmente com os garotos proletários e que pode promover uma grande mudança na condição financeira desses candidatos, devido aos altos salários pagos. Mas é importante ser crítico a essa questão no Brasil, pois devemos considerar que esse é um mercado extremamente competitivo no qual poucos terão a oportunidade

de entrar, principalmente pelas muitas exigências feitas, como as capacidades técnica, tática, física e emocionais.

Apesar de a mídia evidenciar em menor escala os fracassos no futebol, sabe-se que o sucesso pleno nesse esporte é alcançado por uma minoria dos jogadores. Dessa forma, muitos jovens se encantam com a divulgação realizada pelos meios de comunicação que demonstram a vida de alguns jogadores de sucesso com grandiosas casas, carros importados e outros sinais de riquezas, não percebem que essas condições são a realidade de uma pequena porcentagem dos atletas profissionais e que, em contrapartida, existem as dificuldades daqueles que vivem no anonimato, com contratos ruins e baixos salários, somados ao convívio diário com infraestruturas desqualificadas.

Por questões políticas e também econômicas, houve o afastamento, em 1930, do então presidente Washington Luís e a entrada do General Mena Barreto, provisoriamente, até a posse definitiva de Getúlio Vargas em 4 de novembro de 1930, marcando assim o fim da Velha República (1889 – 1930) e o início da Segunda República (CARONE, 1985; CARDOSO; FALETTTO, 1970; FREYRE, 1971b). Já em sua posse se anuncia o “Programa de Reconstrução Nacional”, composto de 17 itens, entre eles a criação do Ministério do Trabalho e de leis que amparassem e defendessem os trabalhadores urbanos e do campo. Esse programa contava com questões importantes para o futebol como a sua regulamentação, apesar de ainda não reconhecido, e também a regulamentação de outras profissões no período de 1930 a 1936. Essa lei beneficiou trabalhadores de vários setores como farmacêuticos, bancários, navegadores, padeiros, barbeiros, transportadores, hoteleiros e funcionários públicos (MENDES JÚNIOR; MARANHÃO, 1981).

Consideramos então que a partir dos anos 30, com o governo de Vargas, surgem novos valores e relações sociais por causa da regulamentação de várias profissões, inclusive a de jogador de futebol. O Estado Novo foi de extrema importância para a transformação, organização e modernização do esporte brasileiro. Graças a essa organização, o futebol na década de 30 contava com a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e a FBF (Federação Brasileira de Futebol), ambas organizadoras do futebol, a primeira como responsável pelo amadorismo e a segunda pelo futebol profissional.

Em síntese, foram relatadas as transformações societárias que o futebol foi capaz de proporcionar, expressivas não só por sua profissionalização, mas principalmente pela inclusão do proletariado num meio até então elitizado. Ocorreram também mudanças políticas e legislativas que proporcionaram tal evolução e modernização. A

profissionalização trouxe questões técnicas para dentro do universo futebolístico, mas não matou a ludicidade que existe nos pés de muitos meninos e meninas que jogam bola nos mais diversos bairros brasileiros, além de proporcionar uma mudança cultural que transformou esse esporte em um grande espetáculo que movimenta milhões de recursos, e milhares de empregos diretos e indiretos, e também proporciona ao povo brasileiro, até exageradamente em alguns casos, a oportunidade de torcer por um clube, por um país, a chance de um momento tão lúdico que é capaz de unir classes e raças em torno de um único escudo, de uma única paixão chamada futebol.

“Olha o amendoim, tem pipoca, geladinho, água, sorvete etc...” As torcidas na expectativa... As bandeiras tremulando... Começará a partida no Estádio da Pesquisa – tenhamos um bom jogo!

PRIMEIRO TEMPO

O SONHO DE SER CRAQUE

“Você verá
Que a emoção começa agora
Agora é brincar de viver...”
(Guilherme Arantes).

Tendo em vista a coleta de opinião de alunos em uma escolinha de futebol franqueada de um grande clube da cidade de São Paulo a respeito das expectativas de ingresso nos clubes profissionais de futebol, foi elaborada e aplicada, no primeiro semestre de 2011, uma pesquisa de opinião utilizando o Método de Likert.

A pesquisa de opinião é um instrumento eficaz para identificar com relativa exatidão tendências e posições de segmentos sociais. Primeiramente, ela não retrata, exatamente, as representações pessoais e sociais, muito menos o fenômeno na sua empiria, porque as pessoas e os grupos sociais “posam” nas respostas, pelas mais diversas razões. Em segundo lugar, para analisar os fenômenos é necessária, por parte do pesquisador, a observação direta, em campo. Assim, mesmo que a maioria dos informantes tenha a mesma opinião, não quer dizer que vá acontecer do modo como responderam ou reagiram ao instrumento de coleta, porque não fizeram pesquisa para respondê-lo. Como o próprio o nome indica, trata-se de uma pesquisa de opinião.

Portanto, observada essa relativização, usada com os devidos cuidados e acoplada a outros procedimentos, a pesquisa de opinião é uma primorosa ferramenta para detectar problemas percebidos e sentidos pelos sujeitos da pesquisa. Nesta pesquisa, ela esteve associada às entrevistas em profundidade e à observação direta dos fenômenos futebolísticos pelo próprio pesquisador, que viveu percursos biográficos e trajetória profissional congêneres às de seus informantes.

Buscando demonstrar o que se procurava, nas hipóteses formuladas nesta tese, a respeito do sonho de crianças e de jovens ao acesso à carreira profissional de futebol pelo ingresso em clubes de prestígio no setor, foi aplicado um instrumento de coleta de opinião a estudantes de uma “escolinha de futebol”. Por que foi aí aplicado e não em

outras instituições, como os internatos de grandes clubes? Porque é nas “escolinhas de futebol” que, na verdade, se desenvolve forte esperança nas crianças e nos jovens, na medida em que elas são estabelecimentos comerciais que se propõem a abrir as portas dos caminhos que levam aos clubes onde se formam profissionalmente os atletas para esse esporte, acenando com fortes possibilidades de ingresso na carreira profissional. Sabendo de antemão que este não é o caminho para a concretização desse desiderato, é certamente aí, também, que ocorrem as decepções, o desencanto dessa juventude que, de certa forma é enganada.

Foram elaborados 2 (dois) instrumentos de coleta de opinião: um para os alunos e pais e um para os proprietários de escolinhas de futebol. Esta separação foi necessária porque os demandantes têm expectativas sobre a formação do atleta para o profissionalismo; os proprietários têm concepções sobre a melhor maneira de se formar esse atleta. De um lado, demandas e expectativas; de outro, oferta de serviços e de *marketing*.

Os instrumentos de coleta de opiniões (v. no Anexo 2) foram compostos de 10 assertivas, cada uma delas construída de modo a conter afirmações claras e objetivas. Em cada afirmação está subentendida uma das hipóteses sobre a opinião dos diversos protagonistas dessas organizações a respeito, fundamentalmente, da formação do atleta de futebol e da estrada que o conduz para um grande clube e para a carreira profissional de futebol.

Os sujeitos deveriam responder ao instrumento de acordo com um esquema de 5 (cinco) alternativas. Portanto, trata-se do que poderia ser classificado como um “inquérito”, aplicável a um número maior de sujeitos, com questões estruturadas, com base na escala Likert (v. MARINHO, 1980). Assim, cada pesquisado (a) teve sua opinião colhida, em cada quesito, de acordo com a respostas dada e registrada no próprio instrumento, por meio de uma das 5 (cinco) alternativas ponderadas

A amostra totalizou 74 (setenta e quatro) sujeitos, sendo 50 (cinquenta) alunos, 20 (vinte) pais e 4 (quatro) proprietários de “escolinhas de futebol” – (2) da escola alvo e (2) de escolas vizinhas.

Após o recolhimento das opiniões, a primeira tarefa foi a de tabular todas as respostas em uma matriz que permitisse enxergar e extrair com mais facilidade as respostas que representavam pontuações maiores e menores, de acordo com os pesos relativos a cada alternativa de resposta já mencionados.

Em seguida, como é praxe no Método Likert, fez-se o teste de consistência, cujos procedimentos são os descritos a seguir.

Depois da coleta, registro e tabulação das respostas na matriz de análise, foram separados os 20% (vinte por cento) dos instrumentos que apresentavam, no conjunto de todos os instrumentos aplicados, os menores escores, isto é, a soma de todos os pesos das respostas atribuídas em cada instrumento. Da mesma forma, foram separados 20% (vinte por cento) do total dos instrumentos respondidos, correspondentes aos de maiores escores.

Como já foi explicado, mas não é demais reiterar, a resposta de cada quesito do instrumento de coleta de opinião foi ponderada em uma escala de 1 (um) a 5 (cinco), da seguinte forma:

- (1) Discordo Totalmente.
- (2) Discordo parcialmente.
- (3) Não tenho opinião formada.
- (4) Concordo parcialmente.
- (5) Concordo totalmente.

Como cada instrumento compreendia 10 (dez) assertivas, a soma máxima possível seria 50 (cinquenta) pontos, se um informante respondesse a todos os quesitos com “Concordo totalmente”. Já a soma mínima possível seria de 10 (dez) pontos, se um entrevistado respondesse a todos os quesitos com “Discordo Totalmente”.

Como a pesquisa aplicada aos estudantes totalizou 50 (cinquenta) sujeitos, foram separados os 10 (dez) instrumentos de maiores escores e 10 (dez) de menor, sendo registrados no Quadro I, de acordo com uma disposição que facilitasse o cálculo do grau de consistência de cada quesito.

Diz o Método Likert que a fórmula para calcular o grau de consistência de um instrumento de pesquisa de opinião é a seguinte:

$$C = \frac{d}{n}$$

Na qual:

$$d = \sum ma - \sum me \text{ e}$$

n = número de instrumento (10, no caso)

Vejamos a tabulação dos instrumentos respondidos, calculados quanto ao grau de consistência em cada quesito.

QUADRO I
GRAU DE CONSISTÊNCIA DOS QUESITOS DO INSTRUMENTO DE
PESQUISA DE OPINIÃO APLICADO AOS ALUNOS DA “ESCOLINHA DE
FUTEBOL”

SUJEITOS	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	Total
Tostão ⁵	4	5	2	2	5	5	5	5	1	5	39
Pelé	5	5	1	4	4	5	3	4	4	5	40
Zagalo	5	5	3	2	5	3	5	5	3	5	41
Zico	5	5	4	3	4	5	4	5	1	5	41
Rivelino	4	5	5	4	4	4	5	2	3	5	41
Didi	5	5	4	2	5	4	4	5	3	5	42
Garrincha	5	5	4	3	3	5	5	4	3	5	42
Vavá	5	5	4	4	5	4	4	5	4	4	44
Pepe	5	5	5	3	5	5	2	5	5	5	45
Coutinho	4	5	5	3	5	5	3	5	5	5	45
Σ ma	45	50	37	30	45	45	40	46	32	49	<u>420</u>
Σ me	28	13	16	22	30	22	13	25	12	34	<u>215</u>
D	17	37	21	8	15	23	27	21	20	15	205
C	1,7	3,7	2,1	0,8	1,5	2,3	2,7	2,1	2,0	1,5	
Borges	1	1	5	1	1	5	3	1	1	2	21
Neymar	2	1	1	3	4	2	1	1	1	5	21
Dentinho	4	1	1	3	5	1	1	1	2	2	21
Ganso	1	1	1	3	4	3	1	2	1	4	21
Ronaldinho	5	1	1	1	1	1	1	4	1	5	21
Ronaldo	4	1	1	3	3	3	1	2	1	3	22
Pato	4	1	1	1	1	2	2	4	1	5	22
Cleber	4	4	1	3	4	1	1	2	1	1	22
Leandro	2	1	3	3	2	1	1	4	1	4	22
Kaká	1	1	1	1	5	3	1	4	2	3	22

Para que um quesito possa ser considerado consistente, o Método Likert determina que ele seja igual ou superior a 2,0 (dois), recomendando que os que apresentarem um grau de consistência inferior sejam desconsiderados e refeitos, para nova aplicação, ou bastante relativizados, se considerados na tabulação, análise e interpretação geral.

No caso em tela, são consistentes os quesitos II, III, VI, VII, VIII e IX, representados, respectivamente, pelos graus 3.7, 2.1 2.3, 2.7, 2.1, e 2.0. Os demais, I, IV, V e X são inconsistentes, porque correspondem, respectivamente, aos graus 1.7, 0.8, 1.5 e 1.5. O quatro ficou muito inconsistente e, por isso, não será levado em

⁵ Evidentemente os nomes dos informantes foram trocados por jogadores brasileiros de renome internacional.

consideração. Os demais poderiam ser considerados na análise, com bastante cuidado, pois apresentaram pequeno grau de inconsistência.

A etapa seguinte da análise compreendeu a tabulação, em separado, das respostas dadas em cada quesito do instrumento de coleta de opinião. Os quadros de II a VII ilustram a tabulação detalhada de cada quesito consistente, de acordo com o teste de consistência.

QUADRO II

QUESITO II (ALUNOS)

() Você escolheu matricular-se nesta “escolinha de futebol” porque ela é a do clube de seu coração.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	22	44,0
Discordo Parcialmente	2	4	8,0
Não Tenho Opinião Formada	3	2	4,0
Concordo Parcialmente	4	7	14,0
Concordo Totalmente	5	15	30,0
TOTAL	-	50	100,0

Com este quesito procurou-se investigar se a franquia adquirida pela “escolinha de futebol” interfere na escolha do jovem aluno, pois, neste caso, ele vê a possibilidade real de construir uma trajetória de sucesso, por meio da “escolinha de futebol”, inclusive com a possibilidade de levá-lo ao clube de que é torcedor como jogador profissional.

De acordo com o Quadro II, 22 (vinte e dois) sujeitos discordam totalmente da afirmação de que a escolha da escola para sua matrícula tenha sido influenciada pela *franchising*, isto é, porque a escola é conveniada com o clube com o qual ele mantém uma relação de afetividade. Somando-se aos mais 8,0% que discorda parcialmente, mais da metade dos entrevistados não vê relação entre a franquias e a escolha da escola de formação de atletas de futebol. No entanto, somando-se os que concordam, obtém-se o resultado de 44%. Apenas 4,0% disseram não ter opinião sobre o tema. Portanto, no cômputo geral do quesito, os que discordam totalmente e os que discordam parcialmente somam 26 sujeitos (52%), mostrando uma tendência maior para a não vinculação da escolha da matrícula em uma escola de futebol com o clube do coração.

Em suma, os entrevistados hesitaram em ver ou não a relação em tela, o que, porém, deixa claro que a maioria entende ser a “escolinha” um caminho importante para a profissionalização no futebol.

QUADRO III
QUESITO III (ALUNOS)

() Você escolheu esta “escolinha de futebol” porque seu ídolo joga na equipe com cujo clube ela é conveniada.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	24	48,0
Discordo Parcialmente	2	5	10,0
Não Tenho Opinião Formada	3	5	10,0
Concordo Parcialmente	4	9	18,0
Concordo Totalmente	5	7	14,0
TOTAL	-	50	100,0

Com essa afirmativa procurou-se pesquisar como as diferentes mídias fazem ou desfazem o ídolo, estimulando a indústria do esporte que se beneficia “vendendo” sonhos. Em geral, a fabricação das estrelas está ligada à “indústria do futebol” e a busca frenética por alcançar o objetivo de se tornar jogador de futebol profissional de sucesso encontra aí, certamente, uma identidade. Assim, as “escolinhas” se aproveitam desse fator para aumentar suas matrículas e vender a expectativa de que é possível a realização dessa aspiração da juventude.

As respostas a este quesito registraram 24 (vinte e quatro) sujeitos, correspondentes a 48% do total pesquisado, que discordam totalmente da afirmação contida nela. Trata-se, portanto, de uma expressiva amostra dos entrevistados (quase metade) que entendeu que a causa primária de sua matrícula na “escolinha de futebol” “x” ou “y” não está ligada ao fato de seu ídolo fazer parte do clube com a qual ela é conveniada. Somadas as respostas com discordâncias parciais, chega-se a 58% do total pesquisado neste quesito. Em suma, a maioria não vê esta relação: apenas 32% concordam com a assertiva contida no quesito e 10% não tem opinião formada.

Cabe esclarecer que até 10%, nesta última opção (“Não Tenho Opinião Formada”), é compreensível. Acima deste percentual, é preciso examinar com mais cuidado a formulação dos quesitos, especialmente se considerar que se está pesquisando em um universo de pessoas que têm razoáveis noções da área.

Aqui, não há dúvida de que a tendência da maioria é acreditar na importância de buscar uma “escolinha” que tenha a franquia do clube no qual está o ídolo, a referência de sucesso no futebol profissional. Certamente a não unanimidade das respostas

concordantes se deve ao fato de que não fica claro no quesito que o ídolo tenha se formado em uma escola com franquia com o clube do coração.

QUADRO IV

QUESITO VI (ALUNOS)

() Para se tornar jogador profissional não é necessário treinar em “escolinha de futebol, mas, principalmente, ser chamado para treinar diretamente no clube, ou se destacar nas “peladas” dos campos de várzea.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	13	26,0
Discordo Parcialmente	2	7	14,0
Não Tenho Opinião Formada	3	10	20,0
Concordo Parcialmente	4	8	16,0
Concordo Totalmente	5	12	24,0
TOTAL	-	50	100,0

No quesito VI, houve grande hesitação. Aqui, a barreira dos 10% do sem opinião foi ultrapassada. Esta deve ter sido uma afirmação que levou os respondentes a pensar com mais cuidado, mais profundamente. De fato, no interior de uma “escolinha de futebol”, indagar a seus alunos – que estão ali por uma escolha pessoal ou familiar, certamente atraídos e convencidos de, por este caminho, chegar ao profissionalismo no futebol – se a maneira de concretizar esse sonho é por outros caminhos... E veja-se que coisa curiosa: 40% discordaram da afirmação e 40% concordaram, sendo que a concordância total e a discordância total tiveram apenas 2 pontos percentuais de diferença a favor da discordância.

Nessa elocução, pretendeu-se conhecer inicialmente a importância das “escolinhas de futebol” em relação às outras possibilidades de se ingressar efetivamente em um clube profissional de futebol. Tentou-se, ao mesmo tempo, verificar se esses aspirantes têm consciência clara, ou crítica, sobre a eficácia do caminho escolhido para a realização do sonho de jogar em um grande clube de futebol profissional.

É claro que, em nenhum momento, o instrumento de coleta de opinião pretendia induzir respostas, mas tão somente obrigar os entrevistados a uma reflexão mais profunda sobre o papel das “escolinhas” na formação dos atletas desse esporte.

QUADRO V
QUESITO VII (ALUNOS)

() Para chegar ao clube como jogador (a) não é suficiente ter um bom desempenho na “escolinha de futebol”, porque é mais importante ter um bom “padrinho” ou empresário que o coloque no clube.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	19	38,0
Discordo Parcialmente	2	8	16,0
Não Tenho Opinião Formada	3	6	12,0
Concordo Parcialmente	4	8	16,0
Concordo Totalmente	5	9	18,0
TOTAL	-	50	100,0

Aqui, continuou-se a provocação a respeito dos vários meios atuais de acesso aos clubes profissionais de futebol, de novo questionando, na “toca da onça” (na própria escola), a escolha dela como caminho para a realização da aspiração do profissionalismo no futebol.

Além disso, o quesito insinua a manipulação das estratégias de acesso no “sistema clubístico” por protagonistas que não pertencem, em natureza, ao mundo desse esporte, mas que têm poder nas operações que articulam interesses diversos – na maioria das vezes, não desportistas – que, afinal, são os que irão determinar quem ingressa, ou não, no processo de seleção e formação de aspirantes à carreira de jogador de futebol.

Os dados do Quadro V revelam que apenas 38% discordam totalmente da afirmação. Somados aos 16% que discordam parcialmente, os que não consideram que é necessário um intermediário da política de favor ou de um profissional da criação de oportunidades é maioria absoluta. No entanto, não deixa de se insinuar a dúvida sobre a eficácia das “escolinhas” e de outros meios para ingresso na carreira profissional de futebol fora da intermediação desses agentes do nepotismo ou do reconhecimento profissional das trajetórias de sucesso, pois 34% concordam que o ingresso na carreira depende do empresário ou do “padrinho”. A política do favor e do compadrio – tão frequente nas relações sociais brasileiras – aparece na profissionalização do atleta de futebol. É o mais curioso é que a profissionalização é antitética ao nepotismo, por definição.

QUADRO VI
QUESITO VIII (ALUNOS)

() Ser jogador de futebol é uma excelente profissão, porque a maioria ganha muito dinheiro, e os jogadores se tornam famosos.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	7	14,0
Discordo Parcialmente	2	9	18,0
Não Tenho Opinião Formada	3	2	4,0
Concordo Parcialmente	4	17	34,0
Concordo Totalmente	5	15	30,0
TOTAL	-	50	100,0

Este quesito ajuda a perceber como o *glamour* do ambiente do futebol estimula o sonho dos jovens. A possibilidade de ascensão financeira, *status* e benefícios que a fama pode trazer são cobiças que permeiam os pensamentos da juventude e, neste aspecto, alimenta não somente os sonhos dos candidatos, mas também de terceiros que passam a viver intensamente, em conjunto, o projeto de realização no futebol que os favorecerá, caso o sucesso aconteça.

De acordo com o Quadro VI, 7 (sete) sujeitos, equivalentes estatisticamente a 14% da amostra, discordam totalmente da afirmação sobre o futebol ser uma excelente profissão, porque a maioria dos jogadores ganha muito dinheiro e se torna famosa. Somados aos 18% que discordam parcialmente, a discordância chega a 32%, o que é, no mínimo, curioso, em uma organização que diz, implicitamente, abrir as portas dos caminhos que levam aos clubes, onde se formam os atletas para o profissionalismo no futebol.

Porém, quando se verifica o inverso, a concordância, os números se tornam expressivos: 15 (quinze) entrevistados, equivalente a 30%, concordam totalmente com a afirmativa. A eles se somam 17 (dezessete), correspondentes a 34%, que concordam parcialmente. A soma das concordâncias dá, portanto, 64% das opiniões. Isso mostra que, há uma tendência a se pensar que o futebol permite ganhos financeiros, prestígio e *status* social. De fato, é uma verdade, mas é preciso estar atento à quantidade (mínima) de jogadores que alcançam essas benesses. Não se pode deixar de considerar que a maioria dos jovens encontra-se enfeitiçada, encantada com a ilusão de que a maioria dos jogadores ganha muito dinheiro e fica famosa, concluem que é uma excelente profissão.

Neste quesito, os sem opinião são estatisticamente desprezíveis.

QUADRO VII
QUESITO IX (ALUNOS)

() Você procurou a “escolinha de futebol” porque conhece vários jogadores famosos que por elas passaram.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	25	50,0
Discordo Parcialmente	2	5	10,0
Não Tenho Opinião Formada	3	7	14,0
Concordo Parcialmente	4	7	14,0
Concordo Totalmente	5	6	12,0
TOTAL	-	50	100,0

Neste item, indagou-se se a escolinha tem sido determinante em revelar, indicar ou ceder, para os clubes, talentos que se tornaram ídolos no futebol, provocando a reflexão sobre a perspectiva de entender se aquele local era o melhor canal de acesso aos clubes e, por conseguinte, se a permanência nele levaria ou facilitaria o início da trajetória de realização do desejo de se tornar jogador de futebol.

De acordo com o Quadro VII, 25 entrevistados discordam totalmente da ideia de terem procurado a escolinha de futebol por conhecerem vários jogadores famosos que por ela passaram, totalizando assim uma porcentagem de 50% dos inquiridos, metade dos entrevistados revelou não conhecer jogador famoso que tenha passado por “escolinha de futebol”. No entanto, 6 sujeitos, ou 12% dos entrevistados, ainda continuam iludidos com essa possibilidade, porque a pesquisa empírica demonstra que a “estrada real” para entrada em um clube e na carreira de futebol profissional jamais passou pelas “escolinhas”. Mais 14%, ou seja, mais 7 (sete) entrevistados, continuam parcialmente acreditando também na ilusão. Certamente não responderam com o “Concordo Totalmente” porque, no quesito, está a expressão “vários jogadores famosos”. No entanto, como nenhum jogador famoso passou pela “escolinha” até agora, ambos os grupos de respondentes basearam suas respostas, certamente, no “ouvir falar”.

Assim, ficou claro que a maioria discorda da assertiva contida no quesito.

Diante dessas respostas, percebe-se tendência majoritária, mas não expressiva, de os alunos das “escolinhas de futebol” terem nelas se matriculado por razões diversas do sonho de aí encontrar o caminho para o ingresso na carreira profissional de futebol.

Todavia, um número expressivo de sujeitos (22%) ainda acredita ter sido a “escolinha” o instrumento, o meio, o canal para se alcançar o eldorado futebolístico.

Termina, aqui, a tabulação dos resultados do inquérito realizado com os alunos das “escolinhas de futebol”. No entanto, este capítulo ainda deverá conter os resultados dos instrumentos de coleta de opinião aplicados aos pais e aos proprietários dessas escolas.

Assim, na próxima etapa deste estudo, faz-se a tabulação das respostas dos pais e, como na etapa anterior, proceder-se-á ao exame do grau de consistência desses instrumentos. Curiosamente, apenas os quesitos II e III, ambos com o grau 3.5 lograram consistência. Os demais quesitos (I, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X) mostraram-se inconsistentes nos seus respectivos graus (0.75, 1.5, -0.5, 1.25, 0.25, 1.25, 1.75 e 1.25). Apenas o IX aproximou-se do grau 2,0. Veja-se o cálculo do grau de consistência do instrumento aplicado aos pais no Quadro VIII.

Aqui, cabe uma observação metodológica: a escala Likert aplicada a um número baixo de sujeitos provoca este elevado número de quesitos com baixo grau de consistência nas primeiras aplicações. O ideal é refazer os quesitos inconsistentes e reaplicá-los até obter o grau de consistência mínimo (2,0). Não é o caso nesta tese, porque as entrevistas em profundidade é que balizarão as opiniões dos sujeitos mais envolvidos nas questões e hipóteses do trabalho. De qualquer forma, não deixa de ser curioso o fato de os pais terem respondido consistentemente os quesitos mais controversos do instrumento.

QUADRO VIII
GRAU DE CONSISTÊNCIA DOS QUESITOS DO INSTRUMENTO DE
PESQUISA DE OPINIÃO APLICADO AOS PAIS

SUJEITOS	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	Total
Pinga	4	5	5	5	5	4	5	5	1	3	42
Dunga	5	5	4	4	5	5	5	3	3	4	43
Ademir	5	5	5	5	4	4	5	4	4	3	44
Djalma	5	5	5	4	4	4	5	4	5	4	45
Σma	19	20	19	18	18	17	20	16	13	14	174
Σme	16	7	6	12	20	12	19	11	6	9	118
D	3	13	13	6	-2	5	1	5	7	5	-
C	0,7	3,2	3,2	1,5	0,5	1,2	0,2	1,2	1,7	1,2	-
Nilton	2	1	1	4	5	4	5	1	1	1	25
Gilmar	4	1	1	3	5	1	5	4	1	3	28
Dunga	5	1	1	4	5	4	4	2	3	3	32
Leão	5	4	3	1	5	3	5	4	1	2	33

A seguir, foram tabuladas as respostas dos quesitos consistentes (II e III), nos quadros IX e X.

QUADRO IX
QUESITO II (PAIS)

() Você escolheu matriculá-lo (a) nesta “escolinha de futebol”, porque ela é a do clube do coração dele(a).

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	5	25,0
Discordo Parcialmente	2	0	0,0
Não Tenho Opinião Formada	3	0	0,0
Concordo Parcialmente	4	4	20,0
Concordo Totalmente	5	11	55,0
TOTAL	-	20	100,0

Com este item, procurou-se investigar se a franquia adquirida pela “escolinha de futebol” interfere na decisão dos pais de nela matricular os filhos, influenciando-os e motivando-os a se dedicarem à construção de uma trajetória que os leve a defender o clube de seu coração como jogadores profissionais.

Como se pode ver no Quadro IX, 5 (cinco) sujeitos discordam totalmente da afirmação de que a motivação da matrícula do filho tenha sido efetivada porque a escola é conveniada com o clube com o qual ele mantém uma relação de afetividade. São 25% dos entrevistados que, mesmo que pensem ser a “escolinha” a porta de entrada para o caminho da profissionalização do(a) filho(a), não o vinculam ao “clube do coração”.

No entanto, somando-se os 11 (onze) – 55% dos entrevistados – respondentes que concordam totalmente com os 4 (quatro) que concordam parcialmente com a assertiva de que a escolha da escola estivesse vinculada ao clube pelo qual o filho torce, chega-se ao expressivo percentual de 75%! Ou seja, a imensa maioria dos pais matricula os filhos na escola vinculada ao time pelo qual eles mesmos torcem porque, em geral, eles influenciam os filhos para tal preferência.

Fica no ar a questão: Os pais acreditam realmente que a “escolinha” “franqueada” seja o início da caminhada para a profissionalização do filho na carreira futebolística? Parece que sim porque, se a maioria escolhe a escola em função do time, entre esses pais estão, certamente, mesmo que em um número menor, os pais que escolhem este caminho por nele acreditarem.

Vale destacar que nenhum entrevistado apresentou respostas relacionadas a não ter uma opinião formada, assim como a de discordar parcialmente.

Apenas 4 sujeitos pesquisados, 20% do total, concordam parcialmente com a afirmação de que a relação torcedor/time tem uma influência na escolha da “escolinha de futebol” para a matrícula do(a) filho(a)⁶.

As respostas a este quesito deixam claro porque não se deve considerar “concordar parcialmente” como igual a “discordar parcialmente”. Quando se concorda parcialmente com alguma afirmação, a atitude é inicialmente afirmativa; ao contrário, quando se discorda parcialmente, o ponto de partida é de discordância, revelando uma maior rejeição da afirmação do que na concordância, mesmo que parcial.

QUADRO X

QUESITO III (PAIS)

() Você escolheu esta “escolinha de futebol” para seu(sua) filho(a) porque o ídolo dele(a) joga no clube com o qual ela é conveniada.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	7	35,0
Discordo Parcialmente	2	2	10,0
Não Tenho Opinião Formada	3	2	10,0
Concordo Parcialmente	4	5	25,0
Concordo Totalmente	5	4	20,0
TOTAL	-	20	100,0

No Quadro X, encontramos 7 (sete) sujeitos, o que corresponde a 35% do total pesquisado, que discordam totalmente da afirmação nele avaliada. Certamente entenderam que a motivação primária para a decisão sobre a matrícula dos respectivos filhos na “escolinha” não está ligada ao fato de seu ídolo fazer parte do clube com a qual ela é conveniada. Somados aos 2 (dois) entrevistados que discordaram parcialmente, os discordantes somam 45% do total, o que aponta para um número significativo de sujeitos-pais com uma posição imparcial em relação ao clube e ao ídolo que admiram.

Curiosamente, também somando-se os 5 (cinco) sujeitos (25%) que concordam parcialmente com os 4 (quatro) que concordam totalmente, chega-se aos mesmo percentual dos discordantes: 45%. Desta forma, houve um mesmo percentual entre

⁶ É bom lembrar que, cada vez mais, as mulheres, no caso as meninas passam a constituir contingentes significativos de torcedoras e de jogadoras.

concordantes e discordantes da assertiva contida no quesito III do instrumento de pesquisa de opinião aplicado aos pais de estudantes de “escolinhas de futebol”.

Vale ressaltar que apenas 2 (dois) pesquisados – equivalente a 10% --, responderam não ter uma opinião formada sobre a questão.

Nos demais quesitos desse instrumento, a variação de opiniões foi muito pequena, em alguns, insignificante, o que revela a obviedade das questões neles contidas. Neste sentido, não se deve usar seus resultados para efeito de análise; o caminho mais correto seria a reaplicação do instrumento com os quesitos inconsistentes reelaborados. Lamentavelmente, isso não foi possível, porque o pesquisador já encontrava muitas dificuldades para ingressar na escola e obter as informações. Retornar a ela seria praticamente impossível e não faria sentido, na reaplicação, buscar outra escola e outros informantes.

Na etapa subsequente, calcula-se, como das formas anteriores, o grau de consistência dos quesitos que compõem o instrumento de pesquisa de opinião aplicado aos proprietários de “escolinha de futebol”.

Aqui, também apenas dois quesitos deram grau de consistência aceitável para a pesquisa. Um deles é o III, que coincide, neste caso, com os resultados das entrevistas dos pais; o outro é o IX que, nos dos pais, aproximou-se bastante do grau de consistência aceitável (1,75). O III deu grau 2 (dois) e o IX, grau 3 (três).

Enquanto isso, as proposições inconsistentes correspondem aos itens I, II, IV, V, VI, VII, VIII e X, tiveram graus inconsistentes, respectivamente, 1 (um), 0 (zero), 0 (zero), 0 (zero), 1 (um), -1 (menos um), 0 (zero) e 0 (zero). Neste caso, o quesito II não ficou próximo do mesmo quesito aplicado aos pais.

Vejamos, na tabulação, o cálculo do grau de consistência dos quesitos do instrumento de pesquisa de opinião aplicado aos proprietários de “escolinhas de futebol”.

QUADRO XI
GRAU DE CONSISTÊNCIA DO INSTRUMENTO DE PESQUISA DE OPINIÃO
APLICADO AOS PROPRIETÁRIOS DE “ESCOLINHAS DE FUTEBOL”

SUJEITOS	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	TOTAL
João	5	5	4	4	5	2	4	4	4	1	38
Σ ma	5	5	4	4	5	2	4	4	4	1	38
Σ me	4	5	2	4	5	1	5	4	1	1	32
D	1	0	2	0	0	1	-1	0	3	0	6
C	1	0	2	0	0	1	-1	0	3	0	6
José	4	5	2	4	5	1	5	4	1	1	32

O que se percebe no cálculo do grau de consistência dos quesitos de um inquérito de opinião é que não faz muito sentido calculá-lo quando o número de respondentes é muito pequeno. De qualquer forma, fizemos o cálculo, para mostrar que quando a consistência aparece em um quesito, ela aparece nos mesmos quesitos quando o instrumento é aplicado em outro segmento de entrevistados, especialmente se são da mesma faixa etária.

Abaixo são tabulados os resultados das respostas dos entrevistados em cada quesito do instrumento de coleta de opinião, considerando-se apenas os que se apresentaram consistentes no teste realizado, portanto, os que correspondem às assertivas III e IX.

QUADRO XII

QUESITO III (PROPRIETÁRIOS DE ESCOLAS)

() Na escolha de um clube para convênio com uma “escolinha de futebol” é fundamental levar em conta o número de torcedores da região em que ela se localizar.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	1	25,0
Discordo Parcialmente	2	1	25,0
Não Tenho Opinião Formada	3	0	0,0
Concordo Parcialmente	4	1	25,0
Concordo Totalmente	5	1	25,0
TOTAL	-	4	100,0

Com este item, procurou-se investigar se a franquia adquirida pelo proprietário da “escolinha de futebol” foi motivada diretamente pela quantidade maior de torcedores de um determinado clube em relação à localização do empreendimento, potencializando, assim, numa visão de oportunidade de mercado oportunista, uma perspectiva maior de lucros no negócio.

De acordo com o quadro XII, 1 (um) sujeito, o que equivale estatisticamente a 25%, discorda totalmente da afirmação que diz que é essencial para a “escolinha de futebol” a escolha da franquia de um clube levando-se em consideração o número de torcedores da região em que ela se localizar. Na mesma proporção, apresenta-se o contrário, ou seja, 1 (um) pesquisado, o que equivale a 25%, concorda totalmente com a

afirmativa. O Quadro também aponta para a mesma igualdade de respostas dos entrevistados que concordam e discordam parcialmente, as mesmas percentagens.

Nenhum entrevistado apresentou respostas relacionadas a não ter uma opinião formada. Em suma, neste quesito, as opiniões se dividem igualmente, já que a soma dos que concordam e dos que discordam, total e parcialmente, equivalem, exatamente, cada um, a 50% da amostra. Significa dizer que as opiniões aqui se dividem e não dá para saber qual é a tendência da opinião dos proprietários de escolinhas quanto à importância do nome do clube com o qual se estabeleceu a franquia para o desenvolvimento do negócio.

Em relação ao último quesito a ser tabulado, vejamos seus resultados no Quadro XIII.

QUADRO XIII

QUESITO IX (PROPRIETÁRIOS DE ESCOLAS)

() Você abriu a “escolinha de futebol” porque conhece vários jogadores famosos que por elas passaram.

RESPOSTAS	PESO	N.º	%
Discordo Totalmente	1	3	75,0
Discordo Parcialmente	2	0	0,0
Não Tenho Opinião Formada	3	0	0,0
Concordo Parcialmente	4	1	25,0
Concordo Totalmente	5	0	0,0
TOTAL	-	4	100,0

De acordo com o Quadro XIII, 3 (três) sujeitos, o que equivale a 75%, discordaram totalmente da afirmação que diz terem aberto a escolinha por conhecerem vários jogadores que por ela passaram. A imensa maioria dos próprios proprietários reconhece que os jogadores profissionais, pelo menos os que alcançam fama e dinheiro, não passam pelas “escolinhas”. Dos 4 (quatro) entrevistados, apenas 1 (um) concordou, ainda assim “parcialmente”, ou seja, implantou a escola por outras razões.

Vale ressaltar que nenhum pesquisado hesitou em responder ao que era indagado: todos se manifestaram, tendo, portanto, opinião sobre o tema.

Nas considerações finais, serão comparadas as respostas das entrevistas em profundidade com as tendências demonstradas no inquérito.

Permita-se, novamente, a fala do atleta:

“O jogo esquentou, os ânimos estão exaltados. É isso mesmo pessoal, futebol é isso aí... No intervalo todos se acalmam um pouco para o segundo tempo da partida, que promete mais emoções.”

SEGUNDO TEMPO

O CRAQUE DESENCANTADO

“Isto aqui, ô ô
É um pouquinho de Brasil Iaiá...”
(Ary Barroso).

Nesta parte da tese serão examinados os registros das entrevistas em profundidade com jogadores

Os sujeitos das entrevistas foram informados sobre as finalidades deste estudo: as relações ocorridas nos processos de seleção e formação de atletas nas categorias de base dos clubes de futebol e suas consequências no contexto esportivo e educacional, servindo, desta maneira, de referência para a área da educação, especialmente no que diz respeito aos anseios, em geral frustrados, da juventude brasileira de realização profissional no ambiente futebolístico. Também foram esclarecidos o objeto e os procedimentos do estudo, bem como a metodologia de investigação na qual se insere mais ativamente a participação dos entrevistados.

Todos os sujeitos estavam cientes da liberdade para interromper a entrevista no momento em que desejassem, ou caso se sentissem constrangidos pelo tratamento de algum assunto. Foi-lhes informado também que os nomes dos entrevistados, assim como os das pessoas citadas nas entrevistas, ficariam sob sigilo absoluto e que a participação nesta pesquisa era voluntária; e que, finalmente, caso houvesse interesse, teriam pleno acesso a uma cópia da tese de doutorado depois de ela ter sido concluída.

Para atender aos objetivos do estudo, utilizamos a entrevista em profundidade. Por meio de um roteiro (v. Anexo 3) e sob esclarecimentos quanto a finalidade da pesquisa, os sujeitos se inteiraram e discorreram com total liberdade, relatando suas histórias de vida no futebol, principalmente no período das categorias de base, na fase de sua formação antes de se tornarem atletas profissionais de futebol.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em locais variados e horários pré-estabelecidos de comum acordo com o entrevistado. Em algumas delas, o entrevistador foi até o hotel em que o atleta estava hospedado, ou ao centro de

treinamento onde haveria seu treino, ou em outras localidades de mais conforto e privacidade, ou, finalmente, na casa do pesquisador.

É dispensável ressaltar, mas cumpre reiterar que a escolha dos sujeitos obedeceu aos critérios que atendiam, rigorosamente, aos objetivos do estudo, bem como à representatividade da amostra. Mesmo assim, a marcação dos encontros para a realização das entrevistas era condicionada à disponibilidade do entrevistado e, em alguns casos, da comissão técnica, com o intuito de permitir maior liberdade para que o sujeito expressasse suas vivências de maneira espontânea, relatando os fatos que interessavam à pesquisa. Além disso, os entrevistados tiveram tempo ilimitado para manifestar seus relatos livremente, como se pode observar nos registros constantes no volume dos anexos.

Antes da realização das entrevistas, os sujeitos que concordaram em participar do estudo receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), segundo normas do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Nove de Julho (v. Anexo 1), que foi preenchido e assinado por eles.

Percebeu-se que, durante a entrevista, nenhum dos sujeitos manifestou qualquer desconforto quanto aos objetivos do estudo. Todos eles se mostraram muito interessados no assunto e apreciaram a oportunidade de contar suas histórias de vida, que envolviam não só os fatos ocorridos com eles próprios, mas também os que presenciaram na trajetória de outros atletas que se encontravam em busca da realização de seus sonhos no ambiente do futebol.

As entrevistas em profundidade foram realizadas e tratadas conforme as seguintes etapas:

1.^a) Transcrição, palavra por palavra, das respostas dadas pelos sujeitos, sem qualquer intervenção interpretativa do pesquisador, com vistas a se obter a maior fidedignidade possível da opinião do entrevistado a respeito do tema em foco (as transcrições estão disponíveis na íntegra, mantendo-se a expressão original, até mesmo com erros de português, conforme se pode compulsar no Anexo 4).

2.^a) Após a transcrição, realizou-se a leitura atenta das entrevistas, de modo que o entendimento se tornasse completamente familiar. Durante esta leitura ouviam-se também as gravações das entrevistas para se ter uma percepção adicional do tom de voz, das pausas e do uso de determinadas expressões. Sabe-se que a entonação, os silêncios e até mesmo as expressões não verbais (das quais tentávamos nos lembrar, dado que se

manifestaram no momento da entrevista) estão carregados de significados que não aparecem na superfície dos textos.

3.^a) As entrevistas foram “tabuladas”, escolhendo-se como unidades de registro trechos ou citações que se referiam as hipóteses previstas na tese.

4.^a) Interpretação, com base nas categorias de Paulo Freire – opressão e conscientização –, das hipóteses secundárias mencionadas e em torno das quais foram agrupados os trechos escolhidos das entrevistas com os atletas profissionais do futebol.

Neste estudo, foram previstas algumas hipóteses que poderiam determinar o desencanto e, conseqüentemente, a desistência dos pretendentes ao projeto de profissionalização no futebol. Ao focá-las, organizaram-se as análises desta parte da tese, sempre que possível relacionando-as com os resultados das tabulações do inquérito realizado com base na escala Likert, constante da parte imediatamente anterior.

Seguem-se trechos das entrevistas que expressam o que se defende nas hipóteses desta tese. Foram seis os sujeitos pesquisados. Cada um deles teve seu nome trocado a fim de manter as identidades em sigilo. Vale lembrar que o sujeito número 1 (Zeca) não chegou a se profissionalizar, portanto, sua trajetória ficou restrita às categorias de base; o sujeito 2 (Joca) está atualmente em atividade na categoria profissional e o sujeito 3 (Zuza) já encerrou sua trajetória como atleta profissional. Os dois últimos não obtiveram reconhecimento nacional no cenário futebolístico brasileiro, foram tomados nesta pesquisa como universo de controle. Os sujeitos 4 (Dico), 5 (Nena) e 6 (Tito) foram constituídos como elementos do universo experimental, já que o objetivo da tese foi o de identificar os caminhos reais da profissionalização e do sucesso na profissão de jogador de futebol, para, por contraponto, verificar se as rotas e os meios buscados pelos jovens aspirantes são, de fato, os que conduzem a esse desiderato. Dico é um ex-atleta; Nena ainda está em atividade – ambos com reconhecimento no cenário futebolístico nacional e mundial. Tito se encontra em franca ascensão na categoria de base de um clube muito expressivo da capital paulista e que tem atualmente um número de torcedores de magnitude significativa no país. Lembre-se que estes três últimos entrevistados já tiveram passagens pela seleção brasileira de futebol, com convocações nas categorias de base e/ou na categoria profissional. Como se pode perceber, para cada atleta de sucesso do grupo experimental, entrevistou-se um correspondente no grupo de controle, formando as seguintes duplas:

1.^a Dupla: Dico/Zuza – ex-atletas;

2.^a Dupla: Nena/Joca – atletas profissionais em atividade;

3.^a Dupla: Tito/Zeca – atletas de categorias de base ou em ascensão.

Vejamos, então, à luz das hipóteses, os excertos das entrevistas.

Nesta primeira parte da análise das entrevistas em profundidade, as questões relativas ao “Apadrinhamento” como mecanismo de ingresso na carreira profissional de jogador de futebol emergem. De acordo com o depoimento Zeca, comungado por Joca, o ambiente do futebol, principalmente nas categorias de base dos clubes, sofre interferências de diversos atores, dentre eles, os pais de alguns jogadores que, por meio de contatos estabelecidos com mais proximidade com os treinadores, acabam fortalecendo vínculos que favorecem seus filhos dentro da equipe. Em troca, certos favores são oferecidos aos treinadores como forma de agradecimento pelo benefício concedido ao filho.

Zeca: Nesse tempo que eu passei lá, houve uma troca de treinador, por uma circunstância em que descobriram que esse treinador tava recebendo dinheiro de um pai de um atleta, pra manter esse atleta no elenco e jogando [...] Pô, o treinador assistia as partidas no meio dos pais, coisa que não é muito comum, né? [...] A gente ouvia muita intimidade de pais de jogadores com treinador, que favoreceu, sem sombra de dúvida, a permanência desses atletas dentro da equipe, uma oportunidade melhor do que a minha.

Joca: [...] Eu presenciei vários jogadores que tinham ali pais que faziam parte do conselho, que votavam para a Presidência [...] e que ajudaram seus filhos. E seus filhos não tiveram seguimento na carreira depois no profissional porque não tinham qualidade técnica.

Joca, Zeca e Tito acrescentaram que outra frente dessa problemática são os empresários de jogadores que, ao representá-los, buscam acordos com treinadores – alguns deles ex-jogadores que não conseguiram estabilidade financeira – e/ou diretores, com a finalidade de obterem lucros na promoção de seus atletas dentro dos clubes em futuras negociações. Desta forma, os jogadores desvinculados de tais frentes, em sua maioria, ficam desfavorecidos, órfãos e à mercê da sorte, refletindo a injustiça daqueles que estão “desapadrinhados” e, portanto, com menores chances de sucesso em sua trajetória.

Joca: [...] A gente vê geralmente, na base, ex-jogadores frustrados na profissão, ex-jogadores que não ganharam dinheiro como jogador

profissional, se aproveitam da categoria de base, de estar numa equipe de nome, para, ali, [...] tentar fazer uma espécie de caixa 2, né? [...] Então, aproveita da figura do empresário, que é uma figura bem sucedida, geralmente é um cara que nunca chutou uma bola na vida, é um investidor que tem dinheiro e que vê no futebol uma maneira de lavar dinheiro, que é uma grande lavagem de dinheiro né, pra muitos investidores aí. [...] E aí acabam se corrompendo no sistema, e no meio disso vários talentos do futebol brasileiro são esquecidos, vários talentos são mortos por esse tipo de sistema, por esse tipo de esquema, então o futebol vira um cartel.

Zuza: [...] Eu vi muita coisa disso, e treinadores ganhando dinheiro pra botar um jogador, pra mandar embora e pra abrir espaço. [...] Eu não tinha imaginação dessas coisas por trás que tinha de cartola, de dinheiro... [...] Aí, eles fizeram uma coisa por trás sem eu saber, um diretor com outro diretor [...] e um treinador que tinha me mandado embora, [...] tenho certeza, que eles ganharam, e poderia ter me dado, pelo menos quando a gente é jovem pra comprar ou pelo menos uma chuteira, ou um tênis, ou uma calça, e não me deram nada, falaram que eu tinha que treinar muito.

Tito: [...] Nem sempre o melhor está jogando. [...] Por fato de apadrinhamento, de um empresário muito forte ou o próprio treinador está tendo a porcentagem do jogador, tem muita coisa suja no futebol, muita coisa suja.

Joca, Dico e Tito afirmam ainda que alguns treinadores sofrem pressões de diretores, pais e empresários para escalar determinados jogadores. Assim, para manterem seus vínculos empregatícios, acabam concordando com o sistema corrupto, mesmo que por meio dessas verdadeiras “armações”, alijando e excluindo talentos impedindo-os de realizar os sonhos profissionalizantes no futebol.

Joca: [...] Às vezes, até os treinadores ficam de mão atadas, porque não podem fazer nada; ou eles escolhem o emprego deles, ou eles concordam com a sujeira política que se passa ali dentro.

Dico: [...] Eu tive que caminhar com as minhas próprias pernas; eu não era filho de conselheiro, eu não era filho de diretor; que tudo isso são pontos que pressionam, por mais que o técnico, às vezes, tenha uma linha séria, honesta; são, sim, situações que pressionam a cabeça do técnico pra que ele escale ou

pra que ele deixe esse atleta dentro do contexto, muitas vezes abdicando de ter um atleta numa condição melhor até naquele momento, né? [...] Muitas vezes, o treinador se sente pressionado, porque sabe que o pai do cara é jornalista ou é radialista, e que vai falar mal; e, aí, muitas vezes, se o treinador não tem personalidade suficiente pra assumir e matar no peito essa situação, ele acaba cedendo.

Tito: [...] Conheço bastante jogador que vem por causa de diretor, de empresário; que fica aí preso no clube e acaba atrapalhando um jogador que tem muito mais potencial que ele. E já vi muita coisa de pai ligando pra treinador; já vi falando com o treinador, e dando pressão em treinador, falando que se não botar o filho pra jogar vai dar um jeito de derrubar o treinador; que paga o treinador pra botar o filho pra jogar, isso eu já vi bastante também.

Segundo Joca, existem ainda treinadores que favorecem jogadores ligados ao mesmo empresário ao qual estão vinculados. Assim, treinadores e jogadores, alicerçados por seus agentes, estabelecem a formação de uma organização que monopoliza interesses comuns.

Joca: [...] Pelo fato de você ainda ter 14, 15 anos, 16, 17 anos, você tá vendo problemas econômicos dentro de uma categoria; você está vendo os treinadores sendo comprados, os treinadores sendo corrompidos, entendeu? Treinadores sendo aliciados por empresários, na ambição de galgar um espaço em uma outra equipe, entendeu? E jogadores que têm o empresário que trabalha naquela equipe, que tem a pessoa que gera né (?), que é o gestor daquela equipe, que é a pessoa de confiança do treinador, esse jogador que está com esse empresário, ele tem a vantagem sobre aquele que saiu de casa, que deixou a família, que ficou um ano longe da família, que fez a “peneira”, que mora em baixo da arquibancada, que não vê a família, e que sonha aquilo cotidianamente. Ver o seu sonho ser frustrado, ver o seu sonho ser morto, por esse tipo de sistema, por esse tipo de esquema, [...] que a gente vê hoje, é o fator econômico, o relacionamento; você tá engajado dentro do esquema, do sistema, isso é o diferencial. [...] Isso é o que determina, quem vai e quem fica, quem entra no trem e quem fica fora, entendeu? [...] se você não estiver bem assessorado por um grande agente que vai te dar respaldo, que vai te dar suporte, que vai cuidar de você dentro do clube, que, às vezes vai dar um presente pro treinador, vai conversar com o treinador; se o treinador também não fizer parte desse agente, a sua carreira está comprometida, você fica a

mercê da sorte, você fica a mercê do acaso, de encontrar pessoas sérias que existem né (?), mas, talvez, não nos lugares onde você está naquele momento.

Outro fato que chama atenção – e isto é corroborado por Joca e por Dico – é a extensão dessa relação entre empresários e diretores com treinadores da seleção brasileira das categorias de base, em que as convocações de jogadores têm em vista uma futura negociação que traga dividendos para todos que se envolveram com a exposição do atleta em determinada competição. Chama a atenção ainda porque se formam verdadeiras redes de interesses em torno do desempenho e exploração comercial de um atleta, cuja projeção é alimentada como fator de rendimento econômico.

Joca: Na seleção, os treinadores da seleção de base vão assistir os treinos. E eu me recordo que, uma vez, que ele foi assistir um treino, ele não conhecia ninguém, e acabou levando um jogador reserva pra seleção, né? E aquilo me intrigou muito, porque ah, pô, você vê, eles falam, ah (!), futebol é assim: às vezes, o cara gosta do reserva e não gosta do titular; mas, depois, eu fui descobrir que até o treinador da seleção, naquela época [...], levava dinheiro do empresário do jogador, entendeu? Então como é ele quem manda, é ele quem decide, né (?), ele levava o dinheiro e, aí, aquilo foi a primeira decepção.

Dico: [...] Houve situação do (*sic*) atleta ser o artilheiro do campeonato sul-americano, que é o classificatório para o mundial, fazer toda a preparação como titular na Seleção Brasileira e, na semana dos cortes pra viajar pro mundial, esse jogador, que foi titular, que foi artilheiro, foi cortado e foi convocado um jogador de uma equipe do Rio de Janeiro, que não estava, em momento nenhum, dentro do contexto. Enfim, isso porque o grande, a grande pessoa que estava do outro lado e que tinha uma influência muito grande na CBF impôs que o atleta tinha que ser convocado pelo que ele vinha fazendo dentro do clube. Quer dizer, então, mais uma vez, esses acordos, essas situações de você fazer “jogadas” pra ter um benefício mais à frente. Isso sempre existiu dentro do futebol.

Vale ressaltar que Joca, inicialmente, esteve como atleta que não possuía vínculo com nenhum empresário, sofrendo todas as sequelas de procedimentos espúrios nas relações entre empresários e jogadores, suportando todos os impactos negativos das interveniências sobre os “desapadrinhados” e, que posteriormente, ao tornar-se agregado a algum empresário, percebeu as regalias desfrutadas por quem estabelece e

aceita tais relações, levando-o à comparação dos extremos, que expressam o proletariado e aqueles que se encontram “desprotegidos”.

Joca: [...] Você precisa de alguém, de um empresário pra te bancar; o “esse é meu e ninguém mexe”, se revelar ele, X é do diretor, Y é do treinador, entendeu? Isso tem e isso eu não tive. [...] E o fato mais curioso disso: quando eu cheguei a subir pro profissional, eu já tinha 20 anos; era meu último ano de Junior; eu tava no limite, né (?) e eu só subi por um treinador que era do meu empresário. [...] Então, eu provei daquilo que as pessoas provaram a minha vida inteira; que eu via acontecendo na vida inteira, pela primeira vez na minha vida [...] E, aí, eu vi quanto o futebol era muito mais político, porque, quando na melhor fase da minha vida, aos 18 anos, no meu auge de motivação, no meu auge técnico, físico, eu não tive oportunidade; e quando eu tava desanimando, me preparando para ser emprestado, eu tive esse respaldo né (?), do meu empresário que era do meu treinador.

Joca salientou ainda que parte considerável das premiações, ou de qualquer tipo de valor recebido pelo atleta, passa a ser rateada por todos aqueles que fazem parte do esquema montado pelos empresários do jogador. Em outras palavras, por questões de sobrevivência no ambiente do futebol, o jogador submete-se a um sistema que o transforma em mercadoria.

Joca: [...] A parte gostosa, é a parte esportiva, a parte de competir, que é dentro do campo; essa é a parte gostosa. Agora, a parte fora do campo é uma sujeira, entendeu? É uma sujeira. Você, às vezes, vê jogadores aí que ganham: o cara ganha 300 mil, mas, o salário dele é 180; 120 repartidos entre empresários, treinadores, diretores. E, na base, não é diferente: tem jogadores de base com 16 anos, ganhando 20 mil reais, 30 mil reais. Isso não existe, o jogador não ganha esse dinheiro todo; o garoto não ganha esse dinheiro todo: ali, na base, ele já está distribuindo, ele já está começando a distribuir o salário dele, entendeu? Já está se prostituindo, entendeu? Infelizmente, a gente já se sente assim; às vezes, a gente se sente assim, pra tá dentro do esquema, dentro do sistema, você precisa, às vezes, ser tratado como prostituta mesmo... e tem que aceitar.

Joca e Dico apontam que, atualmente, no futebol, essas relações mercantis estão cada vez mais articuladas e presentes. Muitas delas estão ocorrendo precocemente, ou seja, os acordos são firmados já no processo de profissionalização, que prostitui

diretamente o aspirante a jogador, manifestando-se, portanto, já na adolescência dos atletas. Caso não ocorra nenhum acidente de percurso, a carreira dos jovens jogadores passa a ser um negócio em potencial, no sentido literal da expressão, uma vez que ela constitui um verdadeiro jogo de interesses que, por sua vez, envolve um permanente processo de compra e venda de “produtos”, beneficiando, antes de tudo, aqueles que compõem o esquema de opressão que perpassa a formação dos atletas promissores no futebol.

Já o sujeito n.º 5, Nena, apesar de entender que fica mais fácil ter maiores oportunidades quando se está amparado por um empresário, reconhece que sem o esforço e merecimento próprio as conquistas não têm o mesmo significado, o mesmo valor.

Joca: [...] A gente vê empresários pegando jogadores, pegando revelações aos 15 anos de idade. Aos 15 anos de idade é impossível você projetar uma carreira de um jogador; você não sabe se o jogador vai desenvolver a parte muscular, você não sabe se ele vai crescer mais, entendeu? Você não sabe como vai funcionar a cabeça dele. Então, hoje em dia, você já vê jogadores sendo agenciados por empresários aos 15, 16 anos de idade, que tão pegando ele lá na essência, na base né (?), e esses jogadores estão em vantagem daqueles que não têm...

Dico: [...] O empresário traz o jogador, o qual o empresário já tem uma ligação com o técnico do clube tal. “Olha eu estou mandando um jogador; 10% dessa negociação é sua”. Enfim, isso é uma coisa muito clara e, por isso, é que eu digo que ela é profissional.

Nena: [...] As coisas ruins do futebol, infelizmente, são pra fora né ? Nessa parte de corrupção ativa, favorecimento de um e de outros, isso aí é, mas eu acho [...], ninguém, nenhum cara quer as coisas de mão beijada; ele quer lutar pelo que ele... É claro que se tiver uma oportunidade de um empresário te favorecer é melhor, né? Por exemplo, ninguém quer de mão beijada; você quer conquistar aquilo com suor; você acaba tirando os seus méritos também, quando você consegue alcançar uma coisa muito grande na sua vida, né?

É importante salientar que Dico vê a figura atual do empresário como um parceiro do clube e até mesmo do jogador, desde que as interferências dele nas decisões da comissão técnica sejam nulas e se restrinjam a cuidar dos interesses do atleta no que

se refere à imagem, contratos e temas que possam trazer benefícios à carreira de seu agenciado fora do campo, dentro dos preceitos de lisura profissional e ética. Cabe ao clube instituir processos que determinem as condutas de trabalho, a fim de tornar mínimo, ou nulo, os direcionamentos que irão favorecer um atleta em relação a outro em virtude desses apadrinhamentos.

Dico: [...] Eu acredito que um empresário, nos dias de hoje, ele teria que ser um parceiro do clube, um parceiro, desde que essa questão das negociações de atletas, ela tem que partir do clube para o empresário, não do empresário para o clube. [...] O empresário, ele acha que ele tem o jogador, que ele vai fazer e que a força está na mão dele. A partir do momento que os clubes entenderem que não é dessa maneira, se realmente criarem processos, uma linha de conduta, uma linha de trabalho, [...] você vai conseguir minimizar essa interferência do empresário.

Nena afirma ainda que, atualmente, mesmo tendo talento para tornar-se um jogador profissional, é imprescindível que o candidato procure um empresário de futebol, pois é por meio dele que se facilitará o ingresso nas categorias de base dos clubes. Em outras palavras, mesmo talentoso, o atleta necessita da intermediação de um empresário, em virtude da monopolização das negociações dos passes por esse agente. Os empresários são justamente os atores que desenvolvem ações potencializadoras de atletas de sucesso, na medida em que sua atuação é eficiente e, por isso são reconhecidos e aceitos como tais por diretores, gerentes, coordenadores e membros de comissões técnicas dos clubes.

Nena: [...] Pra você ter uma oportunidade de se encaixar num bom clube de futebol, você tem que ter um bom empresário. É claro que a condição técnica [é necessária] pra fazer você virar um jogador de futebol, né? Mas, antes de você virar um jogador de futebol, tem que entrar lá, você tem que entrar num time, né? E o que eu acho que a maioria do pessoal reclama hoje em dia é a falta de oportunidade, o acesso a um time grande né? Então, eu acho que se você tiver quem te abra as portas pra você ter o acesso dali pra frente; eu acho que aí, sim: é a parte física e técnica da coisa, mas o acesso, você tem que ter um bom empresário. Pra ter um acesso. [...], acho que, de 10 crianças se você pegar e perguntar o que elas querem ser, 9 querem ser jogador de futebol. [...] Mas, não tendo um empresário vinculado ao um clube, ele vai sofrer também, mesmo que chega aqui voando. Vai sofrer, então, é fácil falar.

Acho que, na carreira de um jogador de futebol, hoje, o empresário infelizmente é imprescindível, tanto quanto a qualidade dele. Claro que a qualidade sempre você vai ter que ter. [...] Eu acho que, pra um jogador que quer se encaixar em um time grande, acho que o empresário é o primeiro caminho.

Tito garante que alguns clubes sofrem com esses tipos de acordos de favorecimento, com esses esquemas que envolvem pais, empresários, diretores, treinadores e terceiros. Isso porque, mesmo que também exijam qualidades do jogador em potencial, deixam escapar alguns talentos no interior dessa lógica puramente mercantil, impedindo a revelação de futuros craques, que sequer atingiram a maturidade adequada para despontar nesse esporte.

Observa ainda que os próprios jogadores conhecem essas falcaturas e que eles próprios tentam motivar-se mutuamente para suportar e superar essas situações constrangedoras.

Tito: [...] Hoje em dia, no futebol, não sei se antigamente era assim, mas hoje em dia tá sendo muito forte o apadrinhamento no futebol; tá dando muito certo e os caras estão forçando cada vez mais. [...] Os clubes, principalmente, são prejudicados com isso, ainda mais o clube aqui, que tinha uma tradição boa. [...] A gente quando vê que tem isso, a gente procura conversar com o companheiro que está sendo prejudicado, né? Dá uma força pra ele. Falar que “pô, tu é melhor que o cara, tu sabe que tem isso, que tem aquilo e trabalhar, e trabalhar forte, que tua hora vai chegar, e que tu é merecedor”. Então, a gente procura dar uma força. [...] Tem que ter alguém por trás, forte, um empresário, ou até um dos próprios diretores do clube... gostarem dele e quiserem dar um força pra ele. Mais talento só, hoje em dia, não consegue vingar. [...] Tudo que a gente vê, a gente vê que não depende só da gente... Futuramente, pra chegar em um time profissional. [...] precisa de um apadrinhamento forte.

Em síntese, os entrevistados revelaram que, embora qualidades adequadas do atleta para o desempenho no futebol sejam necessárias, elas não são suficientes para a profissionalização e para o sucesso nessa área. É necessário ainda o “empurrão” de alguém, a ação de um empresário, a intervenção de um agente perito nas artimanhas dos negócios que “rolam” nos bastidores do mundo futebolístico, de um *expert* nas

mediações mercantis que aí se dão e, no limite, receber a proteção de um padrinho, para que possa concretizar a utopia da profissionalização e do sucesso.

Se o talento é condição necessária, cada vez mais a “causa eficiente” – usando a expressão aristotélica da teoria da potência e do ato – da profissionalização e do sucesso na carreira futebolística é o agenciador, o investidor, em suma, o empresário.

A seguir, foram selecionados depoimentos que dizem respeito aos procedimentos que tentam convencer os atletas sobre a necessidade de sua adesão aos “acordos extracampo”, ou seja, aos arranjos que se dão nos bastidores do futebol, apresentados como imprescindíveis ao acesso ou à manutenção da carreira profissional. Aparecem também os depoimentos sobre os procedimentos que ludibriam os aspirantes e que acabam por se revelar como falsas promessas, seja em relação ao ingresso na carreira, seja para a manutenção e sucesso nela.

De acordo com o relato de Joca, os jogadores da categoria de base são os que sujeitam a participar de determinadas situações, no mínimo desconfortáveis, na esperança de que isso possa lhes trazer algum retorno, especialmente oportunidades de jogar e/ou de permanência no elenco. Uma dessas situações é a gerada pelo que, muitas vezes, se transforma em constrangimento religioso. Alguns atletas, não por convicção nem por identificação com qualquer confissão religiosa, acabam vinculando-se a grupos religiosos e frequentando determinadas igrejas, a partir do momento em que percebem a possibilidade de obtenção de amparo, proteção e mesmo de regalias e privilégios a que não têm acesso os que se mantêm distantes desses grupos.

Joca: [...] No juvenil tinha problemas: eu e outros jogadores que, na época, não eram, não frequentavam os grupos de orações mais evangélicos, né? A gente não frequentava. [...] Um preparador físico, mas que tinha muita influência com o treinador, que era um preparador físico, mas, era um auxiliar do treinador também, e aí ele confundia as coisas. Às vezes, jogadores que participavam do culto, às vezes, até mentirosamente, né? Eles iam, diziam que, pra ter o respaldo do preparador físico, tinham uma vantagem sobre os jogadores que não iam. Então, até a religião, às vezes, influi na injustiça da base.

Já Zuza comentou sobre os aliciamentos sexuais que acontecem com jogadores nas categorias de base. Ele revelou que alguns treinadores, diretores e até mesmo massagistas usam de sua posição para seduzir atletas, com a finalidade de manterem

relações sexuais em troca de favorecimentos no clube e, conseqüentemente, na equipe. Afirmou ainda que acompanhou casos de colegas fragilizados emocionalmente, com pouco suporte familiar e que cederam à abordagem desses atores para sustentar sua condição na equipe. Comentou, inclusive, que esses fatos são comuns, principalmente nas categorias amadoras dos clubes. A homossexualidade daqueles que detêm o poder é usada como moeda de troca e muitos jovens, com os acenos da possibilidade de obterem benefícios, acabam por aceitar tais propostas.

Joca: [...] A sociedade não imagina, ao tentar ingressar o seu filho numa equipe grande, numa equipe de tradição, [...] o que o seu filho vai passar, por injustiças, por treinadores que, às vezes, estão ali pra aliciar jogadores. Pô, já vi pedofilia dentro da categoria de base, entendeu? O treinador [...] foi demitido, depois, por pedofilia e os jogadores que ele aliciava tinham privilégios; os jogadores que compartilhavam daquela coisa que ele queriam ter privilégio. O futebol não pode ter isso: nem com a religião, nem com o sexo, com a pedofilia, e, muito menos, com o dinheiro, com a corrupção de treinadores, corrupção de dirigentes, com o apadrinhamento de dirigentes. [...] E eu presenciei fatos já, de amigos que acabaram se perdendo, que achavam que aquilo seria essencial na projeção da carreira, e não era. Às vezes era mais uma enganação, mais uma ilusão. Mas isso seriam coisas tristes que a gente fala, né? Mas, que acontecem no esporte, principalmente no futebol de base, onde o atleta é vulnerável, onde o atleta é uma criança, é um adolescente ainda, né (?) – dos 15 aos 16 anos, aos 17 anos, não deixa de ser um adolescente, que está em processo de formação pra vida – então é assim, é triste. Mas essa é a grande verdade do futebol; o futebol não é isso que a televisão mostra; o futebol não é isso: esse conto de fadas que passa na televisão e nos filmes; o futebol é uma máquina de dinheiro, uma máquina de corrupção e de sujeira, entendeu?

Zuza: [...] Tenho muitas histórias de abusos sexuais no clube. Sei que um treinador, que foi meu treinador, fazia relações sexuais com um colega meu, pra se tornar bem, que falava que ia fazer ele virar alguma coisa na vida, um profissional. Sei também que, em outro clube que eu passei que não vou dizer, mas isso com certeza, foi uma palavra do meu primo que eu botei ele em um clube, que umas pessoas fazendo massagem nele quis (*sic*) molestá-lo. Eu sei que tem muitas coisas de homossexualismo no futebol, porque os meninos são garotos, não têm cabeças muito feitas e querem viver na vida. E essas pessoas abusam desses garotos e é muito triste isso: acabar com o sonho de uma família... e, talvez, algumas vezes, são descobertas essas coisas

e treinadores e diretores e massagistas... e isso tem muito dentro de um clube que a gente fica muito chateado.

Segundo Zeca, existem muitos oportunistas espalhados no ambiente do futebol. Eles se apresentam como pessoas influentes, que podem trazer algum futuro para jovens candidatos à carreira de futebol, mas, na verdade, são verdadeiros ilusionistas, que vivem de promessas enganosas feitas a outrem.

Zeca: [...] Aí, eu tinha um contato lá também, de um treinador [...] Porra, esse cara enchia minha bola pro meu pai, falava um monte de coisa, fazia comparações com atletas que tinham sucesso; atletas que, inclusive, ele conheceu na idade em que eu tinha e falava que, comparando as idades eu demonstrava ter mais talento que eles. E aí, meu pai, né (?), manteve contato com ele. Olha essa situação: ele me prometeu ainda me mandar para um time do interior... no interior do Paraná. E, aí, eu comprei todas as minhas passagens cara. Você acredita que, na hora que eu tô lá pra fazer o *check in*, ele me liga pra dizer que tá tudo errado. Pô, e, aí, acabou a confiança com o cara né (?), o cara me prometeu; um mês antes de eu comprar a passagem... [...] e sabe lá onde ele ia colocar a gente. Graças a Deus, né (?), que não aconteceu isso. No aeroporto mesmo, porra, eu fiquei decepcionado pra caramba; voltei pra casa.

Joca acrescentou que alguns empresários iludem atletas com promessas de transferências para clubes no exterior, em países em que seria possível vislumbrar uma independência financeira em pouco tempo.

Joca: [...] O empresário, ao invés de ajudar, atrapalhou. Atrapalhou em que sentido? Já na base, querendo, fazendo a cabeça do jogador, trabalhando a cabeça do jogador, não pro profissional, mas para o exterior, pra ir para o exterior, iludindo. É, iludindo com propostas inexistentes, propostas que iriam mudar a vida financeiramente e que não aconteceram, que acabaram tirando foco, e atrapalhando como firmamento no profissional, né?

Nena, corroborando tais comentários, afirma ainda que alguns atletas que acreditaram nas falsas promessas de empresários chegaram a passar por situações de extrema necessidade: fome, moradias insalubres e más condições de retorno ao país natal.

O futebol está envolto com pessoas que buscam lucrar, em prejuízo de outros, produzindo situações irreais, engodos, iludindo candidatos facilmente, mais por causa dos sonhos de pais, responsáveis e do próprio aspirante do que pela falta de discernimento. As vítimas acabam acreditando nessas falsas promessas e arcando com gastos financeiros e desgastes emocionais incalculáveis.

Nena: Eu acho que tem muitos que estão levando moleques pra fora. Uma coisa é você estar aqui no Brasil e você fazer um teste no time e você não passar, e alguém te ajudar a voltar pra sua casa, né? Bom, eu já ouvi muita conversa de gente que foi pra fora e passou fome lá. O empresário chegou, vendeu, negociou e pegou o dinheiro; deixou o cara lá e veio embora. Isso acontece muito, e com idade de estar em categoria de base, [...] A maioria das coisas que os empresários mandam pra fora é barca furada que, além do jogador se traumatizar por não ter dado certo, ainda não tem como voltar de volta para o país dele. [...] Tem muita gente simples, né, que tem aquela vontade do filho se tornar jogador e a gente sabe que o cara quando é... Tem muito cara que é bom de lábia, aí, pra enganar um, dois, né? Então, por mais que o empresário se apresente, né (?) pra levar seu filho você tem que prestar muita atenção no que vai acontecer, porque muita gente se dá mal com isso.

Este último aspecto do depoimento revela que, no limite, tais iniciativas poderiam se caracterizadas como tráfico humano porque, no caso narrado, jovens inexperientes são abandonados à própria sorte em países estrangeiros.

Os excertos das entrevistas a seguir relacionados têm a ver com as relações de micropoder que extrapolam suas funções e se tornam relações de opressão, desencadeando a formação dos dois sujeitos históricos⁷ dessa complexa relação social: opressor e oprimido.

Conforme depoimentos de Zeca, Zuza e Nena, os empresários deixam claro que só lhes interessa investir naqueles jogadores que estão sob sua responsabilidade, enquanto os outros são totalmente descartáveis, inúteis aos seus olhos, pois não lhes oferecem a possibilidade de fazer negócios, exacerbando a mercantilização e, conseqüentemente, as relações de opressão que se instauram entre os que detêm o poder e aqueles alijados de qualquer apadrinhamento.

⁷ Esta adjetivação não é redundante, na medida em que “opressor” e “oprimido” só surgem em contextos específicos de relações de opressão. Eles são, portanto, atores ou sujeitos históricos, e, não, entes metafísicos.

Zeca: [...] Esses empresários, que passaram até a jogar algumas indiretas pra gente, pra mim pros outros atletas, que eram desses empresários como coisas do tipo assim, ah, a gente não vai ficar enfeitando bonecas dos outros não, tipo, pô a gente não vai ficar investindo em atletas que não vão trazer retornos pra gente; ou seja, assim, aos poucos a gente foi descobrindo coisas que aconteciam por de trás daquele campo de futebol.

Zuza: [...] Na categoria de base foi muito complicado pra mim, porque eu vivi sempre sozinho e sem empresário no futebol. [...] E isso eu acho que influi muito. Esses empresários que ajudam e atrapalham também os jogadores, ajudam e atrapalham jogadores, porque só olham dinheiro; não têm consideração por família nenhuma e pensam só no dinheiro e ficar rico. Ou não podem produzir mais eles largam esses jogadores.

Nena: [...] Eu acho que o pior é o seguinte: porque que eu fui tratado diferentemente daquele outro que foi fazer teste comigo, porque que ele foi tratado melhor que eu, né? Então, eu acho que isso que é o pior de um sonho, né? Eu acho que se você chegar num lugar e todo mundo te tratar igual e todo mundo, for tratado igual e você não deu certo paciência, lógico que nós mesmo vai falar “pô, eu fui tratado bem fizeram tudo pra me ajudar e eu infelizmente não mostrei a minha qualidade”. Mas quando você é tratado de uma forma diferente dos outros, é, eu acho que isso que atrapalha mais, isso que mais te frustra, né? [...] E isso no Brasil acontece muito, né (?) no futebol, é em todo o segmento da vida, né (?), sempre aquele cara que tem um conhecimento de bastidor ou que conhece alguém dentro de uma empresa, que conhece alguém, sempre ele é tratado de uma forma diferente de quem chega com a cara e com a coragem.

Outro aspecto muito abordado por Zuza, Dico, Nena e Tito foi a questão das lesões no futebol. Em geral, dessa questão decorre um processo de cobranças muito ásperas, sendo que algumas delas chegam ao limite de duvidar da palavra do atleta que reclama de dores.

Tenta-se, na maioria das vezes, acelerar o retorno do jogador às atividades esportivas, mesmo quando suas condições de saúde não se apresentem como adequadas. Com receio de ser excluído, o atleta se submete a jogar com dores, comprometendo seu desempenho individual e coletivo, gerando críticas daqueles que desconhecem seu real problema e, finalmente, agravando, às vezes de forma irreversível, sua integridade física. Com medo de retaliações, temendo punições e desligamento do clube, o atleta

cede às pressões e submete-se a essas situações profundamente opressoras.

Dentre outras coerções, podem ser citadas as:

a) do departamento médico que, para mostrar a eficiência do setor, “limpam” suas salas, acelerando o retorno do jogador, a qualquer custo, aos treinos e aos jogos;

b) de treinadores e demais componentes da comissão técnica que, pressionados por resultados, exigem o retorno do atleta para sanar deficiências na equipe, ou porque estão articulados perversamente com empresários e diretores que querem forjar uma situação em que se desenhe a baixa produtividade de determinado jogador, a ser substituído por um atleta apadrinhado;

c) de terceiros, que se julgam no direito de exercer críticas e cobranças a jovens candidatos sem apoio, que acabam assumindo a própria incompetência e desistindo do sonho.

Zuza: [...] Eu vi muita coisa dentro de um departamento médico, que a gente treina muito, muito, muito pra ganhar resistência, ganhar condição física e a musculatura de um garoto chega a não agüentar e acontecem essas lesões. E dentro dessas lesões vai pro departamento médico; é uma cobrança muito forte se você é um bom jogador, e o médico fica cobrando a gente que tem que voltar, põe a gente pra correr com o tornozelo ou o joelho um pouco dolorido; a gente sente que tem que voltar assim mesmo. [...] É uma pressão muito grande na cabeça de um garoto, porque ele não tá produzindo... [...] senão, ele vai ser mandado embora. Eu já vi alguns jogadores não voltando bem, sendo mandados embora. [...] E isso é muito complicado pra um garoto, porque ele perde um sonho, a musculatura não reage mais com muito treinamento. É muita pressão em cima de um garoto... as pessoas que estão de fora não veem isso.

Dico: [...] Muitas vezes, os próprios técnicos, pressionados por resultados, por vitórias, por títulos, acabam quebrando alguns protocolos, né (?), que são assim: [...] o atleta sentiu, teve uma contusão, você coloca num departamento médico, faz a recuperação, volta novamente e, a partir dali, você retorna e, por muitas vezes, de uma questão de resultado, esse jovem é pressionado até a jogar contundido. [...] Quando o profissional está num lugar só por resultados, ele acaba atropelando toda e qualquer situação de preservação desse jovem atleta, que é um futuro. Ele está pensando no resultado imediato e está se esquecendo do grande atleta que ele pode está perdendo por uma atitude como essa.

Nena: [...] Vi muitos treinadores, assim, treinadores vinculados a empresários que, por exemplo, tinham aquele jogador que era titular do time e ele ficava pegando no pé do jogador até tirar a confiança do cara, porque ele tinha trazido outro jogador da mesma posição pra jogar, né? [...] E aqueles jogadores que estavam na posição e que não eram de empresário, o treinador ficava minando o cara. Sabe, quando fica minando, só te critica, só te prejudica, só fica em cima de você, só te fala mal, o cara vai minando vai perdendo a confiança. [...] Então, na hora que ele vê que está todo mundo crucificando jogador, o técnico tira-o e coloca outro. Não parece que foi uma coisa armada, né? Então, isso eu vi muito, acontece muito. Eu acho que acontece, até hoje, [...] acontece no Brasil inteiro.

Tito: [...] A pressão geralmente tem muito, quando o atleta está lesionado e acabam falando que [...] ele não quer treinar, que ele está “pipocando” pro jogo. Isso acontece muito e aí vem a pressão da diretoria, vem pressão de departamento médico, pressão de tudo quanto é lugar. O cara realmente, às vezes está com dor. Mas, acabam forçando-o e ele vai querer forçar com o treino, vai querer forçar no jogo e acaba dando um estiramento, acaba dando uma lesão mais séria, e acaba prejudicando o jogador que poderia ficar uma semana se tratando para melhorar e acaba ficando um mês, dois meses, três meses. [...] Às vezes, ele acaba sentindo dores, por causa de uma carga de treinamento, alguma outra lesão de treino, falando que está com dor, e falam que não, que é migué, que é isso e que é aquilo. Fazendo os exames, aí, vão ver que realmente ele estava lesionado e, aí, ele fica em um departamento médico, as vezes, por pouco tempo de recuperação; às vezes, bastante tempo. Mas, quando dá muito tempo que vê que vai precisar do jogador, acabam forçando a volta dele e acabam prejudicando-o futuramente também.

Ainda tratando das lesões e pressões para o retorno precoce do atleta aos treinamentos e jogos, vale salientar que, segundo Nena, o jogador, quando ascende à categoria profissional, tendo acumulado experiências dessas relações de opressão, percebe-se como um elemento descartável, substituível a qualquer momento. Para isso, basta deixar de ser produtivo. Assim, ele entende que deve aproveitar o tempo em que é tratado como mercadoria para tentar acumular o máximo que puder no tempo de “vida útil” de atleta.

Nena: [...] A pressão no futebol é normal, né? De você jogar machucado, né? O pessoal sempre brigava, cobrava muito à parte médica do futebol; a medicina esportiva... a medicina esportiva nada mais é que infiltração, né?

Você está com uma parte lesionada do seu corpo, os caras te dão uma infiltração pra você não sentir a contusão; aí você acaba jogando. Isso acaba, no final de tudo, quando você vai ficando mais velho, você acaba sentindo, vai te cobrar uma hora essas coisas, e o dia que te cobram aí você vê que você é um cara totalmente descartável, não tem importância, não tem ninguém insubstituível, os caras colocam outro no seu lugar e você fica de lado. Mas isso é normal, porque por isso que eu acho que o jogador tem que ser o mais profissional possível, né? Quanto mais ele puder ganhar dinheiro dentro do clube, ele tem que ganhar dinheiro dentro do clube, porque ele sabe que uma hora ou outra o clube vai chutar, né?

Outro aspecto citado por Nena, e que causou assombro em relação às consequências dessas pressões, são os vícios adquiridos pelo atleta. Buscando uma fuga para o sentimento de “descartabilidade”, como compensação diante das relações de opressão estabelecidas no ambiente do futebol, o atleta acaba caindo nas garras dos vícios, até mesmo por dependência às drogas usadas nos tratamentos médicos.

Nena: [...] Estão exigindo muito dos jogadores hoje em dia. O jogador não é uma máquina. E o corpo cobra muito, e você sofre muito, né? E, às vezes, o sofrimento, a partir do momento que você faz uma coisa em sua vida e o sofrimento está maior do que o prazer, você tem vontade de desistir, porque nada vale o sofrimento se você for entrar em campo com dor, né? [...] Você acaba se cobrando muito, dormindo pouco, pegando alguns vícios que você normalmente não teria se você não jogasse. Eu, pra te falar a verdade, comecei a fumar jogando futebol; eu não fumava antes de jogar futebol. Foi uma forma que eu encontrei pra dar uma relaxada, porque você sabe, às vezes a pressão dentro da minha cabeça era muito grande e eu, felizmente, foi o cigarro, né? Tem muita gente que vai pro lado da bebida, que vai pro lado das drogas. Então, eu, apesar que o cigarro é uma coisa pior que tem, mas, pelo menos, é uma droga sociável.

Do depoimento de Dico, cabe destacar o relato em relação ao fato de alguns atletas atingirem o nível de maturidade hormonal, ligado diretamente ao crescimento e ao desenvolvimento físico, de maneira tardia. Assim, os jovens que se enquadram nesse perfil sofrem com as cobranças e injustiças impostas. Na maioria das vezes, não há, por parte daqueles que conduzem o processo de formação dos atletas, conhecimento necessário para compreender que o estágio de maturação chegará e que, naturalmente,

este aspecto somar-se-á ao talento do candidato que aspira à carreira de jogador profissional. Por conseguinte, alguns sonhos são desperdiçados pela má interpretação e desconhecimento dessas questões que envolvem o crescimento e o desenvolvimento do ser humano.

De fato, nem sempre os encarregados da preparação física dos jogadores são qualificados para o desempenho dessa nobre missão, muito menos da preparação psicológica. Só mais recentemente alguns poucos treinadores e preparadores físicos têm sido formados em cursos e escolas de Educação Física ou de áreas correlatas.

Dico: [...] Muitas vezes, você interrompe um período de produção do atleta, que esse período ele pode, ele é diferente um do outro; às vezes, dentro de um processo maturacional, tem um jogador que está seis meses na frente do outro, né? Toda essa questão hormonal, enfim, ele tá mais forte, mais rápido, ele consegue se recuperar mais rápido, porque o processo dele está mais adiantado. Às vezes, o jogador que é muito bom tecnicamente, tem uma condição muito boa, ele começa a ser massacrado por esse período. Então quer dizer e, aí, cabe um momento aonde é, a gente tem que ter pessoas mais preparadas, pessoas que entendam toda essa questão maturacional, hormonal, e avaliar aqui que você tem um grande, você tem ali um futuro atleta na sua mão, que você tem que esperar esse processo que, pra uns, ele é mais rápido e, pra outros, ele é de uma maneira mais lenta. Mas que vai acontecer e que vai chegar em um momento onde todos vão estar igual, e, aí, nesse momento, onde todos estão igual, no que diz respeito a essa questão, é onde a gente vai ver quem realmente tem condições.

É muito curioso observar que um jogador, também sem a devida formação na área, seja capaz de revelar toda essa análise crítica sobre as questões do desenvolvimento físico do atleta, bem como sobre a precária formação dos responsáveis por sua formação como profissionais.

Os trechos das entrevistas que são a seguir destacados dizem respeito ao desencanto com a profissão de jogador a partir da descoberta da trama que se passa nos bastidores do futebol e dos verdadeiros engodos veiculados pelos que detêm o poder de acesso e permanência de atletas na carreira. No entanto, o que emerge com mais força, é a sensação de ilusão, de desencanto dos jovens que, mesmo tendo ingressado nos canais que dão acesso à carreira, são oprimidos nas relações que se estabelecem na formação daqueles que se encontram nas categorias amadoras dos clubes. Em suma, uma parte da

juventude brasileira é enganada nas “escolinhas de futebol” quanto à estrada para ingresso e sucesso na carreira de jogador de futebol; outra parte – a que consegue descobrir a verdadeira estrada – se decepciona com os processos, as manhas e artimanhas urdidas nas relações dentro dos clubes.

Percebe-se, na análise desta questão, que Zeca, Joca e Zuza fazem revelações resultantes de leituras que fizeram de suas próprias vivências e experiências em situações concretas no ambiente do futebol profissional. Nelas, fica evidente que alguns fatores estão totalmente articulados para favorecer determinados candidatos (apadrinhados), enquanto outros sofrem as injustiças e as consequências da dura realidade de se estar só e desamparado em um universo em que ocorre um intenso jogo de interesses e de tramas contaminadas por traços totalmente estranhos e alheios ao esporte.

Os depoimentos, a seguir registrados, demonstram o desgaste emocional que acaba comprometendo a utopia que, um dia, embalou o sonho de crianças e jovens.

Zeca: [...] Depois de muito tempo, conversei com um amigo que era massagista da equipe, né? Ele chegou a me relatar coisas assim... que... tipo... “Porra Zeca, eu não te falei, eu não queria acabar com o seu sonho tão cedo, eu sabia que ali tu nunca ia conseguir ser um titular pleno. ... porque pô, tu competia com o filho do cara que tava bancando lá, cara. [...] E tendo o filho do empresário que bancava a equipe disputando posição contigo, cara, então era um ponto forte, né? Das grandes injustiças que acontece dentro do futebol...

Joca: ... porque a base é, o próprio nome está falando, é a base, é ali onde seus sonhos são projetados, é ali que você projeta o seu sonho e os seus desejos, que ficam dentro do seu coração, entendeu? [...] Quando você é garoto, você não enxerga essas coisas, você enxerga, apenas “ah não, é injustiça, o cara tá me sacaneando”. Mas você não sabe argumentar, você não sabe o porquê que ele está te sacaneando né? Às vezes, não é nem sacanagem, é porque a pessoa que está sendo privilegiada está dentro do esquema, está dentro do sistema, e você está fora, você está fora, entendeu? [...] Na minha maneira de ver o futebol, ele é mais injusto do que se pensa, porque o futebol, por ser esporte, por ser o esporte número um, e por nós sermos referência no mundo, não poderia existir isso, não poderia existir o fator econômico primeiro, do que o fator do talento, do essencial do futebol, né?

Zuza: [...] Achei que era o final da minha vida, e eu tinha 15 anos. Com 15 anos, eu achava que já tinha que voltar pra casa, que eu não seria mais ninguém, que eu fui um fracassado. E isso foi o que a cabeça de um diretor fez comigo. Mas eu já tinha [...] e eu sabendo que eu tinha futebol pra jogar e desanimei, falei que ia parar, que não ia jogar mais. [...] Parecia que morreu alguém da minha família, que eu ficava sem rumo nenhum.

Na continuidade da análise da questão do desencanto, é bom verificar algumas conclusões relatadas por Zeca, Joca, Zuza e Tito. Em um primeiro momento, o fato de não ter atingido o objetivo esperado faz com que o candidato atribua a si mesmo o fracasso de sua trajetória. Porém, ao compreender os esquemas espúrios mencionados, ele compreende que, sem um apadrinhamento, dificilmente haverá chances de sucesso nas categorias de base em que são formados os jogadores. Ele percebe que a figura do empresário é fundamental para quem quer ingressar na carreira, especialmente nos dias atuais. O principal ator que pode levá-lo ao ingresso e à sustentação na carreira – evidentemente, não excluindo os diretores, treinadores e mídia esportiva – submete-o, muitas vezes, à participação em transações sórdidas, que ocorrem nos subterrâneos do futebol. E ele se submete, quando não ainda não se percebe oprimido. Esta última percepção, é o início da caminhada para a conscientização e para a libertação.

Zeca: [...] Não é só a minha determinação, o meu talento que vai me levar a me tornar um jogador de futebol. Mais uma vez, por não ter auxílio ou amparo de empresários do meu lado, ou de pessoas fortes que poderiam me segurar ali, naquele momento; mais uma vez eu fui vítima desse futebol, que não é – como eu posso te definir? – vou buscar uma palavra aqui, que não é só essa coisa bonita que a gente vê. [...] Então ali foi a gota d'água, né? Porra, nesse dia eu cheguei até a chorar; porra, será que o problema tá comigo, no caminho, né? Porra, será que o problema sou eu? Aonde foi que eu errei, cara? Onde foi que eu errei? Será que foi aquela bola? Será que foi isso? Será que eu falei alguma coisa que o treinador não gostou? Dependendo da situação, porra, onde é que está o erro? Aí a gente passa a querer procurar o erro, né? Será que tá com a gente? Será que é comigo, cara? Será que eu não tenho condições? Mas, aí, depois, a gente esfria a cabeça e vê: muitas vezes, o problema não está só com a gente; o problema não é a gente e, sim, é a falta de acompanhamento por pessoas que conhecem verdadeiramente como se trabalhar no futebol; que não é só dessa forma, em que o talento de um jovem

vai levá-lo a ser um jogador profissional de sucesso, ou um profissional dentro do futebol.

Joca: [...] Hoje eu vejo que o futebol é um mercado, é uma máquina de fazer dinheiro e que a parte desportiva, a parte do *fair play*, é totalmente colocada de lado. No profissional é a mesma coisa: o jogador de futebol, hoje em dia, depende de empresário; ele depende da boa assessoria; ele depende de quanta comissão ele vai pagar pro empresário, que vai dividir essa comissão entre os dirigentes. Não vamos generalizar todo mundo, tem treinadores, também, que pegam muito.

Zuza: [...] Acabaram com o sonho de muitos amigos meus. [...] Eu vi jogadores fantásticos sendo mandado embora. [...] E a cabeça do menino... Não sei se ele tem estrutura em casa, ou se ele volta a ser bandido, se ele vai estudar. E isso é muito complicado, e essas coisas... eu acho que tem que olhar mais dentro de um clube. Eles têm que botar umas pessoas profissionais, umas pessoas com uma conduta melhor e isso pra cuidar dessas crianças, porque têm o sonho de ser profissional, e essas pessoas estão estragando o sonho de alguns garotos. [...] As pessoas que ficam de fora não sabem de nada que rola dentro do clube, eles não tem muito conhecimento. Vê, repórter fala o que quer, jornal põe o que quer. Dentro da situação do futebol, as pessoas não conhecem nada que tem ali dentro. [...] É muita safadeza no meio do futebol.

Tito: [...] Eu penso que o futebol, hoje em dia, é uma sacanagem, né? Muitos jogadores de empresários, esses negócios de ir forçando e quem não tem capacidade de pagar ou de forçar o empresário, ou alguma coisa assim, acaba se dando mal no futebol hoje em dia. [...] Muitos jovens acabam vendo que tem isso, que não tem empresário, que não tem apadrinhamento forte; acabam largando a bola por esses fatos. [...] Eu acho que, hoje em dia, o ambiente do futebol é muito sujo, pra quem vive o futebol, pra quem está dentro do clube. Para quem vê na televisão, sempre só vê coisas boas, geralmente vê uma briguinha ou outra; mas, coisas básicas... Ninguém vê a pressão que sofre de diretoria, de treinador e todo mundo. De dentro do clube, só o jogador e o pessoal que está dentro do clube sabe como é, que não sai na mídia... É bem complicado.

Apesar de não ser alvo direto deste estudo, ficou evidente no discurso de Zeca, Joca, Zuza e de Nena a consciência da importância a ser dada a uma adequada investigação a respeito das falcatuas, dos aliciamentos, dos processos de corrupção, dos

nepotismos, enfim, da opressão, que ocorre no universo futebolístico, bem como da necessária busca de alternativas para sua eliminação ou superação, já que o ambiente também é povoado por crianças e jovens carregados de sonhos e de utopias e, por isso, deve ser também educativo. Sendo um esporte tão popular, tão universalizado, o futebol não pode ser objeto da contravenção, mas um instrumento da realização das pessoas, um meio distinto no qual os próprios profissionais que nele trabalham possam garantir uma estruturação alternativa de vida, até mesmo depois da aposentadoria. Os clubes poderiam ser pedagógicos, verdadeiras escolas de vida.

Alguns dos entrevistados nesta pesquisa relatam que os clubes não têm como prioridade a preocupação com a educação dos jogadores e que a produção e a lucratividade resultantes das capacidades esportivas constitui o que lhes desperta maior interesse, pois são elas que se constituirão em fonte de geração das receitas que locupletarão os cofres do clube.

Zeca: [...] Começou (*sic*) a surgir outros pensamentos de buscar um plano B na minha vida, que foram os estudos. [...] Hoje, eu estudo, eu já estou para me formar; é, estou para terminar a minha graduação, no curso de farmácia, e vejo que, ali, eu posso caminhar mais só com as minhas próprias pernas. Sei que eu vou precisar do crédito de pessoas.

Joca: [...] Por isso que o que eu falo e o que as pessoas falam que é verdade: o estudo é o mais importante; o estudo é muito mais importante; o pai, a sociedade investindo no estudo, na educação do filho, na formação do homem é muito mais importante do que ele jogar. Jogar o filho dentro de uma cova, com leões, que é um clube grande, pode ser o São Paulo, o Corinthians, e o filho sai dali despreparado para vida, frustrado com a profissão, [...] porque não foi preparado pelo clube como um homem, não foi preparado, não teve a educação; os clubes sempre vêem o jogador como um objeto, que eles vão ganhar dinheiro, que eles não se preocupam com a formação do atleta, com a formação do homem, com a formação do cidadão, entendeu? Então eu acho que isso é o mais importante. A sociedade sabe que investir no seu filho, na educação, é muito mais importante, do que colocar o seu filho num grande clube. [...] E a família que coloca o seu filho, ela tem que estar sabendo, já está preparando ele, o lado psicológico dele, para tudo que pode acontecer, com pedofilia, religião, envolvida no meio do esporte, o dinheiro né (?), a corrupção de pessoas dentro do esporte; então, isso tudo é importante.

Zuza: [...] Não forcem ninguém para ir na aula. Eles querem produção dentro de campo para ganhar dinheiro dentro do futebol; não querem saber se o cara vai virar bandido depois dos 30 e poucos que parar; querem saber se produz dinheiro para o clube e campeonatos para o clube. E isso é muito difícil. Por isso que, nesse Brasil, param de jogar as pessoas de 30 e poucos anos; não sabem o que fazer não têm muito conhecimento, porque não forcem o garoto a estudar. [...] Alguns garotos têm o sonho muito de como andar de carro novo, de ter uma casa para a mãe, de dar presentes para os amigos.

Nena: [...] É um projeto de vida que você estaciona. Muitas vezes, você estaciona todos os outros projetos da sua vida, porque não dá tempo. Se você joga na categoria de base de um time, [...] então você parava, só que você estacionava os seus estudos, você estacionava a sua faculdade, estacionava; você parava com tudo, você vivia a expectativa de se tornar um jogador profissional e não precisar disso nunca, de estudo. Por isso ia ganhar dinheiro sem estudar. Então, muita gente, quando se pegou como não vou mais, como não tem como eu me tornar um jogador profissional, eu não vou viver disso, estava com tudo atrasado, estava com estudo atrasado, sem condição de brigar no mercado de trabalho por um emprego melhor, porque não tinha feito nenhum tipo de curso, nenhuma faculdade, nada. Então, que a gente sempre fala para os meninos de categorias de base, ali, né (?), que se você estiver condição hoje, se o clube tiver uma condição de fazer uma faculdade, enquanto você estiver jogando, aproveita isso, porque, se por acaso não der certo, você tem outro recurso, você tem um plano B na sua vida, para não te deixar desiludido totalmente.

Ainda estabelecendo relações com os trechos citados, percebe-se, nos depoimentos dos sujeitos Joca, Zuza e Dico, a seguir registrados, a decepção comungada pelos membros da família com as agruras a que se submetem os candidatos, assim como a importância dos pais nos momentos difíceis, solidarizando-se com eles e amparando-os para a superação das adversidades, e, dependendo da situação, apontando novas alternativas para um projeto de vida.

Joca: [...] Você saber que podia alcançar aquele objetivo, mas por terceiros, por falhas no sistema, por falhas no esquema, né? Você não ter conseguido, isso não mexe só com o jogador, mexe com os pais do jogador, com a família que está em volta do atleta, com as pessoas que apostaram, que foram honestas com você, com as pessoas que trabalharam honestamente [e que] também são frustradas, também são desiludidas com o futebol.

Zuza [...] Mas eu tinha uma mãe muito inteligente, que cuidou de mim na minha infância, quando eu fui mandado embora. E isso quase acabou com a minha carreira e [com] meu sonho de ser profissional. [...] O meu pai conversava muito comigo.

Dico: [...] Muitas vezes, o atleta, hoje, por ele ter um aporte familiar bom, por ele ter uma família que tem uma condição boa, que pode dar uma outra opção pra ele; [...] se ele está jogando em uma equipe onde ele passa a não ter nenhuma oportunidade, ele vai para onde a coisa está mais tranqüila; ou ele vai estudar, ou o pai vai arrumar um lugar para ele na empresa.

Segundo os depoimentos de Joca e de Nena, as realizações também ocorrem na carreira dos jogadores de futebol. O que chama a atenção é a maneira como estão expostas as duas interpretações de realização: ambas em discordância do que se compreende como realização. Joca afirma que é possível alcançar a realização financeira; porém, afirma, também com convicção, que apesar deste aspecto ter ocorrido em sua carreira, sente-se não realizado, pois atribui a concretização do sonho de um jogador de futebol o fato de ter o reconhecimento nacional de seu talento. O mesmo não aconteceu em sua trajetória, devido às adversidades que vivenciou e que o atrapalharam e desviaram do percurso idealizado.

Já Nena assegura que, apesar de ter acompanhado o destrato e as imoralidades dos bastidores do futebol com alguns dos jogadores e jovens que sonhavam, como ele, com a concretização do desejo de se tornar jogador profissional de futebol, conclui que recebeu mais do que imaginava ganhar, que pôde melhorar a vida dos seus familiares e a própria, e que, apesar de não ter construído uma trajetória internacional, sente-se totalmente realizado e grato com o que a carreira de jogador de futebol profissional lhe proporcionou.

Percebem-se, assim, dois diferentes polos de interpretação a respeito do que se pensa sobre realização no ambiente esportivo futebolístico. Vale ressaltar que, apesar do aspecto financeiro ser um fator alcançado pelos dois sujeitos, o reconhecimento nacional não atingido pelo segundo causa-lhe um verdadeiro vácuo em sua trajetória profissional.

Joca: [...] Então, eu acho que o jogador pode se realizar financeiramente, mas o grande sonho do jogador, talvez, não seja financeiro, [mas, talvez] seja o

reconhecimento do trabalho, do talento, no seu país, na sua sociedade. Uma coisa que eu não tive e que é uma lacuna que ainda está, que ainda não foi preenchida... [...] Por isso mesmo eu volto pro Brasil para recomeçar, para por a minha cara numa equipe menor, de menos tradição, mas volto para tentar preencher essa lacuna. Então meu grande sonho, hoje, continua sendo o meu grande sonho de 10 anos atrás, quando eu tava naquela transição de júnior para profissional: do reconhecimento nacional, queria que acontecesse comigo, aqui, o que aconteceu no Oriente Médio, entendeu?

Nena: [...] E eu me senti realizado, pelo amor de Deus. Eu acho que passei da conta; que eu poderia ser, na minha vida, né? Eu tinha um sonho: de poder sair, reformar a casa da minha mãe, ter a minha casa própria, né? Talvez, quer queira quer não, hoje em dia, no futebol, em um ano você consegue uma coisa que as pessoas não conseguem a vida inteira, que é ter uma casa própria, que é construir a sua casa, fazer a sua casa, né (?) e ter um carrinho. Para mim, e depois eu falar se eu tiver uma casa e um carro, eu posso voltar para casa e ter um trampo aí... Qualquer coisa que eu ganhar está bom. Então, eu passei disso, ajudei minha mãe, a minha família, né? Tive oportunidade de ganhar um dinheiro. Eu nunca joguei fora do país, porque eu achava que o dinheiro que ganhava aqui, para mim, estava muito bom. Eu nunca fui um cara de gastar fortunas, com carros, com rodas, com correntes de ouro; nunca foi a “minha”; eu nunca tive vontade disso e eu acho que se eu parasse de jogar futebol hoje, eu saía mais do que realizado, né? Super feliz por tudo ter dado certo para mim, muito mais do que eu imaginei.

Analisa-se abaixo alguns trechos das entrevistas de Zeca, Joca e de Zuza. Aqui, verifica-se uma decepção muito grande com as situações vividas pelos entrevistados. Fica expresso de maneira consistente o desencanto com as injustiças e as decepções causadas pelos agentes que detêm o poder nos bastidores do futebol.

Os relatos, entristecidos em função da percepção do cenário em que se desenvolvem as artimanhas subterrâneas do universo do futebol, são tocantes. Mas o são, também, pelo fato de registrarem as experimentações da crueldade e do desrespeito para com o sonho de jovens aspirantes.

Eles concluem, conscientemente, que apenas o talento e as habilidades não são suficientes para que um aspirante se torne um atleta profissional de sucesso no futebol. Concluem, portanto, que aquilo que é específico à *expertise* futebolística não lhes garante a realização de projeto de vida profissional no universo do futebol, uma vez que o caminho está pontilhado de obstáculos erigidos pelos critérios espúrios ao esporte e

que têm a ver muito mais com os negócios. Sem a presença de um interventor que lhes abra as portas por meio de acordos, nem sempre confessáveis, com os outros que participam dos esquemas engendrados nas coxias do futebol, dificilmente haverá uma perspectiva favorável para a concretização da aspiração à carreira profissional como plano de vida.

Por fim, chamam a atenção para que a sociedade abandone o ideário ingênuo de que o talento é o fator primordial que leva o jovem candidato ao sucesso no esporte e comece a se conscientizar de que é necessário um processo humanizante na área. É preciso que a igualdade de oportunidades seja estendida ao futebol, de modo a se desenvolver a equidade para aqueles que se atiram na aventura futebolística; que haja respeito e transparência nas relações entre os agentes que atuam na área, para que eles sejam verdadeiros atores da formação de atletas, escolhidos dentre os que apresentem, efetivamente, as potencialidades para a prática do futebol de alto rendimento; que a formação que se estende da iniciação profissional à verdadeira profissionalização seja adequada e oportunizada às diversas faixas etárias; que, por fim, mas não menos importante, os(as) atletas sejam formados(as), antes de tudo, como seres humanos, como cidadãos ativos, responsáveis e comprometidos com um projeto social democrático e justo.

Zeca: [...] Passei a enxergar o futebol como uma coisa que não tinha mais tanto valor, como aquele desejo de criança. Pô, eu vou fazer de tudo, só depende de mim, eu vou me esforçar, eu tenho minha família do meu lado, eu vou chegar lá. Mas, as coisas não são assim. Dentro do futebol, a gente precisa ter um grande auxílio; ter pessoas influentes que conduzam a gente da melhor maneira possível em todas as etapas, até se tornar um profissional. [...] Foi ali, sem sombra de dúvidas, o momento de explosão que eu desisti. [...] E aí, a gente leva a crer que pode ter situações... que a gente conclui que existem cartas marcadas dentro do futebol, né? [...] Aconteceu um grande desestímulo no meu desejo de querer me tornar jogador de futebol. Eu liguei para meus pais, comuniquei e regressei até a minha cidade natal. [...] O futebol foi um desencanto para mim; eu me desencantei com o futebol.

Joca: [...] A sociedade vê o futebol com *glamour*, vê o dinheiro em volta do futebol, mas isso é a maior mentira que existe, a maior mentira que existe; 5% dos jogadores de futebol, hoje em dia, ganham mais ou menos 1%; ficam muito bem; 1% está bem. A maioria está na extrema miséria. O futebol, ele é mal pago para os jogadores, né? [...] Então, a pessoa, o filho que sai da

favela, que vira jogador, que fica milionário: essa é a história de um entre milhões que ficaram para trás; um que entrou no trem, e milhões – não é mil não, são milhões – que ficaram para trás, que são frustrados, que largam o futebol. Às vezes, vão entrar na criminalidade, às vezes, no vício do alcoolismo, no vício das drogas. [...] A sociedade, é lógico, ela deve sempre ter a confiança. Cada história é uma história, mas resumindo, no fim das contas, 1%, uma raridade, um caso raro daquele garoto que veio da favela, que não tem um empresário, que não teve, ele acontece. A maioria, a grande maioria tem que fazer parte do sistema, ele tem que estar engajado no esquema; só com o talento ele não é capaz de alcançar o objetivo, de realizar o sonho. [...] Talvez essa seja a maior frustração da profissão, que é o futebol, né? Quantos milhares e milhares de jogadores têm o mesmo, quem nunca sonhou em ser um jogador de futebol? Tem até uma música – ela é muito famosa, né –, então, maior é a quantidade de frustrações, de depressões, de injustiças do que realizações.

Zuza: [...] É, as pessoas acham que quem tá jogando futebol é totalmente feliz. Eu vou ser... sinceramente, para você, nunca fui feliz jogando futebol. Em qualquer clube, sempre pressão e tristeza na minha vida. E isso, com a sinceridade que eu estou falando para você: eu nunca fui feliz jogando futebol. E as pessoas acham que a gente é o todo poderoso... que eu nunca fui feliz jogando futebol. Até hoje, tenho essa coisa comigo, que eu deveria ter nascido, ou para fazer outra coisa. E dei o máximo para os clubes onde eu passei. Eu acho que eu fui infeliz nesses clubes que eu passei – e sempre com muita tristeza.

O atleta, mais uma vez, pede passagem:

“A partida ficou muito tensa..., finalmente, terminou. Como explicar, agora, para os repórteres tal situação constrangedora?”

COLETIVA E CONSCIENTIZAÇÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Toda unanimidade é burra.”

(Nélson Rodrigues – Dramaturgo e Comentarista de Futebol).

Nas considerações finais desta tese, há que se retomar as hipóteses inicialmente formuladas na “Introdução”, para verificar se a pesquisa ratificou-as, ou se as contrariou, ou ainda se, como tem sido praxe na pesquisa acadêmica da área, apareceram mais questões e, portanto, mais hipóteses para a continuidade deste trabalho.

Antes disso, vale lembrar, conforme relatado na apresentação dessa tese, intitulada “A peneira, o treino, a convocação”, que o sonho do menino nascido no interior do Estado do Pará de se tornar jogador de futebol profissional num grande clube brasileiro, principalmente dos grandes centros futebolísticos, onde se concentram os clubes de maior expressão no cenário nacional, aconteceu. Se não se materializou com a projeção daqueles que se tornaram ídolos nacionais e mundiais, alcançou e experimentou o sabor de realização de situações especiais, ímpares, que marcam a história de vida de quem desejou e lutou para desfrutar momentos peculiares, tão exclusivos e vivos na lembrança, como o sorriso terno e feliz de criança que se encanta com o presente de um brinquedo. Mas, o lado amargo e cruel dos bastidores, das coxias do futebol também foi vivenciado e foi ele que, praticamente, impôs decisão de abandonar a carreira de atleta profissional.

A criticidade desenvolvida e instalada na personalidade do jogador, somada ao desencanto com as tramóias, falcatruas, articulações enganosas e engodos desconhecidos e encobertos aos olhos dos apaixonados pelo “esporte das multidões”, são determinantes para a desistência do projeto de continuidade na trilha do mundo da bola. Contudo, não são suficientes para calar a denúncia das situações de opressão, como foi revelado neste estudo. Esta atitude, no nosso caso, é motivada, sobretudo, pela obrigação de quem pretende agregar os resultados da pesquisa acadêmica, que trazem a tona problemas tão relevantes para a sociedade, de modo a que, por meio dessas

revelações se possa, no mínimo, provocar mudanças e transformações na maneira como se estruturam a seleção e formação de jogadores de futebol no país.

Este estudo teve como objeto verificar as relações de opressão que se apresentam no contexto da seleção e formação dos atletas de futebol. Esta verificação tinha como foco analisar se os mecanismos de acesso e os processos de permanência na carreira profissional de jogador de futebol retroalimentam a utopia infanto-juvenil, ou se a estiolam, levando à desilusão em relação a esse esporte. Uma das hipóteses centrais previa este desencanto, diante da dura realidade que impõe mil obstáculos tanto ao ingresso na carreira profissional, quanto ao processo de formação do atleta profissional no futebol.

Para melhor focar seu objeto, a investigação foi buscar na realidade empírica das “escolinhas de futebol” e dos clubes os dados relativos aos processos de ingresso, formação e permanência na carreira. Coletou e interpretou, também, a opinião dos “sujeitos” – aqui identificados como atores, porque este termo traduz melhor o protagonismo deles –, particularmente os atletas de sucesso profissional e, como universo de controle, os que fracassaram na carreira futebolística.

Assim, demonstram-se as duas hipóteses centrais desse estudo: a primeira, que conjecturava que o processo de recrutamento dos aspirantes a jogador de futebol que se profissionalizam passa por caminhos que excluem as escolinhas comerciais, ou seja, é conduzido por outras veredas; a segunda que projetava a formação dos jovens atletas de futebol nos clubes, em situações que se caracterizam, em geral, pelas relações de opressão.

As hipóteses originadas dessas duas, que denominamos “secundárias”, estão relacionadas à manipulação exercida por aqueles que, ligados ao universo do futebol, desviam-no de seus verdadeiros objetivos em função de interesses próprios. Em geral, são interesses movidos pelo oportunismo, pelas vantagens financeiras, via contratos vultosos. Muitas vezes, o “apadrinhamento” alia-se ao “oportunismo”, ou seja, mesmo que não sejam tão vantajosas financeiramente, as articulações possibilitam contatos importantes para a ascensão social e a promoção na área esportiva. Acrescente-se a essas especificidades de interesses a própria rigidez hierárquica em que as relações entre dirigentes/atletas muitas vezes são estabelecidas: caracterizadas pela opressão, submetem o jogador à quebra de valores éticos, à adesão a critérios e atitudes não condizentes com o que ele busca, verdadeiramente, na carreira esportiva. Finalmente, o desencantamento de que são vítimas os aspirantes à carreira de jogador profissional:

embalados pelo sonho do “esporte das multidões”, cedo se desencantam, à medida em que descobrem a exploração de que são alvo por parte das articulações de bastidores realizadas pelos que detêm o poder e o controle das decisões no setor e, conseqüentemente, percebem as relações de opressão que se estabelecem na formação daqueles que se encontram nas categorias ainda amadoras dos clubes. Esta hipótese poderia ser esquematizada na fórmula “encantamento x opressão = desencantamento”.

O inquérito aplicado nas “escolinhas de futebol” visou identificar as tendências de opinião em relação às possibilidades de contribuição dessas instituições para a realização do mencionado sonho de crianças e jovens.

A pesquisa realizada nessas últimas instituições revelou que, embora elas se declarem como escolas cuja finalidade precípua não é a profissionalização do jogador de futebol, assumindo ou não a franquia de grandes clubes ou de atletas de renome, elas não deixam de acenar à sua clientela que são uma espécie de “porta de entrada” da estrada que pode levar aos grandes clubes, onde realmente se dá a formação profissional nas categorias amadoras de base. Em outras palavras, há uma espécie de agenda implícita que cumpre uma função de *marketing*, ainda que a maioria expressiva dos atletas profissionais de renome no futebol não tenha passado por uma dessas “escolinhas”.

Da pesquisa de opinião aplicada aos “clientes” (alunos e pais) e prestadores de serviços dessas instituições, pode-se concluir:

1.º) O sonho em se tornar jogador profissional de sucesso é uma realidade entre os alunos dessas “escolinhas”, porque significativa maioria concordou, parcial ou totalmente, com a afirmação do quesito VIII da pesquisa baseada na escala Likert, que dizia ser a profissão de jogador uma excelente carreira, que confere elevada remuneração, fama e prestígio social (v. tabulação e análise no “Primeiro Tempo” desta tese).

2.º) Curiosamente, os pais justificaram a matrícula dos filhos em determinada “escolinha” principalmente pela vinculação dela (franquia) ao clube do coração do filho; enquanto os próprios alunos não estabeleceram esta vinculação. Aí pode ter ocorrido um equívoco na resposta dos pais, que certamente confundiram o clube para o qual torcem como sendo o mesmo do coração do filho. E isso nem sempre é verdade. Contudo, o que se pode deduzir das tendências de opinião de pais e filhos é que, de fato, a “escolinha” potencializa uma relativa chance de se pegar a estrada que conduz aos clubes de futebol.

Frente à afirmação de que, para se chegar ao profissionalismo no futebol, há que se passar por uma “escolinha” (v. tabulação e análise do quesito VI nesta tese), as crianças hesitaram, uma vez que 40% responderam positivamente e 40% discordaram da afirmação. Além disso, a grande maioria discordou da afirmação de que o bom desempenho na “escolinha” não é suficiente e que é necessário ter um empresário ou “padrinho” (v. tabulação e interpretação do quesito VII nesta tese).

Neste aspecto, pode-se dizer que a conscientização a respeito da falácia da agenda implícita (*marketing*) das “escolinhas de futebol” não está plenamente desenvolvida na sociedade e que as pessoas interessadas em futebol continuam acreditando, relativamente, que a porta de entrada para se chegar aos caminhos que levam aos clubes e à carreira profissional de sucesso são essas instituições. Por isso, talvez, sua proliferação e o sucesso financeiro de seus proprietários e patronos (ex-atletas de renome, como é o caso de Zico).

3.º) Nem os proprietários de “escolinhas” tiveram a coragem de afirmar que jogadores famosos passaram por elas. Apenas 25% concordaram, parcialmente, com esta afirmação (v. tabulação e interpretação do quesito IX, no “Primeiro Tempo” desta tese), sendo que 75% discordaram totalmente. No entanto, ao responderem que a alta frequência de torcedores do clube com o qual a “escolinha” mantém laços é importante para a abertura desse tipo de instituição, revelaram que há uma intencionalidade oculta, ou melhor, implícita, ou ainda, no mínimo, ambígua, de vinculação da “escolinha” como potencialização da porta de entrada para os grandes clubes.

É evidente, no entanto, que por seus limites metodológicos, a pesquisa com base na Escala Likert identifica apenas tendências de opinião. Seus resultados têm de ser combinados e complementados por pesquisas baseadas em observação direta, entrevistas em profundidade, análise documental etc.

Esta tese também contou com os dados de entrevista em profundidade, sendo os sujeitos/atores que compuseram a amostra pertencentes e/ou que pertenceram aos clubes Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube e Sociedade Esportiva Palmeiras. Esses atletas e ex-atletas foram classificados como “de sucesso” e como “fracassados” na profissão de jogador de futebol. Aqui, há que se deter um pouco mais na análise das respostas desses entrevistados. Vale ressaltar que, para a análise e interpretação desse estudo, buscaram-se as categorias freirianas de “opressão” e “conscientização”, consideradas como fundamentais para reflexões e/ou intervenções educacionais, pelo próprio Paulo Freire.

É claro que os aspectos psicológicos, que deveriam constituir uma espécie de filtro de algumas respostas, não foram levados em conta, embora um grupo de entrevistados tenha servido de controle para o outro (experimental).

Considerou-se como grupo experimental os atletas e ex-atletas de sucesso e como grupo de controle os que não tiveram tanto sucesso na profissão. Nesta parte da investigação, a intenção foi a de aprofundar a verificação das relações de opressão na formação do jogador de futebol, já que carreiras vitoriosas ou fracassadas completaram a fase da formação e seus portadores podem dar depoimentos conclusivos sobre suas próprias trajetórias e experiências nas categorias de base. Assim, enquanto na pesquisa das “escolinhas de futebol” visava-se o levantamento e a análise do sonho de crianças e jovens, assim como de seus familiares e amigos, bem como seu grau de conscientização em relação às possibilidades de estas instituições abrirem os caminhos para a carreira de jogador profissional de futebol, a segunda parte da pesquisa empírica teve por objeto a verificação da opressão nas relações que se travam ao longo do processo de seleção e formação dos jovens candidatos a atletas de futebol, buscando por meio desses arrolamentos, identificar os dolorosos processos de conscientização sobre a alienação inoculada pelas relações de opressão que se estabelecem entre “cartolas”, empresários e técnicos com os jogadores.

Antes de entrar na análise dessas entrevistas, cabe abrir parênteses para uma explicação a respeito do que está contido na terceira parte desta tese (“Pensando sobre o que pensaram do futebol”), que resgata parte da história deste esporte no mundo e no Brasil. O que se pretendeu com esta reconstituição histórica foi o destaque dos marcos cronológicos da profissionalização e da mercantilização. E não se pretende, nesta última parte, retomar a historicidade do futebol brasileiro, mas apenas sublinhar que a profissionalização é um fenômeno distinto da mercantilização, sendo este mais recente e resultante do turbilhão neoliberal que impôs a todos os setores das atividades humanas, inclusive ao esporte, a transformação de tudo em mercadoria, para o atendimento das exigências desta nova fase da acumulação capitalista.

É de conhecimento amplo o papel da mídia no universo da sociedade contemporânea, a ponto de Castells (2005, p. 55) ter considerado a sociedade em que vivemos dominada pelo “Capitalismo Informacional”. Ora, sabe-se, também, do papel que a mídia tem na fabricação e disseminação dos mitos que povoam os negócios do futebol, especialmente para convencer (alienar) a juventude. A influência dos meios de comunicação de massa tem sido tão poderosa no caso do futebol que, em muitos casos,

torcer para determinado time representa uma questão de vida ou morte, sem falar que esse esporte é, talvez, o mais frequente nos *mass media*, mobilizando milhões de dólares por dia no patrocínio dos inúmeros programas esportivos que divulgam as fantásticas negociações de passes de jogadores.

Como escapa aos limites deste trabalho a economia e a sociologia do futebol – que trariam importantes objetos para futuras pesquisas –, retornemos às entrevistas cujo riquíssimo material (v. Anexo 4) constituiu o cerne desta investigação.

Recordemos as duplas que foram formadas com os entrevistados do grupo experimental e do de controle:

- 1.^a Dupla: Dico/Zuza – ex-atletas;
- 2.^a Dupla: Nena/Joca – atletas profissionais em atividade;
- 3.^a Dupla: Tito/Zeca – atletas de categorias de base ou em ascensão.

Os primeiros membros de cada dupla pertencem ao grupo experimental; os segundos, ao de controle.

Cabe salientar, inicialmente, quer seja do grupo experimental (atletas de sucesso), quer seja do grupo de controle (atletas fracassados), há uma quase unanimidade quanto à interferência de atores mais vinculados aos negócios do que ao esporte nas relações que se estabelecem no futebol e quanto a ser esta interferência mais determinante nos rumos que as carreiras dos atletas tomarão. Em outros termos, os interesses mercantis são mais determinantes do que os esportivos na definição dos destinos dos atletas de futebol em suas trajetórias das categorias amadoras às profissionais. Mesmo nas “escolinhas” e nas categorias de base dos clubes, a influência do capital é expressiva, se tomarmos como base as entrevistas e os inquéritos desta pesquisa. Em suma, os fatores espúrios, que nada têm a ver com a natureza desportiva e popular do futebol, são os que, hoje, determinam o que acontecerá e o que não acontecerá nesse esporte profissionalizado, mostrando os tentáculos, dessa influência também nas categorias amadoras.

Ficou também evidente que no caminho para o ingresso na carreira de jogador de futebol a figura do mediador, do intermediário, seja ele empresário ou não, é fundamental. Sem este ator, é praticamente impossível acessar o universo da profissionalização futebolística. Insinuada no inquérito, esta conclusão fica patente nos depoimentos até mesmo dos atletas de sucesso, como é o caso de Nena que, realizado na profissão, não atribui ao próprio talento seu ingresso na carreira. Declarou, textualmente:

Pra você ter uma oportunidade de se encaixar num bom clube de futebol, você tem que ter um bom empresário. É claro que a condição técnica [é necessária] pra fazer você virar um jogador de futebol, né? Mas, antes de você virar um jogador de futebol, tem que entrar lá, você tem que entrar num time, né? E o que eu acho que a maioria do pessoal reclama hoje em dia é a falta de oportunidade, o acesso a um time grande né? Então, eu acho que se você tiver quem te abra as portas pra você ter o acesso dali pra frente; eu acho que aí, sim: é a parte física e técnica da coisa, mas o acesso, você tem que ter um bom empresário. Acho que, na carreira de um jogador de futebol, hoje, o empresário infelizmente é imprescindível, tanto quanto a qualidade dele. Claro que a qualidade sempre você vai ter que ter. [...] Eu acho que, pra um jogador que quer se encaixar em um time grande, acho que o empresário é o primeiro caminho.

A conclusão se torna ainda mais veemente quando sai da boca de um atleta em ascensão: e nem mesmo ele atribui sua trajetória inicial de sucesso ao próprio talento. Embora reconhecendo-o como necessário à manutenção da carreira, considera praticamente impossível contar apenas com ele para o ingresso nela:

Tito: [...] Hoje em dia, no futebol – não sei se antigamente era assim --, mas hoje em dia tá sendo muito forte o apadrinhamento no futebol; tá dando muito certo e os caras estão forçando cada vez mais. [...] Os clubes, principalmente, são prejudicados com isso, ainda mais o clube aqui, que tinha uma tradição boa. [...] A gente quando vê que tem isso, a gente procura conversar com o companheiro que está sendo prejudicado, né? Dá uma força pra ele. Falar que “pô, tu é melhor que o cara, tu sabe que tem isso, que tem aquilo e trabalhar, e trabalhar forte, que tua hora vai chegar, e que tu é merecedor”. Então, a gente procura dar uma força. [...] Tem que ter alguém por trás, forte, um empresário, ou até um dos próprios diretores do clube... gostarem dele e quiserem dar um força pra ele. Mais talento só, hoje em dia, não consegue vingar. [...] Tudo que a gente vê, a gente vê que não depende só da gente... Futuramente, pra chegar em um time profissional. [...] precisa de um apadrinhamento forte.

A intermediação acaba levando a outros mecanismos de constrangimento, além dos econômico-financeiros, como ficou evidente nos relatos subsequentes: religiosos, sexuais etc. Contudo, a maior perversidade está na exigência de desempenho a

jogadores com lesões, seja por meio de “aplicações” de drogas em membros afetados, seja por meio da convocação para treinos e jogos, com a finalidade de “queimar” o atleta. A denúncia desses procedimentos também ficou clara por ambos os componentes das duplas de entrevistados.

Diante disso tudo, como manter a esperança, já que ela é uma “necessidade ontológica” e um “imperativo existencial e histórico”, segundo Paulo Freire (1994, p. 10)? É preciso lembrar que o próprio Freire afirmou também, no mesmo texto, que a esperança é necessária, mas não é suficiente, que “ela, só, não ganha a luta, mas [que] sem ela a luta fraqueja e titubeia”. Essa esperança, ontologicamente humana, pode ser alimentada com a consciência da denúncia contida nos depoimentos dos entrevistados, cujas faixas etárias variaram da infância à maturidade e cujas trajetórias transitaram da utopia ao desencanto com o ingresso e realização pessoal na carreira profissional de jogador de futebol. Ao contrário do que quer o ideário neoliberal burguês, a consciência da determinação não é anulação do processo de libertação, mas exatamente o seu ponto de partida. O reconhecimento da alienação e da exploração capitalista sobre o atleta do futebol não elimina a possibilidade da conscientização e da emancipação; ao contrário, as potencializa, uma vez que, como a bem conhecida narrativa de Hegel sobre o senhor e o escravo, a libertação do último só começa quando ele mesmo se percebe como escravo. Paulo Freire acrescentou que “... somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores” (1978, p. 46) e que “estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam”. É claro que o fatalismo pode ocupar o lugar da esperança (na transformação) quando os fatores da opressão são tão fortes que o oprimido não enxerga a própria opressão, ou a vê como natural.

Esta pesquisa, no entanto, demonstrou que, por mais forte que seja a opressão na formação do atleta profissional de futebol e que ele seja o oprimido nas relações que aí se estabelecem, ela não consegue aliená-lo totalmente, nem mesmo amordaçá-lo, silenciá-lo. Em vez disso, quanto mais oprimido, mais denunciante ele se torna, conforme atestam os depoimentos. E isso, por si só, é a garantia de que a determinação ontológica do humanismo está vencendo esta quadra de hegemonia alienante neoliberal.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. *Uma leitura do “racismo à brasileira” a partir do futebol*. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

AGRESTA, Marisa Cury. *Causas e conseqüências do término de carreira esportiva em jogadores brasileiros de basquetebol e futebol profissional*. Dissertação (Mestrado em Reabilitação) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANDRADE, Renato Luiz Paes de. *O jogo duro das torcidas: identidade e dramaturgia masculina na violência dos torcedores de futebol de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2004.

BANGSBO, Jens.; PEITERSEN, Birger. *Offensive soccer tactics*. Champaign: Human Kinetics, 2004.

_____. *Soccer Systems and Strategies*. Champaign: Human Kinetics, 2000.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BORIN, João Paulo.; GOMES, Antonio Carlos.; LEITE, Gerson dos Santos. *Preparação desportiva: Aspectos do controle da carga de treinamento nos jogos coletivos*. In: *Revista da Educação Física*. Maringá: UEM, v. 18, n. 1, p. 97-105.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. *LEI nº 9.615* de 24/03/1998. Brasília: Senado Federal, 1998.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.

CARONE, Edgar. *A república liberal: evolução política (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1985.

CARDOSO, Ana Lúcia. *O futebol da escola: uma proposta coeducativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGEF0068.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*: Tradução Roneide Venancio Majer, 8. ed. (revista e ampliada), São Paulo: Paz e Terra, 2005 (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. I).

CASTRO, Carla Soares Rodrigues de. *Liberdade de trabalho e a questão do fim do passe do atleta profissional de futebol*. Dissertação (Mestrado em Direito), Centro Universitário FIEO, São Paulo, 2005.

CHAVES, Ricardo da Silveira. *O treinamento, a especialização e a competição para criança*. In: *Revista Técnica de Educação Física e Desportos*, v. III, n. 2, p.74-77, 1985.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CORREA, Daniel Kroeff de Araujo. *A construção de competências coletivas em equipes esportivas: o caso do futebol*. Dissertação (Mestrado em Administração) -

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Programa de Pós- Graduação em Administração, 2004.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002 (Coleção Academia).

DEMO, Pedro. *Ser professor é cuidar que o aluno aprenda*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DRUBSCKY, Ricardo. *O universo tático do futebol: escola brasileira*. Belo Horizonte: Health, 2003.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FERNANDES, Luiz Fernando Framil. *A gestão dos clubes de futebol como clube empresa: estratégias de negócio*. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Escola de Administração/Programa de Pós-Graduação em Administração, 2000.

FILGUEIRA, Fabrício Moreira; SCHWARTZ, Gisele Maria. *Torcida familiar: a complexidade das interrelações na iniciação esportiva ao futebol*. In: *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v.7, n.2, 2007. p. 245-253.

FRANCO Junior, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 2 ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREIRE, Paulo. *Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução Kátia de Mello e Silva, 3 ed. São Paulo: Moraes, 1979.

_____. *Educação e mudança*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, João Batista. *Pedagogia do futebol*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

_____. Introdução. In: RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. Futebol brasileiro e dança. In: FREYRE, G. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971a.

_____. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1971b.

FREITAS, Ligia Luís de. *Futebol feminino: análise dos discursos dos sujeitos envolvidos em uma competição infantil entre escolas públicas em João Pessoa-PB*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

FREITAS, Sônia Maria. *História oral: Possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas da USP e Imprensa oficial de SP. 2003.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3. ed. Edição, Porto Alegre: L&PM, 2009.

GAMA, Walter. *Características sociais do jogador de futebol profissional da primeira divisão do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sanchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. In: *Contra Pontos*. Revista do Programa de Pós Graduação - Mestrado em Educação. UNIVALI, Itajaí, v. 3, n. 3, set./dez. 2002.

GARBELOTTI, Leandro. *Gestão do futebol: o grande desafio do futebol brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2003.

GEFUT. *Levantamento da produção acadêmica acerca do futebol nas ciências humanas e sociais (1980- 2007)*. 2009. UFMG, Ministério do Esporte. CD- ROM(1 DISCO).

GIAROLA, Wilington Antonio. *Corpo de mulher no esporte: a questão da prática do futebol*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

GODOY JÚNIOR, Wanderley. *O contrato de trabalho do atleta de futebol profissional*. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) - Centro de Ciências Sociais e Jurídicas, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2004.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a Questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, mai-ago 2006, v. 22 n. 2, p. 201-210.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis RJ: Vozes, 1997.

HOBBSAWN, Eric. *Mundos do trabalho: Novos estudos sobre história operária*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IBGE. *Perfil dos municípios brasileiros: esporte 2003*. Brasília: Ministério dos Esportes, 2006.

KRUSE, Daniel Ricardo. *A disciplina futebol e seu papel na formação do professor de educação física ou a visão do seu Ariovaldo x a visão da Academia: é possível fazer do futebol uma prática educativa?* Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2002.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral, muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. S. B. (Re) *introduzindo a historia oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1996, p. 32-47.

LEVINE, Robert. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: WITTER, José Sebastião. (org.). *Futebol e cultura*. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LOPES, Jose Sergio Leite. Futebol Mestiço. *Ciência Hoje*, Revista da SBPC, São Paulo, v. 24, n.º 139, jun. 1998.

LÓPEZ LÓPEZ, Javier. *350 Formas jugadas para el entrenamiento integrado*. Sevilla: Wanceulen, 2001.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. (Re) *Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MENDES JÚNIOR, Antonio; MARANHÃO, Ricardo. *História do Brasil: a Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1981, v. 4.

MORAES, Luiz Carlos Couto de Albuquerque.; MEDEIROS FILHO, Edson Soares. Peneiradas: estudo do processo de seleção de jovens futebolistas. In: SILAMI-GARCIA, E; LEMOS K. L. M. *Temas Atuais - XI em Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2006, p. 101-117.

MOURA, Gisela de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

MUNICIO, Faustino Velasco. *Fútbol: competiciones continentales de selecciones y olimpiadas*. Sevilla: Wanceulen, 2003.

_____. *Fútbol: competiciones internacionales de los clubs*. Sevilla: Wanceulen, 2003.

_____. *Los Mundiales del fútbol*. Sevilla: Wanceulen, 2003.

MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

NEVES, Carlos Geraldo das. *Mulheres jogadoras de futebol: descortinando as relações de gênero*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas (SP): Ed Unicamp; 1993. p. 61-105.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Maximo. Novos processos de formação de jogadores de futebol e fenômeno das ‘escolinhas’: uma análise crítica do possível. Peligro de Gol: estudos sobre deporte y sociedad em América Latina. ALABARCES, Pablo (org.). *Colección Grupos de Trabajo de CLACSO, Grupo de Trabajo: Deporte y Sociedad*, Buenos Aires: CLACSO, abril del 2000.

_____. *O processo de formação do jogador de futebol no Brasil: sonhos, ilusões, frustrações e violências*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

PINTO, Rogério Ferreira. *Futebol: entre o jogo e o esporte na educação física escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

POLLACK, Michael. *Memória e identidade social: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 5 (10), p. 200-212, 1992.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas/SP: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

REILLY, Thomas; WILLIAMS, A. Mark. *Science and soccer*. 2 ed. London: Routledge, 2003.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê/Autores Associados), 2006.

RIBEIRO, Carlos Henrique Vasconcellos. *Mais do que pendurar as chuteiras: projetos sociais de ex-jogadores de futebol famosos*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ROMAO, José Eustáquio. Razões oprimidas. *Revista Portuguesa de Educação*, 2010, v. 23, n.º 2, p. 7-34.

_____. *Pesquisa na Instituição de Ensino Superior: referencial teórico, que bicho é este?* Cadernos de Pós-graduação, São Paulo, v. 4, Educação, p. 19-32, 2005.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1993.

SETTANI, Sérgio Giglio.; SPAGGIARI, Enrico. *A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1994- 2009)*. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. *Futebol, linguagem e mídia: entrada, ascensão e consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Wagner Antonio; FERNANDES, Igor Alexandre.; MEIRELLES, Cláudia de Mello.; GOMES, Paulo Sérgio Chagas Gomes. Efeito agudo do alongamento estático sobre o desempenho da velocidade de jogadores de futebol profissional. *Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício* – v. 8, n.º 4, out.-dez. 2009.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. *In*: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge.; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

STRATTON, Gareth.; REILLY, Thomas.; WILLIAMS A. Mark.; RICHARDSON, Dave. *Youth soccer: from science to performance*. London: Routledge, 2004.

THOMAS, Jerry. R & NELSON, Jack. K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VENDITE, Caroline Colucio.; MORAES, Antonio Carlos. Sistema, estratégia e tática de jogo: uma análise dos profissionais que atuam no futebol. *In*: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 29. 2006, Brasília. *Anais*. São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM.

VENLIOLES, Fábio Motta. *Escola de Futebol*. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE DOUTORADO

ESPORTE DO OPRIMIDO

Utopia e Desencanto na formação do atleta de Futebol

HERGOS RITOR FROES DE COUTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas a respeito deste estudo referente à Tese de Doutorado intitulada “O ESPORTE DO OPRIMIDO: Utopia e Desencanto na Formação do Atleta de Futebol”, conduzida pelo Prof^a. Dr. José Eustáquio Romão (orientador) e Prof^o Ms. Hergos Ritor Froes de Couto (orientando), contactados respectivamente, pelos e-mails e telefones, jer@terra.com.br (11-3665-9312) e hergoscouth@yahoo.com.br (11-3569-1972), CONCORDO VOLUNTARIAMENTE, em participar desta pesquisa.

Assinatura.

Data: ____/____/____

ANEXO 2 – INSTRUMENTO DE COLETA DE OPINIÃO

PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE DOUTORADO***ESPORTE DO OPRIMIDO*****Utopia e Desencanto na formação do atleta de Futebol****HERGOS RITOR FROES DE COUTO****INSTRUMENTO DE COLETA DE OPINIÃO - ALUNOS**

Preencha os parênteses, à frente de cada afirmação, com o número que corresponde à sua opinião, de acordo com o seguinte esquema:

- (1) Discordo totalmente.
- (2) Discordo parcialmente.
- (3) Não tenho opinião formada.
- (4) Concordo parcialmente.
- (5) Concordo totalmente.

I - () Apenas o prazer de jogar futebol foi o que motivou minha matrícula numa “escolinha de futebol”.

II - () Você escolheu, para matricular-se nesta “escolinha de futebol” porque ela é a do clube de seu coração.

III - () Você escolheu esta “escolinha de futebol” porque seu ídolo joga na equipe com cujo clube ela é conveniada.

IV - () Nos últimos anos, quase nenhum aluno de qualquer “escolinha de futebol” chegou ao clube com o qual ela é conveniada.

V - () Tenho a certeza de que quem se destaca nas aulas da “escolinha de futebol” será levado para treinar no clube com o qual ela é conveniada.

VI- () Para se tornar jogador profissional não é necessário treinar em “escolinha de futebol, mas, principalmente, ser chamado para treinar diretamente no clube ou se destacar nas “peladas” dos campos de várzea.

VII - () Para se chegar ao clube como jogador(a) não é suficiente ter um bom desempenho na “escolinha de futebol”, porque o mais importante é mais de ter um bom “padrinho” ou empresário que o coloque no clube.

VIII - () Ser jogador de futebol é uma excelente profissão, porque a maioria ganha muito muito dinheiro e os jogadores se tornam famosos.

IX - () Você procurou a “escolinha de futebol” porque conhece vários jogadores famosos que por elas passaram.

X - () A maioria dos(as) colegas que se matriculou na “escolinha de futebol” quer entrar para um time profissional, mesmo sabendo que somente um número muito pequeno irá conseguir isso.

Observações: Escreva, a seguir, qualquer observação adicional que queira fazer.



PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE DOUTORADO

ESPORTE DO OPRIMIDO

Utopia e Desencanto na formação do atleta de Futebol

HERGOS RITOR FROES DE COUTO

INSTRUMENTO DE COLETA DE OPINIÃO - PAIS

Preencha os parênteses, à frente de cada afirmação, com o número que corresponde à sua opinião, de acordo com o seguinte esquema:

- (1) Discordo totalmente.
- (2) Discordo parcialmente.
- (3) Não tenho opinião formada.
- (4) Concordo parcialmente.
- (5) Concordo totalmente.

I - () O prazer de seu (sua) filho(a) de jogar futebol e o desejo dele(a) em se tornar um(a) jogador(a) profissional foi o que o motivou a matriculá-lo(a) numa “escolinha de futebol”.

II - () Você escolheu matriculá-lo(a) nesta “escolinha de futebol”, porque ela é a do clube do coração dele(a).

III - () Você escolheu esta “escolinha de futebol” para seu(sua) filho(a) porque o ídolo dele(a) joga no clube com o qual ela é conveniada.

IV - () É por meio desta “escolinha de futebol” que seu(sua) filho(a) chegará ao clube com o qual ela é conveniada.

V - () Se seu filho(a) se destacar nas aulas realizadas nesta “escolinha de futebol”, ele(ela) poderá ser levado(a) para treinar no clube com o qual ela é conveniada.

VI - () É na “escolinha de futebol” que se aprende a jogar bem e isto não seria possível fora dela, pois é, em virtude das aulas nela ministradas pelos professores, que se desenvolvem as habilidades para jogar futebol.

VII - () Para se preparar bem na “escolinha de futebol” e chegar ao clube como jogador, é necessário ter muito empenho, ou seja, não faltar às aulas, desenvolver todas as atividades que os professores pedem, obedecendo-os em tudo.

VIII - () Jogador de futebol de sucesso ganha muito dinheiro, consegue ser famoso e ter prestígio social.

IX - () Você procurou a “escolinha de futebol” porque conhece vários jogadores famosos que por elas passaram.

X - () A maioria dos colegas de seu(sua) filho(a) que se matriculou na “escolinha de futebol” quer apenas se divertir, tendo umas horas de lazer com os amigos, e, não, entrar para um time de futebol.

Observações: Escreva, a seguir, qualquer observação adicional que queira fazer.



PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE DOUTORADO***ESPORTE DO OPRIMIDO*****Utopia e Desencanto na formação do atleta de Futebol****HERGOS RITOR FROES DE COUTO****INSTRUMENTO DE COLETA DE OPINIÃO - PROPRIETÁRIOS**

Preencha os parênteses, à frente de cada afirmação, com o número que corresponde à sua opinião de acordo com o seguinte esquema:

- (1) Discordo totalmente.
- (2) Discordo parcialmente.
- (3) Não tenho opinião formada.
- (4) Concordo parcialmente.
- (5) Concordo totalmente.

I - () O envolvimento com o futebol (prática, gosto ou torcida) é que leva a maioria dos proprietários de “escolinhas de futebol” a investir nesta iniciativa.

II - () A escolha de um clube para buscar a franquia, com vistas ao convênio de “escolinha de futebol”, é fundamental para o sucesso do empreendimento.

III - () Na escolha de um clube para convênio com uma “escolinha de futebol” é fundamental levar em conta o número de torcedores da região em que ela se localizar.

IV - () A passagem pela aprendizagem nas “escolinhas de futebol”, nas categorias do sub 7 a sub 17, é fundamental para o ingresso na carreira futebolística, como jogador.

V - () As “escolinhas de futebol” não devem ter como finalidade mais importante a inserção de seus egressos na carreira do futebol, mas a promoção da saúde e do lazer.

VI - () É na “escolinha de futebol” que se aprende a jogar bem e isto não seria possível fora dela, pois é em virtude das aulas nela ministradas pelos professores que se desenvolvem as habilidades para jogar futebol.

VII - () Para se preparar bem na “escolinha de futebol” e chegar ao clube como jogador(a), é necessário ter muito empenho, ou seja, não faltar às aulas, desenvolver todas as atividades que os professores pedem, obedecendo-os em tudo.

VIII - () Todas as “escolinhas de futebol” conveniadas aos clubes de futebol profissional, inclusive esta, tem acesso aos mecanismos de inserção de seus atletas nas categorias de base do clube.

IX - () Você abriu a “escolinha de futebol” porque conhece vários jogadores famosos que por elas passaram.

X - () A maioria dos matriculados na “escolinha de futebol” quer apenas se divertir, tendo umas horas de lazer com os amigos, e, não, entrar para um time de futebol.

Observações: Escreva, a seguir, qualquer observação adicional que queira fazer.

ANEXO 3 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE DOUTORADO***ESPORTE DO OPRIMIDO*****Utopia e Desencanto na formação do atleta de Futebol****HERGOS RITOR FROES DE COUTO****Análise da Seleção e Formação da Carreira Esportiva de Atletas de Futebol****Roteiro para Entrevista em profundidade – Atletas**

Relate sua trajetória no futebol enfocando:

- Como tudo começou (Sua infância - interesse/desejo em se tornar jogador de futebol – sonho)
- Participação em escolinhas de futebol ou se jogava na Rua/escola)
- O encaminhamento para seu primeiro clube de futebol/ convite)
- Apoio da família ou de terceiros
- Sonho em se tornar um jogador de sucesso. Influência de um ídolo, mídia, outros
- As mudanças que o futebol trouxe para a sua vida quando se tornou jogador de futebol. Amigos, hábitos, lazer, mudanças positivas/negativas
- Aspectos relacionados a moradia, distância, lesões, apadrinhamentos, relação com os outros atletas, treinadores, preparadores físicos, auxiliares, diretores, médicos, fisioterapeutas, roupeiros, massagistas
- O clima no clube, com a comissão técnica, diretores, imprensa, torcida, quando a equipe perdia ou quando, na competição os resultados eram ruins

- Os “acordos” percebidos e/ou vivenciados em sua carreira que geraram benefícios ou prejuízos pra você ou para outros
- A figura do empresário de futebol e as relações que ele mantém com treinadores, diretores, jogadores no futebol
- Planejamento da carreira, melhor conselheiro, assessor, quanto à sua carreira esportiva
- Importância dos Estudos
- As transições entre cada categoria (risco de cortes)
- A transição para o profissional
- As cobranças e os treinamentos, aspectos relacionados ao esforço físico, mental, psicológico e social
- Pensamentos em desistir do futebol (desencanto/desestímulo)
- Preparação pós carreira de jogador de futebol
- Síntese do ambiente do futebol. Pontos positivos e negativos
- Sentimento de realização com a carreira/trajetória no futebol

ANEXO 4 – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE (ATLETAS)

PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE DOUTORADO***ESPORTE DO OPRIMIDO*****Utopia e Desencanto na formação do atleta de Futebol****HERGOS RITOR FROES DE COUTO****Sujeito número 1**

Sujeito 1: Bom as primeiras lembranças que eu tenho sobre futebol na minha vida e do meu interesse pelo futebol começou na copa de 1994, eu era, eu tinha 6 anos de idade e nas tarde né, a copa foi nos Estados Unidos se eu me recordo eu acho que os jogos foram passavam aqui na tarde. E meu pai apaixonado por futebol os amigos sempre se reuniam e ai no decorrer dos jogos ao invés de assistir até porque a gente entendia muito pouco eu e meus amigos a gente ficava jogando travinha bem na frente de casa, enquanto a galera torcia e assistia a seleção Brasileira que foi feliz naquele ano como tetra campeã. Eu acho que ali foi que começo o interesse pelo Romário, pelo Bebeto, pelo Dunga comecei a colecionar pôster é eu fui me interessando em querer conhecer o futebol, que não necessariamente sabia o que é mais aquela brincadeira de moleque foi me interessando eu fui criando gosto é com meu pai como eu sou o único filho então, ele como apaixonado sempre o filho vamo lá olha o meião, chuteira, você não gosta e tal olha a bola. Pô, no meu aniversário meu presente preferido era a bola e foi assim que despertou o futebol na minha vida né. Então depois disso outras lembranças assim da minha infância no futebol lembro na escola né, as olimpíadas que a gente, pô ficava agoniado pra chegar as olimpíadas naquela competição bacana sadia né em que nos formávamos as equipes a gente ficava querendo desenhar como seriam nossas camisas pras olimpíadas pra aproximar do nosso time de coração. É assim foi outra parte, outra

situação assim na minha infância já mais velho, aqui em Santarém assim a gente até os meus 17 anos a minha família morou 16 anos de aluguel, então morei em vários bairros né, e em uma dessas mudanças eu me mudei para um campinho praticamente em frente a minha casa que fica na Presidente Vargas em Santarém entre a Sete de Setembro e a Silvia Jardim, e ali eu fiz bastante amizade logo com os garotos né, todas as tardes a gente se juntava pra jogar o futebol todos estudavam de manhã nessa época todo mundo era bem novinho eu acho que ali a gente tinha uns 11 anos 12 e a gente se reunia pra jogar futebol, e ali começou mais uma parte do futebol, nesse campinho, a gente a molecada jogava primeiro mais cedo naquele sol rasgando mesmo de 2 até umas 4 horas e tal porque mais tarde vinha a galera mais velha, e no meio dessa galera veio uma figura que até hoje ainda reúne garotos aí pra colocar nos campeonatos suburbanos que é o Muruci o apelido dele é io, iô. E aí ele convidou a gente pra participar de um time na época era campeonato sub-12, e aí foi meu primeiro contato com o futebol de campo mesmo, futebol 11 contra 11, aí meu primeiro jogo foi até lá eu me lembro me recordo muito bem foi lá no campo do Colégio Dom Amando, caindo uma chuva do caramba, daí eu comecei jogando a partida e nós ganhamos o jogo daí então a gente foi disputando dos campeonatos teve episódios dentro desse time também que foi bacana e ao mesmo tempo foi de infelicidade minha que foi uma fratura no meu braço. Olha só, que interessante nesse dia eu tinha um primo Cupuaçu que ele não tinha tantas qualidades pra jogar futebol né, mais porra, aquela galera de moleque querendo jogar e o Cupuaçu não encaixou de jogar no mesmo time que a gente que o amigo lá o Muruci colocou a galera do bairro, daí o Cupuaçu foi jogar no outro time. Num sábado, eu jogo do meio pra frente jogava né nessa época que eu tava jogando de atacante aí o jogo justamente contra o time do Cupuaçu, aí a gente foi jogar lá no campo do América inclusive hoje eu moro bem próximo acho que uma quadra do campo do América, né. Aí porra, vamos lá assistir minha família, o Zeca e o Cupuaçu e o Cupuaçu vai marcar o Zeca que o Cupuaçu não tinha muita qualidades de atacante beleza. O jogo começou aí o nosso time já tava ganhando de uns 3 a 0 sabe e eu deitando em cima do Cupuaçu, mais lógico ele não vinha me bater com maldade num lance de linha de fundo assim simples o lance não foi nem falta eu dei um corte na linha de fundo no zagueiro, no primeiro lateral e o zagueiro veio e só me escorou, né, aí eu caí e me apoiei só em um braço e olha só e olha ao mesmo tempo a infelicidade e a felicidade que foi esse dia de a minha família estar presente aí né meu pai, meu avô que já até faleceu, meu avô nunca costumava a assistir futebol né tava lá, meus avós, meus pais e meus tios pô, vamos

assistir os garotos lá aí a infelicidade, pá, quebrei meu braço. Isso é só uma história que me vem a lembrança aqui né nos relatos sobre a minha infância no futebol e aí comecei a jogar vários campeonatos sub-12, 13 e foram subindo as categorias. Quando chegou uma época isso em 2002, o Ingá que é uma pessoa que jogou futebol profissional eu acho que no Rio não me recordo bem, montou uma escolinha lá no Dom Amando o campo onde eu tive até meu primeiro contato com o futebol. Montou uma escolinha né e aí eu sempre jogava contra a escolinha né, a gente dizia porra, só ta jogando os play boyzinhos e tal não sei o que, e a gente já tinha um confronto contra eles, tá mais acabou que eu acabei indo pra lá, e isso eu tinha o que, 14 anos e eu entrei na escolinha assim, tinha, tava acabando as aulas, eu tava fazendo a 8ª série, tava acabando final de novembro, tá, dali um mês na escolinha, quando foi em, tipo assim, uma semana antes do natal, mais ou menos, um sujeito que, que já tinha, que já tinha, é, um envolvimento com o futebol lá pra fora em São Paulo, o nome dele é, se eu não me recordo, o nome é dele é Garapa, mas todo mundo conhece ele pelo nome popular que é Totó, esse Totó veio visitar, veio visitar a família de um jogador daqui da região que joga futebol profissional na Itália hoje, que é o Geda, veio visitar a família dele e o Totó por acaso levou ele em uma manhã, olha só, olha só como não sei como essas coisas são por acaso nessa vida, eu fazia escolinha a tarde, aí quando o Totó veio aqui eu, eu tinha acabado de ficar de férias, tinha até ficado na recuperação, mas fiz a prova, isso foi numa, numa segunda, na terça-feira, eu soube que eu tava de férias, na segunda a tarde, sabe o que eu vou fazer cara, não é meu horário não, mas eu vou lá na escolinha, vamos vê se vai dar uma brecha lá de manhã, não é meu horário, aí eu cheguei lá e tinha poucos garotos né, aí chega lá a o Totó tava conversando, conversou com o Melão, deve ter conversado: E aí Melão, algo respeito sobre se existe algum talentoso, que pudesse render alguma coisa pra ele, ele como envolvido no futebol né, pra sobreviver, e aí a gente fez um jogo, campinho reduzido lá, aí eu me destaquei né, fiz alguns gols, dei bons passes, e aí no ato o Melão, quando acabou ali, me convidou a tarde pra mim, fazer um jogo mais organizado com o pessoal do Esporte Clube Santarém que treinava pro campeonato amador, a tarde né, porra eu, cara eu não sabia nem o que estava acontecendo, porque, eu já, eu me destacava aqui, nas, nas categorias né, sub, e aí meu pai também, é, chegou pô vamos lá Zeca, vamos ver, se der tudo certo, eu vou falar com um amigo meu que é amigo dele de infância, daqui, porque meu pai não teve infância aqui, mas veio pra cá e conheceu muito gente né, nos vinte anos, ele tinha a idade de vinte anos e dentre esses amigos dele, ele conheceu o Açaí, então falou pra ele que de alguma forma ele poderia

ajudar, que ele tinha alguns contatos lá, nada não muito concreto, mas que ele poderia me oportunizar alguma coisa melhor em São Paulo, no Corinthians, e o Totó, eu não sabia que o Totó tinha envolvimento com o Corinthians né, tudo bem, então na tarde como o Totó pediu, pediu pro Melão que queria me ver jogar, onze contra onze, mesmo, jogo bonitinho e tal no treino, eu fui pro treino do Esporte Clube Santarém, treinei com os atletas do amador, me destaquei no treino e aí logo meu pai foi né, mas meu pai ficou ali meio de fora, não queria se envolver, e aí meu pai só ficou ouvindo né, ele me elogiava e tal, aí meu pai perguntou, colega mas vem cá, quem vocês estão elogiando aí, é aquele garoto, e aí ele falou, pô, esse garoto aí é meu filho, e aí logo, ele se interessou por mim e por outro garoto da escolinha também, e aí foi que iniciou a minha ida pra São Paulo, tudo assim muito rápido, logo um mês na escolinha, as coisas assim, foi tipo, foi uma coisa que nem eu tava entendendo né, aí ele fez a pergunta que muitas vezes, na maioria das vezes os empresários fazem, perguntou, qual era o meu desejo de querer ser jogador de futebol, perguntou das coisas que eu ia perder, que era minha família, que eu ia ter que me esforçar, que eu ia ter que passar por dificuldades pra chegar lá, eu topei né, sem até pensar muito nessas coisas, nunca tinha pensado nisso, mas eu disse claro, quero ir, quero ir, e o meu pai me apoiando, sempre meu pai do meu lado pro que der e vier, sempre me apoiou, principalmente o futebol né, e aí eu fui, mamãe chorando, mãe não queria ir, sei que quando eu fui pra lá, minha mãe pediu pro meu pai pra ele dar um jeito de comprar uma passagem, pra ela ir ver onde eu tava, porque num tinha nem ideia né, porque minha família não sabia nem como funcionava essas coisas, aí minha mãe foi lá, aí eu fiz o teste fiquei lá, fui aprovado e fiquei lá no Corinthians, aí foi quando tudo começou né, as coisas ficaram mais sérias, idade de moleque, mas as coisas são muito sérias lá, quando eles conversam sobre futebol, e aí no Corinthians eu fiquei lá durante dez meses, fiquei no Corinthians dez meses, joguei os campeonatos, os torneios, no interior, não joguei o Campeonato Paulista que era pra alguns atletas né, nesse final desses dez meses eu fiquei lá, fiquei treinando, mas não foi aproveitado pra jogar o campeonato principal que era da categoria, que era o campeonato infantil, mas joguei muitos campeonatos no interior, essas copinhas que são realizadas no interior.

Hergos: E lá, você já no Corinthians percebia que o tratamento com os jogadores era igual por parte dos técnicos, dos dirigentes, da comissão técnica em geral ou vc sentia algum tipo de diferenciamento de tratamento?

Sujeito 1: Sim, já no primeiro contato eu percebi que existia sim, os garotos que chegavam, por exemplo, de outros estados ou então os atletas que tinham pouco tempo

ali já eram tratados que de forma diferente, dos que já vinham desde as categorias prézinhos lá, já tinha garotos que por exemplo, que tinham cinco, seis anos de casa, então isso influenciava muito né, mas se a gente for colocar na balança, quando eu cheguei lá não achei que foi assim muito, eu, como eu, a minha pessoa não foi muito é deixado de lado, não ocorreu muito isso comigo, mas eu pensei, meio que existia isso, e isso acontecia sim.

Hergos: Com outras pessoas né?

Sujeito 1: Com outras pessoas, acontecia sim.

Hergos: E aí como que foram os, assim, durante esses dez meses você só ficou na categoria infantil é, como é que foi a, você ficou dez meses, e assim depois que você saiu do Corinthians você foi pra onde, como foi a sua saída, porque que você saiu, como foi isso?

Sujeito 1: Bom, a minha saída foi o seguinte, como eu não fui aproveitado né, pra jogar o Campeonato Paulista, então eles dispensaram vários jogadores, e nesse meio eu tava no meio desses jogadores que não iam ficar pra disputar essa competição principal né, principal competição do ano lá né, então eu fui dispensado, dispensado pra outro clube, de lá fui dispensado, sinceramente eles não deram muitas explicações só chegaram e falaram assim olha, fulano, ciclano e beltrano e você, relatou o nome dos atletas e disseram, olha nós não vamos contar com vocês, mas isso eles sempre falam, sempre dão exemplo do Cafu, na maioria das dispensas é o Cafu, a história do Cafu, que o Cafu foi dispensado diversas vezes, e que naquele momento eles não iriam contar com a gente, mas que de repente num outro clube grande outra pessoa ali próximo poderia precisar dos nossos serviços, mas que ali a gente não, nesse momento eles não iriam contar com a gente.

Hergos: E nessa época você tinha que idade?

Sujeito 1: Eu tinha, eu ainda não tinha completado 15 anos. Eu tinha 14 ainda, com 14 pra, acho que faltavam, já beirava os 15 anos já, não tinha os 15 completo, mas já tava próximo.

Hergos: E por exemplo, dentro dos treinamentos que vocês treinavam com os meninos do mesmo plantel, que vocês eram jogadores do mesmo plantel, você via justiça na avaliação dos treinadores assim, ou você é, percebia que havia algum tipo de apadrinhamento dentro do elenco que determinava quem jogaria, quem ficaria de fora ou se não, se isso não acontecia e os melhores realmente eram os que jogavam.

Sujeito 1: Não, sem dúvida que tinham jogadores excelentes, excelentes jogadores que

hoje atuam no futebol profissional inclusive na Europa, mas tem um ponto importante a frisar aí, nesse tempo que eu passei lá, houve uma troca de treinador por uma circunstância em que descobriram que esse treinador tava recebendo dinheiro de um pai de um atleta, pra manter esse atleta no elenco e jogando, aí houve a queda desse treinador e trouxeram outro treinador, houve essa, não levaram as claras, mas como foi inexplicável a queda desse treinador, porque, por exemplo, o time nesse ano o infantil do Corinthians tava com tudo, ganhando tudo, várias competições e do nada o treinador cair, aí só que depois da queda do treinador foi vazando as informações aos poucos, não sei se, eu acho, citaram o nome do treinador, não sei se vem ao caso, mas o que é importante, é de como ocorreu isso, o treinador recebia dinheiro do pai do atleta para manter esse atleta na equipe.

Hergos: Certo, e o seu empresário, a pessoa que te levou pra lá pra São Paulo ele exercia algum tipo de influência junto a comissão técnica pra sua permanência ou ele simplesmente fez o papel dele de apresentar você ao clube e depois que você se federou ao clube você não recebia mais nenhum tipo de apoio assim por parte dele?

Sujeito 1: Olha, na minha conclusão que eu tiro, é que não teve muito apoio não, ele me deixou lá, ele tinha muita intimidade com alguns diretores, mas ele não tava ali presente, mesmo pra ver as coisas que aconteciam diretamente nos treinamentos e pra tomar uma definição, ter argumentos pra falar na hora de uma dispensa ou não entendeu, então ele não tava ali sempre com a gente.

Hergos: E nessa dispensa que aconteceu, depois desse tempo todo, desses dez meses que você esteve lá é, você achou que foram justas essas dispensas e os critérios utilizados pra essas dispensas foram claras com vocês, o que você avalia desse processo que aconteceu e que te levou a outro clube?

Sujeito 1: Olha é, essa dispensa, porque eu vejo assim cara, no Corinthians como é um clube grande no Brasil, é um clube de ponta, ali passam realmente muitos atletas de qualidade, ali o nível é muito alto e assim, na época eu, hoje, hoje eu tô aqui pra relatar as informações, eu tenho outra maturidade, mas na época não, era aquilo que era tudo muito novo pra mim, e tipo algumas pessoas me falavam, e eu me calava e aceitava, mas hoje vendo algumas dispensas, no meu caso, na minha posição existiam jogadores que realmente estavam mais preparados do que eu naquele momento pra estar vestindo uma camisa de um grande clube, pra mim é assim, mas eu vi que outros garotos ali que disputavam outras posições ali, eram injustiçados sim, injustiçados por atletas só porque estavam a mais tempo na casa, ainda mais que não vinham jogando, que não vinham

arrebentando nos jogos, a gente vê que os caras suavam a camisa, e no final, pô o que aconteceu cara, entendeu?

Hergos: Então havia de certa forma, não houve uma, uma justiça com outras pessoas que naquele momento foram dispensadas. E como é que foi a sua continuidade, conte sua história depois desses dez meses no Corinthians, você foi pra outro clube?

Sujeito 1: Depois do Corinthians, eu saí do Corinthians eu fui pra casa de alguns empresários e essa pessoa que me levou tinha contato com eles, inclusive nessa casa ele levou eu, e mais um outro garoto da minha idade que estava junto comigo no Corinthians, nessa casa tinham, atletas, essa casa era um escritório desses empresários, aí eles se reunião, trocavam idéias, e inclusive nessa casa estava o Liedson, que jogou a Copa do Mundo pela seleção de Portugal, tinham outros atletas, o Wilson morava lá também, que foi profissional aqui na equipe do Corinthians, acho que atualmente tá jogando no Esporte Recife, e ali a gente ficou durante duas semanas, a gente corria, tinham alguns aparelhos de academia lá, uma sauna, e ali a gente ficou esperando, a posição a ser tomada por eles, para dar continuidade a nossa carreira, de lá ele me levou pra Indaiatuba, e esse outro garoto foi pra Santa Bárbara. Em Indaiatuba, primeiramente ele me levou pra casa dele, que é a residência desse empresário, me levou pra lá, chegou lá eu passei mais uma semana também só correndo, indo nos parques, me exercitando pra não ficar parado, e logo no primeiro contato em Indaiatuba ele me levou no Primavera, mas aí ele me colocou pra treinar, e aí tava o campeonato rolando, o cara me deixava de lado não me colocava nos treinamentos, aí de repente surgiu um outro time lá, o 15 de Novembro, um time amador da cidade, que estava formando um time, pra jogar campeonatos contra ou então amistosos, contra equipes do interior de São Paulo pra tentar revelar jogadores, e aí ele me levou pra lá, logo no meu primeiro jogo lá, eu entrei no 2º tempo, nesses 45 minutos que eu joguei, eu dei dois passes pra gol e fiz um gol, bom aí foi a minha, aí foi o meu cartão de visita, aí eu logo fui bem aceito pelos empresários, e aí eu pude dar continuidade em São Paulo durante um ano e oito meses, só que aconteceu o seguinte, o 15 de Indaiatuba, depois de um ano lá começou a trazer vários jogadores né, e a equipe foi ficando forte, foi na transição do 15 de Novembro da equipe amadora né, aonde os empresários juntavam futuras promessas pra tentar investir em Indaiatuba ocorreu o seguinte, a equipe do 15 tinha bons talentos e o Primavera não tinha jogadores que poderiam é, desenvolver um bom futebol ou fazer uma boa campanha no campeonato Paulista, e que eles fizeram, o Primavera se juntou com os empresários do 15, e esses jogadores do 15 de Novembro foram disputar o campeonato

no Primavera. Dentro do Primavera ocorreu o seguinte, eu disputava a posição com o filho do empresário nós dois éramos meias atacantes, armadores, e a situação era a seguinte, treinava bem arrebatava nos treinos, jogava, daí sem mais nem menos o cara me tirava do jogo e colocava o cara. Outras situações o cara é, porra jogando mal pra caramba mais o treinador permanecia com ele em campo. Outra situação, colocava eu e ele pra jogar e sacrificava um outro jogador de talento que poderia tá jogando junto comigo, porque o outro jogador tinha um poder de marcação maior que o meu, então daria pra improvisá-lo pra continuar na equipe, pô então essa situação foi gastando né dentro do Primavera foi gastando, foi ficando, foi desmotivando ali mesmo dentro da equipe né e era praticamente impossível de eu fazer uma sequência de jogos legais, era impossível eu desenvolver assim da forma que eu pretendia que eu tinha na minha cabeça a minha trajetória dentro da equipe, porque ficava muito difícil, não tinha condições, e aí também pela imaturidade né acabava, não só pela imaturidade mais acabava me desmotivando muito e o meu rendimento nos treinos ia acabando e eu não tinha mais paciência, dentro do alojamento, pô só vivia reclamando aí, pô vai mudando a cabeça né assim tu sabendo que não não dependia mais só de mim pra mim desenvolver o meu futebol, o meu empresário mais uma vez nesse ponto, pô não me auxiliou da forma mais correta né, ele até tava mais presente lá do que lá no Corinthians porque a residência dele ficava nessa cidade mais porra assim não tratou a gente da forma que ele deveria ter tratado né, não eu acho que ele não acreditou na gente e não brigou pra gente permanecer na equipe da forma correta. Os empresários depois de um tempo nós descobrimos que os empresários tinham interesse na gente mas, esse empresário não sei se como era o acordo que ele tinha com esses empresários, que passaram até a jogar algumas indiretas pra gente pra mim pros outros atletas que eram desses empresários como coisas do tipo assim, ah, a gente não vai ficar enfeitando bonecas dos outros não, tipo pô a gente não vai ficar investindo em atletas que não vão trazer retornos pra gente ou seja assim aos poucos a gente foi descobrindo coisas que aconteciam por de trás daquele campo de futebol. Depois de muito tempo conversei com um amigo que era massagista da equipe né e ele chegou a me relatar coisas assim que tipo, porra Zeca eu não te falei, eu não queria acabar com o seu sonho tão cedo eu sabia que ali tu nunca ia conseguir ser um titular pleno jogando bem ser um titular, cara, que ia se destacar em vários jogos porque pô tu competia com o filho do cara que tava bancando lá cara, sabe ele chegou a falar, porra era difícil cara, era muito difícil você jogar tendo um empresário que não sabia jogar junto com os caras pra te colocar na

equipe, pra ti não sofrer esse tipo de coisas, e tendo o filho do empresário que bancava a equipe disputando posição contigo cara, então era um ponto forte né das, grandes injustiças que acontece dentro do futebol.

Hergos: E aí depois que você saiu de lá desse negócio, dessa guerrinha entre os empresários de interesses, qual foi o seu destino depois?

Sujeito 1: Então né, com essa guerrinha dos empresários, aí do nada foram dispensados todos os atletas que pertenciam ao mesmo empresário que eu, e aí eu ainda passei um tempinho lá porque eu não queria perder um ano de escola né, faltava um mês só pra terminar aí eu concluí meus estudos, aí conversei com os próprios empresários lá, permaneci treinando lá na equipe pra não perder muito condicionamento e eu esperei e voltei pra casa né, em dezembro de 2004 eu acho, aí voltei pra Santarém né, aí eu tinha um contato lá também de um treinador, na verdade ele era treinador do 15 e foi pra lá como auxiliar do cara que ia ser o treinador da equipe juvenil do Primavera, trouxe esse contato desse cara pra cá, o nome dele é Ingá. Porra esse cara enchia minha bola pro meu pai falava um monte de coisa fazia comparações com atletas que tinham sucesso, atletas que inclusive que ele conheceu na idade em que eu tinha e falava que comparando as idades eu demonstrava ter mais talento que eles, e aí meu pai né, manteve contato com ele o olha essa situação, ele me prometeu ainda me mandar para um time do interior, não me recordo se era time de empresário se era um time pequeno mais era um nome desconhecido, no interior do Paraná, e aí eu comprei todas as minhas passagens cara, você acredita que na hora que eu tô lá pra fazer o check in ele me liga pra dizer que tá tudo errado, pô e aí acabou a confiança com o cara né, o cara me prometeu, fez eu um mês antes comprar a passagem, ou seja, o cara tava querendo que eu fosse pra lá, ou seja, ele não tinha na realidade um destino pra mim e eu ia pra lá sem mais nem menos, eu acho que ele ficou pensando tipo assim que porra não vou fazer isso né, não vou fazer isso com os moleques, talvez eu não sei se veio um pouco da humanidade dele de não ter destino pra gente, de sacanear de fazer a gente comprar a passagem, e sabe lá onde ele ia colocar a gente. Graças a Deus né que não aconteceu isso, no aeroporto mesmo porra eu fiquei decepcionado pra caramba voltei pra casa e aí então a minha mãe tem um irmão que já morava bastante tempo no Rio de Janeiro né, na Ilha do Governador, esse irmão da minha mãe foi vizinho de um atleta, que se tornou profissional da equipe do Fluminense, que é o Goiaba que jogou no Fluminense, o último clube dele eu acho que foi Atlético Mineiro, e ele conhecia a família dele e conversou com o pai do atleta para me levar no Fluminense, pô ele disse pode vim que a

gente vai dar uma força. Daí meu pai puxou tudo né, minha passagem até lá, as minhas condições tudo foi por conta do meu pai, eu cheguei no Rio ele me levou no Fluminense mais me levou lá pra um peneirão que sem o auxílio dele eu poderia ter ido lá e tinha me inscrito no peneirão e a figura dele, tendo influência ou não, não ia fazer diferença nenhuma. Chegou lá o cara me deixou lá e nunca mais quis saber de mim e foi o que aconteceu na primeira semana eu fui nesse peneirão fiz 3 treinos e passei logo pra equipe juvenil, era o último ano de juvenil no Fluminense, e aí no Fluminense comecei a treinar né, eu passei na peneira na minha posição de origem que eu jogava no meio campo e quando eu fui pra equipe do grupo do Fluminense da equipe juvenil, o treinador me colocou pra jogar de lateral esquerdo, porque tinha um jogador que tava pra seleção de base da categoria e tinha só um lateral pra treinar então eu era o único canhoto ali, pô eu querendo buscar meu espaço, seja lá onde for, aos poucos para me firmar na equipe, pô vamos lá, pô sem dúvida, me dá o colete aí, já tô, tô dentro, vamos jogar, vamos jogar, e aí iniciou lá no Fluminense, permaneci durante esse tempo lá no Fluminense, aconteceu o seguinte, eu me destacava nos treinos, fui me destacando, fiz vários jogos amistosos, antes do Campeonato Carioca lá, de titular, porque o Marcelo quando retornou, que era o titular da posição, quando retornou nem ficou mais na equipe juvenil, foi logo pro junior e pro profissional e ali eu fiquei brigando no Fluminense e passei esse tempo no Fluminense, gastando meu dinheiro, tudo tirando do meu bolso, num belo dia, véspera de começar o Campeonato, aí vem aquela velha história né, onde o futebol não começa a funcionar só com o talento do jogador, e aí vem os empresários de futebol, olha o que aconteceu, vieram vários garotos, garotos de Minas, vieram do Cruzeiro, aí passei a conhecer os caras, pô qual é a sua trajetória? Pô, já joguei no infantil do Cruzeiro, tenho tantos anos que treinei na categoria de base do fulano. Quem foi que te trouxe pra cá? Ah, foi o fulano, que é mesmo empresário do jogador profissional, tal, aí eu fui me ligando nas paradas né, pô agora o negócio vai começar a ficar barra pesada, vamos ver o que vai acontecer comigo, mas continuei, não esmoreci, continuei treinando, não tava na minha posição, mas dava o máximo, tava dando o sangue de mim, aí num belo dia né, eu chego pra treinar, e todos estavam no campo batendo bola, aí eles me chamam pra subir né, oh fulano! sobe lá, que querem dar uma palavra contigo lá em cima, pô lá em Xerém a gente tem que subir um morrinho do caramba né, pô vou lá, vou lá, pô de repente né, nessa época, porra era época que tava todo mundo falando, pô fulano já foi chamado lá, já tá na equipe pra jogar, pô então é minha vez agora, foi sem mais nem menos eu subi lá, e o treinador não

teve coragem de falar pra mim, pô o treinador que me elogiava pra caramba, o auxiliar dele era um atleta que até jogou na Seleção Brasileira, que, porra ele foi lateral da Seleção acho que foi o Bacuri, Copa de 80 e alguma coisa, o cara também me elogiava, eu dei o contato dele pro meu pai, pra ver se a gente conseguia alguém que me assessorasse lá, me desse uma força, tudo bem, aí eu segui o destino lá, subi o morrinho, passei de manhã a galera treinando, passei a manhã lá esperando, ninguém lá pra me dar uma solução e nada, ninguém foi lá, ninguém falou nada pra mim, e aí quando eu retornei lá eu disse, pô professor, já de cabeça baixa, sem entender o que estava acontecendo, a galera treinando, todo mundo olhando pra mim assim, porra, com certeza já deviam saber da notícia antes de mim, o treinador já devia ter comentado, aí eu voltei lá e fiquei sentado né, olhando a galera treinar, aí ele chegou pra mim, falou assim, nós não vamos, nesse momento não dá pra contar contigo, tem escolhas melhores, veio com a mesma historinha dos outros clubes, pô o Cafu foi dispensado milhões de vezes, milhões não, 12, 10 vezes e eu também né, não sei com segurança, pô, mas tá ele é um atleta e tal, porra aí nesse dia, foi mais ou menos a gota d'água pra mim, nem conseguia argumentar, nem entender o porque, se eu vinha a meses treinando praticamente como titular na lateral esquerda, com atletas que hoje até se tornaram profissionais na equipe, pô desenvolvendo o meu trabalho bem, e do nada sou dispensado, e lá vem a situação né, em que não é mais uma vez, não é só a minha determinação, o meu talento que vai me levar a me tornar um jogador de futebol, mais uma vez por não ter auxílio ou desamparo de empresários do meu lado ou de pessoas fortes que poderiam me segurar ali naquele momento, mais uma vez eu fui vítima desse futebol que não é, como eu posso te definir, vou buscar uma palavra aqui, que não é só essa coisa bonita que a gente vê, pô esse cara que muitas vezes a gente enxerga na televisão, como o Ronaldinho, esses caras que, atletas que foram de sucesso, que a gente enxerga ele jogar bonito, dá um passe, pô eu sei fazer também que nem esse cara, pô eu tenho talento que nem esse cara aí, como é que eu não vou chegar lá, pô e a gente chega num clube e vê atletas que desenvolvem coisas que aparentemente que não tem muita genialidade, mais que chegam lá né, chegam lá porque tem esse auxílio de pessoas que comandam o futebol, pessoas que trabalham com isso, vivem disso e recebem muitas vezes propinas, trabalham junto com treinadores pra levantar atletas que muitas vezes não tem muito talento, mas que são o ganha pão deles, por receber grana pra manter essas pessoas lá, esses atletas, então ali foi a gota d'água né cara, foi um momento de muita decepção pra mim, porque porra, saía, acordava todo dia, morava longe de

Xerém, acordava todo dia, 4:30 pras 5:00, porra mais feliz da vida que eu tava indo lá, acreditando que dessa vez ia dar certo, porque rapidinho eu fui aprovado na peneira, chegou lá as pessoas gostaram de mim, e eu tinha porra, contato com a galera, bacana, todo mundo brincava comigo, já me achava um cara da equipe, me tratavam como se fosse um cara de lá de dentro de muito tempo, então ali foi a gota d'água né assim, porra nesse dia eu cheguei até chorar, porra, será que o problema tá comigo, no caminho né, porra será que o problema sou eu, aonde foi que eu errei cara, onde foi que eu errei, será que foi aquela bola, será que foi isso, será que eu falei alguma coisa que o treinador não gostou, dependendo da situação, porra, onde é que está o erro, aí a gente passa a querer procurar o erro né, será que tá com a gente, será que é comigo cara, será que eu não tenho condições, mas aí depois a gente esfria a cabeça e vê, muitas vezes o problema não tá só com a gente, o problema não é a gente e sim é a falta de acompanhamento por pessoas que conhecem verdadeiramente como se trabalhar no futebol, que não é só dessa forma, em que o talento de um jovem vai levá-lo a ser um jogador profissional de sucesso ou um profissional dentro do futebol.

Uma coisa importante que vale ressaltar foi, na minha passagem pelo Fluminense foi que, diante da dispensa, meio que se tivesse prestado um pouquinho mais de atenção ou se tivesse decifrado a mensagem logo já saberia, que no dia seguinte, ou um dia próximo, o que aconteceu, o que eu contei no passado, não iria acontecer, um jogo com uma equipe pequena, do Rio de Janeiro, um jogo amistoso, a gente tava 0 x 0 o jogo, uma partida normal, todo mundo sem ninguém complicar, uma situação inesperada aconteceu do treinador me tirar mais ou menos aos 30 minutos do 1º tempo, e eu fiquei meio perplexo sem saber o que aconteceu, passei por ele, e ele nem olhou pra mim, nem pra dar uma explicação de nada, nem pra dizer assim, pô garoto você não tava desempenhando aquilo que eu te pedi, ou então, pô você estava totalmente errado, então ali foi uma situação né, que já era de se esperar, que iria acontecer no dia seguinte, a dispensa.

Hergos: Quem entrou no seu lugar?

Sujeito 1: Quem entrou no meu lugar foi um atleta, aquele atleta que eu ressaltai que veio do Cruzeiro, auxiliado por empresário, por um empresário forte, e dentro daquela equipe, um empresário que já tinha jogadores profissionais atuando na equipe principal e que exercia grande influência ali dentro, e eu sozinho não podia fazer nada sem o auxílio de ninguém, e aí a gente leva a crer que pode ter situações que a gente conclui que existem cartas marcadas dentro do futebol né, ou dentro de uma seleção, em que

aquela pessoa tá participando do evento, mas que as outras não passam de um meros figurantes dentro de um contexto em que esteja ocorrendo uma seleção. Então ali, foi como eu contei antes no Fluminense aconteceu um grande desestímulo no meu desejo de querer me tornar jogador de futebol, eu liguei pros meus pais, comuniquei, e regressei até a minha cidade Natal, Santarém, aí dentro de Santarém fiquei mais dez meses, continuei jogando aqui por equipes amadoras, quando foi no ano seguinte surgiu uma oportunidade de ir pro Clube do Remo, equipe profissional da CaMaçãl do Estado, no clube do Remo eu conquistei meu espaço, conquistei logo rápido o meu espaço dentro da equipe e fui titular, e bem breve de eu ter conquistado meu espaço, aconteceu um convite pro Clube do Remo disputar o Campeonato Brasileiro no Sul do país, no Rio Grande do Sul.

Hergos: Na categoria Juniores?

Sujeito 1: Juniores Sub-20, até atletas que tinham 20 anos. No decorrer dos treinos, conquistei meu espaço, fiz gols, dei bons passes né, que diz o que determina minha posição e minha função dentro de campo, fui desenvolvendo aquilo sem ter muita intimidade com o treinador, até porque eu não fui uma pessoa de muita conversa, e na viagem né, aconteceu uma grande surpresa quando eu cheguei, recebi minha numeração de número 9 né, numeração que no nosso país quer dizer que o atleta é um jogador titular na equipe e na hora da escalação, vai entrar fulano, ciclano, não vi meu nome, porra foi uma situação que eu não entendi, não tava entendendo o que estava acontecendo e isso não aconteceu só nesse jogo, aconteceu em todos os jogos da primeira fase, eu só fui entrar na segunda fase da competição, na fase de mata-mata, contra a equipe do São Paulo, já no 2º tempo, porque esse atleta que ele colocou no meu lugar se machucou, aconteceu um problema, aí eu entrei, aí eu voltei pra São Paulo, voltei do Rio Grande do Sul, passamos por São Paulo, até chegar em Belém, em Belém, ah porra, começou a surgir outros pensamentos de buscar um plano B na minha vida, que foram os estudos, e aí, treinava pela parte da manhã, estudava a tarde, me transferi, solicitei aos meus pais que me transferissem de uma escola pública para uma escola particular, porque dentro dali, as coisas não continuavam caminhando, da mesma forma que foram nas outras equipes que eu passei, não estava dependendo só de mim, dependiam também de outras pessoas pra que me auxiliassem dentro da equipe que me fortalecessem, além das condições que eu desempenhava dentro de campo, no Remo foi ali sem sombra de dúvidas o momento de explosão que eu desisti, passei a enxergar o futebol como uma coisa que não tinha mais tanto valor como aquele desejo de criança, pô eu vou fazer de

tudo, só depende de mim, eu vou me esforçar, eu tenho minha família do meu lado, eu vou chegar lá, mais as coisas não são assim, dentro do futebol a gente precisa ter um grande auxílio, ter pessoas influentes que conduzam a gente da melhor maneira possível em todas as etapas, até se tornar um profissional.

Hergos: Esse treinador lá do Clube Remo, aqui no Norte do país, você sente que era da mesma maneira as artimanhas que eram feitas com ele, ou seja, havia a influência dos empresários, ou era diferente aqui no Pará?

Sujeito 1: Olha, em Belém é diferente não tem tanta aquela pressão dos empresários em cima do treinador, dos diretores das categorias de base, e sim os pais. Eu nunca tive meu pai perto de mim, nessas situações em que eu busquei ser jogador profissional, em Belém, pô o treinador assistia as partidas no meio dos pais, coisa que não é muito comum né, bom e ali, era fulano vamos pra uma, com certeza rolava convites, pro treinador ir na casa de fulano, é, a gente ouvia muita intimidade de pais de jogadores com treinador, que favoreceu sem sombra de dúvida a permanência desses atletas dentro da equipe, uma oportunidade melhor do que a minha.

Hergos: E uma outra coisa que a gente ainda não citou aqui na entrevista, as condições de vida em alojamento, material de treinamento, campo de treinamento, em algum momento você chegou a pensar assim, que tudo isso também te desestimulava, as condições eram precárias, ou eram boas pra te dar força nesse teu desejo de ser jogador?

Sujeito 1: É, de todos os clubes que eu passei, o clube que tinha menos condições pra auxiliar os atletas era o Clube do Remo, os campos horríveis, campos esburacados, pô, pelo Remo ser um clube profissional de elite do futebol Paraense né, de maior torcida dentro do Estado do Pará, não davam suporte assim adequado pros atletas, pô, a alimentação também, várias vezes eu fui treinar de manhã com um cafezinho e algumas bolachas creme crack, voltava é, almoço assim é, sem as condições sanitárias adequadas nos refeitórios na categoria de base, ou coisas assim, coisas que eu não me deparei no início quando eu fui pra São Paulo, por onde eu passei em São Paulo as coisas não funcionavam assim.

Hergos: E por fim então, você começou a perceber que talvez havia possibilidade de continuar sua vida, e construir uma outra carreira, que não a de futebol por meio dos estudos, e o que que você conclui com toda essa aventura, e de tentar realizar seu desejo iniciando lá por São Paulo, pelo interior de São Paulo, posteriormente pelo Rio de Janeiro, e voltando ao Pará. Qual que é o balanço que você faz disso tudo, em relação a tentativa dos jovens, de realizar os seus sonhos no futebol. A gente sabe que alguns tem

uma história diferente e outros tem outra história. Como que você faz um balanço, qual é a sua leitura a respeito disso tudo, não só da sua história, mas também as histórias que você presenciou com outros meninos que conviveram com você nessa época?

Sujeito 1: A gente pode ser bem breve, simplesmente acho que só uma frase a gente define bem isso, sem falar muito. "Que hoje, eu acho que ontem foi assim, e hoje, e que amanhã também será, que pra se tornar um jogador de futebol dentro do Brasil, e eu acho que também fora, num conheço o exterior, não precisa só de talento, tem muitas coisas que envolvem o futebol que ainda estão mascaradas pra sociedade." . Definindo é isso, o atleta não precisa só ter talento, é preciso de um apoio logístico muito forte.

Hergos: Você acha que tem outras pessoas que determinam, que tem o poder nas mãos no futebol, que acabam determinando a trajetória de outras pessoas?

Sujeito 1: Sem dúvida, os empresários de futebol sem sombra de dúvidas são pessoas muito fortes e que conseguem manipular treinadores, diretores, pra colocar seus atletas pra jogar e eliminar fracos, pessoas sem auxílio dentro dessas equipes, essas são as pessoas no meu ponto de vista, as pessoas que movimentam o futebol, são os empresários, ponto forte do futebol hoje, enfim né, resumindo, eu acho que iniciando com o desejo daquela criança que se apaixona pela bola assistindo junto do pai, o desejo mais o campo e a bola, associados a dias excessivos de treinos, e o prazer pra jogar futebol, não são suficientes pra se tornar um jogador de futebol, e sim, o auxílio dessas pessoas pra poder construir gradativamente a carreira desse jogador.

Hergos: E o futebol hoje pra você é?

Sujeito 1: Decepção, hoje na minha vida ele é lazer, pensando profissionalmente, o futebol foi um desencanto pra mim, eu me desencantei com o futebol, hoje ele é um lazer, e adoro jogar futebol, tenho aqueles mesmos amigos de quando eu tinha 12 anos, eu encontrei quando eu me mudei pra uma casa em frente a um campinho de futebol, hoje são os amigos que a gente forma o time, no final de semana, e vai jogar em vários lugares, hoje o futebol é lazer, é segundo, terceiro plano na minha vida, e o que é mais importante é que hoje eu estudo, eu já tô pra me formar, é, tô pra terminar a minha graduação, no curso de farmácia, e vejo que ali eu posso caminhar mais só com as minhas próprias pernas, sei que eu vou precisar do crédito de pessoas, mais ali dentro do que eu hoje busco, eu vou poder chegar mais longe, sem o auxílio desse monte de pessoas que manipulam esse meio, que manipulam o futebol, eu acho que essas pessoas não vão ter como me derrubar mais fácil de dentro do que eu busco hoje, ser visto em outras pessoas nesse meio, que manipulam, talvez elas não vão me derrubar tão fácil,

quanto elas me derrubaram dentro do futebol.

Hergos: Muito obrigado.

Sujeito número 2

Sujeito 2: Bom, comecei a jogar futebol, na escolinha do Minas, em Brasília né, futebol de salão, com oito anos de idade, e sempre vendo futebol pela tv, meu pai Botafoguense roxo, acompanhando o título do Botafogo em 90 e 91, que ele deseja no coração de ser jogador, de ser igual aqueles caras, é era tremendo né, em 96 eu tinha um primo que já era, que já jogava como Juvenil no São Paulo, e sabendo do meu sonho, do dom que eu tinha também.

Hergos: Um ídolo, você tinha?

Sujeito 2: Tinha, pela Copa de 94, o Romário né, apesar de a posição ser diferente, eu, pôxa, gostava muito do Romário, do jeito de jogar, e esse meu primo me arrumou o teste lá, e eu sai do Minas, Brasília, com sonhos, com desejo de ser famoso, com desejo do glamour, de arrumar a vida da minha família, de dar uma casa boa pro meu pai, pra minha mãe, e ter um carro bom, apesar de ter só 14 anos a gente já sonho com a melhora financeira, e eu fui, me engajei nesse sonho né, meu primo conseguiu o teste no São Paulo Futebol Clube, em 96, eu passei.

Hergos: Com peneira, ou você foi?

Sujeito 2: Não, eu fiz um teste direto com o grupo já, eu não fiz peneira, porque o treinador, como conhecia o meu primo, e meu primo tinha passado por essa categoria antes, então eu tive o privilégio e essa sorte de fazer um teste diretamente com o grupo.

Hergos: Não foi o empresário que levou você?

Sujeito 2: Não, não tive empresário, é até então eu não tinha empresário, e aí eu passei, eu acabei passando no teste, morei com a família do meu primo, que são os meus tios, até 97, mas aí eu tive um choque muito grande em 97 quando o meu tio foi demitido da empresa, e o meu primo que me levou pro clube, foi mandado embora de Juvenil pra Junior, então essa foi a minha primeira grande frustração, eu me encontrei numa faca de dois gumes, porque ou eu voltava pra minha casa, em Brasília, revoltado porque meu primo não conseguiu passar do Juvenil pro Junior, mas por outro lado eles me tratavam muito bem, eu já tinha uma posição muito boa no clube de ser uma revelação da equipe infantil, e eles me ofereceram todas as condições de alojamento, de pagamento de escola e tudo, então, eu já não sabia o que escolher então essa foi a minha primeira frustração, de ter uma família ali, que voltou pra Goiás, eu cheguei até pensar em desistir, pelo fato do meu primo, que era meu ídolo e foi quem me colocou lá dentro, mais como o sonho era maior, o sonho do glamour, da fama, de ver o estádio, que

comemorava em baixo da arquibancada do Morumbi, de ver aquele estádio lotado né, assistir os jogos profissionais e ser como um daqueles um dia, então aquilo foi maior e pesou dentro de mim e eu escolhi então ir pro alojamento do São Paulo.

Hergos: Você morava então com o São Paulo?

Sujeito 2: Eu morava com os meus tios né.

Hergos: E você acha que houve algum, qual foi o critério assim que seu primo relatou pela dispensa dele?

Sujeito 2: Bom o meu primo é, o que ele relata né foi uma folga, eles fizeram uma reunião entre os jogadores, uma folga que seria discutida que foram dadas para jogadores de fora do Estado de São Paulo, e os jogadores de dentro de São Paulo, que eram 11 na época, resolveram não ir treinar também né, como tinham dado a folga pros jogadores que eram de fora do Estado, eles resolveram se reunir entre eles sem comunicar a diretoria e o treinador que era o Laranja na época, eles resolveram não ir treinar durante uma semana também. Quando voltaram, na volta da folga já estavam com o atestado liberatório já né, assinado pelo Limão diretor na época e foi até um motivo de desânimo tão grande do meu primo, que na época ele chegou até a largar, hoje em dia ele já faz outra coisa num chegou a tentar outro clube mesmo sendo jovem ainda, mas enfim voltando, eu continuei na equipe de infantil no ano seguinte meu segundo ano de infantil, só que aí começou, a eu ver o verdadeiro lado do futebol, que aí você começa, como era o meu segundo ano de infantil, eu comecei a competir, porque no futebol na minha época, há 14 anos atrás, eles davam sempre a prioridade pro último ano da categoria mesmo você estando melhor tecnicamente do que um jogador que é um ano mais velho que você a prioridade é desse jogador, ou pelo tempo de clube, ou por quem levou ou por quem indicou ele, entendeu, então eu acabei conhecendo o futebol em 1997, porque até então em 1996 era tudo uma grande ilusão né, que você começa a competir e você jogando num clube grande você é cobrado pelos resultados, pelos títulos né, e eu tinha um problema de crescimento muito grande nessa época, eu era bem mais fraco e bem menor que os outros apesar de tecnicamente ser superior então muitas vezes eu não jogava pelo fato da constituição corporal o que muitos treinadores hoje em dia fazem né, e que não deveriam fazer porque o futebol é um esporte onde joga o magro, o forte, o pequeno e o grande né, é um esporte que não tem biótipo né, até que no meio de 1997, eu vinha com muito problema de não jogar e você quando é criança você não tem paciência não sabe esperar o seu momento, longe da família com a saúde, as mudanças e teve uma mudança na categoria e teve um treinador chamado

Maçã que chegou e que mudou tudo isso, que gostava realmente de jogadores técnicos né não se importava com o tamanho, e eu comecei a jogar e enfim acabei o ano de 1997 na categoria, bem, jogando mais já conhecendo o futebol, mais daí eu já tinha dois anos de clube conhecia muitas pessoas, na transição de infantil pra juvenil você faz muitos amigos só que nessa transição você perde muitos também, porque sempre tem aquela reciclagem, nem todos passam pra categoria seguinte, não pela qualidade, porque eu vi muitos amigos meus acontecerem de não passar, porque pela indicação, por ter vindo fazer peneira tiveram uma dificuldade maior do que a minha pra fazer o teste porque passaram primeiro pelo teste da peneira, depois pelo teste do grupo né, e aí quando chegavam do final de uma categoria eram dispensados porque um jogador até de qualidade inferior ou igual, que era indicado por um ex-jogador de clube, ou indicado por um empresário, estava lá né, ou por um filho de um diretor, que apesar de você pensar que o São Paulo Futebol Clube não tem profissionalismo, mais tem muito né, e as vezes até os treinadores ficam de mão atadas porque não podem fazer nada, ou eles escolhem o emprego deles ou eles concordam com a sujeira política que se passa ali dentro, enfim eu fui pra categoria de juvenil, a gente sempre disputou títulos no São Paulo, sempre fui campeão em todas as categorias que passou né, e a cada categoria que você passava o sonho se aumentava né, você se aproximava do seu sonho né, o seu sonho ficava cada vez mais perto, mas a cada ano que passava você via que ia ser mais difícil ainda, por tudo que envolvia, que você começa a virar homem antes do tempo né, você sofre a injustiça de ter que chegar no juvenil e as vezes esperar mais um ano pra jogar, porque tem aquele ano que é de quem é o mais velho na categoria, e aquele início que é ter os sonhos, os sonhos da categoria de base, na seleção, os treinadores da seleção de base vão assistir os treinos, e eu me recordo que uma vez que ele foi assistir um treino, ele não conhecia ninguém, e acabou levando um jogador reserva pra seleção né, e aquilo me intrigou muito, porque ah pô, você vê, eles falam ah futebol é assim as vezes o cara gosta do reserva e não gosta do titular, mas depois eu fui descobrir que até o treinador da seleção naquela época ele, o Pêra, ele levava dinheiro, entendeu, ele levava dinheiro do empresário do jogador entendeu, então como é ele quem manda, é ele que decide né, ele levava o dinheiro, ele levava dinheiro, e aí aquilo foi a primeira decepção, foi o primeiro sonho não realizado de ir com a seleção sub-17, eu era camisa 10 na época do clube, e não ir né, pra disputar um Sul-Americano e um Mundial, e um jogador que era até meu amigo, que depois de três anos que eu fiquei sabendo disso, que ele foi, até então que você é garoto, você acha, realmente ele fez um treino bom, o

treinador gostou do reserva, como as vezes acontece com um treinador profissional, que vai o reserva do Júnior, sobe e o titular não vai, isso acontece né, mais depois de três anos a gente fica sabendo, que o empresário era amigo do treinador, era empresário do treinador da seleção né.

Hergos: O jogador era da mesma posição que você?

Sujeito 2: Era, e aí ele foi, teve a sua história, sua história bonita na seleção, inclusive com títulos, enfim foi a primeira grande decepção que eu tive né, e no juvenil tinha problemas, eu e outros jogadores que na época não eram, não frequentavam os grupos de orações mais evangélicos né, a gente não frequentava. O Mamão é irmão do Papaya, um preparador físico mais que tinha muita influência com o treinador, que era um preparador físico, mais era um auxiliar do treinador também, e aí ele confundia as coisas, as vezes jogadores que participavam do culto, as vezes até mentirosamente né, eles iam, diziam que pra ter o respaldo do preparador físico, tinham uma vantagem sobre os jogadores que não iam, então até a religião as vezes influi na injustiça da base, e quanto mais distante você é de São Paulo, quanto mais longe você está dos seus pais, quanto mais longe você está da sua família mais você é sujeito a essas injustiças, porque não tem nenhum maior acompanhando a tua situação, o teu sofrimento, é solitário, você ainda não tem a capacidade de dialogar, as pessoas não te respeitam como um homem, e quanto mais distante de São Paulo, e mais distante você está da sua família, mais desamparado, e mais injustiça você sofre na base, entendeu, então assim, eu presenciei várias dispensas de grandes jogadores, que depois se profissionalizaram e arrebentaram em outro clube, como Vagner Love, como o Thiago Matias, entendeu, como o próprio Adriano, que passou no São Paulo, na época era lateral esquerdo, que o treinador dizia que servia pra lutar boxe, mais pra jogar futebol não jogava.

Hergos: O Adriano Imperador?

Sujeito 2: É, isso. Então a gente via jogadores e outros mais que eu não me lembro que ali na época não eram aprovados, ou por não terem a pessoa que colocava lá dentro, por não terem sido indicados pela pessoa correta, ou por as vezes, por um acaso do destino também não terem dado certo, então aos 17 para os 18 anos você já fica mais malandro, você já sabe mais como funciona o futebol, e aí foi talvez o grande erro da minha carreira, foi aos 18 anos quando você tem que fazer a escolha, porque você vê jogadores reservas seu, indo pro profissional, você sendo titular não indo, e o que esses jogadores tinham de diferente, eles tinham empresários, então chegou, eu decidi com meu pai que ia a cada seis meses só pra ver jogo, e não tinha influência nenhuma no clube, e a gente

precisava arrumar um empresário, alguém influente dentro clube, e quando nos meus 18 anos, quando eu fiz meu primeiro contrato profissional, nós decidimos então, por uma pessoa que trabalhava sempre ali no São Paulo, que estava sempre ali no profissional, e nas categorias de base, que era o Formosa, que talvez seja a escolha mais errada que eu tenha feito na minha vida, que tenha sido assim talvez primordial pro meu, pro futuro da minha carreira né, pro desenvolver da minha carreira, enfim, vendo aqueles jogadores que não jogavam subindo pro profissional, era frustrante, e a sua paciência tem limite né, ainda mais quando você é garoto, você não sabe esperar, então aí, todo jogar ele quer subir novo pro profissional, ele sempre sonha alto, ainda mais jogador de time grande, quer subir com 18 anos, com 17 anos, ele não quer ficar o Junior inteiro né, e todo o ano que passava, que eu passava no Junior, era um ano agonizante, porque você fazia campeonatos, Taças São Paulo maravilhosas, com títulos, chegava em janeiro, o treinador te colocava pra treinar com o profissional um mês, um mês e meio, depois descia pro Junior novamente, pela quantidade já de jogadores de nome que tinha né, e por você não ter força dentro do clube, que você precisa de alguém, um empresário pra te bancar, o esse é meu e ninguém mexe, se revelar ele X é do diretor, Y é do treinador, entendeu, isso tem e isso eu não tive, um fato curioso que tem que hoje em dia é um grande jogador, é um ícone na história do futebol mundial, foi um jogador chamado Uva, quem em 2000 ele subiu pro profissional, com o Siriguela, o Castanha, sendo reserva da nossa equipe campeã de Junior né, ele era reserva daquela equipe, e como aconteceu de a gente não poder treinar contra os profissionais foi então a equipe reserva, ele foi, disseram que ele fez um bom treino, e acabou ficando por lá, e hoje é um dos maiores nomes do futebol mundial, mais até então, foi um jogador que era visto como um comum dentro da categoria de base, por tudo que apresentava naquele momento, mas que tinha o pai, que era diretor e que é conselheiro do São Paulo até hoje né, que é o Tomate, Seu Tomate, mais enfim, isso foi até um certo tempo, depois do profissional ele foi com os méritos dele, com a força que ele ganhou, com a qualidade que ele tem né, mais esse talvez é o caso que ficou mais marcado por jogador que não tava jogando na base e subiu direto pro profissional, e outros que vinham jogando né, mais que eram distantes de lá, que o empresário ao invés de ajudar, atrapalhou, atrapalhou em que sentido, já na base querendo, fazendo a cabeça do jogador, trabalhando a cabeça do jogador, não pro profissional, mas para o exterior, pra ir para o exterior, iludindo é, iludindo com propostas inexistentes, propostas que iriam mudar a vida financeiramente, e que não aconteceram, que acabaram tirando foco, e atrapalhando como firmamento no

profissional né, e o fato mais curioso disso, que quando eu cheguei a subir pro profissional, eu já tinha 20 anos, era meu último ano de Junior, eu tava no limite né, e eu só subi por um treinador que era do meu empresário, que é o Siriguela, que na época era do meu empresário, porque eu já tinha 20 anos, o São Paulo não tem a filosofia de aproveitar o jogador no último Junior no profissional né, eu já tava totalmente sem expectativa e sem o sonho de jogar profissionalmente pelo São Paulo, porque eu já tava com 20 anos, e essa era minha 3ª Taça São Paulo né, e esse treinador, como foi contratado, que foi por intermédio do meu empresário, que na época era chamado Formosa, eu acabei indo ingressar o elenco do profissional então, eu provei daquilo que as pessoas provaram a minha vida inteira, que eu via acontecendo na vida inteira, pela primeira vez na minha vida então aos 20 anos eu tive a oportunidade de ir para o profissional, por tudo que eu tinha feito no Juvenil, no Junior, no Infantil, pela minha história, mas já pra minha idade já que eles já consideravam, que eu era pra ser emprestado, já estava esperando um empréstimo para uma equipe menor pra eu pegar experiência, e você sabe, quando você começa a ser emprestado, dificilmente você volta, dificilmente você volta, ou você é aproveitado até os 18, 19 anos, dificilmente você volta, aí eu provei disso, e aí eu vi quando o futebol era muito mais político, porque quando na melhor fase da minha vida, aos 18 anos, no meu auge de motivação, no meu auge técnico, físico, eu não tive oportunidade, e quando eu tava desanimando, me preparando para ser emprestado, eu tive esse respaldo né, do empresário que era do meu treinador.

Hergos: Quando o seu talento iria determinar a sua ascensão profissional não aconteceu, as pessoas foram ter que reconhecer o seu talento, mas porque você teve um empresário que intermediasse isso, necessitou de alguém pra abrir, entre aspas, os olhos das pessoas pelo seu talento, enquanto que isso se fosse naturalmente já teria sido visto anteriormente.

Sujeito 2: Isso, foi o que aconteceu, então aí eu conheci o futebol de verdade, aos 20 anos de idade eu conheci o futebol de verdade, eu vi o quanto era importante e o quanto eu não tive isso antes, o empresário, a figura do empresário, a figura do Cartola, a figura das costas largas, na categoria de base, isso determina o futuro do atleta, só que infelizmente poucos tem isso, pesquisas dizem que 1% de cada geração se torna jogador profissional, 1% da minha geração, ou seja em 82, foi profissional, se tornou um jogador profissional, viveu da profissão, pra você ver a dificuldade que é, é uma dificuldade muito grande, em meio a isso, há frustrações, e depressões que você passa

na carreira, que você tá num clube grande, você é cobrado, pela família, pelos expectadores, que são sua família, seus tios né, te cobram, esperam de você, e as vezes você volta pra casa até como um derrotado né, na tua mente você tá derrotado, porque você não conseguiu aquele teu sonho de criança, que é jogar na Seleção Brasileira, que é jogar na equipe grande, se firmar na equipe grande, e ir para uma equipe grande do exterior, mais por outro lado, depois você sendo um homem e conhecendo o futebol, você se resolve dentro de você, você se resolve, você sabe que você não depende só do seu talento, você não depende só do seu profissionalismo, das suas qualidades, você depende também de um apadrinhamento muito grande, você depende de um bom agente, de uma boa assessoria né, você depende de estar no sistema, você tem que estar dentro do sistema, você tem que estar dentro do esquema, que é muito sujo, o futebol é muito sujo, hoje eu tenho 9 anos de futebol profissional e eu consegui realizar o sonho de jogar profissionalmente no Brasil, depois em equipe média na Ponte Preta, fui pro exterior pro mundo Árabe, fiquei 5 anos lá na Coréia e tudo, mais nunca foi o que eu planejei, nunca fui o que eu projetei pra minha carreira desde o início entendeu, a frustração as vezes é essa, porque você não projeta isso, você projeta jogar no seu grande clube de onde você começou, no seu país, ser reconhecido no seu país entendeu, pra depois ir pro exterior e não você ser forçadas as vezes a ir mais cedo pro exterior, pra um país que é desconhecido do futebol, que não tem competitividade, mas pelo fator financeiro que você começa a ver o futebol, como mercado, como profissão, como dinheiro né, e você começa, você já é pai de família e você já tem de quem cuidar, então você tem que esquecer um pouco desses sonhos, abdicar desses sonhos né, pra fazer a sua independência financeira em um lugar onde você nunca, jamais sonhou em pisar, quanto mais jogar e viver, então eu tenho filhos hoje, e hoje se eu pudesse influenciá-los e indicá-los a não jogar futebol, eu não colocaria por tudo que eu passei, pelas decepções, pelas frustrações, porque talvez seja a única profissão que você não dependa só do seu talento, da sua capacidade, entendeu, você depende de estar no sistema, você estar no esquema, você estar tirando do teu salário uma comissão pra você pagar um diretor, pra pagar as vezes um treinador, pra pagar as vezes uma pessoa que vai te ajudar ali dentro entendeu, então infelizmente você depende disso, infelizmente você depende disso, quando você é garoto você não enxerga essas coisas, você enxerga, apenas “ah não, é injustiça, o cara tá me sacaneando”, mais você não sabe argumentar, você não sabe o porquê que ele está te sacaneando né, as vezes não é nem sacanagem, é porque a pessoa que está sendo privilegiada tá dentro do esquema, está dentro do sistema, e você

tá fora, você tá fora entendeu, então assim, eu presenciei vários jogadores que tinham ali pais que faziam parte do conselho, que votavam para Presidência do São Paulo, e que ajudaram seus filhos, e seus filhos não tiveram seguimento na carreira depois no profissional, porque não tinham qualidade técnica, e outros que as vezes não tiveram oportunidade de se profissionalizar no São Paulo né, mas que tiveram a base no São Paulo, e deram seguimento na sua carreira, e jogam até hoje, em equipes médias, em equipes grandes, porque tem a qualidade, e principalmente porque entrou no sistema, entrou no esquema, então assim, hoje eu vejo que o futebol é um mercado, é uma máquina de fazer dinheiro, e que a parte desportiva, a parte do fair play, ela é totalmente colocada de lado, no profissional é a mesma coisa, o jogador de futebol hoje em dia ele depende de empresário, ele depende da boa assessoria, ele depende de quanta comissão ele vai pagar pro empresário, que vai dividir essa comissão entre os dirigentes, não vamos generalizar todo mundo, tem treinadores também que pegam muito, não tô generalizando, tem o seu lado limpo o futebol, mas hoje em dia eu não voltaria, eu não faria outra coisa pelo amor ao esporte, mas se eu puder aconselhar os meus filhos, eles não jogariam futebol, porque para que eles jogassem futebol, pra que eles conseguissem um reconhecimento nacional, além deles serem talentosos, eles precisavam ter uma pessoa dentro do sistema, eles precisavam ter uma pessoa dentro do esquema, fazer parte do esquema para que projetassem, para que eles tivessem oportunidade então as vezes a gente vê, é pôxa o jogador tem várias oportunidades e acaba dando certo, ele pega confiança, ele vai uma vez, ele vai duas, ele vai três, e ele pega confiança e dá certo, e as vezes chega um jogador que bate no profissional que tem uma só, e não vai bem, as vezes pelo nervosismo, pela imaturidade, ele já é descartado e tem que ser emprestado pra outra equipe, esse é o jogador que está fora do sistema, que está fora do esquema, ele entrou lá pelo talento, mas só o talento não foi capaz de deixar ele lá, de permanecer ele, de segurar ele lá, então, ainda mais hoje, a gente vê empresários pegando jogadores, pegando revelações aos 15 anos de idade, aos 15 anos de idade é impossível você projetar uma carreira de um jogador, você não sabe se o jogador vai desenvolver a parte muscular, você não sabe se ele vai crescer mais, entendeu, você não sabe como vai funcionar a cabeça dele, então hoje em dia você já vê jogadores sendo agenciados por empresários aos 15, 16 anos de idade, que tão pegando ele lá na essência, na base né, e esses jogadores estão em vantagem daqueles que não tem, daqueles jogadores que geralmente saíram de Brasília, saíram de Goiás, saíram do Amazonas, que foram fazer uma peneira, que passaram por mérito próprio, eles vão

ficar ali, 6, 7 anos como o meu caso, vão ter uma oportunidade de jogar profissionalmente né, naquela equipe 2 ou 3 jogos, e depois vão ser emprestados, e buscar sua profissão em outros lugares, entendeu, então assim, eu na minha maneira de ver o futebol, ele é mais injusto do que se pensa, porque o futebol por ser esporte, por ser o esporte número 1, e por nós sermos referência no mundo, não poderia existir isso, não poderia existir o fator econômico primeiro, do que o fator do talento, da essencial do futebol né, então a gente vê geralmente na base ex-jogadores frustrados na profissão, ex-jogadores que não ganharam dinheiro como jogador profissional, se aproveitam da categoria de base, de estar numa equipe de nome, pra ali, não satisfeito com o seu salário que é baixo, de treinador de base, ali, tentar fazer uma espécie de caixa 2 né, a oportunidade da vida de não ter ganhado nenhum dinheiro, porque no passado o futebol não dava tanto dinheiro, então aproveita da figura do empresário, que é uma figura bem sucedida, geralmente é um cara que nunca chutou uma bola na vida, é um investidor que tem dinheiro e que vê no futebol uma maneira de lavar dinheiro, que é uma grande lavagem de dinheiro né, pra muitos investidores aí, como o Seu Feijão, como o pessoal da Couve toda, ver o futebol como uma lavagem de dinheiro, e aí acabam se corrompendo no sistema, e no meio disso vários talentos do futebol brasileiro são esquecidos, vários talentos são mortos por esse tipo de sistema, por esse tipo de esquema, então o futebol vira, vira um cartel, porque não é profissional na essência da palavra entendeu, o futebol não é isso, ou talvez até seja mais do que a gente pensa, pelo fato de você ainda ter 14, 15 anos, 16, 17 anos, você tá vendo problemas econômicos dentro de uma categoria, você vendo o treinadores sendo comprados, os treinadores sendo corrompidos entendeu, treinadores sendo aliciados por empresários, na ambição de galgar um espaço em uma outra equipe entendeu, e jogadores que tem o empresário que trabalha naquela equipe, que tem a pessoa que gera né, que é o gestor daquela equipe, que é a pessoa de confiança do treinador, esse jogador que está com esse empresário, ele tem a vantagem sobre aquele que saiu de casa, que deixou a família, que ficou um ano longe da família, que fez a peneira, que mora em baixo da arquibancada, que não vê a família, e que sonha aquilo cotidianamente, ver o seu sonho ser frustrado, ver o seu sonho ser morto, por esse tipo de sistema, por esse tipo de esquema, então eu acho que o grande cuidado dos clubes hoje né, é nesse sentido, em profissionalizar a sua categoria de base, em colocar gente séria, gente honesta, gente que não vai se corromper ao sistema, pra que a cada ano que passe, pra que a cada geração que se revele, a qualidade seja maior.

Hergos: O principal valor, e não outros interesses?

Sujeito 2: Outros interesses, o que é muito difícil de acontecer, que a gente vê hoje, é o fator econômico, o relacionamento, você tá engajado dentro do esquema, do sistema, isso é o diferencial.

Hergos: Isso é o que determina.

Sujeito 2: Isso é o que determina, quem vai e quem fica, quem entra do trem e quem fica fora, entendeu.

Hergos: E a sociedade assim, o que você vê, por exemplo, você sente tudo isso na pele, vê acontecendo com você, você vê acontecendo com o próximo, acompanha toda essa história, você acha que a sociedade tem o conhecimento disso ou ela imagina pro filho, para algum conhecido que o futebol seja uma porta de saída da miséria, e possa ser um meio de crescer na vida é, se você acha que a sociedade de conhecimento disso?

Sujeito 2: Não, a sociedade nem imagina, porque eu já fui a sociedade, a minha família já foi a sociedade, meu pai hoje em dia não assiste futebol profissional entendeu, a sociedade vê o futebol com glamour, vê o dinheiro em volta do futebol, mais isso é a maior mentira que existe, a maior mentira que existe, 5% dos jogadores de futebol hoje em dia ganham mais ou menos, 1% ficam muito bem, 1% tá bem, a maioria está na extrema miséria, o futebol, ele é mal pago pros jogadores né, e a sociedade não imagina, ao tentar ingressar o seu filho numa equipe grande, numa equipe de tradição, que vai desenvolver o seu filho, que vai lapidar seu filho, ela não imagina o que o seu filho vai passar, por injustiças, por treinadores que as vezes que estão ali pra aliciar jogadores, pô já vi pedofilia dentro da categoria de base entendeu, o treinador chamado Rabanete, não sei se eu posso falar aqui, Rabanete de nome, que foi treinador do São Paulo, depois de velho, voltou pra categoria de base e foi demitido depois por pedofilia, e os jogadores que ele aliciava tinha privilégios, os jogadores que compartilhavam daquela coisa que ele queria tinham privilégio, e o futebol não pode ter isso, nem com a religião, nem com o sexo, com a pedofilia, e muito menos com o dinheiro, com a corrupção de treinadores, corrupção de dirigentes, com o apadrinhamento de dirigentes, então a pessoa, o filho que sai da favela, que vira jogador, que fica milionário, essa é a história de um entre milhões que ficaram pra trás, um que entrou no trem, e milhões, não é mil não, são milhões que ficaram pra trás, que são frustrados, que largam o futebol, as vezes vão entrar na criminalidade, as vezes no vício do alcoolismo, no vício das drogas, por isso que o que eu falo e o que as pessoas falam que é verdade, o estudo é o mais importante, o estudo é muito mais importante, o pai, a sociedade investindo no estudo, na educação

do filho, na formação do homem é muito mais importante do que ele jogar, jogar o filho dentro de uma cova, com leões, que é um clube grande, pode ser o São Paulo, o Corinthians, e o filho sai dali despreparado pra vida, frustrado com a profissão, então essas histórias que a gente vê na televisão, de um jogador negro, que saiu da favela, pobre, que ganhou o mundo, como igual ao Ronaldo, ao Adriano, são dois em milhões, milhões estão na extrema miséria, porque não foram preparados pelos clubes como um homem, não foram preparados, não tiveram a educação, os clubes sempre vêem o jogador como um objeto, que eles vão ganhar dinheiro, que eles não se preocupam com a formação do atleta, com a formação do homem, com a formação do cidadão entendeu, então eu acho que isso é o mais importante, a sociedade saber que investir no seu filho, na educação é muito mais importante, do que colocar o seu filho num grande clube.

Hergos: Você acha que pela falta de estrutura educacional, alguns jovens acabam se submetendo a vendas pra religião, a vendas pra pedofilia, a se vender por algumas causas pra realizar o seu desejo?

Sujeito 2: Com certeza, principalmente aqueles que vem de famílias mais humildes né, que quer tirar os pais daquela situação, quer tirar o pai de uma favela, eu acho que ele vem mais despreparado, ele vem mais vulnerável, então ele é mais pré-disposto a ceder, a aceitar esse tipo de aliciamento né, e de investidas, então ele é mais despreparado, e eu presenciei fatos já, de amigos que acabaram se perdendo, que achavam que aquilo seria essencial na projeção da carreira, e não era, as vezes era mais uma enganação, mais uma ilusão, mais isso seriam coisas tristes que a gente fala né, mais que acontecem no esporte principalmente no futebol de base, onde o atleta é vulnerável, onde o atleta é uma criança, é um adolescente ainda né, dos 15 aos 16 anos, aos 17 anos não deixa de ser um adolescente, que está em processo de formação pra vida, então é assim, é triste, mais essa é a grande verdade do futebol, o futebol não é isso o que a televisão mostra, o futebol não é isso, esse conto de fadas que passa na televisão e nos filmes, o futebol é uma máquina de dinheiro, uma máquina de corrupção e de sujeira, entendeu.

Hergos: E você acha então, que o talento por si só não é o que determina o sucesso, de uma realização de um desejo, de um sonho de um menino?

Sujeito 2: Eu não só acho, como eu tenho certeza, que o talento por si só no futebol, ele não chega em lugar algum, se você não estiver bem assessorado por um grande agente que vai te dar respaldo, que vai te dar suporte, que vai cuidar de você dentro do clube, que as vezes vai dar um presente pro treinador, vai conversar com o treinador, se o

treinador também não fazer parte desse agente, a sua carreira está comprometida, você fica a mercê da sorte, você fica a mercê do acaso, de encontrar pessoas sérias que existem né, mais talvez não nos lugares onde você está naquele momento, então aí você fica a mercê da sorte, porque o talento não é capaz de quebrar essas barreiras, que né, esses muros, pra você conseguir alcançar o seu sonho, então por si só, é lógico que ele é extremamente importante, ninguém chega a toa ao topo sem talento, mas a parte empresarial, a parte política, econômica dentro do futebol, dentro do início da sua carreira, você já é visto diferente, você já começa sendo visto diferente, oh esse é o jogador fulano de tal, as pessoas te olham diferente, as pessoas te respeitam de outra maneira, ah esse é o jogador que veio da peneira, esse é o jogador que veio lá de Brasília, que passou na peneira, ou que o primo dele foi embora, ele está só, ele não tem empresário, então ele é, é muito mais vulnerável, ele é muito mais vulnerável numa queda de braço, na hora de estourar uma corda, sempre vai estourar pro lado deles, sempre vai estourar pro lado mais fraco, então é, esse é o grande lado ruim do futebol né, é o lado ruim do futebol, e você vai me perguntar o porquê que tá ainda, porque é um talento, é uma profissão, é um dom que tá, é o meu ganha pão né, e a parte gostosa, é a parte esportiva, a parte de competir, que é dentro do campo, essa é a parte gostosa, agora a parte fora do campo é uma sujeira entendeu, é uma sujeira, você as vezes vê jogadores aí que ganham, a o cara ganha 300 mil, mais o salário dele é 180, 120 repartido entre empresários, treinadores, diretores, e na base não é diferente, tem jogadores de base com 16 anos ganhando 20 mil reais, 30 mil reais, isso não existe, o jogador não ganha esse dinheiro todo, o garoto não ganha esse dinheiro todo, ali na base ele já está distribuindo, ele já está começando a distribuir o salário dele entendeu, já está se prostituindo entendeu, infelizmente a gente já se sente assim, as vezes a gente se sente assim, pra tá dentro do esquema, dentro do sistema, você precisa as vezes ser tratado como prostituta mesmo, e tem que aceitar.

Hergos: E pra gente finalizar, a penúltima pergunta, depois vem uma última. Então a sociedade deve estar atenta pra isso, pra decidir se investe no seu filho, incentivando para que esse sonho realize, mais ciente que essas coisas elas vão acontecer né?

Sujeito 2: Com certeza, a sociedade, é lógico, ela deve sempre ter a confiança, cada história é uma história, mais resumindo, no fim das contas 1%, uma raridade, um caso raro daquele garoto que veio da favela, que não tem um empresário, que não teve, ele acontece, a maioria, a grande maioria tem que fazer parte do sistema, ele tem que estar engajado no esquema, só com o talento ele não é capaz de alcançar o objetivo, de

realizar o sonho, que é de ser reconhecido nacionalmente, de ir pra uma equipe grande, no exterior, de chegar numa Seleção Brasileira, talvez essa é a maior frustração da profissão, que é o futebol né, quantos milhares e milhares de jogadores tem o mesmo, quem nunca sonhou em ser um jogador de futebol, tem até uma música, ela é muito famosa né, então maior é a quantidade de frustrações, de depressões, de injustiça do que realizações, então acho que a sociedade deve em primeiro lugar, é cuidar da educação, da formação do seu filho né, o estudo, a escola é muito importante e depois ver o lado esportivo, ver o lado da profissão de um atleta profissional, e a família que coloca o seu filho, ela tem que estar sabendo, já está preparando ele, o lado psicológico dele, pra tudo que pode acontecer, com pedofilia, religião, envolvida no meio do esporte, o dinheiro né, a corrupção de pessoas dentro do esporte, então isso tudo é importante.

Hergos: Mesmo você tendo iniciado em um grande clube, com todo esse talento reconhecido no clube porém, com dificuldade de ascensão devido a todas essas artimanhas que futebol tem, tendo jogado em outros clubes do Estado de São Paulo e com experiência internacional, mesmo assim você não se sente realizado, tendo realizado o seu desejo, porque você gostaria que a ordem natural fosse a realização no país, reconhecimento no país, passagens pela Seleção Brasileira, pra depois ingressar no mundo Europeu, você acha então que o fato de ter tido essas experiências, e de ter tido a oportunidade de fazer um pacote financeiro, mesmo assim não é o que você esperava?

Sujeito 2: Não, a lacuna que fica dentro do coração, ela é eterna, a lacuna nunca vai ser preenchida, tô te relatando coisas que aconteceram 10 anos atrás, e eu te relato como se eu estivesse vivendo agora entendeu, tem 10 anos que eu sou profissional, tem 10 anos, em 2000 foi a minha última partida como Junior, foi no ano de 2000, nós estamos no ano de 2011, 10, 11 anos, mais eu te relato essas coisas vividas, como se fossem ontem, que ela cotidianamente elas estão na minha cabeça, porque a base é, o próprio nome está falando, é a base, é ali onde seus sonhos são projetados, é ali que você projeta o seu sonho e os seus desejos, que ficam dentro do seu coração, entendeu, então mesmo aos 28 anos de idade, eu ainda lembro dessas coisas, eu ainda remôo, algumas coisas não foram perdoadas ainda, porque talvez a minha trajetória teria sido diferente, então eu acho que o jogador pode se realizar financeiramente, mas o grande sonho do jogador talvez não seja financeiro, seja o reconhecimento do trabalho, do talento, no seu país, na sua sociedade, uma coisa que eu não tive e que é uma lacuna que ainda tá, que ainda não foi preenchida, não sei se será preenchida pelo tempo, que o futebol é *time* também né, futebol é *time*, por mais que você se prepare, que você faça terapia, que você se prepare

psicologicamente pra essas coisas, é uma lacuna que dentro de você não é preenchida, então eu te relato coisas, eu lembro de coisas que parecem vivas até hoje, que parecem recentes, e passaram-se 10 anos entendeu, talvez só acabarão quando eu terminar a minha carreira, mas enquanto isso, enquanto o sonho ainda permanecer, então eu acho que o grande sonho do jogador, talvez o financeiro seja o segundo plano, mais o grande sonho, seja o reconhecimento do trabalho, do talento, e que aí eu volto a falar, o talento não é tão importante, como você fazer parte do sistema, hoje você vê os jogadores muito bem sucedidos, reconhecidos, porque foram, fizeram parte do sistema, na mídia, que é corrompida também, o sistema no clube que é corrompido também, entendeu, mais eu não preenchi essa lacuna ainda no meu coração, por isso mesmo eu volto pro Brasil pra recomeçar, pra por a minha cara numa equipe menor de menos tradição, porque o mercado hoje pra mim está fechado, em grande parte pela idade, pelo tempo de 5 anos no exterior né, pelo esquecimento das pessoas, mais volto pra tentar preencher essa lacuna, então meu grande sonho hoje, continua sendo o meu grande sonho de 10 anos atrás, quando eu tava naquela transição de Junior pra profissional, do reconhecimento nacional, queria que acontecesse comigo aqui, o que aconteceu no Oriente Médio entendeu, então talvez essa seja a grande frustração do atleta profissional seja essa, as injustiças né, você saber que podia, você saber que podia alcançar aquele objetivo, mais por terceiros, por falhas no sistema, por falhas no esquema né, você não ter conseguido, isso não mexe só com o jogador, mexe com os pais do jogador, com a família que está em volta do atleta, com as pessoas que apostaram, que foram honestas com você, as pessoas que trabalharam honestamente também são frustradas, também são desiludidas com o futebol, como eu te falei, meu pai tem 10 anos que não vê futebol profissional.

Hergos: Muito obrigado.

Sujeito número 3

Sujeito 3: Hergos então, eu nasci no interior, muito pequeno e eu tenho um primo que era muito chegado na nossa família e resolveu um dia vendo eu bater pelada jogando no interior, sempre jogando bola na rua um amadorzinho aqui no interior que tem sempre esses joguinhos.

Hergos: Tinha um Ídolo?

Sujeito 3: Sempre tive que quando eu comecei jogando de exterior era o Maradona que acompanhei todas as copas, e meu amigo vendo eu jogar me levou pro flamengo fui pro Rio de Janeiro, foi muito difícil pra mim porque larguei minha família e apenas com 14 pra 15 anos.

Hergos: E seu primo levou você pra lá, ele tinha alguma influência dentro do clube pra facilitar a sua entrada?

Sujeito 3: Ele já era gerente de um Banco que já tinha amizade com o diretores que emprestava até dinheiros pra alguns diretores, isso facilitou o conhecimento que ele tinha pra eu chegar pra não fazer peneira, porque não tendo muito conhecimento é obrigado a fazer peneira mesmo se for um cara que jogou no São Paulo e em outros clubes. Saindo do interior é muito complicado igual as pessoas que saem da Bahia do interior de Minas isso é muito mais difícil pra chegar na cidade pra fazer teste e isso ele tinha muito conhecimento do meio da cidade que era o das pessoas grandes e botou eu pra fazer teste e eu como já tinha um futebol de amador que já jogava na Várzea já tinha uma infância sempre com bola e isso já me ajudou muito porque eu já tinha um pouquinho mais de experiência de jogar com os pés sem junteira sem nada foi um pouco meio complicado pra botar chuteira essas coisas mais eu tinha muita força e muita vontade. Eu queria ser um alguém jogador na vida e tudo mais pra mim foi muito difícil, morando só também no Rio com apenas 14, 15 anos como eu falei, morei no alojamento que dava todo o conforto pra gente e tudo, mais muita pressão na gente pra gente ser alguma coisa naquela idade pra jogar na seleção ou que seria mandado embora, as pessoas não dizia mais a gente via que tinha que ter uma produção maior do que as pessoas que moravam na própria cidade, e isso é mais difícil porque muita pressão qualquer coisa a gente é garoto as palavras das pessoas que tem mais conhecimento que são os diretores algumas coisas que envolvem muito a cabeça da gente por muita pressão pra jogar, pra não ir pra Minas, pra não ir pro Interior depois ver a mãe é obrigado, não é obrigado mais na minha época não deixavam muito sair e

viajar, e de lá fui me tornei um jogador de juvenil, joguei, fui campeão carioca e fui pra outro estado e voltei pra Minas Gerais.

Hergos: Mais o que aconteceu pra você ser dispensado do Flamengo?

Sujeito 3: Não sai do Flamengo porque fui dispensado, passou o ano dei o máximo da minha força pro Flamengo e lutei como todos os meninos querem crescer e ver os jogadores famosos, e passou o final do ano e ele me mandou simplesmente embora que eu não servia mais pro flamengo.

Hergos: E qual o motivo que alegaram?

Sujeito 3: Nada, eu sabia que eu tinha um futebol muito forte pra ter com o Junior que foi na época de passar de Juvenil pra Junior e eles não deixaram eu jogar mais, simplesmente tá dispensado que vai reformular é o Junior e vai mexer trazer outros jogadores que eu não serviria mais pra jogar mais no Flamengo.

Hergos: Você já sentia que nesse tipo de desculpa dada pelos diretores pra mudança de atletas, você sentia que havia de certa forma alguns empresários que poderiam estar trazendo jogadores?

Sujeito 3: Sempre todos clubes grandes eles fazem isso, os empresários tem muito mais força do que as pessoas que estão sem muito empresário dentro do clube e são muito mais apadrinhados do que uma pessoa chegar pra fazer teste isso é normal porque tem muito mais conhecimento rola muito dinheiro pra um diretor pra outro é e a maioria das pessoas não sabe que a gente que viveu tá no meio do futebol sabe que tem isso, é um dinheiro, é um carro, é uma outra coisa um empréstimo no banco e meu amigo era diretor num banco, que conhecia os diretores e rola muito essas coisas de apadrinhamento.

Hergos: E aí você acha que isso talvez pelo fato de você não ter alguém que te representasse, isso foi definitivo ou foi essencial pra que você fosse excluído do grupo e talvez tenham trazido outros jogadores?

Sujeito 3: Vivia muito sozinho no Rio de Janeiro sem algumas pessoas me acompanharem treino, sem empresário nenhum só com a minha própria força, isso as pessoas talvez não acreditam muito porque, só com um pouco de futebol hoje não se joga, não joga profissional, tem que ter muitas coisas por traz que as pessoas que tão de fora não entende, é e por isso fui mandado embora eu acho, pra trazer outras pessoas da minha posição que talvez jogava no Vasco, que talvez jogava no Fluminense e que tinham outros empresários fortes, e já no meio do meu futebol que a partir de 1992 que eu comecei, já tinha os empresários já querendo ganhar dinheiro em cima dos jogadores

menores e foi isso, fui mandado embora do Flamengo, fui no Atlético Mineiro também.

Hergos: Nesse intervalo de ir pro Flamengo e Fluminense, após a dispensa como que você se sentiu após ser dispensado assim, muito triste, injustiçado?

Sujeito 3: Hergos achei que era o final da minha vida, e eu tinha 15 anos, com 15 anos eu achava que já tinha que voltar pra casa, que eu não seria mais ninguém que eu fui um fracassado e isso foi o que cabeça de um diretor fez comigo, mais eu já tinha eu tenho uma mãe que me dava muita estrutura, o meu pai conversava muito comigo.

Hergos: Mais naquele momento você sentiu?

Sujeito 3: Fui um fracassado, pela idade que eu já tenho hoje eu volto o tempo que fui um cara fracassado, um menino que não tinha muita força e eu sabendo que eu tinha futebol pra jogar e desanimei falei que ia parar que não ia jogar mais, mais mesmo esse que me levou pro Flamengo, me buscou em casa depois de um mês e meio, que eu estava em casa, Zuza vamos, vamos pro Atlético Mineiro que eu vou botar você, que eu tenho contato no Atlético Mineiro que eu tenho outros conhecimento e tal, de novo a mesma situações que aconteceu no Flamengo botou eu pra treinar no Atlético Mineiro de novo, mais saindo do Flamengo, parecia que morreu alguém da minha família, que eu ficava sem rumo nenhum e voltava de ônibus pra casa, é eu tinha um parente liguei e um amigo meu me buscou no Flamengo, e eu fiquei sem chão. Voltei pra Minas Gerais aconteceu de ir pro Atlético, outras situações que tinha muito contato no Atlético também, não era em grande empresário mais tinha um conhecimento como uma pessoa do Atlético. E foi mesmo essa história morar em concentração comecei a jogar.

Hergos: E quando você chegou no Atlético você fez teste como primeiro ou você foi treinar direto com elenco?

Sujeito 3: Fui treinar direto com o elenco, porque eu já tinha uma base formada no Flamengo, e eles já sabiam que eu já tinha jogado, porque se eu fosse qualquer um eles não deixariam eu treinar junto com o Junior que já tinha formado com plantel do Atlético Mineiro e isso já tinha mostrado a carta do Flamengo, e isso foi outro valor que eles me deram, porque se eu chegasse lá querendo fazer teste, eles iam marcar para um ano depois pra idade vencer, você ver com quem, você ver com o seu pai o empresário tal e eles não iam me dar valor com outras pessoas que chegaram. E eu tinha chegado com a carta do Flamengo, e isso foi muito importante pra mim no Flamengo, e eu jogando já tinha uma experiência muito boa do Flamengo mais essa carta me ajudou a chegar com os próprios amigos também que eu percebi dentro do vestiário.

Hergos: Certo, e aí como que você, você foi pra morar no alojamento no Atlético

Mineiro também?

Sujeito 3: Primeiro fui morar no alojamento do Atlético, num tinha vaga, fui morar em outro alojamento, mais sabendo que eu jogava no Flamengo que eu tinha passagem no Flamengo arrumaram vaga pra mim rapidinho pra eu tá no Atlético Mineiro.

Hergos: Sim, e as condições do alojamento eram boas pra viver?

Sujeito 3: Na época não era muito boa porque isso já fazem uns 15 a 17 anos e isso não eram muito legal, é tinha alguma comida pra manter não era muito estruturado, mais pra eu não passar fome a gente se dava bem. Tinha lanche a noite, tinha comida, não era uma comida muito boa mais era uma comida que sustentava os garotos.

Hergos: E o sonho pra se tornar jogador de futebol era mais forte que todas as dificuldades e você conseguia.

Sujeito 3: Passava tudo por cima disso, porque eu assistia muito jogos e via os ídolos e eu queria ser igual, então pra mim aquilo ali, fome, tinha lanche que dava uma tapeação pro estômago da gente e a gente só pensava depois, depois, depois e também viver com carros bons com grandes mansões igual tem muitos no futebol, mais a maioria que chega a seleção Brasileira como cheguei na seleção também, mas a maioria quando chega mesmo em grandes clubes e na própria seleção tem que ter um apadrinhamento muito forte com empresário de nome renomado no Brasil, se não o mesmo jogador fica e outro que tem empresário vai.

Hergos: E aí conta como foi lá no Atlético assim, você sentia assim que havia algum tipo de preconceito com você dentro do clube, ou você se sentia amparado por alguém ou desamparado, como que você era tratado no clube?

Sujeito 3: Quando eu cheguei no Atlético Mineiro fui muito bem tratado Hergos, porque eu já tinha essa carta do Flamengo como eu disse. Essa carta do Flamengo chegando lá que o povo de Minas me acolheu melhor, porque eu tinha essa carta e já tinha jogado no Flamengo então isso foi um interesse muito grande como eu disse porque eu já tinha jogado no clube muito bom no Brasil, mais foi muito difícil pra mim também que eu tinha sido campeão da taça São Paulo, foi muito difícil morar longe da mãe, longe dos familiares não poderia ir pra minha casa sempre porque eu também ganhava muito pouco e pagam mal de mais pra categoria de base muito mal mesmo, até hoje pagam mal, então eles exploram muito jogador não deu pra subir eles mandam embora, quando vem a seleção de base que não tem aquela moral na CBF de juvenil, de Junior, categoria de base da seleção quando tá chegando que vê que não sobe eles mandam embora, que não é um cara bem preparado, mais então quando eu cheguei no Atlético no primeiro

ano, foi mais prático pra mim porque essa carta do Flamengo que eu como disse, agora eu via que eu tinha possibilidade de jogar no Atlético Mineiro e no primeiro ano eu fiquei muito no banco, Hergos, pô eu tinha futebol eu já tinha experiência de ter jogado em outro clube, mais o treinador não punha eu pra jogar porque tinha conhecimento com o cara que já era o ultimo ano de Junior e era o capitão do time. Eu tinha mais futebol e ele não punha eu pra jogar botava em outra posição. E foi passando o ano e esse cara não subiu pro profissional e deu vagas pra outros jogadores também que acontecia como eu, tinha uns três que jogava muito mais e o treinador não gostava desses caras, é porque tinha conhecimento com outros jogadores ou com outros empresários. E no outro ano que eu comecei a jogar, eu já era capitão, eu já tinha uma outra cabeça pra jogar porque já era o ultimo ano meu de Junior, mais eu sabia também que tinha outros no bancos de reserva que jogava mais do que algumas pessoas que jogava comigo e por amizade e por conhecimento que as pessoas levaram esses jogadores pro Atlético os outros não jogava, e os empresários são mais fortes e dá mais influência pra ser titular, e as situações com o treinador porque o nosso treinador na época era um coronel e era muito rígido mais não gostava ate de garotos que ficavam brincando dentro de campo, que tinham muita categoria, tinha que jogar mais uma coisa séria, tinha que toca do lado sair não era uma coisa muito de show era uma coisa muito séria, e nosso time não ia muito pra frente é subindo do Atlético ao não subir no Atlético, mandando embora de novo no Atlético, porque chegando outros jogadores que tinha empresários também, que o treinador fizeram. E outra coisa, tenho uma coisa pra contar que é muito importante no final que eu fui mandado embora. Eu fui bem aqui na taça São Paulo de juniores e um clube interessou por mim em São Paulo, só que esse clube pediu que mandasse eu embora pelo o diretor que já tinha conhecimento com outro diretor aqui. Eu fui mandado embora do Atlético pensando também outro atraso da minha vida, isso chego também depois de uma semana o diretor do Atlético falando pra mim, Zuza você vai pro Corinthians e porque você, o treinador não quer que você fique mais aqui no Atlético Mineiro, ele acha que você não tem esse futebol pra jogar aqui, que tem outras pessoas na sua frente, que você foi bem na taça São Paulo mais não quer trabalhar mais com você e tudo, e depois de 15 dias eu treinando separado no Atlético com um diretor fui mandado pro Corinthians treinar diretamente no profissional, isso que eu não entendia.

Hergos: Então já tinha um acordo pra te mandar embora de um diretor que poderia ter articulado com outro diretor do Corinthians pra poder te negociar?

Sujeito 3: E eu treinando separado com esse diretor ele me dava toda força, treinava comigo, corria, eu novo sem muita experiência é, não sabia que com 15 dias estaria no Corinthians. Então tô explicando essas coisas que tem muito por trás disso, quantos, quantos, que saem lutando pobre da Bahia do Interior de Minas e não conseguem jogar por causa de empresários.

Hergos: Então você acha que aqueles que não tem um acompanhamento, eles estão sempre em desvantagem em relação aqueles outros que podem até ter menos talento, mais tem um respaldo de pessoas importantes?

Sujeito 3: Como eu disse, esse cara que tem força no Corinthians e no Atlético, foi muito mais fácil pra eu entrar no Corinthians, porque eu tive uma força e pra outras pessoas que não tem, Hergos, é muito difícil porque, eu vi muita coisa disso, e treinadores ganhando dinheiro pra botar um jogador, pra mandar embora e pra abrir espaço, não sei a quantia, não tava nessas negociações, mais sei que existe e que tem essas fórmulas de fazer por traz de muita coisa esses dinheiros que compra os treinadores e jogadores pros Juvenis, juniors, tá sempre bem os jogadores e empresários.

Hergos: E aí você começou a perceber que aquele sonho de jogar futebol de ter um talento, isso só parecia que não era suficiente que precisava de pessoas que pudessem te amparar.

Sujeito 3 : Eu fico pensando, Hergos, uma pessoa que tem 14, 15 anos ou 16 anos na juventude, como que a cabeça dessa pessoa fica sendo mandada embora duas vezes de um clube, tendo possibilidade de jogar em algum time profissional, eu acho que ele perde um pouco a força se não tiver o acompanhamento de um cara grande, e os familiares. Um cara por exemplo que sai de outro estado pra estar em São Paulo é muito complicado pra ele, que ele é muito jovem, e isso é muito complicado, e se não envolver dinheiro por ele estar jogando, é muito difícil porque eu achava muito interessante eu ser mandado embora de dois clubes, e com 15 dias outra situação na minha cabeça, de parar de jogar, de largar o futebol, e com 15 dias eu estaria no profissional do Corinthians treinando.

Hergos: Até então, até antes de você saber disso então, quando você foi mandado embora do Atlético novamente veio aquela vontade de nunca mais jogar futebol, você ficou muito triste como foi assim?

Sujeito 3: É foi muito complicado pra mim, que eu tava treinando uma pessoa chegava pra mim, que era um diretor do Atlético e falava, Zuza treina nunca desiste, treina, treina, que as coisas acontecem assim mesmo, mais aparece as coisas sem você saber,

sem você pensar, as coisas aparece no meio do futebol. Só que eu não tinha imaginação dessas coisas por traz que tinha de cartola, de dinheiro, e ele já tava com essa maldade de me trazer pro Corinthians, e eu não tava nem pensando nisso, e ai aconteceu com 15 dias eu estaria aqui no Corinthians treinando, já com muito mais força que eu já cheguei nos outros clubes, porque eu tinha jogado aqui em São Paulo na Taça, e isso ai eles fizeram uma coisa por traz sem eu saber, um diretor com outro diretor do Corinthians e um treinador que tinha me mandado embora.

Hergos: Então 3 pessoas articuladas pra pode manipular seu futuro e você acha que houve que eles ganharam dinheiro nesse negócio ai?

Sujeito 3: Tenho certeza que eles ganharam, e poderia ter me dado, pelo menos quando a gente é jovem pra comprar ou pelo menos uma chuteira, ou um tênis, ou uma calça, e não me deram nada, falaram que eu tinha que treinar muito, que eu tinha que tá no clube muito bom que ia ter outra oportunidade, que era outra porta pra mim que tava abrindo, e que eu ia vencer aqui, mais com a minha própria força e não me acompanhava também eles não vieram me acompanhar, me puseram, largaram, ganharam seu dinheiro e me largaram aqui em São Paulo, eu vivia a vida uns 5 anos aqui em São Paulo.

Hergos: E como é que foi assim, quando você chego no Corinthians, você veio pra treinar no profissional, mais logo você fez parte do Juniores, conta pra gente a sua trajetória no Corinthians?

Sujeito 3: Hergos, morei em concentração aqui dentro do parque São Jorge, que não poderia sair também pra farra, pras outras coisas, se não poderia ser punido, é chegar de madrugada essas coisas e sabia que tinha algumas pessoas olhando em concentração. Morei com muitos garotos de muito humilde, muito pobre, de outros estados, é muito complicado também morar em concentração que não é fácil com garotos novos e outros mais experientes, e vivi 3 anos dentro do Corinthians, é quer dizer dentro mesmo 2 anos.

Hergos: Assim que você chegou, ai você foi recebido pelo treinador de Junior, como é que foi assim a recepção dos outros jogadores, você já tendo experiência do Flamengo e do Atlético Mineiro, como é que foi a sua recepção dos diretores, porque você disse que eles ganharam dinheiro e te levaram pro Corinthians, mais chegou lá você chegou sozinho?

Sujeito 3: Hergos, cheguei com muito mais força por um diretor que me trouxe do Atlético, que eu tinha sido campeão da taça São Paulo nesse ano, cheguei com muito mais força, não fui pra reserva hora nenhuma porque também tinha um futebol pra

jogar, mais nem sempre quem é bom joga no meio do futebol, e disputei uma vaga com um amigo que tava cotado pra ir pra seleção, e mais tomei a vaga desse jogador.

Hergos: E aí a sua trajetória no Corinthians começou a se desenvolver? 444

Sujeito 3: Então, dizendo que eu cheguei com muita força no Corinthians por ter sido um diretor que me trouxe do Atlético Mineiro, é tinha outros casos também que eu cheguei a ver isso, algumas pessoas titular na época da taça São Paulo, Hergos, sido mandado embora, porque tava chegando jogador de empresários, então faltava 3 meses, setembro, outubro, eles já estavam preparando pra taça São Paulo, mandado alguns jogadores voltar pra sua cidade e procurar clube, e que não tinha técnica, e que não tinha nada, porque eu via muita coisa ali que chegava jogadores de outros clubes, eu conversava muito com os jogadores, a de onde você veio? Ah, vim do Atlético, a vim do São Paulo, ah vim do Flamengo, e isso porque a gente sabia que tinha alguma coisa por trás pra disputar essa taça, que era formação de essa taça era formação de jogadores de Junior, que tem, que faz parte de um bom alicerce profissional, e eles queriam ganhar essa taça de qualquer maneira, e teve um caso no Corinthians que meu amigo foi campeão da taça São Paulo, depois a taça São Paulo ele fez o gol, subiram alguns, e ele foi mandado embora. Alguns que tinha sido seleção com o próprio Ronaldo Fenômeno, foi mandado embora é um zagueiro e muitas pessoas acontecem isso, porque sempre diretor tá trazendo pra ganhar benefício de algumas pessoas que moram aqui em São Paulo ou em outro estado pra botar jogadores de outros clubes, e acho que fica meio assim, um jogador de 1 ano 2 anos muito no Corinthians ou em outros clubes, as pessoas quer trocar e os próprios diretores que talvez não tenham muito, que não são milionários nem nada, preferem ganhar um dinheiro e mandar o menino embora, pra voltar pra outro estado, então muitas coisas eu vi ser mandado embora, pessoas que jogavam mais do que os que ficaram.

Hergos: Então você acha que, essas pessoas que detém o poder, de certa forma nem se importam com o sonho, e com o esforço daquele atleta, simplesmente descartam um jogador, pra poder ganhar dinheiro na vinda de um outro?

Sujeito 3: Acabaram com o sonho de muitos amigos meus no Atlético, no Corinthians e no Flamengo, eu vi jogadores de seleção Brasileira, eu vi jogadores fantásticos sendo mandado embora, que hoje eu vejo que jogaria mais que algumas pessoas que eu tô vendo jogarem hoje, é e a cabeça do menino, não sei se ele tem estrutura em casa ou se ele volta a ser bandido, se ele vai estudar, e isso é muito complicado, e essas coisas eu acho que tem que olhar mais dentro de um clube, eles tem que botar umas pessoas

profissionais, umas pessoas com uma conduta melhor e isso pra cuidar dessas crianças, porque tem o sonho de ser profissional, e essas pessoas tá estragando o sonho de alguns garotos.

Hergos: Você acha então que assim, que o futebol que a sociedade acompanha, não é o mesmo que o futebol daqueles que vivem mesmo.

Sujeito 3: As pessoas que ficam de fora, não sabem de nada que rola dentro do clube, eles não tem muito conhecimento, vê repórter fala o que quer, jornal põe o que quer, dentro da situação do futebol, as pessoas não conhecem nada que tem ali dentro, é muita coisa que a gente não dá pra falar, eu estaria aqui falando o mês todo, mais é muita coisa e a diretoria de um clube acaba com muitos sonhos de alguns jogadores que são bons, que poderiam ser profissionais e famosos e defendendo o Brasil, em Copas do Mundo em outros países, é jogando em outros países é lógico, mais eu acho que eles teriam que botar diretores de competência, pra cuidar dessas crianças e viver com algumas pessoas psicólogo como eu tive psicóloga, na época a gente teve, mais foi contratada por 2 meses, na própria Taça São Paulo que hoje não vejo isso viver um tempo pra cuidar dessas crianças, eles contratam pra fazer a cabeça de ser vencedor, de ser um grande profissional naquele momento, mais eles deveriam cuidar dessas crianças na infância de 13 a 14 anos que aconteceu comigo, mais eu tinha uma mãe muito inteligente, que cuidou de mim na minha infância, quando eu fui mandado embora, e isso quase acabou com a minha carreira e meu sonho de ser profissional.

Hergos: E no Corinthians, a transição da fase do Junior pro Profissional, você teve sucesso nisso, você conseguiu assim virar profissional?

Sujeito 3: Eu tive que lutar muito e ser campeão pro profissional, mais pessoas que jogavam também igual a gente foi mandado embora, é, outras que tinham empresário muito forte que ficava no banco subiu pro profissional comigo. Então é, eu achei isso muito errado, uma coisa que eu percebi que uns próprios amigos meus que tava sempre de titular e fez a gente ser campeão nesse ano, é poderiam jogar no profissional e foi mandado embora nesse instante que nós subimos, e com poucos meses outros jogadores foi mandado, isso foi só pra uma tapeação pra envolver a cabeça do cara que ele deu tudo no Corinthians no Junior, deu 6 meses eles mandaram embora, só de treinamento, não chegou a jogar nem uma partida eles mandaram esse jogador embora, e não foi pouco jogadores, na minha época subiram 11 e ficaram de 1 ano ficaram uns 3 jogadores, e isso foi muito complicado porque eu fui uns do que fiquei, mais eu vi muita coisa ali também, sendo profissional eu vi muita coisa acompanhando mesmo os meus

amigos que ficaram no Junior. Então tem muita coisa de empresário que eles precisam ir olhar isso, que as pessoas que estão de fora não vê não enxergam essas coisas, é muita safadeza no meio do futebol.

Hergos: E outra coisa que eu queria saber, é um atleta mesmo da categoria de base ainda muito jovem disposto a jogos que requerem muito do corpo, porque o futebol ele é muito disputado e isso ocasiona lesões, como é que fica quando o jogador muito jovem e ainda na categoria de base se lesiona?

Sujeito 3: Hergos, eu vi muita coisa dentro de um departamento médico, que a gente treina muito, muito, muito pra ganhar resistência, ganhar condição física e a musculatura de um garoto chega a não agüentar e acontece essas lesões. E dentro dessas lesões vai pro departamento médico, é uma cobrança muito forte se você é um bom jogador, é o médico fica cobrando a gente que tem que voltar, põe a gente pra correr com o tornozelo ou o joelho um pouco dolorido, a gente sente que tem que voltar assim mesmo, é normal um pouco de dor é isso é aquilo, sempre fazendo bicicleta, sempre correndo é uma pressão muito grande na cabeça de um garoto, porque ele não tá produzindo, e tá comendo e bebendo dentro do alojamento, então eles querem que ele produza que ele treine, que ele seja vendido talvez alguém olhando pra ser comprado, e eles não querem que ele fique em departamento médico, e isso é muito complicado pra um garoto que já sai dentro de um clube que ninguém tem a noção que um garoto de 16 e 17 anos já tem muita cobrança de um médico que estudou, de um fisioterapeuta que estudou, e isso em cima da cabeça desse garoto que tem que voltar que se não ele não vai ficar rico, se não ele vai ser mandado embora, eu já vi alguns jogadores não voltando bem sendo mandado embora, alguns machucado e outros, voltando aquele assunto meu pra tapeação de futebol, voltam 10 dias de tratamento volta a correr nem põe no coletivo e mandam o moleque embora pra falar que não teve um tratamento bom no DM e mandam o garoto embora mesmo estando machucado ou não. E isso é muito complicado pra um garoto porque ele perde um sonho a musculatura não reage mais com muito treinamento é muita pressão em cima de um garoto que as pessoas que tão de fora não vê isso.

Hergos: E fora isso assim todas suas experiências vivida nessa época de categoria de base tendo passado por clubes aí é, você acha que os jogadores nessa faixa etária são incentivados a estudar, a ter uma espécie de um plano B na sua vida, caso o futebol não de certo como que você vê essa questão dos estudos e a importância disso?

Sujeito 3: Hergos na minha época eu estive em São Paulo e ninguém em concentração

do Corinthians não posso falar das outras posso falar de quando eu vivi, não forçam ninguém pra ir na aula, eles querem produção dentro de campo pra ganhar dinheiro dentro do futebol, não querem saber se o cara vai virar bandido depois dos 30 e poucos que parar, querem saber se produz dinheiro pro clube e campeonatos pro clube, e isso é muito difícil por isso que nesse Brasil param de jogar as pessoas de 30 e poucos anos, não sabe o que fazer não tem muito conhecimento porque não forçam o garoto a estudar e até alguns próprios jogadores que poderia tendo muito conhecimento poderia ser preparador físico, e isso eles põe outras pessoas que só estuda que não jogou, que não teve lesões, que não correu, que não pulou, põem outras pessoas que estudaram no meio do futebol por informações de empresários, por amizade, e isso eu acho totalmente errado que elas deveriam olhar um pouco mais essa categoria de base.

Hergos: E pra gente finalizar, assim você acha que você viveu fatos de muitas tristeza em dispensas é de pessoas que sentiram isso, porque se cria uma amizade muito boa também no futebol, é eu gostaria que você falasse um pouco dessa tristeza, dessas injustiças, não só da sua história, mais de outros assim pra gente ter uma noção sobre o que é realmente o futebol, e como ele se relaciona ao sonho de muitos jovens?

Sujeito 3: É as pessoas acha que quem tá jogando futebol é totalmente feliz, eu vou ser sinceramente pra você, nunca fui feliz jogando futebol em qualquer clubes sempre pressão e tristeza na minha vida, e isso com a sinceridade que eu tô falando pra você, eu nunca fui feliz jogando futebol. E as pessoas acham que a gente é o todo poderoso que eu nunca fui feliz jogando futebol, até hoje tenho essa coisa comigo que eu deveria ter nascido ou pra fazer outra coisa, e dei o máximo pros clubes onde eu passei. Eu acho que eu fui infeliz nesses clubes que eu passei e sempre com muita tristeza.

Hergos: É então o seu sonho de jogar futebol lá em Minas tendo como um ídolo o Maradona isso lá no começo você acha que agora relatando isso no final nada disso se realizou, e você acha que então do sonho pra realidade a uma distância muito grande?

Sujeito 3: Hergos alguns garotos tem o sonho muito de como andar de carro novo, de ter uma casa pra mãe, de dar presentes pros amigos e algumas pessoas não deixam nesse país, e isso é completamente diferente de um estudo, que você estuda e ninguém tira isso de você, e no futebol, é isso que eu falo vivi muito triste porque foram 5 mandado embora de alguns clubes que eu vivi, e até me tornei profissional mais na categoria de base foi muito complicado pra mim, porque eu vivi sempre sozinho e sem empresário no futebol, por isso acho que eu tinha um futebol pra jogar em outros países, não fui porque eu não tinha um empresário, que não quiseram me vender na época que eu

estava jogando no Corinthians que vieram atrás do Corinthians, e venderam outros que jogam menos que eu e que jogaram menos que outras pessoas, e isso eu acho que eles acabam com o sonho de algumas pessoas.

Hergos: E mesmo você tendo uma passagem pela seleção Brasileira disputou um Sul Americano e Pan-americano, você acha que mesmo assim é só por méritos próprios, mais a continuidade no futebol ela ficou prejudicada por não ter um respaldo de alguém como um empresário?

Sujeito 3: É eu poderia estar melhor na minha vida, porque eu tinha um cara que era reserva meu na seleção Brasileira que jogou no São Paulo e foi campeão em 2002, e isso era meu reserva, será que eu era pior que ele. Então ele jogou no Barcelona e jogou em outros grandes clubes do Mundo e era meu reserva no Junior, e como isso, é coisas de empresário, porque eu poderia também estar jogando mesmo ou em outro clube muito grande em outro País, e isso eu acho que influi muito esses empresários que ajudam e atrapalham também os jogadores, ajuda e atrapalha jogadores, porque só olham dinheiro não tem consideração por família nenhuma, e pensam só no dinheiro e ficar rico, ou não podem produzir mais eles largam esses jogadores e tá vindo mais categoria de base pra aproveitar esses jogadores, eles só pensam em aproveitar dos garotos.

Hergos: É lembramos de um fato importante que o sujeito número 3 gostaria de relatar sobre situações que acontecem no futebol e que certa forma beneficiam a alguns atletas.

Sujeito 3: Tenho muitas histórias de abuso sexuais no clube, sei que um treinador que foi meu treinador fazia relações sexuais com um colega meu pra se tornar bem, que falava que ia fazer ele virar alguma coisa na vida, um profissional, sei também que em outro clube que eu passei que não vou dizer, mais isso com certeza foi uma palavra do meu primo que eu botei ele em um clube, que umas pessoas fazendo massagem nele quis molestá-lo. Eu sei que tem muitas coisas de homossexualismo no futebol, porque os meninos são garotos não tem cabeças muito feitas e querem viver na vida, e essas pessoas abusam desses garotos e é muito triste isso, acabar com o sonho de uma família, e talvez algumas vezes são descobertas essas coisas, e treinadores, e diretores e massagistas e isso tem muito dentro de um clube que a gente fica muito chateado. Eu posso falar isso porque eu tenho consciência que isso aconteceu com um amigo meu e com um primo, e isso imagina com outras pessoas que eu não conheço no meio do futebol.

Hergos: Então você acha que jovens acabam pra realizar o seu sonho o seu desejo,

acabam se submetendo a situações tão difíceis como essa?

Sujeito 3: E isso não é fato com certeza existe, porque eu não vi mais tenho conhecimento disso com certeza, e um primo uma vez que eu era garoto, eu levei ele pro clube pra fazer teste pra jogar numa categoria de base, e ele teve que sair do clube porque começaram passar a mão nele na massagem, na banheira falando que ele tava com dor assim que ele tinha treinado muito, e isso aconteceu com um primo meu e ele veio me contar, e eu tava responsável por ele, que tive que mandar ele embora, e isso acontece nos clubes e é muito triste.

Hergos: Muito obrigado.

Sujeito número 4

Sujeito 4: Bom eu acho que, tudo se inicia de um sonho né, num sonho de criança, de poder jogar futebol, e aí, esse sonho pros familiares, pros amigos, ele é uma coisa muito distante, mas quando o sonho é teu as pessoas, elas não acreditam quando você realmente, você está dentro desse sonho, você já está vivenciando né, a imagem de tudo aquilo que já foi criado na sua cabeça e a partir disso você começa a buscar alternativas pra tentar de alguma maneira engajar nesse sonho, e a partir daí sempre jogando bola na várzea, campos de várzea, na época não existia as escolinhas que existe hoje né, e então era muito mesmo, jogava rua de cima contra a rua de baixo, a vila tal com a vila, enfim, com vilas diferentes jogando contra e sempre procurando olhar uma oportunidade de quem sabe uma hora estar fazendo um teste no clube né, e por essas eu acho que, você quando você, cria essa imagem na cabeça né, e você realmente acredita nela, uma hora ou outra ela passa a acontecer e num dia desses que a gente estava jogando uma vila contra a outra, apareceu um senhor que passou a morar naquele local que tinha alguns conhecimentos em alguns clubes entre eles o Corinthians, o Palmeiras enfim, e a partir dali é, ele reuniu todos aqueles meninos que estão naquele dia, e naquele jogo, e disse que queria montar uma equipe, e a partir dali a gente começou a treinar muito com ele né, um treinamento mais direcionado pra tá fazendo um teste em numa categoria dessas de um clube e foi mais ou menos que essas coisas aconteceu né, a partir dali a gente começou, eu cheguei ao Corinthians, que é o clube no qual eu iniciei aos 12 anos de idade né, sempre com o apoio grande da minha família, família humilde, tudo com muita dificuldade né, o apoio, incondicional do meu pai, é claro que a mãe ela sempre tem uma preocupação natural, com os estudos enfim, de toda essa situação social que pode vim a frente né, de você ter, de você estar num bom caminho, de você estar andando bem, de quem são essas pessoas que você está andando, e a partir dali, com esse apoio incondicional do meu pai as coisas começaram a andar né, dentro do clube, sempre esse sonho de ser um jogador de futebol, e a partir do momento que eu consegui entrar nas categorias de base do Corinthians né, esse sonho, aí você coloca realmente o pé dentro do sonho, e a partir do momento que você passa a viver dentro desse sonho.

Hergos: E quando você chegou, você fez peneira ou você já foi treinar com o quartel?

Sujeito 4: Não é, justamente esse grupo de jogadores que a gente, que a gente tinha lá no bairro onde a gente morava, veio oito jogadores fazer esse teste, dois passaram, eu e mais um amigo né, inclusive esse amigo que eu acho até que na época tinha uma

condição técnica melhor do que a minha, não deu continuidade por falta de apoio da família, e morreu-se ali um sonho, sem dúvida morreu-se um sonho, que é um grande amigo até hoje, e ele apesar de hoje homem formado, sabe até entender o pensamento do pai, mais há uma cobrança que não tem como não ser feita né, que poderia ter sido um grande atleta até pelo grande homem que ele é hoje. Eu acho que eu nunca vivi o sonho dos outros, então eu nunca tive assim uma visão em cima de um outro atleta, de um sabe, um ídolo, alguma coisa, o meu sonho sempre teve em estar jogando futebol, nunca houve, essa imagem nunca foi criada em cima da imagem de um cara, foi sim criada a minha imagem, eu dentro do Morumbi, eu dentro do Pacaembu em fim.

Hergos: Mas havia de certa forma, algum jogador que pelas características demonstradas te estimulava a desenvolver as mesmas características dentro da sua maneira de jogar?

Sujeito 4: Eu acredito que não, porque quando eu cheguei no clube, eu sabia exatamente que existia assim, grandes, grandes atletas, assim atletas até com o nível superior ao meu, e eu sempre me preocupei muito comigo, eu nunca parei assim pra olhar, é óbvio, que quando, épocas de Seleção de Copa do Mundo né, você vê o Zico, você vê o Sócrates, você vê todos esses jogadores, óbvio mas eu nunca consegui fixar uma imagem dessa pra mim, eu sempre fixei muito a imagem em mim mesmo né, dentro daquilo de saber realmente o que eu vivenciava dentro do clube e saber que eu tinha muita coisa pra caminhar, e muito a evoluir pra dar continuidade dentro do clube, eu tinha essa consciência mesmo muito jovem, e aí as coisas andaram dentro do clube pra mim, de uma maneira bastante difícil né, porque a gente não pode deixar de falar das influências né, de jogadores que tem as vezes o nível social maior, e a partir dali eu não diria que ele dá um dinheiro pro técnico, faz isso, faz aquilo, mas ele pode dar um condição de um almoço na sua casa com o técnico, de uma festa de aniversário onde você convida o técnico e a sua família né, de um simples chopp após o jogo com o técnico, e eu não tinha nada disso, eu não tinha, a minha condição sempre foi bastante humilde e eu tive que caminhar com as minhas próprias pernas, eu não era filho de conselheiro, eu não era filho de diretor, que tudo isso são pontos que pressionam, por mais que o técnico as vezes tenha uma linha séria, honesta, são sim, situações que pressionam a cabeça do técnico pra que ele escale ou pra que ele deixe esse atleta dentro do contexto, muitas vezes abdicando de ter um atleta numa condição melhor até naquele momento né, e ele tenta fazer a gestão dessas situações, isso é uma coisa muito natural, até nos dias de hoje tá, é eu acho que nos dias de hoje, até pelo menos, eu vejo que você

não vai abrir mão, mesmo porque com a mídia e com o meio de comunicação como está hoje de jogos de categorias de base sendo transmitido, é muito difícil hoje um jogador que não tenha uma condição técnica né, aceitável estar dentro de um contexto do clube, porque ali vai estar a imagem do clube e se o jogador não tem condição nenhuma isso tem facilitado e muito o trabalho dos técnicos, que hoje são, que hoje eles tem ali essa necessidade de colocar os melhores e muitas vezes essa condição, as quais ela tem que fazer a gestão do filho do empresário, do filho do amigo, do filho do outro, ele hoje através por causa desses meios de comunicação de transmitir, de estar em cima, isso facilita o trabalho dele para que ele possa e tenha que colocar os melhores.

Hergos: E você acha que isso é uma condição da maioria ou há treinadores que preferem na sua gestão fazer acordos, e dentro desses acordos alguns que talvez sejam de melhores condições técnicas, talvez não sejam aqueles que não estão dentro do campo?

Sujeito 4: Eu acredito que exista sim, como todo e qualquer meio, existe o bom profissional e o mal profissional, e dentro do futebol não é diferente, é isso a gente vê profissionais hoje principalmente trabalhando em grandes clubes, que em algum momento deixou se envolver com uma situação dessa, ou de aceitar um dinheiro, ou de liberar um jogador do próprio clube, sendo que esse jogador tem condição, sendo que esse jogador ele tem um potencial pra que o empresário pegue esse jogador e leve ele para outro clube, isso são coisas que acontecem dentro do futebol nos dias de hoje, e muitas vezes isso acaba matando atletas de condições técnicas, atletas que muitas vezes estão realmente envolvidos dentro do contexto do dia-a-dia do futebol, porque acabam desestimulando um atleta que está ali realmente pelo trabalho, sem nenhum tipo de força externa, que tá por ele.

Hergos: Você viu isso em quanto você foi jogador da categoria de base do clube que você defendia?

Sujeito 4: Claro, isso daí muitas vezes aconteceu, muitas vezes por você não ter esse aporte né, seja ele pessoal, seja ele financeiro, em vários e vários momentos, não só eu, mas colegas meus ficaram de fora de listas de concentração, de listas de viagens, porque outros atletas de repente num nível técnico inferior ou não só o nível técnico que tem que ser colocado, ou de um nível de competitividade muito baixa né, pra você ter performance, você precisa ter um nível de competitividade alta né, não só a questão técnica, muitas vezes esses atletas com essas características ficavam sim de fora, porque esse atleta que acabou viajando ele tem um aporte financeiro, ele tem um aporte

peçoal, ele tem pessoas por trás dele, e isso foi muito tempo, durante algum tempo nas categorias de base, isso foi notório, não tem como negar isso né, feito sim, não de uma maneira direta, mais uma maneira indireta que só nós que convivemos e passamos por esse tipo de situação, pode relatar né, de uma maneira coerente, consistente mesmo porque, mesmo passando por isso não só eu, como outros atletas conseguiram chegar e esses atletas com todo esse aporte morreram no meio do caminho, então sem dúvidas nenhuma eles são o fato.

Hergos: E, é, então você conclui que assim, dentro dessa sua fala, que houveram muitas injustiças e alguns talentosos ficaram pelo caminho?

Sujeito 4: Não há dúvida, não tenho dúvida, acho que é o talento pra mim, ele vai ser inerente a qualquer outro tipo de situação, ele tem que ser o primeiro ponto a ser avaliado, é mais o talento somente também não é, principalmente esse talento quando ele é descoberto nas categorias de base, ele tem que ser trabalhado direcionado, tem que ser dado pra ele uma direção da onde ele pode chegar, o talento ele é trabalhado tá, e isso sim é o grande trabalho do técnico, do preparador físico enfim, mas não tenho dúvida que muitos e muitos talentos morrem no meio do processo por desestímulo, por muitas vezes ter uma outra opção, como é o que acontece nos dias de hoje, muitas vezes o atleta hoje por ele ter uma aporte familiar bom, por ele ter uma família que tem uma condição boa, que pode dar uma outra opção pra ele, isso é comprovado e por ele ter outra opção, se ele está treinando, se ele está jogando em uma equipe onde ele passa a não ter nenhuma oportunidade, ele vai pra onde a coisa está mais tranqüila, ou ele vai estudar, ou o pai vai arrumar um lugar pra ele na empresa, e isso é o que leva muitas vezes o atleta que é preterido por uma situação né, que não é a situação da performance da competitividade, é uma situação que vem de fora e que muitas vezes pressiona o treinador, a instituição a estar fazendo é, ou estar colocando no contexto do jogo um atleta que de repente não tem essa condição para estar dentro desse momento.

Hergos: E você viu na categoria de base alguns tipos de acordos ou percebeu, ficou sabendo de acordos que eram feitos entre terceiros que geraram isso?

Sujeito 4: Nas categorias de base na minha época, eu acredito que os acordos hoje eles são muito mais profissionalizados do que naquela época, aquela época era muitas vezes simplesmente por um final de semana na praia, muitas vezes esse acordo com o técnico era de uma condição natural né, ou de um passeio, ou de um almoço, ou de uma festa, eu não acredito, eu não consigo acreditar que naquela época se preteria um jogador de uma grande condição por dinheiro, mas com certeza por um valor diferente né, ou por

uma posição, ou por uma viagem, ou sei lá, por uma condição futura né, de carro, de continuidade dentro do seu trabalho, eu acredito que os acordos hoje eles se profissionalizaram, porque naquela época era mais por uma condição, não por uma questão do dinheiro em si.

Hergos: Então você vê que hoje nessa situação, a questão do dinheiro ela está mais explícita nessas relações?

Sujeito 4: Com certeza, hoje, existe situação, porque eu acho que se essa situação ela fosse oficial, eu não vejo problema nenhum, você tem um observador em uma determinada área, do Brasil, que esse observador descobre um grande atleta pra você, você como empresário, e esse observador vem e te dá essa dica, você pagar, vamos lá, valores né, não importa o valor, mais dois, três mil reais pra esse observador, é uma condição do observador, ele descobre, te dá a dica e você vai, isso é uma coisa oficial, agora a partir do momento que o empresário chega com esse jogador no clube, ele vem e conversa com o técnico pra que esse jogador, sem passar por uma avaliação, ele já chegue com o seu contrato assinado, isso porque já chegue com esse contrato assinado, porque logo mais adiante você vai ter um plus, ou você vai ter um benefício financeiro, em relação a essa contratação, então é isso, é uma coisa muito clara do que acontece hoje dentro do futebol.

Hergos: Então você vê um empresário como um intermediário que consegue ter acesso em alguns locais via troca de interesses?

Sujeito 4: Sem dúvida, eu acredito que um empresário nos dias de hoje, ele teria que ser um parceiro do clube, um parceiro desde que essa questão das negociações de atletas, ela tem que partir do clube para o empresário, não do empresário para o clube, se você tem um bom jogador e ele interessa pro clube a partir do momento que houve uma avaliação técnica, da sua coordenação, da sua comissão técnica, você passa isso pro departamento administrativo e diretoria, o que vai ser resolvido lá, a porcentagem, quanto vai ser, quanto não vai ser, isso já é uma questão do clube, tem que ser uma situação importante para o clube, essa divisão de porcentagem de passe, de enfim, de direitos federativos do atleta, essa é uma questão que o empresário tem que entender que é um caminho, do empresário para o clube, não do clube para o empresário né, a instituição ela é maior do que tudo, eu passei pela minha instituição, outros maiores do que eu passaram pela minha instituição e ela continua tão forte, tão consistente quando eu era atleta, então isso que tem que se entender, quem tem força de barganha é o clube, não são os empresários e esse caminho foi invertido, o empresário ele acha que ele tem

o jogador, e que ele vai fazer, e a força está na mão dele, e a partir do momento que os clubes entenderem que não é dessa maneira, se realmente criarem processos, uma linha de conduta, uma linha de trabalho você vai conseguir minimizar, não só com essa ação você vai conseguir minimizar essa interferência do empresário, assim como a partir do momento que os clubes diminuam a distância entre clube, jogador e família, quando o clube se aproximar da família do jogador essa interferência do agente do empresário, do representante, seja qual lá for o nome, ela cada dia que passa, ela vai ser menor do que acontece nos dias de hoje.

Hergos: E você acha que devido a essa influência dos empresários em valorizar o seu atleta e o seu atleta ter essa representatividade dentro de alguns clubes, de certa maneira isso faz com que aquele que não tenha essa representação sofra e o seu sonho talvez fique prejudicado?

Sujeito 4: Eu não tenho dúvida disso, eu acho que o empresário hoje, o representante é uma força do mercado é que, o grande problema é, porque eu vejo como um problema social, porque muitas vezes o pai, a mãe, eles não tem culturalmente uma condição de entender, de negociações, de entender de realmente, de entender de qual seria o processo para que o filho dele possa ter um bom andamento dentro do clube, ele não consegue enxergar isso, então, ele contrata muitas vezes o que não é não é nem um empresário, porque qual é a formação do empresário, qual é a formação desse empresário, ele é um advogado, ele é um administrador, ele é, o que seria um empresário, ou simplesmente o empresário, ele é o grande amigo do pai do jogador, é essa que é a condição e esse é o grande problema que eu vejo de famílias, ou de atletas que não tem empresário né, porque muitas vezes por ele não ter empresário, o pai acha que ele fala, não ele tem que ter um empresário e aí ele não vai no mercado, realmente fazer o levantamento de quem é o representante, de como é, quais foram as últimas negociações que ele fez, como é que ele trabalha, qual é a porcentagem que eu tenho que dar pra ele, e isso sem dúvida, voltando a pergunta, um atleta hoje que não tem um representante é claro, é pelo seu talento, pela sua condição, ele também vai andar, mas quando você também tem um grande empresário, um empresário que te dá todas as condições, que te acompanha, que tem o trabalho de marketing forte em cima do seu atleta, que tem um acompanhamento não só na questão do marketing, mas uma questão fisiológica, de ter um nutricionista, de ter psicólogo, esse sim é um grande empresário, ele realmente cuida do produto dele, o que acontece é que a situação muitas vezes, ela é ao contrário, então, o empresário é o que vê, é como se empresário estivesse

contratando o atleta, quando na realidade é o contrário, o atleta que está contratando o trabalho do seu empresário, então essa situação ela é difícil, eu acho até que cabe aos clubes criar palestras, pra dar informações aos pais, muitas vezes os pais entregam o seu filho na mão de um empresário que ele nem sabe da onde ele é, qual é a procedência, o que que ele faz, se ele tem uma outra profissão, porque você viver somente de atletas em potencial, sem ter uma outra profissão é muito difícil, então você vê aí empresários recebendo porcentagem e atletas ganham mil reais por mês, então, a gente faz aqui um catado de como as coisas acontecem nesse meio de empresários, de agentes né, mas sem esquecer da pergunta que é o que eu estou te falando, um atleta hoje, sem um grande empresário, é claro que ele vai sobressair pelo talento dele, mas ele com um grande empresário, realmente um cara profissional, que venda muito bem a imagem desse atleta, a condição dele ganhar, se ele tá ganhando cinco, pra estar ganhando cinco mil por essa condição de você ter realmente um empresário que dá todo esse aporte, pra que o atleta dele, para que o produto dele realmente ganhe força e siga a diante.

Hergos: Nessa lei da sobrevivência então, você acha que o menos favorecido é aquele que está desamparado no caso, pelo empresário, e isso talvez, devido ao desamparo, talvez numa situação de um clube menos estruturado, talvez o sonho dele possa sucumbir?

Sujeito 4: Sem dúvida, eu acho que não só ele pode sucumbir, como às vezes como você falou de um clube menor, muitas vezes se ele não tiver um empresário, se ele não tiver um representante, muitas vezes até a saída desse clube menor pra que ele possa ter uma oportunidade em um clube grande, ela vai ser dificultada, porque a não ser que o Corinthians, o São Paulo, o Palmeiras vá fazer um jogo treino, ou vai fazer um jogo durante o campeonato com essa equipe lá de Bauru, e chegou lá e viu esse jogador, o próprio clube vai lá e pega ele, se não houver esse cruzamento vai ser muito difícil de que esse atleta desenvolva, cresça dentro lá do Bauru né, dando um exemplo apenas, e possa vir pras grandes cidades, pros grandes clubes.

Hergos: Voltando um pouquinho na época da sua formação, você vivenciou uma série de situações, e eu gostaria de saber se os garotos, os jovens que vinham de outros Estados, de outras cidades ou pertencentes ao próprio estado, e que viriam pra morar nos alojamentos do clube, se nessa relação do jogador local, do paulistano, do paulista né, que pudesse ir e vir a sua casa, normalmente em relação aos que moravam no alojamento, havia de certa forma, um tipo de cobrança diferente pro alojado ou pro não alojado?

Sujeito 4: Olha, a grosso modo a gente pode dizer que sim né, porque eu acho que é até mesmo dentro de uma cultura do futebol, naquela época não se tinha uma estrutura montada pro atleta que vinha de fora do estado, então muitas vezes isso aconteceu de uma maneira muito rústica né, você arrumava um canto dentro do clube, e uma sala grande onde você ia colocando os atletas que eram de fora do Estado ali dentro, não havia um acompanhamento do próprio Ministério Público em relação a isso, não havia um acompanhamento no que se diz respeito a escola, a participação de escola, enfim e mesmo com esse apoio que é um apoio muito pequeno, o clube muitas vezes chegava pra esses jovens - oh você tá aqui comendo e bebendo, e você precisa produzir mais - então quer dizer, e mesmo assim sem observar a distância da família, sem observar o contraste cultural, muitas vezes você tem gente que vem do nordeste, do norte né, onde você tem um ritmo de vida diferente do que é que as coisas acontecem em São Paulo, e todo esse choque cultural, naquela época não existia ninguém pra equalizar essas coisas, muitas vezes ou o cara, o atleta é forte psicologicamente atura essa situação, agüenta essa situação, se adapta e segue em frente ou no meio do processo ele volta pra terra dele.

Hergos: E assim, na transição de categoria, que você percebia essa cobrança por resultado por exemplo, do alojado em estar na reserva, isso de certa forma era levado em consideração e talvez ele sofresse mais pressão na permanência do clube do que um local que não trouxesse custos?

Sujeito 4: Essa situação, ela é notória, eu acredito que hoje mesmo, em alguns momentos se questiona o seguinte, olha esse jogador já está aqui a dois anos, ele não é titular, e ele mora no alojamento, é uma questão que é observada, e antigamente muito mais, muito mais, porque hoje os clubes sabem que tem que se ter uma estrutura pra ter jogadores de fora do Estado, e você correr o risco de muitas vezes você investir nesse atleta, investir na moradia, no estudo, e ele não se transformar num grande atleta e esse é o risco normal que as pessoas não enxergam hoje, mas antigamente essa pressão pra mudança de categoria ela era fundamental que o atleta estivesse sendo titular ou que estivesse tendo uma participação efetiva dentro dos jogos, pra que essa continuidade dele em termos de concentração e de apoio né pra que ele tivesse moradia, e pudesse continuar.

Vale ressaltar também que não só dentro do clube né, através desse trabalho, dentro do próprio clube, chegando a seleção brasileira lá naquela época não havia essa força do empresário, mas havia a força de um grande clube, a força de uma grande figura de um

grande clube, e houve situação do atleta ser o artilheiro do campeonato sul americano, que é o classificatório para o mundial, fazer toda a preparação como titular na Seleção Brasileira, e na semana dos cortes pra viajar pro mundial, esse jogador que foi titular, que foi artilheiro, foi cortado e foi convocado um jogador de uma equipe do Rio de Janeiro, que não estava em momento nenhum dentro do contexto, enfim, isso porque o grande, a grande pessoa que estava do outro lado, e que tinha uma influência muito grande na CBF, impôs que o atleta tinha que ser convocado pelo que ele vinha fazendo dentro do clube, quer dizer, então mais uma vez esses acordos, essas situações de você fazer jogadas pra ter um benefício mais a frente, isso sempre existiu dentro do futebol, é como eu falo, hoje eu acho que é uma maneira mais profissional, mais profissional pra um lado negativo, não que seja profissional, profissional daquela coisa que, olha vem o melhor, passa o melhor, beleza, é contratei o jogador, o clube contratou o jogador, olha a porcentagem do jogador é essa, o jogador divide o que ele tem e pagam aquilo que ele deve ao empresário e pronto, o empresário recebeu pelo trabalho dele, o clube vai cumprir com o jogador e o jogador cumpri, isso é ser profissional, quando eu digo que ela é profissional nos dias de hoje é justamente essa situação de que é o empresário traz o jogador, o qual o empresário já tem uma ligação com o técnico do clube tal, e olha eu estou mandando um jogador, o 10% dessa negociação é sua, enfim, isso é uma coisa muito clara e por isso que eu digo que ela é profissional.

Hergos: Então, se por exemplo, dentro disso que você falou, se existe essa articulação entre o empresário e o treinador, imagine aquele outro garoto que vai disputar a posição com esse jogador, o sofrimento dele, o murro em ponto de faca que ele vai dar, porque basta a gente concluir que ele não vai jogar e o que jogará vai ser aquele que tem esse apoio, é isso mesmo?

Sujeito 4: É, isso é sustentado até um certo momento né, nas categorias de base também é muito interessante e isso está ficando cada vez mais precoce, essa situação de você segurar um jogador dentro do clube, por causa de um benefício ou uma situação que o treinador pode ter mais a frente ela a cada dia que passa ela diminui mais esse tempo, como eu disse anteriormente pelos meios de comunicação, por torneios que estão sendo transmitidos, de categorias sub-17, sub-15, tudo isso está fazendo com que esses jogadores não façam parte durante muito tempo do contexto profissional da coisa, então da mesma maneira também que a gente tem que salientar o seguinte, não só essa situação, mas a situação do jogador que tem um pai influente, ou que tem um pai jornalista, como a gente tem muitos atletas que são filhos de jornalistas, que o jogador

está nessa situação ali e muitas vezes o treinador se sente pressionado, porque sabe que o pai do cara é jornalista ou é radialista, e que vai falar mal, e aí muitas vezes se o treinador não tem personalidade suficiente pra assumir e matar no peito essa situação, ele acaba cedendo, então e há o caminho contrário também de situações que o atleta por ele ser filho de uma pessoa influente, mas ele não tem capacidade nenhuma técnica para estar ali naquele contexto daquele grupo ele ao mesmo tempo acaba se afastando dos demais, há uma seleção natural também, apesar de toda sujeira e de toda essa questão né, que não é nada profissional, há uma seleção natural, que ela acontece mais cedo ou mais tarde, mas ela vai acontecer.

Hergos: Durante a permanência então desses privilegiados, você acha que nesse período, talvez alguns sonhos tenham sido acabados?

Sujeito 4: Mais isso não há dúvidas, isso não há dúvida, quanto a isso não há dúvida, muitas vezes você interrompe um período de produção do atleta, que esse período ele pode, ele é diferente um do outro as vezes, dentro de um processo maturacional, é tem um jogador que tá seis meses na frente do outro né, toda essa questão hormonal enfim, ele tá mais forte, mais rápido, ele consegue se recuperar mais rápido, porque o processo dele está mais adiantado, as vezes o jogador que é muito bom tecnicamente, tem uma condição muito boa, ele começa a ser massacrado por esse período, então quer dizer e aí, cabe é um momento aonde é, a gente tem que ter pessoas mais preparadas, pessoas que entendam toda essa questão maturacional, hormonal, e avaliar aqui que você tem um grande, você tem ali um futuro atleta na sua mão, que você tem que esperar esse processo que pra uns ele é mais rápido e pra outros ele é de uma maneira mais lenta, mas que vai acontecer e que vai chegar em um momento onde todos vão estar igual, e aí nesse momento onde todos estão igual, no que diz respeito a essa questão, é onde a gente vai ver quem realmente tem condições.

Hergos: Na transição, no caso de quando você chegou a categoria profissional, em relação aos colegas que iniciaram com você, você percebeu que nessa chegada muitos conseguiram realizar o seu desejo de se tornar profissional ou pelo caminho foram ficando vários deles, e porque acabaram não conseguindo isso?

Sujeito 4: É difícil falar né, eu acho que se eu fizer uma avaliação agora, nesse momento, das pessoas que chegaram na mesma época que eu cheguei ao profissional, e cheguei numa situação diferente da dos demais, porque eu não era o maior destaque da categoria, eu acredito que eu era o mais competitivo, era o mais competitivo, era o mais dedicado, então a minha situação, a minha chegada no profissional ela foi muito mais

por uma atitude, por uma presença de espírito do que simplesmente por uma condição técnica, conseguiram enxergar isso, e eu tive essa oportunidade, e o que eu posso dentro dessa minha análise pessoal, observar é que os atletas que chegaram, que eram da mesma época, de um ano, dois anos, ou um ano mais velho, ou um ano mais novo, ou dois anos, enfim, são pessoas que a gente vive durante quatro, cinco, seis anos dentro do clube né, porque você vai acompanhando categorias, esses atletas que conseguiram chegar no mesmo estágio que eu cheguei, de repente depois não deram continuidade, eu posso afirmar que foram atletas que sempre foram competitivos, organizados, com compromisso, com horários, com disciplina, isso eu não tenho dúvida, isso eu não tenho dúvida, eu posso dizer que 99% dos atletas que chegaram onde eu cheguei num nível de você fazer essa transição para a equipe profissional, foram atletas com esse perfil, atletas fora desse perfil, dificilmente ou morreram durante o processo, ou chegaram perto de fazer essa transição e também não conseguiram.

Então eu acho que dentro da base a gente nos dias de hoje, tem que se tomar muito cuidado com a relação ao que se fala em resultados né, lá atrás durante a minha passagem na base né, muitas vezes os próprios técnicos pressionados por resultados, por vitórias, por títulos, eles acabam quebrando alguns protocolos né, que são assim, pontos de partidas pra que você realmente possa formar grandes atletas né, o atleta sentiu, teve uma contusão, você coloca num departamento médico, faz a recuperação, volta novamente e a partir dali você retorna, e por muitas vezes de uma questão de resultado é, esse jovem é pressionado muitas vezes até a jogar contundido, porque muitas vezes o clube não tem um departamento médico ou ele não tem condições de fazer os exames necessários pra comprovar uma contusão, e a partir do momento cai na dúvida se esse atleta está machucado ou não, e então tudo isso antigamente era muito subjetivo, não era uma questão que você, olha machucou, fez o exame e você está machucado, muitas vezes fazia-se o julgamento dessa decisão do atleta não jogar, e muitas vezes os atletas foram colocados também pra fazer jogos, porque o técnico precisa do resultado, e a partir daí ele usa né, como ele não tem uma comprovação técnica de que o atleta está machucado, de que esse atleta está fazendo corpo mole pra não jogar, então isso acontecia sim muito antigamente, porque não existia todo esse aparato né, todo esse suporte ao atleta, isso foram condições que sem dúvida nenhuma, quando se leva, quando o profissional ele está num lugar só por resultados, ele acaba atropelando todo e qualquer situação de preservação a esse jovem atleta, que é um futuro, então ele está

pensando no resultado imediato e está esquecendo do grande atleta que ele está perdendo por uma atitude como essa no momento.

Hergos: E você acha que essa realidade hoje, pelo que você se refere a antiguidade, e faz uma comparação com o presente, você acha que essa condição do presente ela já é uma realidade de todos os clubes, vamos levar em consideração aqueles menos favorecidos ou ainda está avaliação de antigamente existe nos clubes de menor condição?

Sujeito 4: Eu acredito que há clubes ainda no nosso país de menor condição, que não há uma avaliação tão fidedigna como essa de você ter uma clinica pra fazer uma avaliação de um ultrassom, ou de uma ressonância, que são exames mais detalhados, que podem detectar lesões musculares, fraturas, micro fraturas, então muitas vezes se você não tem, o clube não tem um suporte financeiro pra direcionar uma categoria de base, você com certeza vai estar lesionando seu atleta e não há dúvida que nos dias de hoje ainda existem atletas jogando como uma lesão muscular, com uma micro fratura, porque esse clube não tem essa condição de dar esse suporte ao seu atleta.

Hergos: E, enquanto você atleta das categorias de base do clube que você se formou, em algum momento nos anos em que você defendeu o clube nessas categorias, você se sentiu desencantado, desestimulado, pensou em algum momento em parar com o seu desejo, com o seu sonho de ser jogador?

Sujeito 4: Não, é, desestimulado sim, em alguns momentos devido, as vezes você passa por fases dentro do clube no qual você não é muito utilizado né, e isso acontecia muito no seu primeiro ano da categoria, quando a maioria das categorias, se você tem dois anos, o seu primeiro ano, e o segundo ano que é o ano no qual você é realmente utilizado, e isso hoje em dia, existe ações de estratégias montadas pra que você coloque o seu primeiro ano de categoria pra estar disputando torneios fora, que possa fazer parcerias com clubes menores e jogar com esses jogadores de primeiro ano o campeonato do segundo ano, por outra instituição, dentro de parcerias, só que isso antigamente não existia, então em muitos momentos é eu acho que acredito que não era só uma situação minha, mais de muitos atletas, há sim esse desestímulo no sentido de, pôxa eu não estou jogando, pôxa vou procurar uma outra equipe pra poder jogar, e tudo isso foi até normal, pra mim na época em nenhum momento passou pela cabeça desistir de jogar futebol, mas sem dúvida de procurar outro lugar, o qual eu poderia ter mais oportunidades, sem dúvida passou sim pela minha cabeça.

Eu acho que dentro de todos os pontos levantados, a pergunta se a questão técnica é a única avaliada ou é a única que pode levar um atleta a chegar a um nível profissional, por estar em uma equipe profissional, enfim, se seria só a questão técnica, eu digo pra você que não, porque você em alguns momentos dentro do clube tem jogadores que tecnicamente de repente é um jogador razoável, e eu tenho um jogador muito bom tecnicamente, sendo que esse jogador que tecnicamente é razoável, ele tem seja empresário, ou seja o pai, ou seja uma pessoa influente que vai abrir a portinha pra que ele possa colocar pelo menos o braço, e a partir dali ele vai ter que dar o seu jeito e esse atleta que de repente tem toda uma situação técnica apurada um talento nato, ele por não ter essa condição pode ser que durante esse processo ou ele se sinta desestimulado, ou ele não tenha a garra a vontade pra ultrapassar essa barreira do menos favorecido, e acabar morrendo no meio do processo, ou até perto do fim do processo né, porque quando chega esse momento da transição para o profissional, o qual eu acho que o que tem que ser avaliado são algumas valências importantes, inerente ao futebol, na verdade o que se é colocado são alguns interesses pessoais, é de fulano ou de beltrano, que tem o interesse no jogador e que fez um investimento no jogador, e que esse jogador tem que bater no profissional de uma grande equipe, para que ele possa ter o retorno daquilo que ele investiu, e quando isso acontece não a dúvida que os jogadores que tem a sua caminhada própria andam dentro daquilo que é planejado pra sua carreira, muitas e muitas vezes, morrerem nesse último degrau né, perto da porta ali do profissionalismo.

Hergos: Esse fato que você relata agora é um fato que você afirma como verdade?

Sujeito 4: Afirmo como verdade, por ter vivências diárias dentro do que realizo nos dias de hoje sobre essa situação né, eu acho o que cabe hoje é uma situação de realmente os clubes criarem processos, uma linha de conduta diferente pra que você minimize a situação do favorecimento por conhecimento, por apadrinhamento enfim, por esse tipo de situação.

Hergos: Muito obrigado.

Sujeito número 5

Sujeito 5: Bom minha carreira começou jogando na rua né, até porque na minha época não tinha escolinha de futebol ou tinha mas não era acessível pra mim, então jogando na rua meus irmãos chutando bola em mim eu né, resolvi fazer um teste como goleiro. Jogando na várzea da minha cidade, na minha época também não tinha tanta influência de empresário como agora, então eram mais olheiros que ficavam no interior pra levar os jogadores pros times grandes, então tive uma participação no jogo lá bom com o time da minha cidade e acabei tendo o convite de fazer teste num time do interior, meus pais no começo não apoiaram muito a ideia, até porque o jogador na época também era uma carreira difícil né não tinha saído ninguém na minha região né pra virar jogador assim era muito complicado até porque a gente tinha pouca ajuda né financeira pra poder morar fora da minha cidade e meu irmão né que tinha um bar foi o que mais me apoiou né pra fazer esse teste, então fui pra Lençóis Paulista fazer um teste né aonde eu tive minha primeira condição de ver se eu tinha condições de ser goleiro, porque o goleiro ele não é um cara tão de, como eu posso dizer, de dom né, o goleiro quanto mais estuda e mais treina um goleiro diferentemente de um atacante de um jogador de linha de um time ele tem como não ser goleiro e virar goleiro através da sua inteligência através do trabalho né de coordenação e o trabalho da parte física, então em Lençóis eu tive a primeira condição de aprender a pular pros dois lados que por mais que você brinque no interior você mais você não tem um trabalho específico então assim num sabe cair dos dois lados da mesma forma, então foi aonde eu tive minha primeira base pra mim fazer um teste num grande time de futebol primeiro eu fui pro Corinthians né fiquei alguns meses lá dois ou três meses né não tive a felicidade de passar no teste, voltei pra minha cidade, depois tive a oportunidade de fazer o teste no Palmeiras né e no Palmeiras eu já tô a dezoito anos, né passei no teste e o que não era aproveitado no Corinthians e eu aqui no Palmeiras em vinte dias eu já estava jogando como titular na equipe de junior né, então o meu conhecimento através dos empresários foi muito pouco, fui trocado por dois pares de chuteiras aqui né, e junto comigo vieram mais sete ou oito jogadores de um bom nível né mais infelizmente só eu passei no teste e só eu fiquei, teve mais um menino que veio comigo que joga alguns jogos no aspirantes, mais devido a muitas contusões ele acabou desistindo também né.

Hergos: Quando você iniciou assim quando você começou a ter a vontade de ter uma oportunidade no futebol você teve assim a influência de um ídolo, alguém te motivava

isso ou você olhava pela televisão e sonhava assim em ser jogador por conta de todo o glamour que a mídia demonstra?

Sujeito 5: Sempre sonhei né tinha aquela vontade mais eu não sabia que era tão difícil no começo né, tive a oportunidade de jogar com você no Corinthians um tempo né, você lembra como a gente ficava, apesar da onde a gente morar no Corinthians ser um lugar bom, alimentação boa né, a gente ter um quarto pra dormir, ficar trancado ali dentro do Parque São Jorge ali sem poder ter né uma vida normal né, você lembra que tinha um muro no fundo ali e quando você queria ver a Marginal você tinha que subir em cima do muro pra ver os carros passar, e era o contato que a gente tinha, e acho que talvez por isso eu né pelo fato de ter saído cedo de casa e não ter vivido preso assim né num tinha esse costume de ficar tanto tempo preso, acabei num fazendo os testes com a felicidade que eu gostaria de fazer né, então no primeiro momento foi uma decepção assim de né pô a vida de futebol é isso ai né, até você chegar lá você tem que sofrer tanto, por isso que eu fui embora né depois não fui aprovado no teste, depois eu vim aqui no Palmeiras no que era diferente né, a gente morava num apartamento apesar de morar em 15 dentro de um apartamento de 2 quartos a gente morava no meio da cidade, morava do lado do Bradesco ali da Avenida Antártica, então apesar de não ter dinheiro também você tinha um convívio normal, você saía ali, você descia tinha uma padaria em baixo, você via gente passar, você ia pro shopping né tinha uma alimentação normal, tipo era sofrido mais ao mesmo tempo era uma aventura de moleque que sai de uma cidade no interior pra uma cidade grande né, e eu acho que é aonde que às vezes o clube peca né, que também você tem o contato com muitas coisas além do futebol né também muita gente chegou ali também que jogou comigo, e ao invés de se tornar um jogador de futebol acabou se tornando maconheiro porque tinha muito contato com um monte de gente, ainda mais como o meu intuito era de ser jogador de futebol, então eu abri mão de muita coisa, de muitas vontades até pra poder seguir na minha carreira né, depois eu vim morar aqui no CT, no CT também a gente morava embaixo da arquibancada sofria bastante, e começou a mesma coisa que com o Corinthians assim, você não tinha acesso a uma vida social normal, você ficava preso aqui tudo era vinculado tudo você tinha que fazer aqui dentro do CT né, mais ai eu tive a felicidade de conhecer o Sergio né, o Sergio goleiro que jogou no Palmeiras aqui, Sergio me levou pra morar com ele né, junto com a sogra dele e com a mulher dele e tal, e aí eu fui meio que adotado assim né porque eu já tava também na situação da mesma coisa que aconteceu comigo no Corinthians, eu tava na situação também de ah vou embora isso ai não vai dar certo não

tô sofrendo de mais, vou embora vou arrumar um emprego normal, porque no começo antigamente pra você ganhar algum dinheiro como profissional você tinha que se profissionalizar você tinha que virar profissional, quando você fosse do Junior, porque hoje é diferente um Junior com perspectiva de virar profissional, um juvenil com perspectiva de virar profissional, ele já tem um salário melhor no clube já ganha 2 a 3 mil reais por mês pra um cara de 15 anos 16 anos é muito bom né, então o Sergio acabou me ajudando muito nesse fato de ter me levado e ter me adotado e de eu ter uma família, então eu convivia na casa dele chegava no dia de treinar com ele isso me ajudou bastante pra eu me tornar um jogador porque se fosse pra ficar trancado como eu tava eu também teria desistido também.

Hergos: Você acha que houve justiça quando você teve o primeiro contato com o futebol no caso categoria de base do Corinthians na avaliação que fizeram com você ?

Sujeito 5: Bom até acho que houve né, só que é, quando eu cheguei no Corinthians eu lembro que tinha o Felício e o Edilson que eram dois goleiros que tavam lá há muito tempo e que tinham moral no clube né, não que aquela moral que eles tinham eram coisa que foi, não era moral de sacanagem eles subiram pelas categorias de base né juvenil, junior, e eles estavam no momento deles né e quando eu cheguei no Palmeiras tava totalmente ao inverso o Palmeiras tinha perdido a Taça São Paulo por goleada então tavam procurando goleiro e no Corinthians não tavam procurando goleiro, já tinha os goleiros, no Palmeiras tavam procurando goleiros de testes né pra poder jogar no junior então as condições quando cheguei no Corinthians eles tavam preparando para Taça São Paulo né quando cheguei no Palmeiras eles tinham saído da Taça São Paulo então as condições é sem querer as condições cheguei aqui foram melhores do que quando eu cheguei no Corinthians, porque o Felício e o Edilson eram dois goleiros grandes goleiros lá, e aqui não, aqui o pessoal tavam fazendo testes com goleiros e acabei aproveitando essa oportunidade.

Hergos: O seu grande ídolo no futebol que te motivava a ficar na posição, quem era ?

Sujeito 5: Era Veloso, era Ronaldo né, o Zetti que eram os goleiros dos times grandes daqui de São Paulo né, desde o começo era o Taffarel na seleção né o Taffarel já era o goleiro da seleção então eram aquelas imagens que eu tinha de quem eu queria ser de como eu queria ser é claro que nunca ser igual mais assim era a imagem que eu queria ter e principalmente por eu ter chegado aqui e ter convivido um tempinho com o Ronaldo no Corinthians, e depois aqui com o Veloso no Palmeiras, que eles eram até muito mais simples do que eu achava quando eu os via na televisão né, as vezes na

televisão pareciam que eles eram mais né, mais malas assim mais é, tanto lá quanto aqui eu sempre fui muito bem tratado e isso só aumentou a minha admiração pelos dois.

Hergos: Certo, e quando você já no Palmeiras categoria de base, treinando federado como um atleta, você viu muitos valores se perdendo pelo caminho talvez pela falta de apadrinhamento ou algo do tipo assim que prejudicou a carreira deles?

Sujeito 5: Olha eu vi grandes talentos né, sendo desperdiçados assim porque quando eu cheguei aqui o Palmeiras estava em uma fila de 17 anos sem ganhar um título importante né, e eu cheguei em 92 e no meio do ano de 92 acabou chegando a Parmalat e aí então, a Parmalat chegou e eles acabaram ao mesmo tempo que eles investiram muito dinheiro no Palmeiras em contratações de peso, eles acabaram esquecendo um pouco a categoria de base do Palmeiras né, e isso o Palmeiras quer queira ou não mais pena por isso até hoje, nesse tempo que a Parmalat passou pelo Palmeiras, tudo que o Palmeiras foi de vitorioso no time profissional ele perdeu em tempo com a categoria de base, que passou a não ser olhada né, pelo pessoal da Parmalat, se você precisar de um centroavante eles compravam, não precisava fazer no junior, precisa de um meio direita de qualidade, os caras iam fora e via qual era o melhor que tinha e comprava né, e passando isso que eu vejo hoje é que o Palmeiras acabou nesse tempo todo de Parmalat aí, deixando de lado a categoria de base, hoje tá retomando a categoria de base, porque acho que é o que todo mundo está vendo hoje no futebol é que se você não tiver uma categoria de base forte o seu time não consegue grandes feitos, porque o salário do jogador de futebol hoje é uma coisa absurda e o time não consegue contratar todo mundo que quer né, então eu acho que hoje o que o Palmeiras no que ele atrasou toda essa parte aí de profissionalismo da Parmalat contratar hoje pro Palmeiras está voltando a ter atenção na categoria de base, mas hoje é visto que perderam muito tempo com isso, que outros grandes clubes revelaram muitos grandes outros jogadores, e o Palmeiras acho que o último jogador revelado pelo Palmeiras foi o Vagner Love a uns cinco, seis anos atrás.

Hergos: E nessa época que você esteve na base dentro dessa trajetória né, é como aconteceram essas injustiças com os jogadores na base no relacionamento de treinador, diretor, mesmo sem a influência da Parmalat, como era isso dentro da base?

Sujeito 5: Até hoje, bom, eu não mexo com a base aqui do Palmeiras, eu não tenho nenhum contato com a base aqui do Palmeiras, mas eu conheço gente que já me ofereceu dinheiro pra encaixar um moleque aqui na categoria de base do Palmeiras né, tinha um cara muito bem de vida e aí o cara pô, ele queria dar de presente pro sobrinho

dele um teste no Palmeiras, no qual o moleque seria aprovado né, e ele me ofereceu R\$ 30 mil pra isso assim né, mas aí eu disse para ele, olha eu não sou empresário, não só né, não conheço ninguém da categoria de base do Palmeiras e eu não posso fazer isso pra você, mas eu posso passar o telefone do CT e você conversa com o pessoal lá, se alguém tiver interesse nisso aí né, mas eu acho que na minha época a gente não tinha tanto essa parte de empresário né, o empresário de futebol começou a fazer parte do futebol assim acho que, em uns sete, oito anos pra cá, que ele começou a ficar forte, principalmente, depois da Lei Pelé né, na minha época eu acho que os treinadores aprovavam os moleques mais pelas mães né, que tinha, os caras que tinha mãe bonita passava, tinha mãe que acompanhava passava, acho que de uns oito anos pra cá que o empresário começou, principalmente depois da Lei Pelé que o empresário começou a ter força no futebol né, e hoje pô isso é público e notório que o cara que tem um bom padrinho, hoje em dia que tem um bom empresário de futebol, ele consegue ir mais longe no futebol, isso é normal se você conversar com qualquer pessoa do interior, qualquer pessoa que tem uma condição de fazer um teste, sabe que hoje em dia a primeira coisa que você procura hoje não é uma escolinha de futebol ou clube de futebol, você procura um bom empresário de futebol, se ele tiver um bom relacionamento no seu time profissional com certeza você vai ser encaixado pra virar um jogador, não digo profissional, mas na categoria de base pra você jogar um ou dois anos ali pra ver se você consegue se tornar profissional, um bom empresário é quem te emprega hoje.

Hergos: E você acha então que nessa relação se tem uma pessoa que tem mais um contato maior com um empresário, que tem essa condição de colocar o jogador em um clube em comparação com o outro que não tem um empresário, você acha que alguém é mais favorecido nessa relação?

Sujeito 5: Ah claro, não vou dizer mais favorecido assim diretamente, mas ele vai ter mais chance que o outro né, se você for fazer um teste e você for uma indicação de um empresário conceituado dentro do clube claro que você vai ter mais chances, se você vim fazer um teste e você não tiver um empresário, o cara te olha 15 minutos ali, ah você não foi aprovado, tente outras vezes né, se inscreva novamente, agora com o empresário normalmente que a gente percebe, o que a gente vê é que ele nem faz um peneirão né, o cara que tem um empresário já vem direto treinar 15 a 20 dias na categoria de base já fica no convívio ali, então eu acho que isso facilita, porque a pessoa quando chega pra fazer um teste em um time grande, já chega meio assustado né, não

chega com o rendimento normal dele, então quanto mais tempo que ele tiver de adaptação o ideal seria o que, pra você ver um grande jogador, todo e qualquer jogador tem o direito de ficar pelo menos 15, 20 dias fazendo o teste, se adaptar, conhecer seus parceiros, seus amigos, fazer amizade e ir se soltando, aí você vai mostrar realmente o seu futebol, agora você chegar em 15 minutos e ter que mostrar tudo em 15 minutos, aí vão fazer um Pelé, vão fazer o Neymar, vão fazer o Ronaldinho Gaúcho, aí esses aí acho que consegue mostrar alguma coisa em 15 minutos acho que a grande maioria não consegue.

Hergos: Você acha que devido a essa condição de não adaptação e de um tempo muito curto para um atleta ou para um candidato mostrar o que sabe, você acha que assim alguns talentos são perdidos e sonhos são desperdiçados?

Sujeito 5: Eu acho que mais sonhos né, eu acho que talento desperdiçado existe em um monte de lugar, em um monte de filme, em um monte de empresa né, a pessoa as vezes demora a se adaptar em um lugar e acaba não mostrando todas as qualidades que ela tem, mais o sonho, eu acho que o que acaba com o sonho de um adolescente de um alguém que quer ser alguma coisa na vida é falta de oportunidade sabe, não é oportunidade, mais assim a injustiça que se tem em relação aos outros entendeu, eu acho que o pior é o seguinte porque que eu fui tratado diferentemente daquele outro que foi fazer teste comigo, porque que ele foi tratado melhor que eu né, então eu acho que isso que é o pior de um sonho né eu acho que se você chegar num lugar e todo mundo te tratar igual e todo mundo for tratado igual e você não deu certo, paciência, lógico que nós mesmo, a gente vai falar pô eu fui tratado bem fizeram tudo pra me ajudar e eu infelizmente não mostrei a minha qualidade, mais quando você é tratado de uma forma diferente dos outros, eu acho que isso que atrapalha mais, isso que mais te influencia, te frustra né, quando você não é tratado igual ou quando as coisas pra você sempre é mais difícil do que pros outros, e isso no Brasil acontece muito né no futebol é em todo o segmento da vida né sempre aquele cara que tem um conhecimento de bastidor ou que conhece alguém dentro de uma empresa, que conhece alguém sempre ele é tratado de uma forma diferente de quem chega com a cara e com a coragem e você sabe que quando o tratamento não é igual claro que o rendimento nunca vai ser aquilo que você espera.

Hergos: E aí no caso isso é muito frustrante para um jovem que está iniciando a vida né, sonhando por exemplo com a realização do desejo no futebol.

Sujeito 5: Muito porque ele sempre vai achar isso, né ele sempre vai achar isso,

qualquer lugar que ele for se apresentar numa faculdade numa escola numa empresa ele sempre vai achar né, vamos dizer que eu fui tentar ser jogador de futebol não consegui e fui prejudicado de uma forma ou outra, sempre que eu vou chegar em algum lugar pra tentar outra profissão eu vou achar que aquele tá tendo benefício e eu não tô tendo benefício nenhum eu acho que isso é que tem bastante você vê muita gente frustrado em vários segmentos por causa disso aí eu acho até pela infância do cara o cara ter sido, ter tido o primeiro contato com a vida realmente como ela é na infância isso o cara carrega talvez para o resto da vida, sempre ele, muitas vezes ele não vai colocar a culpa nele vai colocar sempre a culpa nos outros, que os outros são favorecidos e ele não né, mais isso porque aconteceu na infância né, têm muitas coisas que acontecem na infância que você carrega pro resto da sua vida.

Hergos: E com você em particular, em algum momento na categoria de base você relatou ainda pouco sobre a dificuldade da solidão das condições de vida dentro do alojamento, mais é em relação a injustiça ou alguma coisa relacionada dentro da base por tratamento relação com treinador com o diretor, dificuldades em geral, em alguma vez você pensou em parar desestimulado, desencantado?

Sujeito 5: Não, em relação a mim não, eu já tive em relação a mim mais com outras pessoas assim né, eu sempre fui um cara que sei lá se eu fui um predestinado ou um cara com muita sorte ou um cara muito iluminado por Deus que a maioria das coisas que aconteceu na minha vida parece que eu fui empurrado a fazer mesmo eu não querendo, mais muitas vezes eu saí de um jogo me machuquei e fiquei dias fora entrou outro goleiro no meu lugar, o goleiro foi super bem, na hora que eu voltava, ao invés de me deixarem no banco, tiravam o outro goleiro e me colocavam de volta e eu achava que era uma injustiça para com o goleiro que estava jogando, né porque eu achava que eu tinha que ganhar a posição normal, voltar, ficava no banco, né, e esperava minha condição depois de novo e as vezes acabavam até cometendo injustiça pra eu poder voltar, né então mais comigo mesmo assim de alguém ter me prejudicado ou tentado barrar alguma coisa na minha vida assim felizmente graças a Deus nunca aconteceu nunca fui vítima disso daí, talvez né como eu te falo hoje, talvez a parte, no momento que voltou a ter empresário no futebol, pô eu tenho 18 anos no Palmeiras, mesmo que chegue um ótimo goleiro com um grande empresário aí, o pessoal não vai me tirar pra colocar um goleiro com empresário por causa da moral que eu conquistei aqui dentro né, mais eu acho que agora pra frente eu não sei como vai ser né, mais como na minha época essa parte de empresário não era tão forte assim, o empresário não escalava o

time como escala hoje né, então, eu acabei não sofrendo quase nenhuma injustiça no futebol.

Hergos: Você não sofreu, mais você viu pessoas de talento sofrerem?

Sujeito 5: Vi, vi muita gente nossa, é vi muitos treinadores assim de treinadores vinculados a empresários que por exemplo, tinha aquele jogador que era titular do time e ele ficava pegando no pé do jogador até tirar a confiança do cara porque ele tinha trazido um jogador da mesma posição pra jogar né, eu sei que você tá fazendo a pesquisa na parte de amador, mais eu vi isso aí na parte profissional né por isso que eu falo pra você né, hoje em dia você ter o treinador como o Ameixa é para um time é extremamente importante em saber que aquele treinador é honesto e ele tá fazendo alguma coisa ele ganha muito bem e ele vai fazer alguma coisa em benefício do clube. Mais eu tive, ah sei lá não sei se é a felicidade ou a infelicidade mais pelo menos é um aprendizado que a gente vê né porque os jogadores vinham reclamar pra mim assim é o cara trazia dois, três jogadores de certas posições, e aqueles jogadores que tavam na posição que não eram de empresário vinculado a ele, com o treinador, ele ficava minando o cara, sabe quando fica minando só te critica, só te prejudica, só fica em cima de você, só te xinga o cara vai minando vai perdendo a confiança até que todo mundo tá achando que o cara não tá jogando nada, mas é que o pessoal não vem ver o treino, então a imprensa fala que o cara não tá jogando nada, a torcida acha que não tá jogando nada, então na hora que ele vê que ta todo mundo é crucificando o cara aí ele tira coloca o outro e não parece que foi uma coisa armada né, então isso eu vi muito, acontece muito, eu acho que acontece até hoje, não é só no Palmeiras, no Corinthians acontece no Brasil inteiro.

Hergos: E isso você acha que também na base mesmo não tendo acompanhamento de imprensa acontece porque a interesse?

Sujeito 5: Muito mais eu acho que acontece muito mais na base.

Hergos: Por que não tem alguém pra acompanhar né?

Sujeito 5: Nossa imagina aqui no futebol profissional você tem uma imprensa que te segue dia a dia, todo dia tem imprensa, todo dia tem gente assistindo o treino, todo dia tem diretor do futebol, então imagina e isso acontece a olhos de quem quer ver, você imagina na base que não tem ninguém olhando e isso deve acontecer muito eu acho que isso pro pessoal da base deve ser até coisa normal.

Hergos: É né, e aí os acordos talvez entre esses personagens sejam até mais fáceis de acontecer porque a fiscalização é menor né?

Sujeito 5: É tem muita gente de time profissional que normalmente traz um treinador de Júnior também dentro da comissão técnica né, porque fala que tem um bom relacionamento, que confia, confia não, é pra fazer a ponte né, você imagina o treinador do Junior é seu amigo do profissional então o cara chega lá oferece um dinheiro pro treinador do Júnior o cara pra subir do Júnior pro profissional é rapidinho pra treinar pra pegar um dinheirinho é um dois pô, você coloca o cara pra jogar no profissional e 2, 3 jogos aí o cara tá normalmente as vezes quando o cara quer vender alguém né, isso aí é fácil pra fazer essa ponte pra subir no profissional e jogar 2 jogos isso aí eu cansei de ver.

Hergos: Você lembra quando você citou no início da entrevista que veio você e mais 8 ou 7 amigos da mesma cidade tentar então, é você sabe se os outros 7 fora você tiveram uma carreira construída na categoria de base realizaram o sonho de ser profissionais?

Sujeito 5: Nenhum.

Hergos: E pela história que você sabe deles aconteceram injustiças o que você pode falar a respeito do sonho desses que não se realizaram?

Sujeito 5: Não olha, eu sei que 2 ou 3 deixaram porque quiseram, resolveram não apostar porque é difícil né é como a gente tava conversando no começo aí é difícil não é assim eu vou lá e vou ser porque eu tenho qualidade não é assim que funciona né mesmo às vezes com um padrinho bom se você não tiver qualidade você nem consegue enganar muito tempo né, então muitos desistiram porque achavam que aquilo não era pra eles, outros machucaram tiveram contusões graves e se trataram e depois os caras deixam você treinando 20, 30 dias ali e despacha né, porque na época você não profissionalizava Júnior, só se profissionalizava se você fosse subir pro profissional se não você saía como amador né e uns até tentaram jogar em outros times assim mais o cara fica 1 ano 2 anos batendo a cabeça martelando aí o cara acabou desistindo né de vez em quando eu encontro alguns, felizmente não foi nada assim que prejudicasse a carreira deles assim como homens né, como seres humanos, todos trabalham, todos são casados, a maioria, filhos, se deram bem em outras profissões, mas é claro, o fato de ter jogado em um time grande e ter chegado tão próximo né, porque acho que fazer o teste é o pior né, e entre você estar jogando no júnior e chegar no profissional acho que é o mais fácil, o mais simples se você se dedicar, acho que fica assim um pouquinho de tristeza no coração, de saber que chegaram tão perto e não conseguiram, e não é inveja assim, mas assim de ver que eu saí junto com eles, e eu consegui né, mas acho que eles estão felizes de outro jeito, em outras profissões, mas estão felizes também.

Hergos: Assim, e você acha que os jogadores que pertenciam a categoria de base e que moravam no alojamento, de certa forma havia alguma diferença entre aqueles que moravam na capital, no caso sobre pressão, havia uma pressão maior dos jogadores do alojamento pra produzirem ou não?

Sujeito 5: É, sempre há né, se você está no alojamento na minha época, se você tava no alojamento, você estava dando gasto pro clube né, então o clube quer um retorno imediato, acho que hoje em dia a pressão continua igual, só que de outra forma né, é normalmente hoje em dia o clube paga, hoje em dia o jogador chega e dependendo da qualidade do jogador, o jogador, o clube já paga um aluguel, o jogador já traz a família, acho que é melhor hoje em dia pra adaptação, agora não sei se faz isso pra todo mundo, não sei se todo mundo tem a mesma vantagem nesse sentido, mas que a gente tem percebido diariamente aí é assim, que os meninos que o clube paga aluguel, que tem a condição de trazer a família e os familiares pra cá, eles acabam se dando melhor, porque tem todo aquele processo de adaptação, então quando você está com a sua família, eu acho que o processo é mais rápido, agora um cara que mora em um alojamento, ele normalmente demora mais né, porque a adaptação é totalmente diferente, porque ele está praticamente sozinho em São Paulo.

Hergos: E na hora de subir do Juvenil pro Junior, se você não está de titular, talvez pro alojado seja um pouco mais complicado né?

Sujeito 5: De subir do Juvenil pro Junior?

Hergos: É, nessas transições de categorias, se você é um jogador de fora, alojado, que dá custo pro clube, talvez isso tenha um peso maior na avaliação pra subir de categoria.

Sujeito 5: Mas normalmente aqueles que tão, que o clube estão pagando alguma coisa, é que já, os caras conseguem ver que tem qualidade, mas aí que eu te digo né, eles conseguem ver que tem qualidade será?

Hergos: Será que é tá sendo mantido por outro interesse?

Sujeito 5: É, ou será que é o clube que está pagando, ou será que, alguns tem até empresários que pagam, mas outros na maioria são os clubes, as vezes colocam até no contrato do jogador que o clube que tem que pagar né, então pra te falar a verdade dessa parte hoje em dia do Palmeiras eu sei muito pouco.

Hergos: Tá, e assim, pela sua experiência no futebol e pelas histórias que você ouviu dos companheiros com quem você jogou, você acha que nesse Brasil inteiro aí nas categorias de base, muitas injustiças acontecem e sonhos não são realizados por conta desses acordos que acontecem de bastidores?

Sujeito 5: Eu acho que deve ter muito né, muita gente também não deve passar no teste, alguma coisa assim, porque a procura hoje em dia pra se tornar jogador ela aumentou muito, ela é muito grande, eu acho que até em casa hoje em dia os pais e as mães treinam os moleques pra serem jogador de futebol, porque virou uma profissão altamente rentável né, hoje em dia né então, se pega, acho que de 10 crianças se você pegar e perguntar o que elas querem ser, 9 querem ser jogador de futebol, é claro que muita gente vai dar errado, nem sempre vai ser só por esquema, é por falta de empresário, porque é, a procura é muito grande, tem muita gente fazendo teste, acho que se você pegar Palmeiras e Corinthians, São Paulo, essas coisas deve ter por semana 4, 5 mil moleques fazendo teste, então não dá pra você aprovar todo mundo também, até porque não tem time pra todo mundo, é mas eu acho que aqueles jogadores que tiveram a oportunidade de fazer um trabalho de base em uma escolinha de futebol né, que chegam em um clube grande, batendo com a perna direita, batendo com a perna esquerda, cabeceando, pelo menos assim em uma base, é mas não tendo um empresário vinculado ao um clube, ele vai sofrer também, mesmo que chega aqui voando, vai sofrer, então, é fácil falar, acho que é, na carreira de um jogador de futebol hoje o empresário infelizmente é imprescindível, tanto quanto a qualidade dele, claro que a qualidade sempre você vai ter que ter, vai ter, a cobrança da imprensa em cima do jogador hoje é muito grande e você não consegue enganar muito tempo, mas pra você realizar esse sonho, porque isso se aprende em um time também, o problema é se encaixar em um time e eu acho que pra um jogador que quer se encaixar em um time grande, acho que o empresário é o primeiro caminho.

Hergos: Então de repente, essa força do empresário ela.

Sujeito 5: E não era um empresário qualquer Hergos, todos os times têm dois ou três ali que né, que são articulados com o clube, tanto na base, como no profissional né, a gente percebe, são três ou quatro empresários que o clube normalmente pega jogador só daqueles caras.

Hergos: E tem muitos empresários oportunistas que enganam adolescentes no sentido de realizar os seus sonhos?

Sujeito 5: Eu acho que tem muitos que estão levando moleques pra fora, uma coisa é você estar aqui no Brasil e você fazer um teste no time e você não passar, e alguém te ajudar a voltar pra sua casa né, bom eu já ouvi muita conversa de gente que foi pra fora passou fome lá o empresário chegou, vendeu, negociou e pegou o dinheiro, deixou o cara lá e veio embora, isso acontece muito, e com idade de estar em categoria de base,

pô isso até em Portugal acontece, é eu já vi várias matérias em televisão, no Sport TV, sempre passa em alguns programas lá que tem gente passando fome lá fora, por causa de empresário que levou pra fora e deixou o cara lá, então é bem mais complicado quando você vai pra fora né, eu aconselho aos pais ao seguinte né, claro se você tem um alguém com vínculo de um time grande, Europeu, com Barcelona, Real Madrid, que normalmente esses caras são super bem estruturados né, Bayer de Munique, nossa é tem muita gente, Milan, pô é outra coisa né, porque o Messi, você vê o Messi, tem o filho do Mazinho que esta no Barcelona, o Xavi, o pessoal lá foi tudo criado dentro do Barcelona, então o Barcelona investe nas categorias de base, mas não é todo time que faz isso não, a maioria das coisas que os empresários manda pra fora é barca furada que além do jogador se traumatizar por não ter dado certo ainda não tem como voltar de volta para o país dele.

Hergos: Então é, a sociedade ela tem que estar atenta pra esses oportunistas que enganam às vezes um projeto de vida que envolve a família.

Sujeito 5: É, tem muita gente simples né, que tem aquela vontade do filho se tornar jogador e a gente sabe que o cara quando é, tem muito cara que é bom de lábia aí pra enganar é um, dois né, então por mais que o empresário se apresente né, pra levar seu filho você tem que prestar muita atenção para o que vai acontecer, porque muita gente se dá mal com isso.

Hergos: E você lembra da assim, da época em que você na base das pessoas assim nascidos, mais ou menos no ano em que você nasceu, 73 né, é muitos que estavam no clube, na categoria de base chegaram a se realizar profissionalmente ou chegaram pelo menos a passar para a categoria profissional ou muitos ficaram pelo caminho?

Sujeito 5: Na minha época, só eu e o Amaral, volante, e o Magrão, centroavante, no time de Junior de quase 30, foram assim que a gente subiu profissional.

Hergos: Só pra entender, então 30 estavam com você ali na categoria.

Sujeito 5: Subiu três, e desses três, a gente subiu em 93 né, o Amaral foi o primeiro a jogar, o Amaral ainda jogou no time de 93 no Palmeiras mesmo com a Parmalat, aí o Amaral jogou e eu de 93 fui jogar só em 99 né, o Magrão jogou eu acho que em 96 ele começou a jogar, mas depois ele foi negociado, vendido e eu fui jogar só em 99, mesmo subindo pro profissional eu fui ter a primeira oportunidade de jogar no profissional eu tive ainda em 96, mais depois eu fui jogar mesmo algumas partidas seguidas assim só em 1999.

Hergos: E os outros 27, o que você sabe?

Sujeito 5: Eu sei que eu encontro muita gente né, depois eu joguei com o Ferreira que ele foi para passar um tempo, mas eu não joguei com muita gente, mas eu como a categoria de base era aqui do Palmeiras, eu acabei conhecendo um monte de gente da categoria um ano antes de mim, tem o Marcelo que é goleiro do Juventus e joga até hoje, é um ano, ele é 74, ele joga até hoje, mas assim fico ali, Juventus, é times pequenos né, Ferreira jogou na Europa que foi um, o Juari jogou aqui no Palmeiras também, mas também não foi muito longe, então assim, em um time grande mesmo quem ficou foi eu, o Amaral e o Magrão, então eu acho que foi tudo negociado. Negociados assim né, dois ou três saíram e jogaram em outros times pequenos, mas a grande maioria foi trabalhar.

Hergos: É, então pelo que eu entendi, desses 30, três ficaram no profissional, entre os três você, outros três continuaram na carreira em times menores, e aí é 24.

Sujeito 5: Eu tinha uma dupla de zaga quando eu era junior, muito boa aqui, era Moraes e o Wellington né, os caras eram muito bons, todo mundo botava fê que os caras iam vingar aí, conforme subiu o, chegou a Parmalat, aí contrataram em 93 veio o, não veio o Junior Baiano, mas contrataram um time pô né, contrataram o Antônio Carlos, o Cléber, e depois mais no banco, Edinho Baiano na época, então contrataram quatro, ou cinco atletas, e acabaram não aproveitando a dupla de zaga que era do Junior, que era muito boa, que todo mundo achava que ia virar.

Hergos: Fora os outros né, quer dizer, muitos apostavam durante anos nas categorias de base, não chegaram a realizar o seu projeto de vida, talvez porque havia uma outra política no futebol profissional né, e de certa forma é um projeto de vida que talvez seja tenha sido investidos alguns anos aí, que envolveu família.

Sujeito 5: É um projeto de vida que você estaciona, muitas vezes você estaciona todos os outros projetos da sua vida, porque não dá tempo, se você joga na categoria de base de um time, é hoje em dia muitos tem, hoje em dia pelo menos os clubes estão ajudando nesse sentido, acho que aqui do Palmeiras, o Bruno ele é formado em Educação Física, o Bruno goleiro, o Fábio também está fazendo faculdade de Educação Física, mas eles fizeram quando estavam na categoria de base, o clube acabou ajudando eles a pagar a faculdade, mas alguns anos atrás, isso era praticamente impossível né, então você parava, só que você estacionava os seus estudos, você estacionava a sua faculdade, estacionava, você parava com tudo, você vivia a expectativa de se tornar um jogador profissional e não precisar disso nunca, de estudo, por isso ia ganhar dinheiro sem estudar, então muita gente quando se pegou como não vou mais, como não tem como eu

me tornar um jogador profissional, eu não vou viver disso, tava com tudo atrasado, estava com estudo atrasado, sem condição de brigar no mercado de trabalho por um emprego melhor, porque não tinha feito nenhum tipo de curso, nenhuma faculdade, nada, então que a gente sempre, fala pros meninos de categorias de base ali, né que se você estiver condição hoje, se o clube tiver uma condição de fazer uma faculdade enquanto você estiver jogando, aproveita isso porque se por acaso não der certo, você tem outro recurso, você tem um plano B na sua vida, pra não te deixar desiludido totalmente aí.

Hergos: E a quantidade dos que não tem o plano B.

Sujeito 5: É muito grande.

Hergos: E esse desespero depois.

Sujeito 5: Se você vai pra parte de Norte, Nordeste aí, os jogadores que chegam aqui, que a gente tem a oportunidade de ver, tem muita gente que não sabe escrever, Hergos, não saber ler, lê, escreve o básico, então esse povo lá de cima do Norte, Nordeste, assim né, não é nenhuma forma de preconceito não, mas você vê que acho que a pobreza em certos lugares é tão grande, que o cara joga bola e aposta tudo o que ele tem nisso, tudo, você cansa de ir para o interior aí né, para um monte de lugar você vê as categorias de base de time pequeno, é Baiano, é de Recife, é de não sei o que, os caras estão aí arriscando a vida deixando família pra trás, mas é aquilo que ali, sabe é só o plano A, ou vai ser jogador ou não tem o plano B né, também o cara não teve uma estrutura de vida assim que desse um plano B pra ele né, é e normalmente isso aí são os menos favorecidos aí que não conseguem arrumar um empresário, passa uma vida jogando em time pequeno e se não vivem ficam aí onde estão, não tem nem como voltar pra casa.

Hergos: Fica sem perspectiva.

Sujeito 5: Sem perspectiva nenhuma.

Hergos: E você acha que dentro do futebol na base a preconceito de jogadores de uma determinada região, perfil físico, você acha que existe um tipo de exclusão em relação a isso?

Sujeito 5: Eu acho que não, eu acho que no futebol, eu acho que é um dos únicos lugares que na Terra não existe preconceito nenhum, existem muitas brincadeiras se foi jogador né, ah o Paraíba, não sei o que, o negão daqui né, e por isso às vezes a gente quando sai alguma notícia, quando sai algum problema assim de racismo acho que isso aí no futebol não existe, é possível se conviver com gay, é possível se conviver, acho que a opção nessa parte aí cada um tem o seu para tomar conta, eu acho que existe

muita brincadeira, mas agora preconceito, essas coisas eu não acredito não, até porque o pessoal que vem, né os Nordestinos normalmente são os que vêm mais preparados fisicamente que tem né, são, não tem tantos problemas físicos, são sempre, acho que pela forma de vida né, sempre são os mais saradinhos, o gominho na barriga, os que fazem musculação são os que ficam mais fortes, são os que tem menos preguiça, que se mandar o cara correr, marcar é o cara que mais corre né, então eu acho que dentro do futebol o preconceito é mínimo, se tiver algum preconceito, nunca né, existe muitas brincadeiras que as vezes o pessoal acaba levando para um lado ruim, mas preconceito acho que nenhum. É a pressão no futebol é normal né, de você jogar machucado né, o pessoal sempre brigava, cobrava muito à parte médica do futebol, a medicina esportiva, a medicina esportiva nada mais é que infiltração né, que é, você esta com uma parte lesionada do seu corpo os caras te dão uma infiltração pra você não sentir a contusão, aí você acaba jogando, isso acaba no final de tudo quando você vai ficando mais velho, você acaba sentindo, vai te cobrar uma hora essas coisas, e o dia que te cobram aí você vê que você é um cara totalmente descartável, não tem importância, não tem ninguém insubstituível, os caras colocam outro no seu lugar e você fica de lado, mas isso é normal, porque por isso que eu acho que o jogador tem que ser o mais profissional possível né, quanto mais ele puder ganhar dinheiro dentro do clube, ele tem que ganhar dinheiro dentro do clube, porque ele sabe que uma hora ou outra o clube vai chutar né, e hoje em dia a gente vê muito de até na parte que você tava falando, que a gente estava falando de empresário de jogador aí, tem muito empresário vinculado com jornalista, pra dar nota boa pro jogador dele, pra tentar falar bem nos programas de televisão do jogador dele, então tem muita coisa disso aí, então a cobrança é sempre muito grande, quanto menos amigos você tiver nesse meio mais você vai ser cobrado, mais você vai depender do seu esforço né, pra jogar, e qual que era a outra aí?

Hergos: É sobre, se você em algum momento pensou em desistir do futebol?

Sujeito 5: Ah pensei, nossa, várias vezes né, o corpo às vezes exige, vai passando o seu tempo, eu tenho uma teoria comigo né, apesar de estar vendo um programa hoje falando de jogador que até jogaram até muito tarde né, muito tempo, eu tenho uma teoria que no Brasil hoje em dia o jogador que começa jogando no Brasil ele termina jogando no Brasil, não passa dos 32 anos jogando, é devido a forma que é levado o futebol aqui são muitos jogos, calendário muito apertado, é não tem como você sofrer um lesão e acho que nem quando você quebra a pontinha do dedo você consegue voltar uma semana como o pessoal faz você voltar, estão exigindo muito dos jogadores hoje em dia, o

jogador não é uma máquina, então né, é o corpo cobra muito, e você sofre muito né, e as vezes o sofrimento, a partir do momento que você faz uma coisa em sua vida e o sofrimento está maior do que o prazer você tem vontade de desistir né, porque nada vale o sofrimento se você for entrar em campo com dor né, e mais isso é bom, eu estava olhando aqui o negócio de planejamento de carreira, isso é bom né, você saber o que você faz com o seu dinheiro, não se empolgar né, tentar fazer do seu dinheiro uma coisa que mesmo que você ganhe muito, você não usufrua daquilo tudo todo o mês, você sempre guardar um pouco até porque jogador de futebol ele passa muito tempo jogando bola e acaba não fazendo outras coisas, e depois que para quer manter o mesmo padrão de vida, pra mostrar para os outros, então né, o cara tem que ser rigoroso com essa parte financeira, pra depois não precisar fazer jogo beneficente, que é uma coisa que todo mundo brinca, e pensando em desistir do futebol, já pensei um monte de vezes, de futebol nem sempre é justo, a cobrança sempre é muito grande, não tem como 50 jogos, alguém consiga jogar 50 jogos bem, o pessoal acha que você tem que jogar todos os jogos bem, se não é aquela decepção pro torcedor, pro jornalista, pra todo mundo, então é, você acaba se cobrando muito, dormindo pouco, é pegando alguns vícios que você normalmente não teria se você não jogasse, eu pra te falar a verdade eu comecei fumar jogando futebol, eu não fumava antes de jogar futebol, foi uma forma que eu encontrei pra dar uma relaxada, porque sabe as vezes a pressão dentro da minha cabeça era muito grande e eu, felizmente foi o cigarro né, tem muita gente que vai pro lado da bebida, que vai pro lado das drogas, então eu, apesar que o cigarro é uma coisa pior que tem, mas pelo menos é uma droga pelo menos sociável.

Hergos: E assim é, pra gente ir finalizando, o que que você acha assim, fazendo um apanhado geral desses 18 anos de futebol, principalmente pensando o que você já passou na base, ter saído da sua cidade do interior, ter vencido todas as barreiras, é o que que se põe a frente de um candidato pra realizar seu desejo e você como um grande jogador que realizou o que muitos gostariam né, qual que é o balanço que você faz do ambiente do futebol assim, é pra sociedade, pra aqueles que desconhecem o que é o futebol na verdade?

Sujeito 5: Acho que o que me estimula hoje em dia ainda é o ambiente né, é a oportunidade de tantos amigos de eu ter feito em longo da carreira né, o ambiente do futebol, as brincadeiras, as conversas entre os jogadores, até mesmo a parte da concentração é uma coisa que me dá prazer ainda, o jogo, adoro o jogo, acho que o jogador ele quer jogar até ele não agüentar mais, porque se não tem onde buscar aquela

adrenalina de novo né, aquela adrenalina de você entrar em um campo lotado, e o pessoal xingando, vaiando, outros aplaudindo, então o jogador sofre muito pra parar por causa disso, não tem um outro lugar que ele vai encontrar uma adrenalina igual em uma partida de futebol né, e o ambiente é sempre muito legal né, o pessoal que você conhece, as conversas de concentração, as histórias que tem são muito engraçadas as vezes, algumas muito tristes, mas a maioria muito engraçadas, você conhece um monte de gente, o ambiente é, eu destacaria muito mais os pontos positivos, do que os pontos negativos, os negativos normalmente estão sempre fora do futebol, o futebol é um coitado, vamos dizer assim, ele é muito bom, ele é muito gostoso, é dentro do campo, o vestiário, a concentração é muito boa, as coisas ruins do futebol infelizmente são pra fora né, nessa parte de corrupção ativa, favorecimento de um e de outros, isso aí é, mas eu acho que creio que o jogador ele participa muito pouco disso aí, muitas vezes quando é feito, ele é feito mais pelo empresário do jogador do que propriamente o jogador, acho que ninguém, nenhum cara quer as coisas de mão beijada, ele quer lutar pelo que ele, é claro que se tiver uma oportunidade de um empresário te favorecer é melhor né, por exemplo, ninguém quer de mão beijada, você quer conquistar aquilo com suor, você acaba tirando os seus méritos também quando você consegue alcançar uma coisa muito grande na sua vida né, e eu me senti realizado, pelo amor de Deus, eu acho que eu passei da conta que eu poderia ser na minha vida né, eu tinha um sonho, de poder sair, reformar a casa da minha mãe, ter a minha casa própria né, que quer queira ou não talvez, hoje em dia no futebol em um ano você consegue uma coisa que as pessoas não conseguem a vida inteira, que é ter uma casa própria, que é construir a sua casa, fazer a sua casa né, e ter um carrinho pra mim e depois eu falar se eu tiver uma casa e um carro eu posso voltar pra casa e ter um trampo aí e qualquer coisa que eu ganhar tá bom, então eu passei disso, ajudei minha mãe, a minha família né, tive oportunidade de ganhar um dinheiro, eu nunca joguei fora do país, porque eu achava que o dinheiro que ganhava aqui pra mim tava muito bom, eu nunca fui um cara de gastar fortunas, com carros, com rodas, com correntes de ouro, nunca foi a minha, eu nunca tive vontade disso e eu acho que se eu parasse de jogar futebol hoje eu saía mais do que realizado né, super feliz por tudo ter dado certo pra mim, muito mais do que eu imaginei.

Hergos: E pra fechar e concluir o estudo, você pensa então que a condição que primordial, que determina na categoria de base o sucesso de um candidato é a condição técnica?

Sujeito 5: Que determina, não, ajuda óbvio né, você não vai se tornar um jogador reconhecido nacionalmente sem condição técnica, mas uma condição técnica você aprende, hoje em dia você chutar com uma perna ou com outra, e se você for um pouco inteligente você até aprende, condição física né, você se prepara, você compreende, mas eu acho que é, pra você ter uma oportunidade de se encaixar num bom clube de futebol, você tem que ter um bom empresário, é claro que a condição técnica pra fazer você virar um jogador de futebol né, mas antes de você virar um jogador de futebol tem que entrar lá, você tem que entrar num time né, e é o que eu acho que a maioria do pessoal reclama hoje em dia, é a falta de oportunidade, o acesso a um time grande né, então eu acho que se você tiver quem te abra as portas pra você ter o acesso dali pra frente, eu acho que aí sim é a parte física e técnica da coisa, mas o acesso, você tem que ter um bom empresário, pra ter um acesso.

Hergos: Você acha então, que o acesso esta cada vez mais difícil e corrompido, porque pessoas então controlando esse acesso?

Sujeito 5: Acho que as pessoas estão se preocupando um pouco em ver e estão escutando muito o que os outros falam né, tipo vamos dizer, eu tenho um empresário da minha confiança que ele fala que aquele cara joga muito, eu acho que os clubes de futebol tinham que ter um cara pra ver se o cara joga muito, não você ver um DVD de um cara, e falar pô o cara é muito bom, até porque eu tenho um DVD e eu nunca tomei um gol no meu DVD.

Hergos: Muito obrigado.

Sujeito número 6

Sujeito 6: Bom desde pequeno eu sempre gostei de bola, ganhava carrinho ganhava um monte de brinquedo mais sempre dava mais preferência a bola, ficava chutando a bola pra cima e pra baixo na rua com os amigos sempre brincando com bola. Com 5 anos de idade comecei a jogar numa escolinha de periferia e fui jogando com 5, 6 e até que um olheiro do Corinthians me viu jogando e me trouxe pro Corinthians pra fazer uma peneira, daí me trouxe aí eu fiz até com a categoria mais velha que tinha na época, passei e aí eu ficava treinando no Corinthians, na época eu não podia ser inscrito em nenhum campeonato não tinha esse negócio de contrato ainda então jogava no Corinthians jogava na escolinha de periferia e continuava tocando a vida jogando bola com os amigos e assim foi indo.

Hergos: E você tinha quantos anos nessa época?

Sujeito 6: Nessa época que eu entrei no Corinthians eu tinha 6 pra fazer 7.

Hergos: E aí a categoria que você jogava no clube era a?

Sujeito 6: Era a Fraldinha né, pivetinho pequeno tinha 6 anos pequeninho ainda meio que se perdia não tinha nem força ainda pra chutar uma bola mais tava ali já tentando.

Hergos: Jogava no Futsal?

Sujeito 6: Não sempre joguei em campo, nunca joguei futsal já me chamaram uns 2, 3 anos pra jogar futsal no Corinthians só que eu nunca dei preferência ao futsal, sempre dei preferência ao campo.

Hergos: Então seu sonho já começo ali aos 6 anos?

Sujeito 6: Desde pequeno sempre morei na periferia perto de Osasco e sempre pequeno sempre foquei o futebol, porque sabia que dava pra ajudar a família via os jogadores falando na televisão e sempre focando o futebol.

Hergos: Desde os 6 anos você já tava alimentando esse desejo e um olheiro foi quem abriu as portas pra você?

Sujeito 6: Desde pequeno eu já tava ali correndo atrás da bola e um olheiro abriu as portas do clube pra mim, pra me dá uma oportunidade, e graças a deus eu segurei com as duas mãos.

Hergos: E aí você foi trocando de idade e de categoria até, me conta como foi essa história?

Sujeito 6: Ah eu cheguei novo né, e desde quando eu cheguei já comecei com a categoria mais velha só de 94 de 6 anos e eu comecei com 93, e todo o ano que passava

geralmente eu não ficava muito na minha categoria com 94, sempre ficava na categoria uma acima 93, é andando de fraldinha, de chupetinha e essas coisas que vão subindo tudo mirim, infantil, sempre no 93, mantive sempre na categoria acima, na minha categoria mesmo sempre joguei poucos campeonatos.

Hergos: E você teve um grande ídolo que influenciou, assim a você desejar se tornar um jogador de futebol?

Sujeito 6: Ah sempre tem né cara, mas geralmente nós que somos da periferia sempre tem aquele foco a mais de ajudar a família, e dar uma situação melhor pra família, então a gente trabalha e luta bastante pra isso.

Hergos: E aí, quando você adentrou as categorias que realmente são olhadas pelo clube, no caso infantil, juvenil, as coisas mudaram, se tornou uma coisa mais profissional?

Sujeito 6: Mudaram, mudaram, começaram mudar bastante a partir dos meus 13 anos que foi a minha primeira convocação pra seleção brasileira, sub-13 e aí o clube começou a dar mais valor, começou a vim me procurar mais, já queriam, já fizeram um pré- contrato comigo, de gaveta que falam né, e o infantil sempre atrás de mim, sempre não deixando eu ir embora, e assim que eu fiz 16 anos já vieram atrás de mim pra eu assinar o meu primeiro contrato profissional, o meu primeiro contrato como profissional de 3 anos, e o clube veio bastante atrás sim.

Hergos: E aí, você então chegou ao clube não por via de empresários, mais sim pelo seu talento ou houve assim um empresário que está te auxiliando nessa história?

Sujeito 6: Não não, eu não tive empresário não, quem me trouxe foi olheiro e eu vim tocando o jeito que dava com a família, meu irmão sempre me deu muita força né, meus pais, tinha dia que meu pai não dava pra me trazer, meu irmão, vinha meu vô comigo, ficava comigo, e do jeito que dava pra vim, alguém da família ia dando a força.

Hergos: E assim você, o que é que você percebe dentro do ambiente do futebol em relação a figura do empresário, como é que você vê a figura desse agente dentro do futebol?

Sujeito 6: Eu acho que o empresário ele ajuda bastante o jogador, a partir do momento em que ele investe no jogador, que ele gasta dinheiro com o jogador, mas muitos não investem, o empresário que não investe, o jogador vai dar alguma coisa pra ele, vai atrás, se o jogador não der nada, ele também não está nem aí pro jogador, e muitos são muito picareta, eu acho que é isso.

Hergos: Então você acha que na verdade, que alguns deles são oportunistas?

Sujeito 6: É, eles vão no jogador que o clube dá o valor bastante grande ao jogador e

que todo mundo vai atrás, eles vão investem e se não der paciência, mais quando eles investem se não dá em um clube, eles mandam pra outro, e assim eles vão jogando o jogador, agora quando eles não investem, eles não tão nem aí pro jogador, largam o jogador, eles deixam do mesmo jeito que ele está largado no clube.

Hergos: E quando você assim, percebe dentro da categoria de base na que você esta inserido assim, você vê muitas falcatuas assim, nos bastidores do futebol ou até mesmo dentro do campo, injustiças com algum colega seu ou com você mesmo?

Sujeito 6: Ah muito, comigo graças a Deus nunca aconteceu, tenho 10 anos de clube quase e nunca aconteceu nada disso, mas conheço bastante jogador que vem por causa de diretor, de empresário que fica aí preso no clube e acaba atrapalhando um jogador que tem muito mais potencial que ele, e já vi muita coisa de pai ligando pra treinador, já vi falando com o treinador, e dando pressão em treinador, falando que se não botar o filho pra jogar vai dar um jeito de derrubar o treinador, que paga o treinador pra botar o filho pra jogar, isso eu já vi bastante também.

Hergos: Paga treinador também?

Sujeito 6: Ixi, falam que vão dar dinheiro e tudo mais.

Hergos: E aí, aqueles que não tem esse apoio por exemplo, são prejudicados?

Sujeito 6: Ah, geralmente são né, porque dependendo do treinador, se o treinador for também desse tipo, ele saca o jogador e bota a panela dele, vê que ele não vai cair, que ele vai ter um dinheiro e bota os caras pra jogar.

Hergos: Como você acompanha isso todos os dias e vê vários jovens como você sonhando em realizar esse desejo, você já viu alguns se frustrarem porque não tem um apoio e verem o seu talento serem trocado por um outro que vem com apadrinhamento?

Sujeito 6: Ah, tem até amigo né, que sofre com isso, que chega em treino as vezes fica chateado por acontecer isso, e vê que não está jogando por causa disso, e larga o treino e fica andando no treino, e tipo meio que dá uma largada nele mesmo pra ver o que acontece.

Hergos: E você já viu muitos desistirem por conta desse motivo?

Sujeito 6: Também, já vi, vê que não vai dar certo, que não vai conseguir jogar por causa do outro que tem esse apadrinhamento e acaba largando.

Hergos: E procuram outro clube ou acabam desistindo da carreira mesmo?

Sujeito 6: Ah, tem uns que tentam né, tem uns que tentam outro clube que se tiver algum contato tem como entrar no clube, e se não tem vai atrás, e se não conseguir acabam largando.

Hergos: E o que você assim, pensa a respeito disso tudo?

Sujeito 6: Ah, eu penso que o futebol hoje em dia é uma sacanagem né, muitos jogadores de empresários, esses negócios de ir forçando e quem não tem capacidade de pagar ou de forçar o empresário ou alguma coisa assim, acaba se dando mal no futebol hoje em dia.

Hergos: Então você percebe que o apadrinhamento hoje talvez seja um mal necessário pra quem deseja realizar seu desejo?

Sujeito 6: Hoje em dia no futebol, não sei se antigamente era, mas hoje em dia tá sendo muito forte o apadrinhamento no futebol, tá dando muito certo e os caras estão forçando cada vez mais.

Hergos: E aí você pensa que a qualidade talvez na formação de base pode ficar prejudicada devido a esse tipo de atitude?

Sujeito 6: Ah, com certeza né, os clubes principalmente são prejudicados com isso, ainda mais o clube aqui que tinha uma tradição boa e agora com essas coisas que estão acontecendo com filho de diretor tal, o campeonato estão passando em branco e estão pegando no pé de todo mundo, e a pressão acaba caindo na gente também.

Hergos: Você vê isso também nas categorias acima no caso, é sub-18, sub-23, você vê que esse tipo de apadrinhamento acontece?

Sujeito 6: Acontece, acontece, sub-23, sub-18, no time da copinha teve, e agora nas categorias de baixo também tem, então não tem categoria pra isso mais, todas as categorias tem, que seja 1 ou 2 jogador mais tem.

Hergos: Aí, você de repente percebe que alguns outros que deveriam jogar não jogam devido a esse tipo de apadrinhamento que é feito?

Sujeito 6: Sim, e a gente, até nós mesmos os jogadores, às vezes sabemos disso que tem, comentamos entre nós e ficamos chateados né, a gente tenta, faz o que pode mas não podemos fazer nada quase, quem escala é o treinador e a gente não pode fazer nada.

Hergos: E às vezes nem é o treinador né?

Sujeito 6: Às vezes nem é o treinador que escala, toma pressão e se você não botar pra jogar tu vai ser mandando embora, e acaba que não sabe o que fazer e bota o cara pra jogar e acaba fudendo o time, entendeu.

Hergos: Sim, sim, e quando você , percebe esse tipo de atitude você imagina o quanto isso pode frustrar o garoto que está começando e trazer algum tipo de prejuízo, até mesmo psicológico?

Sujeito 6: ah, sim, claro, a gente quando vê que tem isso, a gente procura conversar com

o companheiro que está sendo prejudicado né, dá uma força pra ele, falar que pô tu é melhor que o cara, tu sabe que tem isso, que tem aquilo, e trabalhar, e trabalhar forte, que tua hora vai chegar, e que tu é merecedor, então a gente procura dar uma força.

Hergos: E sobre a pressão que existe no futebol pro atleta ter que render?

Sujeito 6: A pressão geralmente tem muito quando o atleta está lesionado, e acabam falando que ele está dando migué, que ele não quer treinar, que ele está pipocando pro jogo, isso acontece muito e aí vem a pressão da diretoria, vem pressão de departamento médico, pressão de tudo quanto é lugar, e aí o cara realmente as vezes está com dor e acabam forçando ele, e ele vai querer forçar com o treino, vai querer forçar no jogo e acaba dando um estiramento, acaba dando uma lesão mais séria, e acaba prejudicando o jogador que poderia ficar uma semana se tratando para melhorar e acaba ficando 1 mês, 2 meses, 3 meses.

Hergos: Quer dizer assim que, parece que não há assim um planejamento que possa entender que o jogador está machucado e que verdadeiramente ele se sente prejudicado pela carga de treinamento e tal, que o corpo reage pedindo isso?

Sujeito 6: Sim, às vezes ele acaba sentindo por causa de uma carga de treinamento, alguma outra lesão de treino, falando que está com dor, e falam que não, que é migué, que é isso e que é aquilo e fazendo os exames aí vão ver que realmente ele estava lesionado, e aí ele fica em um departamento médico, as vezes com pouco tempo de recuperação, as vezes com bastante tempo, mas quando dá muito tempo que vê que vai precisar do jogador acabam forçando a volta dele e acabam prejudicando futuramente também.

Hergos: E assim, você hoje mora nos alojamento do clube né, você vê algum tipo de cobranças sendo diferente pro jogador do alojamento ou pro jogador que reside na capital, que você pensa?

Sujeito 6: Não, não, a cobrança é a mesma, todos são jogadores do clube, todos são funcionários, todos são praticamente iguais, então a cobrança é a mesma.

Hergos: E você tem um respaldo do clube em relação com a preocupação com a formação do atleta em relação aos seus estudos, há um acompanhamento, o que que você vê?

Sujeito 6: Sim, sim, temos nossa assistente social no clube, que sempre pega no pé de estar indo pra escola, não ficar faltando com frequência e notas, não ficar com notas vermelhas, pra não ficar com recuperação, reprovação, então está sempre pegando no pé sim.

Hergos: Tá, então isso de certa forma é importante porque deixa o atleta com uma possibilidade de interpretar o que está ao redor dele com um pouco mais de sabedoria né?

Sujeito 6: Com certeza, tudo consegue ficar mais fácil até pro atleta.

Hergos: E me diz uma coisa, pelas coisas que você comentou, você acha que um jogador pra realmente realizar o seu desejo, em primeiro lugar seria então o talento que definiria isso?

Sujeito 6: Pode ser até o talento, mas também tem que ter alguém por trás forte, um empresário, ou até os próprios diretores do clube gostarem dele e quiserem dar um força pra ele e aí, mais talento só hoje em dia não consegue vingar.

Hergos: Devido a todas essas coisas que você vivência no dia-a-dia com as histórias dos colegas que você relatou né.

Sujeito 6: Tudo que a gente vê, a gente vê que não depende só da gente futuramente pra chegar em um time profissional.

Hergos: É preciso de um apoio de terceiros né?

Sujeito 6: Precisa, de um apadrinhamento forte.

Hergos: Em algum momento da sua carreira você pensou em desistir do futebol?

Sujeito 6: Quando eu entrei no Corinthians, no primeiro ano de clube, como eu estava na categoria mais velha, eu tinha chegado há pouco tempo eu não ia jogar o campeonato paulista, e aí eu fiquei chateado e queria largar, queria largar, e o meu pai não, não vamos largar e tal, e eu sempre ouvi história né, porque meu irmão também já jogou aqui no clube, jogou no Corinthians também, e não conseguiu por falta de ter alguém forte pra ajudar, a família não tinha condição e não tinha condução pra vir treinar, não tinha chuteira, e quando ele foi estreiar no clube como titular, chegou um jogador com empresário e sacou ele, aí ele ficou chateado, e largou por meio disso eu não quis largar, aí eu falei se ele não conseguiu eu vou conseguir com a ajuda dele, e graças a Deus hoje eu estou firme e forte aqui.

Hergos: E como que seu irmão reagiu, devido ele não realizar o sonho dele?

Sujeito 6: Ah ele ficou chateado, ele sempre conta histórias pra mim que jogou com o Gil, jogou com o Cléber, com vários jogadores assim na base que ele ficou uns 6 meses aqui no clube e aí ele procura me dá força do maior jeito possível, me conta tudo que ele passou, o que eu tenho hoje, que tudo pra mim hoje em dia é bem mais fácil, então ergo a cabeça a Deus e peço a Deus que me ajude a realizar o sonho que ele não conseguiu.

Hergos: E ele ficou muito frustrado, desencantado assim na época?

Sujeito 6: Ah ele ficou né, porque sempre foi reserva e quando o titular dele machucou, que ele ia jogar, aí na semana chegou um cara com empresário e acabou sacando ele, e ele não foi pro jogo como titular, ficou no banco depois disso ele quis largar.

Hergos: Ele largou ou o clube dispensou?

Sujeito 6: Não, ele quis largar por vontade própria, foi trabalhar.

Hergos: E como que você enxerga mesmo sendo muito jovem o ambiente do futebol?

Sujeito 6: Ah eu acho que hoje em dia, o ambiente do futebol é muito sujo, pra quem vive o futebol, pra quem está dentro do clube, pra quem vê na televisão sempre só vê coisas boas, geralmente vê uma briguinha ou outra, mas coisas básicas, ninguém vê a pressão que sofre de diretoria, de treinador e todo mundo, e de dentro do clube, só o jogador e o pessoal que está dentro do clube sabe como é, que não sai na mídia, é bem complicado e hoje o jogador procura muito um clube que paga mais, meio que faz um leilão, e muitos jogadores não jogam por amor ao clube, e por vontade de estar no clube, joga sim pelo dinheiro que o clube está pagando e nem todos conseguem um salário bom, outros conseguem um salário menor, mas hoje em dia um jogador procurar por um clube que paga mais.

Hergos: E a ida do jogador pro clube hoje, você vê que é feita via empresário?

Sujeito 6: É via empresário e via leilão, porque quem paga mais tem o jogador.

Hergos: Futebol hoje na sua opinião é um comércio?

Sujeito 6: Ah, com certeza, comércio dos grandes.

Hergos: E você vê o futebol como justo ou injusto em sua grande maioria?

Sujeito 6: Ah, injusto, injusto porque nem sempre o melhor está jogando, sempre o melhor está no banco por fato de apadrinhamento, de um empresário muito forte ou o próprio treinador está tendo a porcentagem do jogador, tem muita coisa suja no futebol, muita coisa suja.

Hergos: E isso acaba sucumbindo o sonho e o desejo de muitos jovens?

Sujeito 6: Ah, muitos jovens acabam vendo que tem isso, que não tem empresário, que não tem apadrinhamento forte acabam largando a bola por esses fatos.

Hergos: Muito obrigado.